Smithsonian Institution
Libraries

Alexander Wetmore

1946 *Sixth Secretary* 1953

A. Wetmore

GRS
C-6

QL
689
B7I46
Birds

As aves do Estado de S. Paulo

POR

H. VON IHERING.

As aves do Estado de S. Paulo são em grande parte e desde muito tempo bastante conhecidas do mundo scientifico, devido ás viagens que aqui fez nos annos de 1818—1823 o naturalista *João Natterer,* ornithologo austriaco que perto de 20 annos percorreu o Brazil desde Curityba e Paranaguá até os Estados de Amazonas e Pará, reunindo collecções magnificas que foram enviadas ao Museu de Vienna. Sobre as aves colligidas por *Natterer* temos uma boa obra publicada por *Pelzeln.* Encontram-se outras indicações sobre a nossa fauna ornithologica nos livros de *Burmeister* e outros autores, como tambem no excellente catalogo do *British Museum* de Londres, catalogo que em 27 grossos volumes reune descripções, synonymia e indicações sobre a occorrencia de todas as especies de aves até agora conhecidas.

Assim já foi bem estudada a nossa ornithologia e muitas são as especies descriptas como tendo apparecido neste Estado, que ainda faltam ás collecções do Museu Paulista. Do outro lado acontece tambem que esta publicação, a primeira nesse sentido impressa por uma repartição do Brazil, augmenta notavelmente a lista das especies até hoje observadas no territorio paulistano. O presente artigo não pretende ser um catalogo da collecção ornithologica do Museu Paulista, mas sim uma synopse de tudo que até hoje consta da litteratura e das collecções do Museu sobre as aves de S. Paulo. Por essa razão são

SMITHSONIAN

LIBRARIES

mencionadas aqui todas as especies que apparecem neste Estado, mas como existentes no Museu Paulista são notadas apenas as especies que temos provenientes deste Estado. Acontece que temos uma especie já observada em S. Paulo, da Bahia ou do Rio de Janeiro, mas neste caso sob a rubrica *Mus. Paul:* ella não é indicada, porque nessa occasião me pretendo occupar apenas das observações feitas em S. Paulo. Temos no Museu, além da collecção exposta, outra boa e bem avultada de couros não cheios, guardados para estudo em gavetas de armarios construidos propositalmente para tal fim.

Causou-me grande difficuldade o estudo da antiga collecção do Museu, prestando eu bastante attenção á proveniencia dos exemplares, sendo que parte dos exemplares notada como proveniente do Estado de São Paulo, provem de outras regiões do Brazil. Por essa razão aconteceu que o primeiro esboço deste catalogo publicado sem auctorisação por um ex-empregado [1]) do Museu continha grande numero de especies que não occorrem effectivamente em S. Paulo. Se foi pelos especialistas competentes notada a deficiencia desse «trabalho» «muito cheio de erros», como diz o Conde *Berlepsch*, apenas tenho a dizer que aquella lista não foi destinada á publicidade e que a esta repartição não cabe responsabilidade alguma em virtude de uma publicação que seria capaz de originar enganos na sciencia se fosse aproveitada na litteratura.

---

[1]) Refiro-me ao artigo « Ornithologia Paulista » no Journal für Ornithologie de *A. Reichenow* Vol. 44. Leipzig 1896. No meu artigo sobre a distribuição geographica dos passaros de canto do Est. de S. Paulo no mesmo periodico (Ibid. 1898 p. 6—24) rectifiquei em uma ordem, a dos Oscines, numerosos erros. Não voltarei ao assumpto aqui, notando apenas uma das determinações mais falsas e mais notadas, a de « Turdus fumigatus Licht.», que nem ao menos pertence á ordem dos Oscines. O respectivo passaro da collecção do Museu, determinado por engano como T. fumigatus foi classificado por mim de Lathria virussu Pelz. e essa determinação foi confirmada pelo Sr. Conde *Berlepsch* a quem mandei o respectivo exemplar.

Não houve outro recurso senão deixar completamente de lado a collecção antiga e começar a nova, deixando fora de consideração todos os specimens do «Estado de S. Paulo» dos quaes não é confirmada pela nova collecção ou pela litteratura, a occorrencia neste Estado.

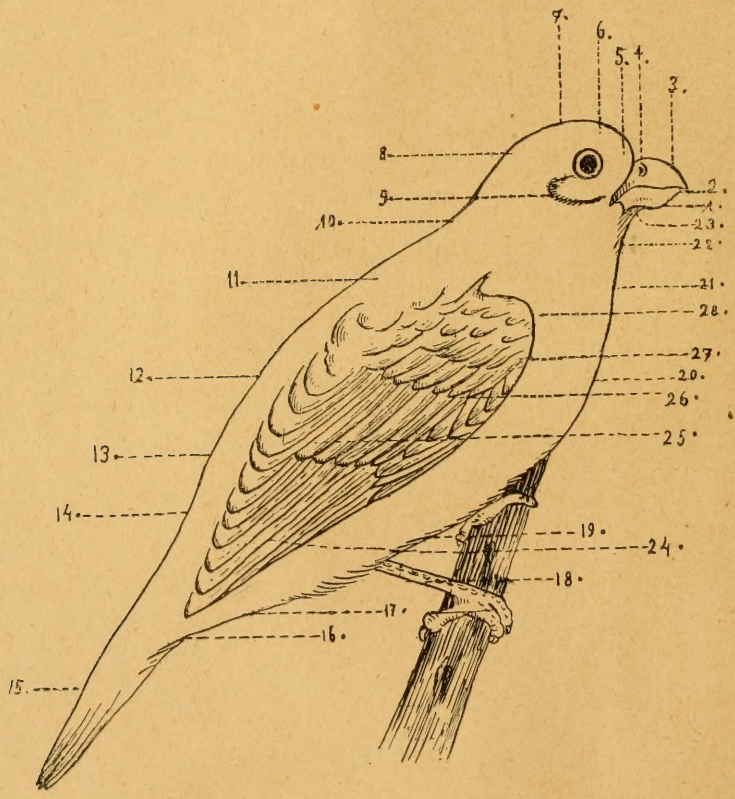
Não satisfeito ainda com a nova fórma deste catalogo e julgando conveniente incluir maior numero de notas sobre os caracteres distinctivos das differentes especies eu o escrevi e elaborei pela quarta vez, dando-lhe a fórma actual. Tive o desejo de ajuntar tambem descripções dos caracteres das familias e generos, mas então ficaria o trabalho volumoso demais para esta Revista. Talvez que publicações como esta tragam com o tempo muitos amigos para o Museu, com bastante enthusiasmo para a exploração scientifica do Estado e com bastante influencia para podermos obter do Congresso outra verba para o Museu e que então seja possivel publicar em fórma de um livro completo e ricamente illustrado e augmentado este artigo.

O fim desta publicação é apenas o de formar a base para o estudo e a discussão da ornithologia de S. Paulo. Seguir-se-hão a este artigo outros tantos de minha lavra, assim como de collaboradores, tratando da biologia e da distribuição geographica de nossas aves. Não posso deixar de recommendar ao leitor neste sentido o excellente livro do Dr. *E. A. Goeldi* que representa uma introducção utilissima ao conhecimento da ornithologia do Brazil. Até certo ponto estão perfeitamente de accordo o presente artigo e o livro de *Goeldi* que se refere a todo o Brazil e á biologia de grande numero de especies. Ao contrario, este meu artigo deixa á parte as questões geraes e biologicas pretendendo fornecer elementos minuciosos e necessarios para a classificação.

Entre os artigos seguintes tenho o prazer de mencionar o do Sr. *Carlos Euler* (Rio de Janeiro) sobre a biologia e especialmente a reproducção, ninhos e ovos das aves do Brazil meridional. Os diversos artigos referentes a este assumpto e publicados numa revista allemã pelo Sr. *Euler*

são geralmente reputados como os mais exactos e completos que até hoje têm apparecido sobre essa parte da biologia do Brazil. Teremos agora uma edição portugueza completada pelo proprio autor, que será publicada no seguinte volume desta Revista.

Quanto á nomenclatura usada eu me referirei á terminologia explicada pela figura que se segue.



Portuguez	*Latim*
1., gonys, da mandibula inferior	gonys
2., tomia, margens cortantes das mandibulas	tomia
3., culmen, cume da mandibula superior	culmen

Portuguez	*Latim*
4., venta	—
5., loro ou freio, região entre o olho e o bico	lorum
6., fronte	frons
7., vertice	vertex
8., nuca	nucha
9., ouvido ou região auricular	regio parotica
10., pescoço posterior	cervix
11., interscapulio ou dorso alto	interscapulium
12., dorso inferior	tergum
13., uropygio, sobrecú	uropygium
14., coberteiras superiores da cauda	supracaudales
15., rectrizes ou pennas da cauda	rectrices
16., coberteiras inferiores da cauda	subcaudales
17., crisso, região ao redor do anus	crissum
18., tarso	tarsus
19., barriga	venter
20., peito	pectus
21., pescoço anterior inferior	jugulum
22., garganta (pescoço anterior superior)	gula
23., mento	mentum
24., remiges da mão	remiges primariæ
25., remiges do braço	remiges secundariæ
26., coberteiras exteriores grandes da aza	tectrices superiores maiores
27., coberteiras exteriores pequenas da aza	tectrices superiores minores
28., encontro	flexura

Completando as indicações sobre nomenclatura convem observar alguma cousa com respeito ao bico. Quando

as duas mandibulas são do mesmo tamanho e feitio, o bico é *paragnatho*, quando a mandibula superior é maior, com a ponta recurvada para baixo, o bico é *epignatho*. Chama-se cerume a membrana que cobre a base do bico dos papagaios e aves de rapina. Os terminos: conirostro, fissirostro etc. são explicados na introducção do capitulo oscines que em baixo segue.

Mach. = macho; fem. = femea; juv. = filhote.

Outro motivo para modificar mais uma vez este catalogo se deu quando recebi o catalogo do British Museum. Esta importantissima obra reune em 27 volumes, em descripções exactas, tudo que agora sabemos das especies de aves, ajuntando a synonymia completa e indicações sobre a patria. Vi-me obrigado a começar de novo esta lista e tomar aquella obra por base da nomenclatura, cujo conteudo é o seguinte:

Vol. 1. *Sharpe R. B.* Vulturidae, Falconidae. London 1874.
Vol. 2. *Sharpe, R. B.* Bubonidae, Strig*i*dae. London 1875.
Vol. 3. *Sharpe, R. B.* Corvidae. London 1877.
Vol. 4. *Sharpe, R. B.* Muscicapidae. London 1879.
Vol. 5. *Seebohm, H.* Turdidae. London 1881.
Vol. 6. *Sharpe, R. B.* Timeliidae. London 1881.
Vol. 7. *Sharpe, R. B.* Timeliidae. London 1883.
Vol. 8. *Gadow, H.* Laniidae. London 1883.
Vol. 9. *Gadow, H.* Meliphagidae. London 1884.
Vol. 10. *Sharpe, R. B.* Hirundinidae, Mniotiltidae, Motacillidae. London 1885.
Vol. 11. *Sclater, P. L.* Coerebidae, Tanagridae, Icteridae. London. 1886.
Vol. 12. *Sharpe, R. B.* Fringillidae. London 1888.
Vol. 13. *Sharpe, R. B.* Sturnidae. London 1890.
Vol. 14. *Sclater, P. L.* Tyrannidae, Oxyrhamphidae, Pipridae, Cotingidae. London 1888.
Vol. 15. *Sclater, P. L.* Dendrocolaptidae, Formicariidae, Conopophagidae, Pteroptochidae. London 1890.

Vol. 16. *Hartert, E.* Trochili, Cypselidae, Caprimulgidae. London 1892.
Vol. 17. *Ogilvie-Grant, W. R.* Alcedinidae, Momotidae, Trogonidae. London 1892.
Vol. 18. *Hargitt, E.* Picidae. London 1890.
Vol. 19. *Shelley, G. E.* Rhamphastidae, Galbulidae, Bucconidae, Cuculidae. London 1891.
Vol. 20. *Salvadori, T.* Psittaci. London 1891.
Vol. 21. *Salvadori, T.* Columbidae, Peristeridae. London 1893.
Vol. 22. *Ogilvie-Grant, W. R.* Phasianidae, Cracidae. London 1893.
Vol. 23. *Sharpe, R. B.* Rallidae, Aramidae, Eurypygidae, Psophiidae. London 1894.
Vol. 24. *Sharpe, R. B.* Charadriidae. London 1896.
Vol. 25. *Osbert Salvin.* Laridae. London 1896.
Vol. 26. (Ardeidae, Steganopodes)—ainda não publicado.
Vol. 27. *Salvadori, T.* Anatidae, Tinamidae, Rheidae. London 1895.

Quanto á outra litteratura por mim aproveitada dou em seguida a lista observando que varias obras de *Vieillot* e outras monographias não me são accessiveis. A synonymia completa acha-se indicada no Catalgo do British Museum a que sempre me refiro.

Berlepsch, H. von. Zur Ornithologie der Provinz S.ta Catharina, Süd-Brasilien. Journal f. Ornithologie v. Cabanis XXI. 1873 p. 225—293 e XXII 1874 p. 241—284.

Berlepsch, H. von und *Ihering, H. von.* Die Vögel der Umgebung von Taquara do Mundo novo, Prov. Rio Grande do Sul. Zeitschrift für die gesammte Ornithologie 1885 p. 97—184 (1—88) u. Taf. VI—IX.

Burmeister, H. Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens. Bd. II e III Vögel (Aves) Berlin 1856.

Coues, Elliot. Key to North american Birds. London 1884.

Goeldi, E. As aves do Brazil I. Rio de Janeiro (Alves & C.a) 1894.

Ihering, H. von. Die Vögel der Lagoa dos patos. Zeitschrift f. ges. Ornithologie von Madarás 1887 p. 142—165 und Taf. I.

Ihering, H. von. Ueber die Verbreitung der Singvögel von S. Paulo. Journ. f. Ornithologie 46. Jahrg. 1898 p. 6—24.

Marcgrav, G. et *Piso, G.* Historia Naturalis Brasiliae. Lugdunum Batavorum 1648.

Wied, Prinz Maximilian. Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien. Vögel: Band III Weimar 1830—1831; Band IV 1832—1833.

Pelzeln, A. von. Zur Ornithologie Brasiliens. Wien 1871.

Sclater, P. L. and *Hudson, W. H.* Argentine Ornithology. London Vol. I 1888; Vol. II 1889.

Spix, J. B. de. Avium species novae quas in itinere per Brasiliam annis 1817—1820 collegit. Monachii 1824.

Cumpre-me ainda agradecer aos distinctos Senhores que neste estudo me prestaram valiosos serviços: ao Sr. Conde *Berlepsch* em cuja opinião em todas as questões difficeis e discutaveis sempre tenho a maior confiança e aos Srs. *Ricardo Krone* em Iguape, *Alexandre Hummel* em S. Manoel do Paraizo e *Valencio Bueno* em Piracicaba que me forneceram couros de especies que nos faltavam e que com informações valiosas sobre a biologia e sobre os nomes vulgares de muitos passaros amavelmente me ajudaram.

Assumpto que muito me occupou foi a denominação vulgar das aves mais conhecidas. Resulta dessas pesquizas que muitas vezes existem nomes meramente locaes, denominações de aldeia, usadas só em um ou outro municipio. Julgo que não é tarefa de estudos como este concorrer para tornar mais conhecidos taes nomes. Acontece até, como no caso dos chopim e virabosta, que a mesma palavra usada aqui e em outras regiões visinhas do Brazil é applicada a passaros differentes. Creio que é dever dos naturalistas contribuir nesse sentido para a apuração e

codificação da lingua brazileira. As denominações das aves, mammiferos etc. como as das plantas são em grande parte tiradas da lingua tupy-guarany, afastando-se nesse sentido a lingua fallada no Brazil muito da fallada em Portugal. Não é só a lingua portugueza, não é só a historia commum que une os differentes Estados do Brazil, mas tambem o facto quasi admiravel da distribuição vastissima e completa das palavras derivadas da *lingua geral*. E' preciso respeitar essas raizes da formação da nacionalidade brazileira e julgo que aos sabios que estudam a natureza do paiz compete, com todo criterio, apoiar e guiar o processo da assimilação dos termos tupys no organismo da lingua brazileiro-portugueza.

Infelizmente ainda estamos bastante atrazados na orthographia e etymologia tupys, não havendo, ao menos, accôrdo quanto aos principios que devem ser adoptados. Ao contrario de diversos eminentes escriptores que, como o Snr. General Couto de Magalhães, exigem a imitação mais fiel da pronunciação usada entre os guaranys viventes entre nós, acredito que, tanto quanto fôr possivel, deve ser usado um systema combinado, que esteja em harmonia com as palavras já adoptadas no organismo da lingua brazileira e que mais facilite a incorporação de outras em plena concordancia com as regras grammaticaes e orthographicas da lingua portugueza. A pronunciação dos guaranys é variavel não só nas diversas tribus, mas até nos individuos e acontece ainda que de uma duzia de pessoas a mesma palavra ouvida ao mesmo tempo pronunciada por pessoa tupy é ouvida e escripta de modo differente. Para nós não convem imitar de modo mais restricto a pronunciação dos guaranys ou tupys e escrever, por exemplo, h-abia em vez de sabiá, jauara-eté em vez de jaguar-eté, jauti em vez de jaboti, nem adoptar o modo de escrever usado pelos especialistas linguisticos, embora da maior competencia, como *Lucien Adam* [1]) porque se

[1]) cf. esta Revista vol. II p. 467.

utilisam de consoantes pouco usadas entre nós como W e K escrevendo elle jagwar-eté e ka-pii em vez de jaguar-eté e capim.

O ponto de vista que, a meu ver, deve, unicamente para nós, ser determinante é na orthographia usada pelas palavras tupys, a da correlação com a lingua portugueza, para facilitar a assimilação daquellas palavras no organismo do nosso idioma. Quanto aos nomes vulgares das aves a litteratura contribuirá á medida de suas forças para fazer do uso geral as denominações mais acceitaveis, na fórma mais correcta e conveniente. Comparando os dados fornecidos em seguida e contidos no livro do Dr. Goeldi veremos que a mesma ave muitas vezes é conhecida sob denominações diversas nos Estados do Brazil e até nas varias comarcas de um mesmo Estado. E' certo que presentemente — quando nesse sentido o trabalho apenas está começando na nossa litteratura — não podemos deixar de registrar os nomes que disso pareçam dignos, preparando, assim, a nomenclatura trivial do futuro. Não se me objecte que o povo não é influenciado pela litteratura. A lingua não tem cousa alguma de fixo, varia e evolue e sob esse ponto de vista a sciencia dirige na França, Allemanha etc. as modificações que os systemas glossologicos têm soffrido. Isto dar-se-á aqui tambem e assim póde acontecer que uma denominação menos apropriada com o tempo ha de ser menos ouvida e afinal esquecida. Actualmente, neste sentido, a confusão é grande! Temos em parte nomes portuguezes applicados a animaes que differem dos que se entendem em Portugal sob o mesmo nome, temos nomes novos feitos aqui, temos nomes acceitos do tupy-guarany e outros acceitos tambem dessa lingua indigena, mas corrompidos de modo tal que muitas vezes não é possivel estabelecer etymologia exacta, ou, ao menos, provavel [1]). Ha casos em que bem se conservou

[1]) O caso mais singular é o do marisco do mar Pholas costata L., chamado em S. Sebastião *tamba-foli*, reunindo em foli duas consoantes que não existem na lingua tupy. Tambá, ao

ao lado do nome portuguez o indigena, por exemplo, a gralha é designada ainda em certos logares acahé, mas em outros conservou-se apenas o nome portuguez, ás vezes mal empregado (pavão!).

Entendo, pois, que convem colligir os nomes triviaes sujeitando-os, porem, a um exame critico Contribuir-se-á assim para a adaptação á litteratura do nome escolhido como o mais commum e conveniente, de modo tal que com o tempo essa denominação preferida ou official seja geralmente acceita.

Não posso fechar esta introducção sem um protesto contra a destruição insensata dos passaros nos arrabaldes desta capital. E' verdade que ha uma lei de caça, mas ninguem a conhece e observa, nem ao menos os fiscaes da camara municipal. Devia ser absolutamente prohibida a caça de passaros de canto. Mas dirijam-se ao mercado e observarão, em grande quantidade, sabiás e outros passarinhos menores que são mortos e vendidos como alimento.

O que acontece ao redor desta bella capital é triste! Desapparecem os ultimos capões e até as vassouras, tornando-se seccos e estereis os campos, deteriorados ainda por queimadas, cada vez mais frequentes. Das pontes roubam os pranchões, cahem as cercas porque fazem o mesmo aos mourões. Tomba o ultimo refugio onde os passarinhos puderiam construir o seu ninho e os poucos que sobrevivem cahem victimas de *caçadores* que, em parte, são malandros que nem respeitam cercas e propriedade particulares, matando com gosto as gallinhas que por ventura se afastam de casa, dando ás vezes em virtude de resistencia ou vingança, logar para encher os registros criminaes das folhas diarias.

Não é o capricho que nos obriga a elevar a nossa voz em favor dos passaros. Na natureza cada organismo occupa

---

contrario, é concha, marisco e creio que d'ahi nos vem a palavra sambaqui para os casqueiros da costa que devia ser escripta Tamba-qui (tamba = concha, qui = aqui). Se isso é exacto será melhor escrever tambaqui.

lugar importante e as relações entre os grupos de animaes mais diversos e com o reino vegetal, são muitas vezes singulares e complicadas. No interesse da hygiene publica lastimamos o desenvolvimento colossal das moscas que nos ultimos annos se tem observado nos arrabaldes de S. Paulo, especialmente no bairro do Ypiranga, pois a mosca não é só um meio para distribuir epidemias, mas até a tuberculose. Mas aqui não ha mais passaros que as possam caçar, como não ha bemtevis e outras tyrranidas para perseguirem os insectos alados das formigas e cupins. Não se admirem das consequencias!

Aqui só é possivel remedio radical. Prohibir no perimetro de duas leguas ao redor da capital a caça, lançar imposto sobre armas de fogo e confiscal-as quando não o pagarem, punir com grande multa os que matam e vendem passarinhos — eis medidas justas e certas, caso haja fiscalisação. Verdadeira caça de perdizes, codornas etc. já não ha mais perto da cidade, e admittir a continuação de matança dos passarinhos de canto seria admittir prejuizo e perigo serio para a saude publica e para a lavoura.

I Ordem. Passaros.

A grande ordem dos Passaros abrange mais do que a metade de todas as especies de aves até hoje observadas e cujo numero *Moebius* no anno corrente calculou em 13.000. O bico, variavel na fórma, é destituido de cerume. As pernas têm o tarso sem pennas; os pés têm tres dedos anteriores e um posterior. A unha do dedo posterior é mais fórte do que a do dedo maior dos tres anteriores, dos quaes os dous exteriores são ligados na base.

Distinguem-se duas sub-ordens das quaes a primeira é a dos Oscines que contem os melhores cantores e representantes em todos os paizes do globo; a segunda é quasi exclusivamente americana. Essas duas sub-ordens desta-

cam-se principalmente pela estructura do larynge inferior, tendo tres pares de musculos entre os Clamatores, 5 nos Oscines.

I. Sub-ordem. Oscines.

Além do caracter indicado, notam-se os passaros dessa sub-ordem pelos tarsos que têm a superficie anterior coberta de 7 escudos que muitas vezes são unidos numa unica chapa e os lados lisos cobertos de uma lamella dura e lisa, reunindo-se para traz as duas chapas num canto. O numero das remiges da mão é variavel importando em 9 ou 10. Os sabiás têm a primeira remige rudimentaria, nos tico-ticos, gaturamas etc. ella falta completamente correspondendo a primeira que se encontra na mão á segunda do sabiá. Baseando-se nessas differenças distinguem alguns naturalistas duas secções entre os oscines:

a., *Turdiformes* com as familias: Turdidae, Troglodytidae, Vireonidae, Sylviidae, Corvidae, tendo 10 remiges da mão.

b., *Fringilliformes* com as familias: Hirundinidae, Mniotiltidae, Motacillidae, Coerebidae, Tanagridae, Icteridae, Fringillidae, tendo 9 remiges da mão.

No primeiro destes dous grupos representa a familia das Corvidas, entre nós representada pelas gralhas, um elemento heterogeneo bem distincto do resto, sendo as corvidae passaros grandes e fortes com o bico forte e alto, coberto na base por pennas setiformes viradas para diante, e distinguidos pelo mento situado relativamente longe para diante, isto é mais adiante do que as ventas.

Quanto aos Fringilliformes o caracter mais frisante é o bico que é *fissirostro* isto é, fendido até em baixo do olho, pequeno, mas abrindo largamente nas andorinhas (Hirundinidae), *tenuirostro* ou delgado, comprido um pouco arqueado nos sahys e mariquitas, *cultirostro* sendo forte comprido cortante nos Icteridae e Corvidae, *conirostro* ou

de fórma conica, curta nos Fringillidae e *dentirostro* nas outras familias, isto é, de fórma curta ou alongada, mas com uma incisão pequena perto da ponta da maxilla superior. Um caracter importante é formado pela *commissura,* isto é, a linha em que as duas mandibulas se encontram e que consiste em duas partes, uma anterior (tomia) e outra posterior atraz das ventas (rictus). A linha commissural é mais ou menos recta ou arqueada na maior parte das familias seguintes, mas angulosa nas familias Icteridae e Frigillidae. A nossa figura pag. 116 mostra a commissura angulada.

FAM. TURDIDAE.

* 1. Turdus rufiventris Vieill.

Sabiá, Sabiá laranjeira.

Turdus rufiventer *Spix* I p. 70 Taf. 68.
Turdus rufiventris *Wied* III p. 639.
Turdus rufiventris *Burmeister* III p. 122.
Turdus rufiventris *Pelzeln* p. 94 (Matto Dentro, Ypanema).
Turdus rufiventris *Sclater a. Hudson* I p. 3.
Turdus rufiventer Cat. Br. Mus. V p. 222.

Facilmente se distingue das outras especies de sabiá pela côr pardo-avermelhada do peito e da barriga. Especie commum desde o Rio da Prata até a Bahia e Bolivia.

Mus. Paul. São Paulo, fórma typica e um albino; Itatiba; Cachoeira.

* 2. Turdus albicollis Vieill.

Sabiá colleira.

Turdus albicollis *Burmeister* III p. 125.
Turdus albicollis *Pelzeln* p. 93 (Ypanema).
Turdus albicollis *Berlepsch u. Ihering* p. 112.
Turdus albicollis Cat. Br. Mus. V p. 209.

A barriga é branca no meio, castanha nos lados. No pescoço ha em baixo da garganta uma mancha grande, branca, de fórma semilunar. A descripção de *Spix* (I p. 71 Pl. 70) de albicollis refere-se a uma outra especie parecida da Bahia, T. crotopezus Licht. e *Wied* (III p. 346). T. albicollis occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

* 3. Turdus albiventer Spix.

Sabiá branco.

Turdus albiventer *Spix* I p. 70 Taf. 69 fig. 1.
Turdus albiventris *Burmeister* III p. 124.
Turdus albiventer *Pelzeln* p. 93 (Cemiterio, Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Turdus albiventer Cat. Br. Mus. V p. 216.

Não conheço esta especie parecida á seguinte que só acceitei seguindo *Pelzeln* que a menciona de varias localidades do E. de S. Paulo, onde *Natterer* a caçou. O bico superior da ave adulta é escuro. T. albiventer é especie do Norte do Brazil e da Venezuela, que temos da Bahia.

Mus. Paul. —

* 4. Turdus leucomelas Vieill.

Sabiá branco.

Turdus crotopezus *Burmeister* (nec Licht.) III p. 123.
Turdus amaurochalinus *Cabanis* Mus. Hein. I p. 5,
Turdus leucomelas *Pelzeln* p. 93 (Ypanema).
Turdus leucomelas *Sclater a. Hudson* I p. 1.
Turdus leucomelas Cat. Br. Mus. V p. 213.

Especie commum desde a Patagonia até a Guyana. Cinzento-azeitonado em cima, cinzento em baixo, com a garganta branca estriada por manchas brunas. As coberteiras interiores da aza são amarelladas. Entre as remiges da mão, 4 e 5 são mais compridas. O bico em passaros adultos é amarello. Do Rio de Janeiro até a Bahia encontra-se uma especie parecida Turdus crotopezus (Licht.)

Wied III p. 646, figurada por Spix I Taf. 70, sob a denominação de Turdus albicollis Spix (nec Vieill.)

Mus. Paul. Piquete.

* 5. Merula flavipes (Vieill.).

Sabiá-una.

Turdus flavipes *Spix* I p. 69 Taf. 67 fig. 2.
Turdus carbonarius *Wied* III p. 641.
Turdus carbonarius *Burmeister* III p. 125.
Turdus flavipes *Pelzeln* p. 94 (Itararé).
Merula flavipes Cat. Br. Mus. V p. 253.

Sabiá de côr cinzenta, com a cabeça, as azas e a cauda pretas. O bico e as pernas são amarellas em passaros adultos. O sabiá-una, o mais estimado cantor entre os sabiás e provavelmente entre os passaros do Brazil, vive, como o sabiá de colleira, na matta. A especie está distribuida desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. E' passaro do litoral somente, que falta na maior parte do Interior do Estado.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 6. Mimus lividus (Licht.).

Sabiá da praia.

Turdus orpheus *Spix* (nec L.) I p. 71 Pl. 71.
Mimus lividus *Wied* III p. 653.
Mimus lividus *Burmeister* III p. 128.
Mimus lividus *Pelzeln* p. 95.
Mimus lividus Cat. Br. Mus. VI p. 347.

Este sabiá é de côr cinzento-azul nas costas, branco no lado inferior, excepto em exemplares novos que têm o peito com manchas pardas. Parece-se com a especie seguinte, sendo um pouco menor e distinguindo-se della ainda pelo seu bom canto. O sabiá da praia é passaro do litoral do Brazil, especialmentre entre Rio de Janeiro e Bahia. Na costa de S. Paulo é raro, occorrendo, entretanto, perto de Iguape, especialmente na « Ilha do mar », como informou-me o Sr. Krone. Espero receber delle exemplares para verificar a determinação. O temos da Bahia.

Mus. Paul. —

* 7. Mimus saturninus (Licht.).

Sabiá do campo, Sabiá pocca.

Mimus saturninus *Wied* III p. 658.
Mimus saturninus *Burmeister* III p. 127.
Mimus saturninus *Berlepsch u. Ihering* p. 113 nota.
Mimus saturninus *Pelzeln* p. 95 (Matto Dentro, Ypanema).
Mimus saturninus Cat. Br. Mus. VI p. 348.

Bruno-cinzento nas costas, branco-cinzento em baixo. Sobre o olho corre uma estria branca, as rectrizes exteriores têm pontas brancas. As pennas no lado da barriga são branco-estriadas.

Esta especie é a variedade septentrional do M. modulator Gould das Republicas platinas e do Rio Grande do Sul. A especie parecida M. lividus encontrada do Amazonas até ao Rio de Janeiro não foi por ora encontrada no Estado de S. Paulo. M. lividus é de côr mais clara, azul-cinzenta. Mimus saturninus é especie dos campos de Minas Geraes e S. Paulo.

Mus. Paul. S. Paulo.

FAM. SYLVIIDAE.

* 8. Polioptila leucogastra (Wied.).

Culicivora leucogastra *Burmeister* III p. 111.
Sylvia leucogastra *Wied* III p. 710.
Polioptila leucogastra *Pelzeln* p. 70 (Rio das Pedras).
Polioptila leucogastra Cat. Br. Mus. X p. 446 (Bahia).

Cinzento em cima com as azas e a cabeça pretas. O lado inferior é branco. Das rectrizes, as do meio, são pretas, as lateraes brancas.

Especie da Bolivia e do N. da Argentina que *Natterer* encontrou no territorio de S. Paulo perto do Rio Grande, no Rio das Pedras. O Snr. Krone caçou um exemplar no valle do Rio Ribeira. Temos-a da Bahia.

Mus. Paul. —

9. Polioptila dumicola (Vieill.).

Sylvia dumicola *Burmeister* III p. 112.
Polioptila dumicola *Pelzeln* p. 70 (Rio das Pedras).
Polioptila dumicola *Sclater a. Hudson* I p. 12.
Polioptila dumicola Cat. Br. Mus. X p. 444.

Parecido a P. leucogastra da qual differe pela cabeça, sendo apenas a fronte e uma estria supraocular pretas. O peito é de côr cinzenta.

Especie da mesma distribuição, mais ou menos, como a precedente, que Natterer obteve no Estado de S. Paulo nas proximidades dos rios Paraná e das Pedras, como tambem em Cuyabá. Eu obtive-a em S. Lourenço, Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

FAM. TROGLODYTIDAE.

* 10. Donacobius atricapillus (L.).

Japacani *Marcgrav* p. 212.
Mimus brasiliensis *Wied* III p. 662.
Donacobius atricapillus *Burmeister* III p. 129 (Novo Friburgo).
Donacobius atricapillus *Pelzeln* p. 49 (Rio Paraná).
Donacobius atricapillus Cat. Br. Mus. VI p. 364.

Em cima de côr parda, excepto a cabeça, que é preta, em baixo amarellento. As remiges são na base e as rectrizes na ponta brancas. E' passaro do tamanho de um sabiá.

E' especie do N. do Brazil que Natterer obteve no Pará, Matto Grosso e perto do Rio Paraná no Est. de S. Paulo. O Sr. Krone me communicou que caçou esta especie em 1889 na Serra de Itatim. Temos-a da Bahia.

Mus. Paul. —

* 11. Thryophilus longirostris (Vieill.).

Curruiraçú.

Campylorhynchus striolatus *Spix* I p. 77 Taf. 79 fig. 2.
Troglodytes striolatus *Wied* III p. 748.

Thryothorus striolatus *Burmeister* III p. 135.
Thryothorus striolatus *Pelzeln* p. 47 (Santos).
Thryophilus longirostris Cat. Br. Mus. VI p. 206.

Especie do Brazil, distinguida da Curruira pelo bico mais comprido. A garganta e uma estria supraocular são de côr branca. As azas e a cauda são riscadas por linhas pretas.

Mus. Paul. Iguape.

* 12. Troglodytes furvus (Gm.).

Curruira.

Troglodytes furvus *Wied* III p. 746.
Thryothorus platensis *Wied* III p. 742.
Troglodytes furvus *Burmeister* III p. 137.
Troglodytes platensis *Burmeister* III p. 137.
Troglodytes furvus *Pelzeln* p. 414.
Thryothorus platensis *Pelzeln* p. 48 (Ypanema, Cemiterio).
Troglodytes furvus *Sclater a. Hudson* I p. 13.
Thryothorus platensis *Berlepsch* I p. 230.
Troglodytes musculus Naum. Cat. Br. Mus. VI p. 255.

Pelzeln obteve esta especie de Cemiterio e Ypanema. Especie commum de todo o Brazil, da Argentina e Bolivia. O passaro é pardo-cinzento em cima, pardo-amarellento em baixo. As azas e a cauda são transversalmente riscadas por linhas pretas finas.

O catalogo do British Museum commette, a meu vêr, quanto a essa especie, alguma confusão. O Troglodytes platensis ou Hylemathorus platensis de *Wied* é citado duas vezes (Vol. VI p. 244 e 256) apparecendo até em dous generos distinctos. O passarinho a que *Wied* se refere é Tr. furvus, especie que não deve ser separada em varias conforme a variabilidade que existe. Cistothorus platensis é especie do Rio da Prata e da Patagonia que não existe no Brazil.

Mus. Paul. Ypiranga; S. Sebastião.

13. Cistothorus polyglottus Vieill.

Curruira.

Thryothorus interscapularis *Burmeister* III p. 136.
Thryothorus polyglottus *Burmeister* III p. 135.
Cistothorus polyglottus *Pelzeln* p. 48 (Ypanema, Itararé, Mogy).
Cistothorus interscapularis *Pelzeln* p. 414.
Cistothorus polyglottus Cat. Br. Mus. VI p. 245.

Caçado por *Natterer* em Itararé, Ypanema e Curityba. Os generos Cistothorus e Troglodytes têm ambos o bico simples sem incisão terminal, mas a unha posterior é muito comprida, mais ou menos igual ao dedo mesmo, no genero Cistothorus, mais pequena no genero Troglodytes. Cist. polyglottus tem o dorso riscado por estrias pretas. É especie distribuida desde a Patagonia até Guatemala.

Mus. Paul. —

FAM. MOTACILLIDAE.

* 14. Anthus rufus (Gm.).

Sombrio.

Anthus chii *Spix* I p. 75 Taf. 76 fig. 2.
Anthus lutescens *Lesson* Traité 1831 p. 424.
Anthus chii *Wied* III p. 631.
Anthus chii *Pelzeln* p. 69.
Anthus lutescens *Berlepsch u. Ihering* p. 114.
Anthus rufus Cat. Br. Mus. X p. 606.

Especie distribuida do Rio Grande do Sul até America Central. Entre varias especies parecidas a menor, distinguindo-se pela côr claro-amarella do lado inferior.

Mus. Paul. Iguape.

* 15. Anthus chii Vieill.

Caminheiro.

Anthus chii *Burmeister* III p. 119.
Anthus rufus *Pelzeln* (nec Gm.) p. 69 (Casa Pintada, Curityba).

Anthus chii Cat. Br. Mus. X p. 608.

Especie do Brazil meridional que obtive tambem no Rio Grande do Sul. As pennas do dorso são escuras orladas côr de ferrugem. O lado ventral é pardo-amarellento com manchas escuras no peito. As retrizes exteriores são orladas de côr pardo-amarella.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 16. Anthus nattereri Scl.

Caminheiro.

Anthus correndera *Pelzeln* (nec Vieill.) p. 69 (Rio Verde, Itararé).

Xanthocorys natterreri Cat. Br. Mus. X p. 619.

Esta especie do Est. de S. Paulo cacei tambem no Est. do Rio Grande do Sul.

É especie muito parecida á precedente tendo a unha posterior mais comprida, o bico mais forte, a garganta e o pescoço mais amarella, as pennas da cauda mais pontagudas.

Mus. Paul. Ypiranga.

FAM. MNIOTILTIDAE.

* 17. Parula pitiayumi (Vieill.).

Mariquita.

Sylvia venusta *Wied* III p. 705.

Sylvicola venusta *Burmeister* III p. 116.

Parula pitiayumi *Pelzeln* p. 71 (Ypanema).

Parula pitiayumi *Sclater aud. Hudson* I p. 20.

Parula Pitiayumi Cat. Br. Mus. X p. 259 Pl. XI fig. 1.

Especie commum desde o Rio da Prata até Venezuela, de côr azul em cima, amarella em baixo. O dorso é verde-azeitonado. As pontas das coberteiras das azas são brancas. As rectrizes exteriores têm uma mancha branca.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 18. Geothlypis velata (Vieill.).

Pia-cobra (Iguape); *Caga-sebo* (S. Paulo).

Sylvia canicapilla *Wied* III p. 701.
Trichas velata *Burmeister* III p. 115.
Trichas velata *Pelzeln* p. 71 (Ypanema, Itararé).
Geothlypis velata *Sclater a. Hudson* I p. 20.
Geothlypis velata Cat. Br. Mus. X p. 363 Pl. IX fig. 5.

Em cima verde, em baixo amarello; a cabeça de côr cinzenta tem uma estria preta nos machos. Especie do Brazil desde a Bahia até ao Rio da Prata.

Mus. Paul. S. Paulo; Ypiranga; Iguape.

* 19. Basileuterus flaveolus Baird.

Myiothlypis flaveolus *Pelzeln* p. 72 (Rio Paraná, Rio das Pedras).
Basileuterus flaveolus Cat. Br. Mus. X p. 380.

Especie do Goyaz, Matto Grosso e Bahia que *Natterer* caçou ao Rio Paraná e Rio das Pedras. A côr é verde-amarella em cima, amarella em baixo, tendo a cabeça a mesma côr como o dorso. Temos-a da Bahia.

Mus. Paul. —

20. Basileuterus hypoleucus Cab.

Basileuterus hypoleucus *Burmeister* III p. 113.
Basileuterus hypoleucus *Pelzeln* p. 72 (Ypanema).
Basileuterus hypoleucus Cat. Br. Mus. X p. 388.

Especie parecida ao B. auricapillus mas com o lado inferior branco; passarinho conhecido em Goyaz e Minas, que *Natterer* caçou em Ypanema.

Mus. Paul. —

* 21. Basileuterus auricapillus (Swains.).

Basileuterus vermivorus *Burmeister* III p. 113.
Basileuterus vermivorus *Pelzeln* p. 71 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Basileuterus auricapillus *Sclater a. Hudson* I p. 21.

Basileuterus auricapillus Cat. Br. Mus. X p. 393.

Passarinho elegante verde-azeitão em cima, amarello em baixo com o vertice laranjo, orlado em cada lado por uma estria preta. Especie do Brazil encontrada desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até Venezuela.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

* 22. Basileuterus leucoblepharus (Vieill.).

Trichas leucoblepharus *Burmeister* III p. 114.

Basileuterus leucoblepharus *Pelzeln* p. 72 (Ypanema).

Basileuterus leucoblepharus Cat. Br. Mus. X p. 400.

Verde-azeitão em cima, branco em baixo até o crisso que é de côr amarella. O vertice é preto com o centro branco. Em cimá do olho uma estria cinzenta.

Especie do Brazil meridional que *Natterer* obteve em Ypanema e Curityba.

Mus. Paul. Ypiranga.

23. Basileuterus leucophrys Pelzeln.

Basileuterus leucophrys *Pelzeln* p. 72 e 137 (Rio Paraná).

Basileuterus leucophrys Cat. Br. Mus. X. p. 400.

Especie parecida á precedente maior com o dorso mais escuro e a faxa supraorbital branca e mais larga, que *Natterer* obteve no Porto do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 24. Basileuterus stragulatus (Licht.).

Muscicapa rivularis *Wied* III p. 789.

Trichas stragulatus *Burmeister* III p. 115.

Basileuterus stragulatus *Pelzeln* p. 72 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).

Basileuterus stragulatus Cat. Br. Mus. X p. 401.

Especie parecida ás duas precedentes tendo como ellas a garganta branca, mas as pennas coberteiras inferiores da cauda brancas e os lados do peito de côr parda.

Especie do Brazil meridional desde o Rio Grande do Sul até ao Rio de Janeiro que Natterer obteve em Paranaguá, Itararé e Ypanema.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. VIREONIDAE.

*** 25. Vireo chivi (Vieill.).**

Juruviara (Iguape).

Thamnophilus agilis *Spix* II p. 23 Taf. 34 fig. 1.
Muscicapa agilis *Wied* III p. 795.
Phyllomanes agilis *Burmeister* III p. 108.
Vireosylvia agilis *Pelzeln* p. 73 (Ypanema, Itararé, Curityba).
Vireosylvia chivi *Berlepsch u. Ihering* p. 115.
Vireosylvia chivi *Sclater a. Hudson* I p. 22.
Vireo chivi Cat. Br. Mus. VIII p. 295.

Verde-escuro em cima, branco com o crisso amarello em baixo, com o vertice cinzento e uma tira branca sobre o olho. Especie distribuida desde o Rio da Prata até o Pará.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba; Iguape.

*** 26. Hylophilus poecilotis (Temm.).**

Hylophilus poecilotis *Pelzeln* p. 70 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Hylophilus poecilotis *Sclater a. Hudson* I p. 23.
Hylophilus poecilotis Cat. Br. Mus. VIII p. 308.

Verde-azeitão em cima, amarello em baixo, com a cabeça pardo-vermelha no vertice, cinzenta nos lados. Especie do Brazil meridional que *Natterer* obteve em Curityba e no Est. de S. Paulo.

A Sylvia poecilotis *Wied* III p. 715 é separada como especie differente (Hyl. amaurocephalus Nordm.) por ter a região loral de côr castanha em vez de branca, como a H. poecilotis. Parece ser apenas uma variedade do N. do do Brazil.

Mus. Paul. S. Paulo.

27. Hylophilus thoracicus Temm.

Sylvia thoracica *Wied* III p. 717.
Hylophilus thoracicus *Burmeister* III p. 110.
Hylophilus thoracicus *Pelzeln* p. 70.
Hylophilus pectoralis *Pelzeln* p. 70.
Hylophilus thoracicus Cat. Br. Mus VIII. p. 307.

Especie parecida á precedente, com o vertice cinzento, que *Natterer* obteve no Amazonas, Matto Grosso e Rio de Janeiro e da qual *Burmeister* diz que é encontrada tambem em S. Paulo. O Sr. Krone obteve-a em Iguape no meio de diversas especies de Calliste e Nemosia ruficapilla, reunidas em banda.

Mus. Paul. —

* 28. Cyclorhis ochrocephala Tsch.

Cycloris viridis *Burmeister* III p. 107.
Cyclorhis ochrocephala *Pelzeln* p. 73 e 138 (Casa Pintada, Ypanema, Itararé).
Cyclorhis ochrocephala *Berlepsch u. Ihering* p. 116 (20).
Cyclorhis ochrocephala *Sclater a. Hudson* I p. 23.
Cyclorhis viridis Cat. Br. Mus. VIII p. 318.

Passaro de côr verde-azeitonada em cima com o vertice pardo e uma faxa de côr castanha que vai do bico ao olho. A excepção da garganta, que é branca, o lado inferior é amarello. A maxilla inferior é de côr clara, sendo escura na especie affim C. guianensis Gm., distinguida pelo vertice cinzento. Conforme a côr do vertice, bruno-azeitonado ou bruno-vermelho, distinguem diversos autores duas «especies» C. viridis e ochrocephala.

E' essa especie das republicas platinas e do Brazil meridional.

Mus. Paul. S. Paulo, Tieté, S. Sebastião.

29. Cyclorhis wiedii Pelzeln.

Cyclorhis wiedii *Pelzeln* p. 74 e 137 (Rio Paraná)
Cyclorhis guianensis *Wied* (nec Gm.) III p. 1016.

Cyclorhis wiedii *Berlepsch u. Ihering* p. 116 (20); nota.
Cyclorhis wiedii Cat. Br. Mus. VIII p. 318.

Apenas uma variedade menor da especie precedente que tem a faxa supraorbital mais comprida attingindo quasi a nuca. *Pelzeln* indicou-a de Bahia, Cuyabá e do Rio Paraná. O Snr. Krone caçou um exemplar na Serra do Paranapiacaba.

Mus. Paul. —

FAM. HIRUNDINIDAE.

* 30. Tachycineta leucorrhoa (Vieill.).

Hirundo leucorrhoa *Burmeister* III p. 144.
Petrochelidon leucorrhoa *Pelzeln* p. 17 (Taubaté, Ypanema).
Tachycineta leucorrhoa *Sclater a. Hudson* I p. 30.
Tachycineta leucorrhoa Cat. Br. Mus. X p. 114.

Andorinha de côr verde-escura, com lustro metallico, tendo o sobrecú e o lado inferior brancos. Uma estria branca corre da frente ao olho. Especie das republicas platinas, do Brazil meridional e do Paraguay.

Mus. Paul. Ypiranga; Iguape.

* 31. Tachycineta albiventris (Bodd.).

Hirundo leucoptera *Wied* III p. 362.
Cotyle leucoptera *Burmeister* III p. 143.
Petrochelidon albiventris *Pelzeln* p. 17 (Ypanema).
Tachycineta albiventris Cat. Br. Mus. X p. 113.

Especie menor, parecida a precedente, da qual differe pela côr branca de parte das pennas coberteiras das azas. A estria branca na região loral falta nesta especie na qual a côr branca do sobrecú occupa mais espaço do que em T. leucorrhoa. Natterer obteve-a em Ypanema junto com T. leucorrhoa.

Mus. Paul. Iporanga.

* 32. Progne tapera (L.).

Taperá.

Hirundo pascuum *Wied* III p. 360.
Cotyla tapera *Burmeister* III p. 143.
Petrochelidon albiventris *Pelzeln* p. 17.
Progne tapera *Sclater a. Hudson* I p. 26.
Progne tapera Cat. Br. Mus. X p. 180 (Curityba).

Especie grande com a cauda pouco entalhada no fim, de côr bruna em cima branca em baixo, excepto o peito que é bruno. Especie distribuida do Rio da Prata até á Guyana, que por ora não temos do Estado de S. Paulo, onde porem existe em Iguape segundo informações do Sr. *Krone.*

Mus. Paul. —

* 33. Progne domestica (Vieill.).

Andorinha grande; Taperá (Piracicaba).

Progne domestica *Burmeister* III p. 142.
Progne domestica *Pelzeln* p. 17 (Ypanema, Rio de Janeiro).
Progne domestica *Berlepsch* I p. 234.
Progne chalybea *Sclater a. Hudson* I p. 25.
Progne domestica Cat. Br. Mus. X p. 177.

Especie grande de um azul-escuro em cima, com a garganta e o pescoço cinzentos e a barriga branca. É especie do Brazil meridional e das republicas platinas. A fórma do Norte do Brazil é um pouco menor e denominada P. chalybea Gm. Essa andorinha costuma construir o seu ninho, bastante simples, de capim e algumas pennas, entre os capitéis das columnas do Monumento do Ypiranga em que está funccionando o Museu.

Mus. Paul. Ypiranga; Piracicaba; S. Sebastião.

* 34. Atticora fucata (Temm.).

Hirundo fucata *Burmeister* III p. 145.
Cotyle fucata *Pelzeln* p. 18 (Casa Pintada, Ypanema, Itararé).

Atticora fucata *Sclater a. Hudson* I p. 35.
Atticora fucata Cat. Br. Mus X p. 188.

Especie bem distinguida pela côr ruiva da cabeça que é mais escura, castanha no vertice; o dorso é bruno, a barriga é branca. É encontrada desde o Rio da Prata até á Guyana.

Mus. Paul. Piracicaba; Itapetininga; Ypiranga.

* 35. Atticora cyanoleuca (Vieill.).

Andorinha.

Hirundo minuta *Wied* III p. 369.
Atticora cyanoleuca *Burmeister* III p. 147.
Atticora cyanoleuca *Pelzeln* p. 18 (Ypanema).
Atticora cyanoleuca *Sclater a. Hudson* I p. 33.
Atticora cyanoleuca Cat. Br. Mus. VIII p. 186.

Essa andorinha é de côr azul-escura em cima e no crisso, sendo o resto do lado inferior branco. É especie de grande distribuição desde o Chile e a Argentina até á America Central. Pelzeln diz que *Natterer* affirma que faz o ninho em baixo das casas, que é commum em Ypanema e alli encontrada todo o anno.

Mus. Paul. Ypiranga; S. Sebastião; Iguape.

* 36. Petrochelidon pyrrhonota (Vieill.).

Cotyle pyrrhonota *Burmeister* III p. 145.
Petrochelidon lunifrons *Coues* p. 323 fig. 183.
Petrochelidon americana *Pelzeln* p. 17 (Itararé, Irisanga).
Petrochelidon pyrrhonota *Sclater a. Hudson* I p. 30.
Petrochelidon pyrrhonota Cat. Br. Mus. X p. 193.

Distinguida pela côr pardo-vermelha do sobrecú e de parte da cabeça. Especie distribuida desde a America do Norte até a Patagonia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 37. Stelgidopteryx ruficollis (Vieill.).

Hirundo jugularis *Wied* III p. 365.
Cotyle flavigastra *Burmeister* III p. 144.

Cotyle flavigastra *Pelzeln* p. 17 (Casa Pintada, Ypanema).

Stelgidopteryx ruficollis *Sclater a. Hudson* I p. 36.

Stelgidopteryx ruficollis Cat. Br. Mus. X p. 208.

Especie do Brazil, de côr pardo-cinzenta com a garganta castanha e o trazeiro pallido-amarello.

Mus. Paul. Piquete, Iguape, S. Sebastião.

Para a distincção das andorinhas observo que Stelgidopteryx differe dos outros generos pelo caracter de ter o macho a borda externa da primeira remige serrada ou dentada. A venta é meio coberta por uma membrana superior em Tachycineta, livre nos outros generos. A cauda é dividida em fórma de forcado nos generos Progne e Atticora.

FAM. COEREBIDAE.

* 38. **Dacnis cayana** (L.).

Sahy-azul.

Coereba coerulea *Wied* II p. 766.

Dacnis cyanomelas *Burmeister* III p. 153.

Dacnis cyanomelas *Pelzeln* p. 25 (Ypanema).

Dacnis cyanomelas *Berlepsch* I p. 235.

Dacnis cayana Cat. Br. Mus. XI p. 19.

O bico tem no genero Dacnis o comprimento da cabeça, sendo mais comprido no genero Coereba que se encontra só ao N. do Rio de Janeiro. D. cayana tem a côr azul-clara no sexo masculino, verde no sexo feminino. O macho tem a garganta e a fronte pretas.

Essa especie está distribuida desde S.ta Catharina até a America Central, mas não vive mais no Rio Grande do Sul, nem na Costa da Serra e muito menos ainda em Pelotas, devendo haver engano por parte do *Joyner* quando assim a indicou em alguns exemplares do British Museum.

Mus. Paul. Iguape.

39. Dacnis nigripes Pelzeln.

Dacnis cayana *Burmeister* III p. 153 (excl. syn.; ♀).
Dacnis nigripes *Pelzeln* p. 25 (? Ypanema).
Dacnis nigripes *Berlepsch* I p. 237.
Dacnis nigripes Cat. Br. Mus. XI p. 21.

O tarso, côr de carne na especie precedente, é azul na presente. D. nigripes tem o bico mais curto e compresso na base, as azas e a cauda mais curtas, as pennas da cauda orladas de azul. É especie intimamente ligada a precedente, colligida em S.ta Catharina e Nova Friburgo e que *Natterer* parece ter caçada em Ypanema.

Mus. Paul. —

* 40. Dacnis speciosa (Wied.).

Sahy.

Sylvia speciosa *Wied* III p. 708.
Sylvicola speciosa *Burmeister* III p. 117.
Dacnis speciosa *Pelzeln* p. 26 (Rio Paraná),
Dacnis speciosa Cat. Br. Mus. XI p. 26.

Especie de côr azul com o trazeiro castanho, distribuida desde o Amazonas até o Brazil meridional. O Snr. *R. Krone* affirmou-me que a especie existe em Iguape.

Mus. Paul. —

* 41. Certhiola chloropyga Cab.

Cambacica (Iguape); *Mariquita* (Piracicaba).

Coereba flaveola *Wied* III p. 774.
Certhiola flaveola *Burmeister* III p. 155.
Certhiola chloropyga *Pelzeln* p. 26 (Ypanema).
Certhiola chloropyga *Berlepsch* I p. 239 (S. Paulo).
Certhiola chloropyga Cat. Br. Mus. XI p. 44.

Passarinho pequeno, de côr cinzenta em cima, com o vertice mais escuro e o sobrecú verde-amarello. A garganta e uma estria supraocular são brancas; a barriga é amarella. As pontas das rectrizes são brancas. Especie commum desde o Rio Grande do Sul até Cayenna. C.

flaveola L., a que se refere a bonita figura em *Brehm.* Thierleben vol V p. 567, é especie da Jamaica.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

FAM. TANAGRIDAE.

* 42. Procnias tersa (L.).

Sahy-andorinha (Iguape); *Sahira* (S. Manoel).

Procnias ventralis *Wied* III p. 385.
Procnias tersa *Burmeister* III p. 191.
Procnias tersa *Pelzeln* p. 132 (Ypanema).
Procnias occidentalis *Pelzeln* p. 132.
Procnias tersa Cat. Br. Mus. XI p. 50 (S. Paulo).

O macho tem a côr azul-clara, com a fronte e a garganta pretas e a barriga branca; a femea é verde. O bico é largo na raiz e deprimido. O Sr. *Conde von Berlepsch* escreve-me que essa especie foi caçada por *Thiele* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o que provavelmente se refere a um exemplar unico, pois eu não a encontrei naquelle Estado. A distribuição parece ser desde S. Paulo até a Columbia. Esta sahira é chamada «sahira buraqueira», por fazer o seu ninho no chão.

Mus. Paul. S. Paulo; S. Carlos do Pinhal; Piquete.

* 43. Chlorophonia viridis (Vieill.).

Bonito do campo (Iguape).

Euphone viridis *Burmeister* III p. 197.
Chlorophona viridis *Pelzeln* p. 202 (Ypanema).
Chlorophonia viridis Cat. Br. Mus. XI p. 54.

Especie de gaturamo de côr verde-clara, em baixo mais amarella, com a nuca e o sobrecú azues, sendo da mesma côr um annel ao redor do olho no sexo masculino. Especie do Brazil meridional desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape.

* 44. Euphonia nigricollis (Vieill.).

Gaturamo. Tereno (Piracicaba).

Euphone musica *Wied* III p. 443.
Euphone nigricollis *Burmeister* III p. 193.
Euphona nigricollis *Pelzeln* p. 202 (Ypanema).
Euphonia nigricollis *Sclater a. Hudson* I p. 37 (Corrientes).
Euphonia nigricollis Cat. Br. Mus. XI p. 61.

Em cima preto-azul, em baixo amarello. É a unica especie que tem o vertice azul-claro. Especie da America do Sul, encontrada desde a Colombia até o Rio Grande do Sul e Corrientes. Parece-me certo, que E. flavifrons Sparm. indicado por Hartert de Ypanema não occorre alli, sendo especie das Antilhas, referindo-se Hartert a outra especie, provavelmente E. nigricollis. cf. *Hartert* Katalog d. Vögelsammlung d. Mus. Senckenberg, Frankfurt a. M. 1891 p. 46.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape.

* 45. Euphonia chlorotica (L.).

Gaturamo miudinho. Puvy (Piracicaba).

Euphone chlorotica *Burmeister* III p. 194.
Euphona chlorotica *Pelzeln* p. 202.
Euphona serrirostris *Pelzeln* p. 202 (Rio Paraná, Ypanema).
Euphonia chlorotica *Sclater a. Hudson* I p. 37.
Euphonia chlorotica Cat. Br. Mus. XI p. 64.

Especie encontrada desde o Norte da Rep. Argentina até a Guyana. Em cima preto-azul com a frente amarella. O lado inferior é amarello a excepção da garganta que é preta.

Mus. Paul. Piracicaba.

46. Euphonia xanthogastra Sund.

Euphone xanthogastra *Burmeister* III p. 195, nota.
Euphona ochrascens *Pelzeln* p. 202 e 328.

Euphona xanthogastra *Pelzeln* p. 203, nota (S. Paulo).
Euphonia xanthogastra Cat. Br. Mus. XI p. 67 (Guyana).

Especie difficilmente a distinguir da E. chlorotica, da qual differe pelo tamanho um pouco maior, pelo bico mais forte, pelo dorso de côr azul-escura e não roxa, pela côr amarella da barriga e do vertice que é mais escura, extendendo-se até a nuca. Só a rectriz externa tem uma mancha terminal branca, achando-se essa mancha em E. chlorotica nas duas rectrizes exteriores de cada lado. *Pelzeln* diz que é encontrada em S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 47. Euphonia violacea (L.).

Tieté; Gaturamo; Bonito (Iguape).

Teitei Marcgrav p. 212.
Euphone violacea *Wied* III p. 439.
Euphone violacea *Burmeister* III p. 195.
Euphona lichtensteini *Pelzeln* p. 204.
Euphona violacea *Pelzeln* p. 204 (Ypanema, Rio Paraná).
Euphonia violacea Cat. Br. Mus. XI p. 74.

O macho differe da especie precedente por ter todo o lado inferior amarello. As femeas nesta especie como em quasi todas as outras dos gaturamos são mais uniformes e esverdeadas na côr. E. violacea é encontrada desde o Rio Grande do Sul até a Guyana.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba; Iguape.

* 48. Euphonia pectoralis (Lath.).

Tieté (S. Paulo); *Alcaide* (S. Sebastião, Piracicaba).

Euphone rufiventris *Wied* III p. 447.
Euphone pectoralis *Burmeister* III p. 196.
Euphona pectoralis *Pelzeln* p. 205 (Ypanema, Rio Paraná).
Euphonia pectoralis Cat. Br. Mus. XI p. 80 (Pelotas!? Ih.).

Unica especie dos gaturamos que tem a barriga cas-

tanha. Especie do Brazil meridional desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape; S. Sebastião.

* 49. Hypophaca chalybea (Mik.).

Gaturamo.

Euphone chalybaea *Burmeister* III p. 194.
Euphona chalybaea *Pelzeln* p. 204 (Ypanema, S. Paulo, Rio Paraná).
Hypophaea chalybea Cat. Br. Mus. XI p. 84, com figura).

O genero Hypophaea differe da Chlorophonia e Euphonia pela falta de uma incisão terminal na maxilla superior. H. chalybea, a unica especie do genero, tem o lado dorsal de verde-aço com a fronte amarella e o lado inferior amarello. É especie encontrada desde o Rio de Janeiro e Nova Friburgo até ao Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* 50. Pipridea melanonota (Vieill.).

Viuva (Piracicaba).

Procnopis melanonota *Burmeister* III p. 190.
Pipridea melanonota *Pelzeln* p. 205 (Ypanema, Porto Feliz, Cemiterio).
Pipridea melanonota *Sclater a. Hudson* I p. 37.
Pipridea melanonota Cat. Br. Mus. XI p. 92.

Especie bonita, em cima de côr azul que é mais clara no vertice e no sobrecú. A fronte é preta, o lado inferior amarello-avermelhado. Esse sahy é encontrado por todo o Brazil desde o Rio Grande do Sul até Venezuela.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba; Iporanga.

* 51. Calliste tricolor (Gm.).

Sahyra; Sahy; Sahy de sete cores (Iguape, Piracicaba).

Tanagra tatao *Wied* III p. 459.
Calliste tricolor *Burmeister* III p. 187.

Calliste tricolor *Pelzeln* p. 206 (Ypanema).
Calliste tricolor Cat. Br. Mus. XI p. 99 (Pelotas!? Ih.).
Especie de S. Paulo, distribuida até Goyaz e Bahia. A cabeça é verde, o dorso preto e para traz côr de laranja, o sobrecú verde como o crisso e a barriga; o peito azul.
Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* 52. Calliste festiva (Shaw.).

Sahy militar (Iguape).

Tanagra rubricollis *Wied* III p. 456.
Calliste festiva *Burmeister* III p. 188.
Calliste festiva *Pelzeln* p. 206.
Calliste festiva *Berlepsch u. Ihering* p. 118.
Calliste festiva Cat. Br. Mus XI p. 100.
Especie de muitas côres como a precedente, verde com o vertice e a garganta de côr azul, a fronte e o dorso pretos, a nuca vermelha. A especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até Amazonas.
Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* 53. Calliste cyaneiventris (Vieill.).

Tanagra citrinella *Wied* III p. 464.
Calliste citrinella *Burmeister* III p. 184.
Calliste cyaneiventris *Pelzeln* p. 206 (Ypanema).
Calliste cyaneiventris Cat. Br. Mus. XI p. 100.
O dorso é amarello com manchas pretas. A cabeça é amarella com a fronte e a garganta pretas, o peito azul. Especie de S. Paulo, Rio de Janeiro e Espirito Santo.
Mus. Paul. S. Paulo; S. Carlos do Pinhal; Piquete.

54. Calliste thoracica (Temm.).

Sahy verde (Iguape).

Calliste thoracica *Burmeister* III p. 186.
Calliste thoracica *Pelzeln* p. 206 (Casa Pintada).
Calliste thoracica Cat. Br. Mus. XI p. 101.
O dorso é verde com manchas negras; a fronte e uma

mancha da garganta são pretas, o pescoço anterior é amarello, o lado ventral amarello-verde. Especie brazileira de S. Paulo, Rio, Minas e Goyaz. O Snr. Krone caçou-a na Serra de Paranapiacaba.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 55. Calliste flava (Gm.).

Sahy amarello (Iguape).

Guirapera *Marcgrav* p. 212.
Tanagra flava *Wied* III p. 467.
Calliste flava *Burmeister* III p. 181.
Calliste flava *Pelzeln* p. 207 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Calliste flava Cat. Br. Mus. XI p. 113.

O lado dorsal é amarello, as azas são verdes, a garganta e o peito são de côr preta. Especie distribuida desde S. Paulo até Goyaz e Pernambuco. O Sr. Krone obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 56. Calliste pretiosa (Cab.).

Sahyra (= Sahy-ira).

Tanagra gyrola *Wied* III p. 471.
Calliste preciosa *Burmeister* III p. 182.
Calliste pretiosa *Pelzeln* p. 207 (Capivary).
Calliste pretiosa Cat. Br. Mus. XI p. 114.

O lado dorsal é castanho até ao sobrecú que é amarello, o lado ventral é verde. Especie commum nos Estados do Rio Grande do Sul até S. Paulo e no Paraguay.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 57. Calliste melanonota (Shaw.).

Sahy-guaçú (Iguape); *Sahyra.*

Calliste melanonota *Pelzeln* p. 207 (Rio Paraná, Matto Dentro).
Calliste melanonota Cat. Br. Mus. XI p. 115 (S. Paulo).

Especie alliada com a C. pretiosa tendo porem o dorso, entre as azas, preto. Especie do Brazil meridional desde S.ta Catharina até Goyaz e Panamá.

Mus. Paul. Iguape; S. Paulo.

* **58. Stephanophorus leucocephalus (Vieill.).**

Azulão (Iguape); *Sanhaçu frade* (S. Paulo).

Stephanophorus coeruleus *Burmeister* III p. 205.
Stephanophorus leucocephalus *Pelzeln* p. 207 (S. Paulo, Mogy das Cruzes).
Stephanophorus leucocephalus *Sclater a. Hudson* I p. 38 Pl. 4.
Stephanophorus leucocephalus Cat. Br. Mus. XI p. 143 com figura (S. Paulo).

De côr azul; mais claro na nuca com o vertice vermelho, a fronte e a garganta pretas. Passaro que occorre desde Buenos Ayres até Paraguay, Goyaz e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. S. Paulo; Piquete.

* **59. Tanagra cyanoptera (Vieill.).**

Sanhaçú.

Tanagra sayaca *Wied* III p. 484.
Tanagra sayaca *Burmeister* part. (♂) III p. 176.
Tanagra cyanoptera *Pelzeln* p. 209, nota.
Tanagra cyanoptera *Berlepsch* I p. 240 (S. Paulo).
Tanagra cyanoptera *Berlepsch u. Ihering* p. 119.
Tanagra cyanoptera Cat. Br. Mus. XI p. 157 (S. Paulo).

Especie que occorre desde Buenos Ayres até Goyaz e Bahia. A côr é azul-cinzenta, mais verde em cima, mais clara em baixo. Os encontros são de côr azul-claro em ambos os sexos.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* **60. Tanagra sayaca L.**

Sanhaçú.

Tanagra sayaca *Burmeister* part. (♀) III p. 176.
Tanagra sayaca *Pelzeln* p. 208 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).

Tanagra sayaca *Sclater a. Hudson* I p. 39.
Tanagra sayaca Cat. Br. Mus. XI p. 158.

Especie muito chegada á precedente que apenas differe pelo bico mais curto e alto e pela côr cerulea dos encontros, que carecem dessa mancha azulada na Tanagra sayaca. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Ceará.

Mus. Paul. Piquete; S. Sebastião.

* 61. Tanagra palmarum Wied.

Sanhaçú dos coqueiros.

Tanagra palmarum *Wied* III p. 489.
Tanagra olivascens *Burmeister* III p. 175.
Tanagra palmarum *Pelzeln* p. 209 (Rio das Pedras).
Tanagra melanoptera *Pelzeln* p. 209.
Tanagra palmarum *Berlepsch* I p. 242.
Tanagra palmarum Cat. Br. Mus. XI p. 159.

De côr verde-cinzenta com o vertice e uma faxa das azas verdes e o dorso, as azas e a cauda preto-pardas. Especie distribuida desde S.ta Catharina até a America Central.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 62. Tanagra ornata Sparm.

Sanhaçú de encontros.

Tanagra archiepiscopus *Spix* II p. 42 Taf. 55 fig. 1.
Tanagra archiepiscopus *Wied* III p. 481.
Tanagra ornata *Burmeister* III p. 174.
Tanagra ornata *Pelzeln* p. 209 (Ypanema).
Tanagra ornata *Berlepsch* I p. 242.
Tanagra ornata Cat. Br. Mus. XI p. 161 (S. Paulo).

Verde em cima, com a cabeça e o peito azues e uma mancha amarella nas azas ao lado dos encontros. Especie do Brazil meridional desde S.ta Catharina até Bahia e Goyaz. O Sr. *Krone* obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 63. Rhamphocoelus brasilius (L.).

Tié-sangue (S. Sebastião); *Tié-fogo* (Iguape).

Tije piranga *Marcgrav* p. 192.
Tanagra brasilia *Wied* III p. 511.
Ramphocelus brasilia *Burmeister* III p. 173.
Ramphocelus brasilia *Pelzeln* p. 210, nota.
Rhamphocoelus brasilius Cat. Br. Mus. XI p. 170 (S. Paulo).

Especie encontrada desde S. Paulo até Pernambuco. O macho é de côr esplendida, vermelho-cochonilha, a excepção das pennas das pernas, das azas e da cauda que são pretas. A femea é de côr bruna com o dorso baixo vermelho-pardo. O Sr. *Krone* caçou essa especie em Iguape.

Mus. Paul. S. Sebastião.

64. Rhamphocoelus jacapa (L.).

Ramphocelus jacapa *Burmeister* III p. 172.
Ramphocelus albirostris *Pelzeln* p. 210.
Ramphocelus atrosericeus *Pelzeln* p. 211 (Rio Paraná, Rio das Pedras).
Rhamphocoelus jacapa Cat. Br. Mus. XI p. 174.

Especie muito parecida á precedente com o dorso negro-pardo. Especie do Norte do Brazil que Natterer caçou na zona do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 65. Pyranga saira (Spix).

Tanagra saira *Spix* II p. 35 Pl. 48 fig. 1 (♀).
Tanagra missisippensis *Wied* III p. 521.
Pyranga coccinea *Burmeister* III p. 171.
Pyranga saira *Pelzeln* p. 211 (Ypanema, Itararé).
Pyranga saira Cat. Br. Mus. XI p. 185.

Especie do Brazil meridional desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O macho é de côr vermelho-cochonilha, a femea verde-azeitonada no dorso, amarella no lado ventral.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 66. Orthogonys viridis (Spix).

Tanagra viridis *Spix* II p. 36 Taf. 48 fig. 2.
Orthogonys viridis *Burmeister* III p. 170.
Orthogonys viridis *Pelzeln* p. 211.
Orthogonys viridis Cat. Br. Mus. XI p. 194 (S. Paulo).

Passaro do Brazil meridional (Rio Grande do S. até Rio de Janeiro), de côr verde-azeitonada em cima, verde-amarella no lado abdominal.

Mus. Paul. Iguape.

* 67. Phoenicothraupis rubica (Vieill.).

Tié do Matto Grosso (Iguape).

Tanagra flammiceps *Wied* III p. 497.
Tachyphonus rubicus *Burmeister* III p. 168 (S. Paulo).
Phoenicothraupis rubica *Pelzeln* p. 212 (Ypanema).
Phoenicothraupis rubica Cat. Br. Mus. XI p. 196 (S. Paulo).

O macho é de côr escuro-cochonilha, mais clara no lado ventral e vermelho-cochonilha vivo no vertice que fórma um pequeno topete. A côr da femea é bruna. A especie é encontrada no Brazil meridional desde Rio Grande do Sul até Bahia e Bolivia. O Sr. *Krone* caçou-a em Iguape.

Mus. Paul. Piracicaba (Rio das Pedras).

* 68. Tachyphonus melaleucus (Sparm.).

Tanagra nigerrima *Wied* III p. 534.
Tachyphonns nigerrimus *Burmeister* III p. 166.
Tachyphonus melaleucus *Pelzeln* p. 212 (Rio Paraná).
Tachyphonus melaleucus Cat. Br. Mus. XI p. 206.

Especie da America Central e do N. do Brazil. Natterer obteve-a do Rio Paraná. O macho que não tem topete é preto com os encontros brancos, a femea é parda.

Mus. Paul. —

* 69. Tachyphonus cristatus (Gm.).

Tanagra cristata *Wied* III p. 474.
Tachyphonus cristatus *Burmeister* III p. 165.
Tachyphonus cristatus *Pelzeln* p. 213.
Tachyphonus cristatus Cat. Br. Mus. XI p. 210 (Pelotas, Rio Grande do S.? Ih.).

O macho é preto com o vertice e topete vermelho-cochonilha e o dorso baixo amarello. A femea é pardo-amarella. Especie mencionada de S. Paulo pelo catalogo do British Museum e encontrada ao N. do Brazil até á Guyana. A indicação Pelotas, Rio Grande do S., parece-me duvidosa.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* 70. Tachyphonus coronatus (Vieill.).

Tié preto (Iguape); *Gurundi preto* (Piracicaba).

Tanagra brunnea *Spix* II p. 37 Taf. 49 fig. 2 (♂ juv.).
Tachyphonus coronatus *Burmeister* III p. 166 (S. Paulo).
Tachyphonus coronatus *Pelzeln* p. 213 (Matto Dentro, Ypanema).
Tachyphonus coronatus *Berlepsch* I p. 244.
Tachyphonus coronatus Cat. Br. Mus. XI p. 213 (S. Paulo).

Especie do Brazil meridional, desde Rio de Janeiro Minas e Paraguay até Rio Grande do Sul. O macho é preto com o vertice vermelho. A femea é parda em cima, amarellenta em baixo.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape; Piquete.

* 71. Trichothraupis quadricolor (Vieill.).

Tié de topete.

Tanagra auricapilla *Spix* II p. 39 Pl. 52.
Tanagra auricapilla *Wied* III p. 538.
Tachyphonus quadricolor *Burmeister* III p. 164.
Trichothraupis quadricolor *Pelzeln* p. 212 (Ypanema, Cemiterio).
Trichothraupis quadricolor *Berlepsch* I p. 244.

Trichothraupis quadricolor *Sclater a. Hudson* I p. 40.
Trichothraupis quadricolor Cat. Br. Mus. XI p. 220.

Em cima verde-azeitão com a fronte, as azas e a cauda pretas, em baixo amarello. O macho tem o vertice e um topete amarellos. Especie distribuida desde o Rio Grande do Sul e as Missões até Goyaz e Bahia.

Mus. Paul. Piracicaba; Itatiba; Tieté.

* 72. Cypsnagra ruficollis (Licht.).

Leucopygia ruficollis *Burmeister* III p. 162.
Cypsnagra ruficollis *Pelzeln* p. 214 (Cemiterio, Itararé, Irisanga).
Cypsnagra ruficollis Cat. Br. Mus. XI p. 221.

Especie que occorre desde S. Paulo até Bahia e Bolivia. A côr é preta em cima, amarella em baixo; uma facha branca corre sobre o dorso baixo e sobre as azas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 73. Pyrrhocoma ruficeps (Streckl.).

Nemosia ruficeps *Burmeister* III p. 159.
Pyrrhocoma ruficeps *Pelzeln* p. 216 (Ypanema).
Pyrrhocoma ruficeps *Berlepsch u. Ihering* p. 120 Taf. VI fig. 1—2.
Pyrrhocoma ruficeps. Cat. Br. Mus. XI p. 222.

Passarinho preto com a cabeça castanha e a fronte preta, distribuido desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco.

Mus. Paul. Piracicaba; Piquete.

* 74. Nemosia pileata (Bodd.).

Hylophilus cyanoleucus *Wied* III p. 734 (♂).
Hylophilus caeruleus *Wied* III p. 731 (♀).
Nemosia pileata *Burmeister* III p. 158.
Nemosia pileata *Pelzeln* p. 214 (Rio Paraná).
Nemosia pileata Cat. Br. Mus. XI p. 223.

De côr cinzenta em cima, branca em baixo com o vertice preto. Especie do Norte do Brazil, que temos da Bahia.

Mus. Paul. —

75. Nemosia guira (L.).

Guira-guaçu beraba *Marcgrav* p. 212.
Hylophilus guira *Wied* III p. 729.
Nemosia guira *Pelzeln* p. 215 (Rio Paraná).
Nemosia guira Cat. Br. Mus. XI p. 224.

Verde-azeitonado em cima, verde mais claro no lado ventral com o peito e o dorso baixo côr de laranja. A garganta é preta no macho, parda na femea. É especie do Norte do Brazil e da Guyana que Natterer obteve do Rio Paraná, mas que o catalogo do British Museum provavelmente por engano indica do Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

* 76. Nemosia ruficapilla (Vieill.).

Hylophilus ruficeps *Wied* III p. 725.
Nemosia ruficapilla *Burmeister* III p. 161.
Nemosia ruficapilla *Pelzeln* p. 215. (Ypanema).
Nemosia ruficapilla Cat. Br. Mus. XI p. 225 (S. Paulo).

O dorso é verde-azeitonado, o peito e o dorso baixo são de côr amarella. A cabeça é castanha. Especie distribuida desde S. Paulo até Bahia. Existe em Piracicaba segundo me affirmou o Sr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

* 77. Arremon semitorquatus Swains.

Arremon semitorquatus *Burmeister* III p. 223 nota.
Arremon semitorquatus *Pelzeln* p. 217 (Ypanema).
Arremon semitorquatus Cat. Br. Mus. XI p. 277.

Passarinho de côr verde-azeitonada em cima, branco-cinzenta em baixo. A cabeça é preta com uma estria cinzenta no meio e uma fita branca sobre cada olho. No peito

existe uma colleira incompleta de côr preta. Do bico é a maxilla superior preta, a inferior amarella; os encontros são verdes. Especie que temos do Rio Grande do Sul (Nova Hamburgo pelo Sr. *A. Schwartz)* e de S. Paulo; occorre tambem no Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Piquete; Iguape.

78. Diucopis fasciata (Licht.).

Tanagra axillaris *Spix* II p. 41 Pl. 54 fig. 2.
Tanagra fasciata *Wied* III p. 493.
Diuca fasciata *Burmeister* III p. 219.
Diucopis fasciata *Pelzeln* p. 219 (Cemiterio, Irisanga, Itararé).
Diucopis fasciata Cat. Br. Mus. XI p. 279.

Passarinho de côr cinzenta com a garganta branca; as coberteiras externas das azas são pretas com uma facha branca. Especie de S. Paulo e da Bahia que o catalogo do British Musem indica de Pelotas, Rio Grande do Sul, o que parece engano.

Mus. Paul. —

* 79. Saltator magnus (Gm.).

Trinca-ferro (Iguape).

Tanagra magna *Wied* III p. 525.
Saltator magnus *Burmeister* III p. 199.
Saltator magnus *Pelzeln* p. 218.
Saltator magnus Cat. Br. Mus. XI p. 285 (S. Paulo).

Vertice, nuca e dorso de côr verde-azeitonada; em baixo cinzento, a excepção da garganta, que é amarella com uma estria preta de cada lado. Especie que occorre desde São Paulo até Panamá.

Mus. Paul. Piquete; Iguape.

* 80. Saltator similis Lafr. et d'Orb.

Tanagra superciliaris *Wied* III p. 518.
Saltator superciliaris *Burmeister* III p. 200.

Saltator similis *Pelzeln* p. 218 (Matto Dentro, Ypanema, Rio Paraná).
Saltator similis *Berlepsch u. Ihering* p. 121 (25) (S. Paulo).
Saltator similis *Sclater a. Hudson* I p. 41.
Saltator similis Cat. Br. Mus. XI p. 287 (S. Paulo).

Especie parecida a precedente tendo o dorso de côr cinzenta, distribuida desde Corrientes e Rio Grande do Sul até S. Paulo e Bahia.

Mus. Paul. Ypiranga; Rio Grande; Ribeirão Pires.

* 81. Saltator atricollis Vieill.

Tanagra atricollis *Spix* II p. 43 Pl. 56. fig. 2.
Fringilla jugularis *Wied* III p. 558.
Saltator atricollis *Burmeister* III p. 202.
Saltator atricollis *Pelzeln* p. 219 (Irisanga).
Saltator atricollis Cat. Br. Mus. XI p. 293.

Especie distinguida das precedentes pelo bico mais forte, côr de laranja, com a maxilla superior escura em cima, pela garganta e pescoço anterior de côr preta e a barriga amarellenta. Essa especie occorre no Brazil central desde Paraguay e S. Paulo até Bahia e Goyaz.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 82. Orchesticus abeillei (Less.).

Orchesticus occipitalis *Burmeister* III p. 203.
Orchesticus abeillei *Pelzeln* p. 220 (S. Roque).
Orchesticus abeillei Cat. Br. Mus. XI p. 297.

De côr amarello-parda com o vertice bruno, o dorso, as azas e a cauda negras, sendo as rectrizes orladas de amarello. *Natterer* obteve a especie nos Estados de Paraná e S. Paulo, *Burmeister* em Minas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 83. Cissopis major Cab.

Tiétinga; Prebixim (Ypanema); *Anicavara* (Piracicaba).

Bethylus picatus *Wied* III p. 545.
Cissopis major *Burmeister* III p. 204

Cissopis leveriana *Pelzeln* p. 217 (Matto Dentro, Ypanema).

Cissopis leveriana *Berlepsch* I p. 245.

Cissopis major Cat. Br. Mus. VI p. 300.

Especie grande branca, com a cabeça, o pescoço, as azas e a cauda pretas, sendo as pontas das rectrizes brancas. A especie é encontrada desde S.ta Catharina até Bahia e Goyaz. Ás vezes tratam essa especie de gralha, mas por engano.

Mus. Paul. Piquete.

* 84. Schistochlamys capistratus (Wied).

Tanagra capistrata *Spix* II p. 41 Pl. 54 fig. 1.

Tanagra capistrata *Wied* III p. 500.

Schistochlamys leucophaea *Burmeister* III p. 209.

Orchesticus capistratus *Pelzeln* p. 220 (S. Paulo, Ypanema, Sorocaba).

Schistochlamys capistratus Cat. Br. Mus. XI p. 301 (S. Paulo).

Passaro de côr cinzenta em cima, amarellenta em baixo, com á fronte preta. Especie que occorre desde São Paulo até Pernambuco.

Mus. Paul. Ypiranga; Itatiba; Piracicaba.

85. Schistochlamys atra (Gm.).

Tanagra melanopis *Wied* III p. 504.

Schistochlamys melanopis *Burmeister* III p. 209.

Orchesticus ater *Pelzeln* p. 220 (Rio das Pedras).

Tanagra olivina *Pelzeln* p. 210.

Schistochlamys atra Cat. Br. Mus. XI p. 301.

Especie de côr cinzenta com a fronte, cara, garganta e o pescoço anterior pretos, que é encontrada no Brazil central e na Guyana, e que Natterer caçou perto do Rio Grande.

Mus. Paul. —

*** 86, Pitylus fuliginosus (Daud.).**

Bicudo; Bico pimenta (S. Paulo).

Tanagra psittacina *Spix* II p. 44 Pl. 57 fig. 2.
Fringilla gnatho *Wied* III p. 552.
Pitylus coerulescens *Burmeister* III p. 206.
Pitylus fuliginosus *Pelzeln* p. 220 (Matto Dentro Ypanema).
Pitylus fuliginosus *Berlepsch* I p. 245.
Pitylus fuliginosus Cat. Br. Mus. XI p. 304.

Passaro do tamanho do sabiá, fusco-cinzento com a garganta e o peito pretos e com o bico forte, côr de laranja. Especie do Brazil meridional desde Rio Grande do Sul até Bahia. *Pelzeln* diz que esse passaro tem o nome de Guaranisinga em Matto Dentro e de Buchi caraim em Ypanema.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape; Piracicaba.

FAM. FRINGILLIDAE.

*** 87. Guiraca cyanea (L.).**

Gurundi azul; Azulão.

Fringilla Brissonii *Wied* III p. 561.
Coccoborus cyaneus *Burmeister* III p. 237.
Guiraca cyanea *Pelzeln* p. 221 (Pahor, Matto Dentro, Ypanema).
Guiraca cyanea *Sclater a. Hudson* I p. 43 (Catamarca).
Guiraca cyanea Cat. Br. Mus. XII p. 71.

Papa-arroz de côr azul no sexo masculino, pardo-amarella no sexo feminino, distribuido desde Rio Grande do Sul até Venezuela.

Mus. Paul. Piquete; S. Sebastião.

*** 88. Oryzoborus torridus (Scop.).**

Avinhado, Curió (S. Paulo); *Papa-arroz* (Iguape).

Loxia nasuta *Spix* II p. 45 Taf. 58 fig. 1—2.
Fringilla torrida *Wied* III p. 567.
Oryzoborus torridus *Burmeister* III p. 239.

Oryzoborus torridus *Pelzeln* p. 222 (Irisanga, Ypanema).

Oryzoborus torridus Cat. Br. Mus. XII p. 77 (Ypanema).

O macho é preto com o peito e a barriga de côr castanha; a femea fusca em cima, amarellenta em baixo. Esse passarinho é encontrado desde Rio Grande do Sul até Venezuela.

Mus. Paul. Iguape; S. Sebastião.

89. Spermophila plumbea (Wied).

Patativa.

Fringilla plumbea *Wied* III p. 579.

Sporophila plumbea *Burmeister* III p. 242.

Spermophila plumbea *Pelzeln* p. 223 (Itararé, Irisanga).

Spermophila plumbea Cat. Br. Mus. XII p. 97.

Papa-arroz de côr cinzenta com as azas e a cauda pretas e uma mancha branca nas azas, que é encontrado desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. —

* 90. Spermophila superciliaris Pelzeln.

Papa-arroz.

Spermophila superciliaris *Pelzeln* p. 223 e 330 (Matto Dentro, Rio Paraná).

Sporophila euleri *Cabanis* Journal für Ornithologie 1874 p. 84.

Spermophila superciliaris *Berlepsch u. Ihering* p. 122 Taf. VII).

Spermophila superciliaris Cat. Br. Mus. XII p. 99.

Papa-arroz, um dos maiores, verde-azeitonado em cima, esbranquecido no lado ventral com uma estria branca sobre o olho e com duas fachas amarellas na aza. Especie do Brazil meridional desde Rio Grande do Sul até São Paulo, que ás vezes tem feito bastante estragos nas plantações de arroz no Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 91. Spermophila nigroaurantia (Bodd.).

Caboclinho.

Loxia brevirostris *Spix* II p. 47 Pl. 59 fig. 1—2.
Fringilla pyrrhomelas *Wied* III p. 586.
Sporophila aurantia *Burmeister* III p. 250.
Spermophila aurantia *Pelzeln* p. 226 (Taubaté, São Paulo, Itararé).
Spermophila nigroaurantia Cat. Br. Mus. XII p. 113.

O macho é de côr castanho-parda com o vertice, as azas e a cauda pretas. A femea é de côr parda, mais clara e amarellenta no lado ventral. Essa especie é encontrada desde S. Paulo até Pará.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 92. Spermophila pileata Scl.

Colleira do brejo.

Sporophila alaudina *Burmeister* III p. 251 (Montevideo).
Spermophila pileata *Pelzeln* p. 226 (S. Paulo. Itararé, Irisanga).
Spermophila pileata Cat. Br. Mus. XII p. 115.

Especie muito parecida á precente, tendo o lado ventral branco, conhecida do Brazil meridional. O bico é preto, sendo fusco na S. nigroaurantia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

93. Spermophila cucullata (Bodd.).

Fringilla atricapilla *Wied* III p. 569.
Sporophila pectoralis *Burmeister* III p. 247.
Spermophila cuculata *Pelzeln* p. 223 (Rio Paraná).
Spermophila cucullata Cat. Br. Mus. XII p. 117.

Fusco em cima com a cabeça preta, branco ou amarellento no lado ventral com uma faxa transversal no peito de côr preta. Especie da Guyana e do Norte do Brazil, encontrada por *Natterer* no Rio Paraná. A variedade de barriga branca que occorre no Rio de Janeiro é mencionada pelo catalogo do Brit. Mus. como Sp. polionata, sendo

synonymos Sp. collaria *Burmeister* III p. 246 e Sp. atricapilla *Pelzeln* (nec *Wied).*

Mus. Paul. —

* **94. Spermophila caerulescens (Bonn. et Vieill.).**

Colleira; Tia-tam (Iguape); *Papa-capim* (S. M. do Paraizo).

Fringilla leucopogon *Wied* III p. 572.
Sporophila ornata *Burmeister* III p. 243.
Spermophila ornata *Pelzeln* p. 224 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Spermophila caerulescens *Sclater a. Hudson* I p. 46.
Spermophila caerulescens *Berlepsch* I p. 246.
Spermophila caerulescens Cat. Br. Mus. XII p. 126.

O macho é de côr cinzenta em cima, branco em baixo, com a fronte, a garganta e uma faxa sobre o peito pretas; a femea tem essas côres mais pallidas. Especie commum desde o Rio da Prata até a Bahia.

Mus. Paul. Piquete; Iguape; S. Sebastião; S. Paulo.

* **95. Spermophila gutturalis (Licht.).**

Loxia ignobilis *Spix* II p. 46 Taf. 60 fig. 3.
Loxia plebeja *Spix* II p. 46 Taf. 59 fig. 3.
Fringilla melanocephala *Wied* III p. 577.
Sporophila gutturalis *Burmeister* III p. 244.
Spermophila gutturalis *Pelzeln* p. 225 (Resáca).
Spermophila gutturalis Cat. Br. Mus. XII p. 128.

O macho é verde-cinzento em cima, verde-amarello em baixo, tendo cabeça, garganta e peito de côr preta. Especie dos campos do Norte do Brazil e da Venezuela que occorre no Rio de Janeiro e S. Paulo, sendo o nosso exemplar da Bahia.

Mus. Paul. —

* **96. Spermophila lineola (L.).**

Papa-capim colleiro (Piracicaba).

Sporophila lineola *Burmeister* III p. 248.
Spermophila lineola *Pelzeln* p. 224 (Rio Paraná).

Spermophila lineola Cat. Br. Mus. XII p. 131.

O macho é preto em cima, branco em baixo, tendo uma estria branca larga no vertice e outra em baixo de cada olho; a garganta é preta. Especie do Norte do Brazil.

Mus. Paul. Piracicaba.

97. Spermophila melanogaster Pelzeln.

Spermophila melanogaster *Pelzeln* p. 225 (Itararé, Resáca).

Spermophila melanogaster Cat. Br. Mus. XII p. 140.

Este papa-arroz é de côr cinzenta em cima, preta em baixo. Parece ter sido encontrado só no Est. de S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 98. Volatinia jacarini (L.).

Tia-tam preto (Iguape); *Tizio* (S. Paulo); *Guerin* (Piracicaba).

Fringilla splendens *Wied* III p. 597.

Volatinia jacarina *Burmeister* III p. 234.

Volatinia jacarina *Pelzeln* p. 226 (Ypanema, Itararé).

Valatinia jacarini Cat. Br. Mus. XII p. 152.

Especie distribuida desde S. Paulo até a America Central, de côr preta com lustro de azul-aço. É especie conhecida pelo seu costume de levantar-se do logar onde se assentou á distancia de alguns palmos por occasião de cantar. Em diversos logares é conhecida sob diversas denominações como jacarini, serra-serra, alfaiate etc.

Mus. Paul. Piquete; S. Sebastião.

* 99. Chrysomitris icterica (Licht.).

Pintasilgo.

Fringilla campestris *Spix* II p. 48 Taf. 61 fig. 3.

Fringilla magellanica *Wied* III p. 620.

Chrysomitris magellanica *Burmeister* III p. 255.

Chrysomitris icterica *Pelzeln* p. 231 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).

Chrysomitris icterica *Sclater a. Hudson* I p. 64.

Chrysomitris icterica Cat. Br. Mus. XII p. 217 (São Paulo).

O pintasilgo é de côr verde em cima, verde-amarello em baixo; o macho tem a cabeça preta. Especie das Republicas platinas, do Chile e do Brazil meridional até Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

* 100. Sycalis flaveola (L.).

Canario da terra.

Guiranheem-gatu *Marcgrav* p. 211.
Fringilla brasiliensis *Spix* II p. 47 Taf. 61 fig. 1—2.
Fringilla brasiliensis *Wied* III p. 614.
Sycalis brasiliensis *Burmeister* III p. 253.
Sycalis flaveola *Pelzeln* p. 231 (Ypanema).
Sycalis flaveola Cat. Br. Mus. XII p. 377 (S. Paulo).

Esse canario, o maior entre varias especies parecidas, é no sexo masculino verde-amarello em cima com a fronte e o vertice côr de laranja e o lado ventral amarello-claro. A femea tem as costas pardo-cinzentas, o peito amarello, a garganta e a barriga brancas e os lados da barriga estriados com manchas escuras. Essa especie occorre em S. Paulo, Rio de Janeiro etc. até Venezuela, mas falta no Rio Grande do Sul — devendo ser falsa a indicação «Pelotas» do Cat. Br. Mus. — e na Rep. Argentina.

Existe outra especie de canario, pouco menor, tendo no lado inferior as remiges orladas de amarello como S. flaveola, mas o macho tem o lado do peito munido de manchas fuscas e a femea carece da faxa amarella que transversalmente percorre o peito na especie S. flaveola e da côr amarella do crisso. Esta segunda especie é Sycalis pelzelni Sclater (cf. *Berlepsch u. Ihering* p. 125; Cat. Br. Mus. XI p. 380), especie do Rio da Prata e do Rio Grande do Sul, da Bolivia e do planalto central do Brazil que não é encontrada no litoral desde Bahia até Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. S. Sebastião; Piquete.

*** 101. Sycalis arvensis Kittl. var. minor Cab.**

Sycalis hilarii *Burmeister* III p. 254.
Sycalis hilarii *Pelzeln* p. 232.
Sycalis minor *Pelzeln* p. 232.
Sycalis arvensis var. minor Cat. Br. Mus. XII p. 384.

Especie menor com o lado inferior da aza cinzenta, em cima pardo-cinzento, em baixo amarello. Esse pequeno canario está distribuido desde a Rep. Argentina até Bolivia, Perú e planalto central do Brazil. O nosso exemplar do Ypiranga talvez represente especie nova.

Mus. Paul. Ypiranga.

*** 102. Zonotrichia pileata (Bodd.).**

Tico-tico.

Tanagra ruficollis *Spix* II p. 39 Pl. 53 fig. 3.
Zonotrichia matutina *Wied* III p. 623.
Zonotrichia matutina *Burmeister* III p. 229.
Zonotrichia pileata *Pelzeln* p. 229 (Ypanema).
Zonotrichia pileata Cat. Br. Mus. XII p. 610.

O Tico-tico está espalhado desde a Patagonia e Chile até o Mexico.

Mus. Paul. Ypiranga; S. Sebastião.

*** 103. Haplospiza unicolor (Lich.).**

Pichochó (Iguape).

Phrygilus unicolor *Burmeister* III p. 232.
Haplospiza unicolor *Pelzeln* p. 227 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Cubatão).
Haplospiza unicolor *Berlepsch u. Ihering* p. 128 Taf. VIII fig. 1—2.
Haplospiza unicolor Cat. Br. Mus. XII p. 626.

O colorido é mais ou menos uniforme negro-cinzento no sexo masculino, verdoengo no sexo feminino. É especie do Brazil meridional, desde o Rio da Prata e Rio Grande do Sul até S. Paulo. Occorre em Iguape, em abundancia, prejudicando as plantações de arroz.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

104. Poospiza assimilis Cab.

Paospiza lateralis *Burmeister* III p. 215 (S. Paulo).
Paospiza Cabanisi *Burmeister* III p. 215.
Poospiza lateralis *Pelzeln* p. 228.
Poospiza assimilis *Pelzeln* p. 229.
Poospiza assimilis *Berlepsch u. Ihering* p. 123.
Poospiza assimilis Cat. Br. Mus. XII p. 644.

Em cima na cabeça e no pescoço cinzento, nas costas e no sobrecú pardo; o peito é amarello, a barriga branca no meio, castanha nos lados, a garganta cinzenta. As duas rectrizes externas têm na ponta uma mancha branca. A especie affim P. lateralis Nordm. (nec Burm.) é distinguida pela garganta amarellenta e uma estria branca no loro. E' certo que P. assimilis é especie do Norte da Argentina e do Rio Grande do Sul e parece que P. lateralis é especie do Rio de Janeiro. Nada consta sobre exemplares de S. Paulo, a excepção da noticia de *Burmeister* referente-se provavelmente a P. assimilis.

Mus. Paul. —

105. Poospiza thoracica (Nordm.).

Paospiza thoracica *Burmeister* III p. 217.
Poospiza thoracica *Pelzeln* p. 229.
Poospiza thoracica Cat. Br. Mus. XII p. 634.

Passarinho de côr verde-cinzenta nas costas, pardo-vermelho no peito, nos lados da barriga e no crisso; a garganta e a barriga no meio são brancas. E' passaro da Bahia e do Rio de Janeiro do que *Burmeister* diz que pertence tambem ás regiões mais ao Sul do Brazil, o que me confirmou o Sr. R. Krone que o obteve em Iguape.

Mus. Paul. —

* 106. Ammodromus manimbe (Licht.).

Fringilla manimbe *Wied* III p. 600.
Coturniculus manimbe *Burmeister* III p. 228.
Coturniculus manimbe *Pelzeln* p. 230 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).

Ammodromus manimbe Cat. Br. Mus. XII p. 691.

Passarinho dos campos, de côr pardo-cinzenta, distinguido pela côr amarella do loro e dos encontros. Especie distribuida desde Montevideo até Venezuela. O Sr. Valencio Bueno observou a especie em Piracicaba, o Sr. Krone em Iguape.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 107. Coryphospiza albifrons (Vieill.).

Poospiza oxyrhyncha *Pelzeln* p. 229 (Curityba).

Donacospiza albifrons *Pelzeln* p. 231, nota.

Donacospiza albifrons *Sclater a. Hudson* I p. 49.

Coryphospiza albifrons Cat. Br. Mus. p. 766.

De côr cinzento-parda em cima, amarellenta em baixo, com uma estria amarellenta na região loral. Especie do Brazil meridional desde o Rio da Prata até Curityba e que entra tambem no Est. de S. Paulo.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Piracicaba.

108. Coryphospiza melanotis (Temm.).

Emberizoides melanotis *Burmeister* III p. 226 (São Paulo).

Emberizoides melanotis *Pelzeln* p. 230 (Ypanema, Mogy Mirim).

Coryphospiza melanotis Cat. Br. Mus. XII p. 767.

Pardo-cinzento em cima, esbranquecido em baixo com o vertice e os lados do peito pretos e com uma estria branca sobre o olho. Os encontros são amarellos, a cauda é comprida. Especie do Brazil meridional.

Mus. Paul. —

* 109. Emberizoides macrurus (Gm.).

Canario do campo (Piracicaba).

Emberizoides macrurus *Burmeister* III p. 225.

Emberizoides sphenurus *Pelzeln* p. 230 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).

Emberizoides sphenurus *Sclater a. Hudson* I p. 63.
Emberizoides macrurus var. herbicola (Vieill) Cat. Br. Mus. XII p. 769.

Passarinho não pequeno caracterisado pela cauda comprida com as rectrizes pontagudas. De côr pardo-cinzenta com malhas pretas em cima, branco-cinzenta em baixo; os encontros são verdes em cima, amarellos no lado inferior. As coberteiras inferiores da cauda são uniformes em E. sphenurus, munidas de orlas desbotadas em E. macrurus — differenças que não justificam a separação de duas especies, mas que correspondem á distribuição geographica, representando E. sphenurus a variedade do Brazil e a outra fórma a da Venezuela.

Mus. Paul. S. Paulo; Cachoeira.

* 110. Pseudochloris citrina (Pelz.).

Sycalis citrina *Pelzeln* p. 233 e 333 (Itararé).
Pseudochloris citrina Cat. Br. Mus. XII p. 778.

Canario um pouco maior do que as especies de Sycalis, distinguido pelas manchas brancas nas pontas das duas rectrizes exteriores de cada lado. Especie da Guyana e do Brazil, encontrada por *Natterer* nos Estados de S. Paulo e Paraná.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 111. Coryphosphingus cristatus Gm.

Cardeal; Tico-tico-rei (Piracicaba).

Coryphosphingus cristatus *Burmeister* III p. 213.
Coryphosphingus cristatus *Pelzeln* p. 228 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Coryphosphingus cristatus Cat. Br. Mus. XII p. 803.

Pardo-vermelho nas costas, vermelho na barriga; o macho tem no vertice um topete de pennas alongadas vermelho-escarlates. Especie do Norte do Brazil, da Guyana e da Bolivia, que foi indicada tambem do Rio Grande do Sul, talvez por engano. C. pileatus Wied não occorre no Estado de S. Paulo.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba; S. Carlos do Pinhal,

112. Tiaris ornata Wied.

Fringilla ornata *Wied* III p. 610.
Tiaris ornata *Burmeister* III p. 257.
Tiaris ornata *Pelzeln* p. 228 (Nas Lages).
Tiaris ornata Cat. Br. Mus. XII p. 807.

Passarinho dos campos, cinzento, com o vertice, a garganta, pescoço anterior, as azas e a cauda de côr preta. Especie do Norte do Brazil, que Natterer obteve perto de Araraquara.

Mus. Paul. —

FAM. ICTERIDAE.

* 113. Ostinops decumanus (Pall.).

Japu; Japu-guaçu.

Cassicus cristatus *Wied* III p. 1220.
Cassicus cristatus *Burmeister* III p. 275.
Ostinops cristatus *Pelzeln* p. 191 (Matto Dentro, Ypanema).
Ostinops decumanus Cat. Br. Mus. XI p. 315 (Ypanema).

A especie maior, preta, com o sobrecú e o crisso de côr castanha e a cauda amarella, a excepção das duas rectrizes do meio que são pretas; o bico é branco. Essa especie é encontrada desde S.ta Catharina até a America Central. O Sr. Valencio Bueno observou esse japu em Piracicaba.

Mus. Paul. Piquete.

* 114. Cassicus albirostris Vieill.

Soldado; melro.

Cassicus albirostris *Burmeister* III p. 272.
Cassiculus albirostris *Pelzeln* p. 193 (Butuhuru, perto de Mogy das Cruzes).
Cassicus albirostris Cat. Br. Mus. XI p. 323 (S. Paulo).

É o conhecido soldado, preto, com o sobrecú e os encontros amarellos e o bico branco. Especie do Brazil me-

ridional desde o Rio Grande do Sul até Paraguay e Goyaz. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba. Passaro muito parecido e chamado tambem soldado é Icterus pyrrhopterus Vieill., distinguindo-se entretanto bem pelo bico que é alargado na base ou na fronte no genero Cassicus, sendo estreito no genero Icterus.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 115. Cassicus haemorrhous (L.).

Guache (S. Paulo); *Japuira* (Iguape).

Japira *Marcgrav* p. 193.
Cassicus haemorrhous *Wied* III p. 1230.
Cassicus haemorrhous *Burmeister* III p. 274.
Cassicus haemorrhous *Pelzeln* p. 193 (Rio Tibaya, Tijuca, Serra de Cubatão).
Cassicus haemorrhous Cat. Br. Mus. XI p. 324 (São Paulo).

O guache é preto com o dorso baixo e o sobrecú de côr vermelho-escarlate e o bico amarello. A especie occorre desde S.ta Catharina até Pernambuco. E' commum em Piracicaba, vivendo em bandos.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 116. Cassidix oryzivora (Gm.).

Cassicus niger *Wied* III p. 1241.
Scaphidurus ater *Burmeister* III p. 278.
Cassidix ater *Pelzeln* p. 201 (Ypanema, Rio Paraná).
Cassidix oryzivora *Berlepsch* I p. 251.
Cassidix oryzivora Cat. Br. Mus. XI p. 329.

Passaro preto cóm lustro azul, distinguido pelas pennas alongadas da nuca no sexo masculino, que occorre desde S.ta Catharina até o Mexico.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 117. Molothrus bonariensis (Gm.).

Chopim (S. Paulo, Piracicaba); *Vira-bosta* (Iguape).

Icterus minor *Spix* I p. 67 Taf. 63 fig. 2.
Icterus violaceus *Wied* III p. 1212.
Molobrus sericeus *Burmeister* III p. 279.
Molothrus sericeus *Pelzeln* p. 200 (Ypanema, Itararé).
Molothrus bonariensis *Berlepsch* I p. 249.
Molothrus bonariensis *Sclater a. Hudson* I p. 72.
Molothrus bonariensis Cat. Br. Mus. XI p. 335.

O macho é preto com lustro de azul-aço, a femea é negro-fusca. É chamado aqui chopim, mas no Rio Grande do Sul e como *Goeldi* diz tambem no Rio de Janeiro vira-bosta, sendo aqui o vira-bosta Aphobus chopi que no Rio Grande do Sul é o anum. O chopim, muito conhecido pelo seu costume de pôr os seus ovos nos ninhos dos tico-ticos e outros passarinhos, está distribuido desde a Pagonia até Amazonas.

Mus. Paul. Tieté; Itatiba; Ilha de S. Sebastião; Iguape.

118. Agelaeus cyanopus Vieill.

Agelaeus cyanopus *Pelzeln* p. 196 (Rio Paraná).
Agelaeus cyanopus Cat. Br. Mus. XI p. 345.

Especie de côr uniforme, escura, do Paraguay e Matto Grosso que *Natterer* encontrou no Porto do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

119. Agelaeus ruficapillus Vieill.

Chrysomus frontalis *Burmeister* III p. 267.
Dolichonyx ruficapillus *Pelzeln* p. 199 (Rio Paraná).
Agelaeus ruficapillus *Sclater a. Hudson* I p. 99.
Agelaeus frontalis Cat. Br. Mus. XI p. 347.
Agelaeus ruficapillus Cat. Br. Mus. XI p. 347.

Especie de côr preta, com o vertice e a garganta castanhos, distribuida desde o Rio da Prata até a Guyana. Creio que *Pelzeln* tem razão rejeitando a separação em duas « especies » conforme a extensão da côr castanha

sobre maior ou menor parte do pescoço anterior. Os exemplares do Rio Paraná com toda probabilidade devem assemelhar-se aos do Paraguay.

Mus. Paul. —

* 120. Pseudoleistes guirahuro (Vieill.).

Chopim do brejo.

Icterus atro-olivaceus *Wied* III p. 1216.
Leistes viridis *Burmeister* III p. 264.
Pseudoleistes viridis *Pelzeln* p. 198 (Itararé, Rio Paraná).
Pseudoleistes guirahuro Cat. Br. Mus. XI p. 352.

Passaro de côr parda com o peito, a barriga e os encontros amarellos. É amarello tambem o dorso baixo e o sobrecú, que é da côr das costas na especie affim P. virescens do Rio Grande do Sul. P. guirahuro é especie do Paraguay e do Brazil meridional. Recebemos um exemplar dos Campos de Itapetininga, onde vive nos brejos. Enviou-o o Sr. major Cornelio Vieira de Camargo em Tatuhy.

Mus. Paul. Itapetininga.

* 121. Icterus pyrrhopterus (Vieill.).

Encontro. Soldado de bico preto.

Hyphantes pyrrhopterus *Pelzeln* p. 194 (Rio Paraná).
Icterus pyrrhopterus *Sclater a. Hudson* I p. 107.
Icterus pyrrhopterus Cat. Br. Mus. XI p. 368.

De côr preta, com os encontros castanhos ou laranjo-escuros; o bico é preto. Esta especie é da Bolivia, do Paraguay e Matto Grosso. *Natterer* obteve-a no Rio Paraná e o Sr. *Valencio Bueno* affirmou-me que existe tambem nos arredores de Piracicaba, dizendo que é mais commum que Cassicus albirostris e canta melhor. O ninho é o mesmo como na especie mencionada.

Sclater no catalogo do British Museum refere a essa especie Xanthornus pyrrhopterus *Burmeister* (La Plata II p. 493) e considera Xanthornus chrysopterus *Burmeister*

(III p. 271) como synonymo de Icterus cayanensis *L.* e de sua variedade tibialis *Sw.*, mas eu acredito que *Burmeister* confundiu aqui duas especies. Dizendo elle que X. chrysopterus é ave de S. Paulo e S.ta Catharina acredito que isso se refira a Agelaeus thilius Mol., em parte. Seja como fôr essa synonymia confusa, não temos aqui no litoral de S. Paulo este «encontro», mas sim entre Piracicaba e Rio Paraná. Agelaeus thilius Mol. é identico no colorido, mas differente no bico que é depresso ou achatado na base. Icterus tibialis *Sw.* do Rio de Janeiro talvez occorra em S. Paulo, mas por ora não tenho prova disso.

Noto que nem o checheu (Cassicus persicus L.) nem o corrupião (Icterus jamacai Gm.) occorrem em S. Paulo, sendo encontrados só no Norte do Brazil, especialmente no Estado do Ceará.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 122. Aphobus chopi (Vieill.).

Vira-bosta (S. Paulo, Piracicaba); *Chopim* (Iguape).

Icterus sulcirostris *Spix* I p. 67 Taf. 64 fig. 2.
Icterus unicolor *Wied* III p. 1208.
Psarocolius unicolor *Burmeister* III p. 281.
Agelaius chopi *Pelzeln* p. 195 (Ypanema, Matto Dentro, Rio Paraná).
Aphobus chopi *Sclater a. Hudson* I p. 108.
Aphobus chopi Cat. Br. Mus. XI p. 405 (S. Paulo).

Passaro preto distinguido pelas pernas estreitas e pontagudas da cabeça e pelos sulcos obliquos do bico, que é encontrado no Norte da Rep. Argentina, no Rio Grande do Sul, Paraguay, Bolivia como em S. Paulo e Rio de Janeiro. E' passaro que prejudica a lavoura tirando do chão sementes que se plantou obtendo, por essa razão, em certos logares, o nome de arranca-milho.

Mus. Paul. Ilha de S. Sebastião.

FAM. CORVIDAE.

* 123. Cyanocorax chrysops (Vieill.).

Gralha do matto.

Cyanocorax pileatus *Burmeister* III p. 284.
Cyanocorax pileatus *Pelzeln* p. 189 (Itararé, Lages, Rio Paraná).
Cyanocorax chrysops *Sclater a. Hudson* I p. 110.
Cyanocorax chrysops Cat. Br. Mus. III p. 120.

Gralha azul com a fronte, garganta e pescoço anterior pretos, com o peito, a barriga e as pontas das rectrizes brancas. É especie do Paraguay que alcança o Estado oriental e parte de S. Paulo. A côr da barriga, que é amarello-branca e duas malhas de azul-claro em cima e em baixo do olho, distinguem essa especie da Uroleuca cyanoleuca que é especie maior e do campo, preferindo esta as mattas. Ambas as especies vivem no interior do Estado, faltando na zona litoral. O Sr. *A. Hummel* observou essa gralha em S. Manoel, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba onde, porém, devido aos caçadores agora já não existe mais.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 124. Cyanocorax coeruleus (Vieill.).

Gralha.

Coronideus coeruleus *Burmeister* III p. 287.
Cyanocorax azureus *Pelzeln* p. 191 (Itararé).
Cyanocorax heckelii *Pelzeln* p. 191 (Paranaguá).
Cyanocorax coeruleus *Sclater a. Hudson* I p. 110.
Cyanocorax coeruleus Cat. Br. Mus. III p. 126.

Gralha azul, com a cabeça preta. Em exemplares de Paranaguá com as pennas da fronte erectas e a cabeça de côr negro-fusca *Pelzeln* baseou nova especie (C. heckeli). Tendo essa especie do Rio Grande do Sul, de Curityba e de Iguape que é situado perto de Paranaguá não posso ver razão para distinguir duas especies. No Est. de São

Paulo essa especie foi observada só perto da divisa com o Est. do Paraná. Sendo, porem, C. coeruleus especie do Paraguay é provavel que exista tambem na região occidental do Est. de S. Paulo. Que existe no municipio de Apiahy sei por informação do Sr. major Cornélio Vieira de Camargo.

Mus. Paul. Iguape.

*** 125. Uroleuca cyanoleuca (Wied.).**

Gralha do campo.

Corvus cristatella *Wied* III p. 1251.
Uroleuca cristatella *Burmeister* III p. 286.
Cyanocorax cyanoleucus *Pelzeln* p. 189 (Matto Dentro, Ypanema).
Uroleuca cyanoleuca Cat. Br. Mus. III p. 137.

Essa gralha, que é dos campos do Brazil central, distingue-se das precedentes pelas azas compridas que se extendem até a metade da cauda, sendo as azas mais compridas do que a cauda. A cabeça, a nuca e o dorso alto são negro-fuscos, o peito, a barriga e as pontas das rectrizes são brancas. A aza extende-se pois até ao principio da parte branca da cauda nessa especie, attingindo apenas o principio da cauda na outra gralha parecida (C. chrysops). O Sr. Valencio Bueno observou essa especie em Piracicaba, onde, porém, é rara.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

2. Sub-ordem. Clamatores.

Sob a denominação de Clamatores, ou Passeres mesomyodi, entendem-se os passaros que têm os musculos do orgão da voz fixados no meio dos anneis incompletos dos bronchios. Entre elles distinguem-se duas divisões *Oligomyodae* assemelhando-se na estructura do orgão da voz ou do syrinx aos Oscines, differindo delles pelo nu :

mero reduzido de musculos e *Trachéophones* que não têm, como os outros, os bronchios modificados em fórma de syrinx, mas a parte inferior da trachea.

Entre os caracteres distinctivos que, sem exame anatomico, podem ser observados, merecem attenção especial o bico e os tarsos. Ao contrario do que se observa nos passaros cantadores faltam as laminas compridas, das quaes de cada lado uma cobre o lado posterior do tarso. A parte anterior do tarso está coberta por 6—8 escudos separados ou mais ou menos concrescidos, que nas differentes familias mostram modificações diversas. *Taxaspideano* chama-se o tarso, quando os escudos da parte anterior de ambos os lados extendem-se até a metade do lado, deixando livre a parte posterior que é coberta por escudinhos pequenos. *Exaspideano* é o tarso, quando os escudos grandes da parte anterior lateralmente se extendem sobre a metade do lado interior e sobre todo o lado exterior do tarso, de modo que uma zona nua ou não coberta por estes escudos é situada no lado interior do tarso. *Endaspideano* é o tarso, quando se dá o caso opposto, que os escudos anteriores cobrem todo o lado interior deixando a zona nua da planta no lado exterior do tarso. O tarso é exaspideano nas familias Tyrannidae, Oxyrhamphidae, Pipridae e Conopophagidae; endaspideano na familia Dendrocolaptidae; taxaspideano nas familias Formicariidae, Pteroptochidae e Cotingidae.

Na familia Pipridae os dous dedos exteriores são unidos por concrescencia até á segunda articulação.

O bico é paragnatho na familia Dendrocolaptidae, epignatho nas outras familias. A base do bico é muitas vezes, especialmente entre os tyrannidos, munida de cerdas rijidas.

Na familia dos tyrannidos ha muitos passaros geralmente conhecidos como o Bemtivi, Siriri, Tesoura etc., quasi todos vivendo de insectos. Nas familias das Pipridae da qual fazem parte as tangaras, e das Cotingidae, á qual pertencem o araponga, o pavão, corocochó etc. prevalece a alimentação por bagas e fructas do matto. Os membros

das familias Dendrocolaptidae, a qual pertencem o João de barro e os arapaçús, e os das Formicariidae, que contem as papa-formigas e borralharas, vivem quasi exclusivamente de insectos. Ha entre elles alguns grupos de passaros que vivem no chão, virando as folhas na procura de insectos como o pincha-cisco e os tovacas, a maior parte, porem, desses passaros, exclusivamente sul-americanos, vive no interior do matto virgem, muitos entre elles trepam com habilidade nos troncos das árvores como os pica-páos dos quaes entretanto são distinguidos com facilidade, tendo tres dedos anteriores e um virado para traz, ao contrario do que se dá entre os pica-páos e outras aves trepadoras, que têm dos quatro dedos dous dirigidos para diante e dous para traz.

Divisão I. Oligomyodae.

FAM. TYRANNIDAE.

Subfam. 1. Taeniopterinae.

* **126. Taenioptera nengeta (L.).**
Pombinho das almas (Piracicaba).

Muscicapa polyglotta *Spix* II p. 18 Pl. 2.
Muscicapa polyglotta *Wied* III p. 862.
Taenioptera nengeta *Burmeister* II p. 516.
Taenioptera nengeta *Pelzeln* p. 97 (Taubaté, Matto Dentro, Ypanema).
Taenioptera nengeta *Sclater a. Hudson* I p. 114.
Taenioptera nengeta Cat. Br. Mus. XIV p. 11.

Passaro do tamanho do sabiá que habita os campos do interior do Brazil, da Republica Argentina, do Paraguay e da Bolivia. É de côr cinzenta, com as azas e a cauda pretas, a garganta e o crisso brancos. Em baixo do olho corre uma estria preta. As rectrizes e as remiges são, na base, brancas. As pontas das rectrizes são brancacentas. O Sr. Valencio Bueno caçou essa especie em Piracicaba.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 127. Taenioptera velata (Licht.).

Muscicapa velata *Spix* II p. 17 Pl. 22.
Muscicapa velata *Wied* III p. 859
Taenioptera velata *Burmeister* II p. 516.
Taenioptera velata *Pelzeln* p. 97 (Irisanga, Rio das Pedras, Rio Paraná).
Taenioptera velata Cat. Br. Mus. XIV p. 12.

Especie parecida a precedente tendo a cabeça de côr brancacenta; a fronte, a garganta e o lado inferior brancos. Especie dos campos do Brazil e da Bolivia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

128. Taenioptera irupero (Vieill.).

Muscicapa nivea *Spix* II p. 20 Pl. 29 fig. 1.
Taenioptera moestra *Burmeister* II p. 517 (S. Paulo).
Taenioptera irupero *Sclater a. Hudson* I p. 118.
Taenioptera irupero Cat. Br. Mus. XIV p. 13.

Especie toda branca com as primeiras remiges e as pontas da cauda pretas. É especie das republicas platinas e da Bolivia que *Burmeister* menciona como vivente em S. Paulo, observação que, por ora, não posso confirmar. Provavelmente ha nisso engano, visto que nem Natterer ou eu, nem os Srs. Krone e Valencio Bueno observaram essa especie.

Mus. Paul. —

* 129. Arundinicola leucocephala (L.).

Viuva; Velhinha (S. Manoel do Paraizo); *Velho* (Iguape).

Muscicapa dominicana *Spix* II p. 21 Pl. 29 fig. 2 (♂) e Pl. 30 fig. 2 (♀).
Muscicapa leucocephala *Wied* III p. 822.
Arundinicola leucocephala *Burmeister* II p. 512.
Arundinicola leucocephala *Pelzeln* p. 98.
Arundinicola leucocephala *Sclater a. Hudson* I p. 122.
Arundinicola leucocephala Cat. Br. Mus. XIV p. 37.

Especie, menor do tamanho do tico-tico. O macho é preto com a cabeça branca. A femea é cinzenta com a fronte, a garganta e o pescoço anterior brancos e com a cauda preta. A especie é encontrada desde Corrientes até Venezuela.

Mus. Paul. Piquete; Iguape.

* 130. Alectrurus tricolor Vieill.

Gallito.

Muscicapa alector *Wied* III p. 874 (Rio G. do Sul).
Alectrurus tricolor *Burmeister* II p. 511 (S. Paulo).
Alectorurus tricolor *Pelzeln* p. 98 (Itararé, Ypanema).
Alectrurus tricolor *Sclater a. Hudson* I p. 122.
Alectrurus tricolor Cat. Br. Mus. XIV p. 39.

Passarinho distinguido no sexo masculino pela fórma abnorme das duas pennas medianas do rabo que são muito mais largas do que as outras e por essa razão dispostas verticalmente como as do gallo. O macho é preto com a garganta e a barriga brancas. A femea, que é de côr pardo-amarella, não tem a singularidade descripta da cauda. Especie notavel descoberta por Azara no Paraguay que occorre desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo e Minas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 131. Cybernetes yetapa (Vieill.).

Tesoura do campo.

Gubernetes yiperu *Burmeister* II p. 509.
Muscicapa longicauda *Spix* II p. 14 Pl. 17 (S. Paulo).
Cybernetes yetapa *Pelzeln* p. 99 (Matto Dentro, Irisanga, Mogy das Cruzes, Rio Paraná).
Cybernetes yetapa *Sclater a. Hudson* I p. 124.
Cybernetes yetapa Cat. Br. Mus. XIV p. 40.

A cauda em fórma de tesoura com as duas rectrizes exteriores extremamente compridas caracterisam bem essa especie e o genero do qual é o unico representante. É passaro grande, de côr cinzenta, com as azas e a cauda pretas e

a garganta branca orlada de castanho. Especie do Brazil meridional e da Bolivia. Perto de Piracicaba não existe essa especie segundo me disse o Sr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 132. Sisopygis icterophrys (Vieill).

Suiriri.

Muscicapa chrysochloris *Wied* III p. 793.
Taenioptera icterophrys *Burmeister* II p. 518.
Sisopygis icterophrys *Pelzeln* p. 98 (Ypanema).
Sisopygis icterophrys *Sclater a. Hudson* I p. 125.
Sisopygis icterophrys Cat. Br. Mus. XIV p. 41.

Este suiriri prefere a capoeira. É de côr verde-azeitonada em cima com as azas e a cauda escuras, amarella em baixo. E' de côr amarella tambem uma faxa que corre sobre o olho. Esta especie é encontrada desde Buenos Ayres até Bolivia e Bahia.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete.

* 133. Cnipolegus comatus (Licht.).

Muscicapa galeata *Spix* II p. 20 Pl. 27 (♂) (S. Paulo).
Muscicapa comata *Wied* III p. 819.
Cnipolegus comatus *Burmeister* II p. 513.
Cnipolegus comatus *Pelzeln* p. 98 (Itararé).
Cnipolegus comatus Cat. Br. Mus. XIV p. 43.

Passarinho todo preto em ambos os sexos, distinguido pelo topete que tem no vertice. As remiges são brancas na base. O bico é preto. E' passarinho dos campos do Brazil meridional. O Sr. Valencio Bueno disse-me que perto de Piracicaba não observou essa especie nem outras desse genero.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 134. Cnipolegus cyanirostris (Vieill.).

Cnipolegus cyanirostris *Pelzeln* p. 98 (Ypanema, Cemiterio).

Cnipolegus cyanirostris *Berlepsch u. Ihering* p. 128 (Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro).

Cnipolegus cyanirostris *Sclater a. Hudson* I p. 127.

Cnipolegus cyanirostris Cat. Br. Mus XIV p. 46.

Especie menor do que a precedente e sem topete. O macho é preto, a femea parda; o bico é cinzento, os pés são de côr parda. Especie do Brazil meridional, da Argentina e do Paraguay.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

135. Cnipolegus nigerrimus (Vieill.).

Muscicapa galeata *Spix* II p. 20 Pl. 28 fig. 1 (♀) (S. Paulo).

Cnipolegus nigerrimus *Pelzeln* p. 98.

Cnipolegus nigerrimus Cat. Br. Mus. XIV p. 43.

Parecido a C. comatus. E' menor com o topete pouco desenvolvido e o bico cinzento-azul. Os pés são pretos. A femea que na especie C. comatus não differe do macho tem na especie presente a garganta riscada com manchas vermelho-pardas. Especie do Brazil meridional mencionada do Rio Grande do Sul por Cabanis e Heine (Mus. Hein. II, 47) que Natterer obteve no Rio de Janeiro e Spix em S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 136. Muscipipra vetula (Licht.).

Muscicapa vetula *Spix* II p. 15 Pl. 18.

Milvulus vetulus *Burmeister* II p. 468 (S. Paulo).

Muscipipra vetula *Pelzeln* p. 99 (Itararé, Ypanema, Casa Pintada).

Muscipipra vetula Cat. Br. Mus. XIV p. 49 (S. Paulo).

Passaro grande, de côr cinzenta, com a cauda e as azas pretas e com a borda das rectrizes exteriores branca. A cauda tem a fórma de tesoura devido as rectrizes exteriores alongadas. E' especie dos campos de S. Paulo, Minas e Goyaz.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 137. Copurus colonus (Vieill.).

Viuva (S. Manoel do Paraizo); *Viuvinha* (Iguape).

Platyrhynchus filicauda *Spix* II p. 12 Pl. 14.
Muscipeta monacha *Wied* III p. 925.
Copurus filicauda *Burmeister* II p. 507.
Copurus colonus *Pelzeln* p. 100 (Ypanema, Matto Dentro).
Copurus colonus *Berlepsch* I p. 256.
Copurus colonus Cat. Br. Mus. XIV p. 50 (S. Paulo).

O genero Copurus é bem caracterisado pelas duas pennas medianas da cauda que são muito compridas, sobrepujantes as outras e tendo a ponta alongada em fórma de pua. Passarinho preto com a cabeça e o uropygio brancos.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete; Piracicaba.

Subfam. 2. Platyrhynchinae.

* 138. Platyrhynchus mystaceus Vieill.

Platyrhynchus cancroma *Burmeister* II p. 500.
Platyrhynchus mystaceus *Pelzeln* p. 100 (Ypanema).
Platyrhynchus mystaceus *Berlepsch u. Ihering* p. 129.
Platyrhynchus mystaceus *Berlepsch* I p. 258.
Platyrhynchus mystaceus *Sclater a. Hudson* I p. 136.
Platyrhynchus mystaceus Cat. Br. Mus. XIV p. 67 (Rio Grande do Sul, Bahia, La Plata, Guyana).

Passarinho pequeno distinguido pelo bico extremamente largo e chato, munido ao lado de cerdas compridas. A côr é parda em cima, amarellenta em baixo, a garganta é branca. O macho tem o vertice amarello. Esta especie occorre desde Rio Grande do Sul até a Guyana.

Mus. Paul. Tieté; Piquete.

* 139. Todirostrum cinereum (L.).

Todus melanocephalus *Spix* II p. 8 Pl. 9 fig. 2.
Todus melanocephalus *Wied* III p. 962.
Triccus melanocephalus *Burmeister* II p. 495.

Todirostrum cinereum *Pelzeln* p. 100 (Rio Paraná).
Todirostrum cinereum Cat. Br. Mus. XIV p. 69.

Especie parecida a seguinte, da qual differe pela fronte preta. É especie do Norte do Brazil e da Guyana que *Natterer* caçou em Cuyabá e perto do Rio Paraná. O nosso exemplar é da Bahia.

Mus. Paul. —

* 140. Todirostrum poliocephalum (Wied).

Teque-teque (Iguape).

Todus poliocephalus *Wied* III p. 965.
Triccus poliocephalus *Burmeister* II p. 496.
Todirostrum poliocephalum *Pelzeln* p. 100.
Todirostrum poliocephalum Cat. Br. Mus. XIV p. 71 (S. Paulo).

Passarinho pequeno, de 100 mm. de comprimento, amarello no lado inferior, verde-azeitonado em cima, com o vertice escuro e com uma mancha amarella a cada lado da fronte. O bico é preto, chato, porem mais estreito do que no genero Platyrhynchus. Essa especie é commum no litoral desde S. Paulo até Bahia.

Mus. Paul. S. Sebastião; S.to Amaro; Piquete.

* 141. Euscarthmus nidipendulus Wied.

Cagasebo (Piracicaba).

Euscarthmus nidipendulus *Wied* III p. 950.
Triccus nidipendulus *Burmeister* II p. 498.
Euscarthmus nidipendulus *Pelzeln* p. 102 (Ypanema).
Euscarthmus nidipendulus Cat. Br. Mus. XIV p. 78 (Ypanema).

Esse pequeno passarinho que tem o bico parecido ao de Todirostrum, porem mais curto, é de côr verde em cima, cinzenta em baixo com a barriga branca. E' especie do Brazil meridional, desde S. Paulo até Bahia.

Mus. Paul. Ypiranga; S.to Amaro.

142. Euscarthmus orbitatus Wied.

Euscarthmus orbitatus *Wied* p. 958 (Bahia).
Euscarthmus orbitatus *Pelzeln* p. 102 (Ypanema).
Triccus orbitatus *Burmeister* II p. 497.
Triccus orbitatus Cat. Br. Mus. XIV p. 79.

Especie parecida a E. nidipendulus, mas um pouco maior, medindo 116 mm. e distinguida pela côr branca da orla ao redor do olho. A barriga é amarella. Essa especie é encontrada em S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Mus. Paul. —

143. Euscarthmus fumifrons (Hartl.).

Triccus crinitus *Burmeister* II p. 497.
Euscarthmus pumifrons *Pelzeln* p. 101 (Rio Paraná).
Euscarthmus pumifrons Cat. Br. Mus. XIV p. 79.

Especie pequena parecida ás precedentes tendo, porem, a fronte e a região ao redor do olho de côr avermelhada. Duas faxas desmaiadas correm sobre a aza. Especie da região amazonica e do Matto Grosso, que Natterer obteve do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

144. Euscarthmus pelzelni Scl. a. Salv.

Euscarthmus margaritaceiventer *Pelzeln* p. 101 (Rio das Pedras).
Euscarthmus pelzelni Cat. Br. Mus. XIV p. 80.

Especie do Matto Grosso que Natterer obteve perto do Rio Paraná. *Pelzeln* denominou-a margaritaceiventer, mas *Sclater* julga que dessa especie differe pela côr parda da cabeça e pelas faxas esbranquiçadas das azas.

Mus. Paul. —

* 145. Euscarthmus gularis (Temm.).

Triccus gularis *Burmeister* II p. 496.
Euscarthmus gularis *Pelzeln* p. 102 (Ypanema).
Euscarthmus gularis *Sclater a. Hudson* I p. 136.

Euscarthmus gularis *Berlepsch u. Ihering* p. 129.
Euscarthmus gularis Cat. Br. Mus. XIV p. 81.

Especie distinguida pelo vertice cinzento-escuro e a face vermelho-parda, com a região do ouvido preta. Nas costas é verde, na barriga é branca. Sobre as azas correm duas faxas amarellentas. Especie da Bolivia e do Brazil meridional.

Mus. Paul. Ypiranga.

146. Ceratotriccus furcatus (Lafr.).

Euscarthmus furcatus *Pelzeln* p. 102 (Matto Dentro).
Ceratotriccus furcatus Cat. Br. Mus. XIV p. 85.

Essa especie rara forma o genero Ceratotriccus, caracterisado pela cauda um pouco entalhada na ponta em fórma de tesoura. É verde em cima, com a cabeça avermelhada, cinzenta em baixo. Uma mancha branca no pescoço anterior e a borda branca na ponta da cauda caracterisam a especie, que foi encontrada nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. —

147. Orchilus auricularis (Vieill.).

Euscarthmus cinereicollis *Wied* III p. 955.
Triccus auricularis *Burmeister* II p. 499.
Orchilus auricularis *Pelzeln* p. 102 (Ypanema).
Orchilus auricularis *Berlepsch u. Ihering* p. 130.
Orchilus auricularis Cat. Br. Mus. XIV p. 88.

Especie muito pequena, de 70 mm. de comprimento, verde em cima, amarellenta em baixo com uma malha vermelho-esbranquiçada atraz do olho e outra preta atraz desta no ouvido. Esse passarinho é encontrado desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

* 148. Hemitriccus diops (Temm.).

(?) Euscarthmus vilis *Burmeister* II p. 490.
Hemitriccus diops *Pelzeln* p. 103 (Ypanema).
Hemitriccus diops Cat. Br. Mus. XIV p. 91.

O genero Hemitriccus com essa unica especie distingue-se de Euscarthmus pelo bico mais curto e pela cauda mais comprida. O passarinho é de côr verde em cima, cinzenta em baixo. A região loral é preta, a circumferencia do olho branca. É especie do Brazil meridional que *Natterer* obteve em Ypanema e Curityba.

Mus. Paul. Alto da Serra.

* 149. Phylloscartes ventralis (Temm.).

Euscarthmus ventralis *Burmeister* II p. 491.
Phylloscartes ventralis *Pelzeln* p. 102 (Cemiterio, Ypanema).
Phylloscartes ventralis *Sclater a. Hudson* I p. 137.
Phylloscartes ventralis Cat. Br. Mus. XIV p. 92.

Este passarinho é verde em cima, verde-amarello em baixo com uma estria desmaiada sobre o olho e duas faxas de manchas amarellas sobre a aza. E' especie do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo.

Mus. Paul. Iguape; S. Paulo.

150. Hapalocercus rufomarginatus Pelz.

Hapalocercus rufomarginatus *Pelzeln* p. 103 e 174 (Rio das Pedras, Calção de Couro).
Hapalocercus rufomarginatus Cat. Br. Mus. XIV p. 93.

Especie de 130 mm. de comprimento, até hoje só observada no Estado de S. Paulo perto do Rio Grande. A côr é parda em cima. As remiges e as rectrizes têm as margens orladas de castanho. A face é amarellenta, a garganta e o meio da barriga são de côr branca, o resto do lado inferior é de côr amarellenta.

Mus. Paul. —

151. Hapalocercus meloryphus (Wied).

Euscarthmus meloryphus *Wied* III p. 947.
Euscarthmus meloryphus *Burmeister* II p. 493.
Hapalocercus meloryphus *Pelzeln* p. 103 (Ypanema).

Hapalocercus meloryphus Cat. Br. Mus. XIV p. 93 (Ypanema).

A côr é parda nas costas, cinzenta em baixo, com a barriga branco-vermelha. As pennas do vertice são vermelho-pardas. Especie dos campos do Norte do Brazil encontrada em Ypanema por Natterer. O genero Hapalocercus é caracterisado pelo bico um pouco compresso e pela cauda fina e comprida.

Mus. Paul. —

152. Habrura pectoralis (Vieill.).

Euscarthmus superciliaris *Wied* III p. 953.
Hapalura minima *Burmeister* II p. 494.
Hapalocercus pectoralis *Pelzeln* p. 103 (Calção de Couro).
Habrura pectoralis *Sclater a. Hudson* I p. 138.
Habrura pectoralis Cat. Br. Mus. XIV p. 96.

Passarinho de 100—110 mm. de comprimento, de côr pardo-cinzenta em cima, com uma linha supraocular alvacenta. As pennas do vertice são na base brancas, em cima preto-cinzentas. As azas e a cauda são denegridas com as margens das pennas mais claras. O lado inferior é amarellento, excepto a garganta que é denegrida. Essa especie occorre desde o Norte da Argentina e Paraguay até Cuyabá e Guyana, estendendo-se até as regiões occidentaes dos Estados de S. Paulo e Minas.

Mus. Paul. —

153. Pogonotriccus eximius (Temm.).

Euscarthmus eximius *Burmeister* II p. 491.
Pogonotriccus eximius *Pelzeln* p. 103 (Ypanema).
Pogonotriccus eximius Cat. Br. Mus. XIV p. 98 (Ypanema).

Essa especie do genero Pogonotriccus, caracterisada pelas cerdas muito rijas e compridas da base do bico, e verde-escura nas costas, mais clara no lado abdominal com o vertice cinzento, a fronte e uma estria supraocular

brancas. Especie conhecida como occorrente nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. —

154. Culicivora stenura (Temm.).

Hapalura stenura *Burmeister* II p. 494.
Culicivora stenura *Pelzeln* p. 103 (Ypanema, Itararé, Rio das Pedras).
Culicivora stenura *Sclater a. Hudson* I p. 139.
Culicivora stenura Cat. Br. Mus. XIV p. 97 (Itararé).

Passarinho parecido ao Euscarthmus, com a cauda mais comprida. As pennas são amarello-pardas nas costas com o centro de cada penna mais escuro. A cabeça é preta, com riscas brancas, o lado inferior é amarellento. As 10 rectrizes são differentes em comprimento. Especie do Brazil meridional, desde S. Paulo até as Missões.

Mus. Paul. —

*** 155. Serphophaga subcristata (Vieill.).**

Alegrinho (Piracicaba).

Serphophaga subcristata *Pelzeln* p. 103 (Matto Dentro, Ypanema).
Serphophaga subcristata *Berlepsch u. Ihering* p. 130.
Serphophaga subcristata *Sclater a. Hudson* I p. 140.
Serphophaga subcristata Cat. Br. Mus. XIV p. 102.

Passarinho pequeno, de 110 mm. de comprimento, cinzento-azeitonado em cima, branco-amarello em baixo, tendo o vertice cinzento com uma mancha branca e com duas faxas alvacentas correntes sobre a aza. Especie que vive na restinga e capoeira, desde S. Paulo e Minas até Paraguay, Bolivia e Rio da Prata. O Sr. Valencio Bueno observou essa especie em Piracicaba nas mattas.

Mus. Paul. S. Sebastião; Piquete; Ypiranga.

*** 156. Serphophaga nigricans (Vieill.).**

João pobre (Iguape).

Euscarthmus nigricans *Burmeister* II p. 492.
Euscarthmus cinereus *Burmeister* II p. 526.

Serphophaga cinerea *Pelzeln* (nec Strickl.) p. 103 (Jacarehy, Ypanema).
Serphophaga nigricans *Berlepsch und Ihering* p. 130 (Rio Grande do Sul).
Serphophaga nigricans *Sclater a. Hudson* I p. 141.
Serphophaga nigricans Cat. Br. Mus. XIV p. 104 (excl. synon.).

Especie parecida á precedente com mancha branca no meio do vertice, mas sem as faxas das azas, de côr cinzenta que é escura em cima, clara em baixo. Esse passarinho vive perto dos rios e arroios e occorre desde a Patagonia até S. Paulo e Paraguay. O Sr. von Berlepsch tendo examinado os typos de Burmeister mostrou que cinereus é identico a nigricans. O Sr. Krone observou essa especie em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba. Vive perto da agua.

Mus. Paul. Tieté.

Subfam. 3. Elaeneinae.

*157. Cyanotis azarae (Licht.).

Papa-piry (Iguape).

Cyanotis omnicolor *Burmeister* II p. 484.
Cyanotis azarae *Sclater a. Hudson* I p. 142.
Cyanotis azarae Cat. Br. Mus. XIV p. 110.

Passarinho elegante, de muitas côres, preto nas costas com o vertice vermelho e orlado de amarello. As azas têm manchas brancas, o lado inferior é amarello até ao crisso que é vermelho. O passarinho, que é encontrado nas republicas Argentina e Chile, já foi observado por mim no Sul do Estado do Rio Grande do Sul e obtive-o como tambem o ninho, de Iguape, do Sr. Krone. Não occorre no interior do Estado de S. Paulo. O nome papa-piry refere-se ao modo de viver do passarinho, sendo piry = juncal.

Mus. Paul. Iguape.

* 158. Mionectes rufiventris (Licht.).

Mionectes rufiventris *Burmeister* II p. 482.
Mionectes rufiventris *Pelzeln* p. 104 (Ypanema).
Mionectes rufiventris Cat. Br. Mus. XIV p. 114.

Verde-azeitonado em cima; a cabeça e o pescoço são de côr cinzenta, a barriga e o peito são amarello-pardos. As azas e a cauda são pretas com margens amarellentas das pennas. Passaro do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Iguape; Tieté; Ypiranga.

* 159. Leptopogon amaurocephalus Cab.

Euscarthmus amaurocephalus *Burmeister* II p. 491 (S. Paulo).
Leptopogon amaurocephalus *Pelzeln* p. 104 (Ypanema).
Leptopogon amaurocephalus Cat. Br. Mus. XIV p. 117.

Especie de distribuição vasta, desde Curityba até Guyana. Verde-azeitonado em cima, verde-amarellento em baixo com a cabeça parda e com duas faxas amarellentas na aza.

Mus. Paul. Iguape.

* 160. Capsiempis flaveola (Licht.).

Platyrhynchus flaviventris *Spix* II p. 12 Pl. 15 fig. 1.
Muscipeta flaveola *Burmeister* II p. 488.
Capsiempis flaveola *Pelzeln* p. 104 (Ypanema).
Capsiempis flaveola Cat. Br. Mus. XIV p. 120.

Verde-azeitonado em cima, amarello em baixo com duas faxas amarellentas correntes sobre a aza. Especie da Guyana e do Norte do Brazil que Natterer obteve em Ypanema.

Mus. Paul. —

* 161. Phyllomyias brevirostris (Spix).

Platyrhynchus brevirostris *Spix* II p. 13 Pl. 15 fig. 2.
Muscipeta asilus *Wied* III p. 894.

Phyllomyias brevirostris *Pelzeln* p. 105 (Ypanema).
Phyllomyias brevirostris *Berlepsch u. Ihering* p. 131.
Phyllomyias brevirostris Cat. Br. Mus. XIV p. 121.

O genero Phyllomyias distingue-se pelo bico curto e pelas sedas situadas na sua base, fracas e curtas. P. brevirostris é verde-azeitonado em cima, amarello em baixo com a garganta esbranquiçada. Sobre a aza correm duas faxas amarellentas. Especie do Brazil meridional, desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Iguape.

162. Phyllomyias burmeisteri Cab. et Heine.

Cagasebinho (Iguape).

Elaenea brevirostris *Burmeister* II p. 479.
Phyllomyias burmeisteri *Cabanis et Heine,* Mus. Heine II p. 57.
Phyllomyias subviridis *Pelzeln* p. 105 (Ypanema).
Phyllomyias burmeisteri Cat. Br. Mus. XIV p. 122.

A garganta amarella como o pescoço parece a unica differença entre essa especie e a precedente que provavelmente são apenas variedades de uma unica especie. A distribuição geographica parece a mesma. *Pelzeln* distingue tres especies desse genero, todas encontradas em Ypanema.

Mus. Paul. —

163. Phyllomyias virescens Pelzeln.

Phyllomyias virescens *Pelzeln* p. 105 (Ypanema).
Phyllomyias virescens Cat. Br. Mus. XIV p. 121, nota.

Se *Pelzeln* tem razão julgando essa especie identica á figurada por Temmink (Pl. col. 275 fig. 3), então essa pretendida especie é synonyma de P. brevirostris.

Mus. Paul. —

* 164. Myiopatis semifusca (Scl.).

Platyrhynchus murinus *Spix* II p. 14 Taf. 16 fig. 2.
Phyllomyias semifusca *Sclater* (nec Pelz.) Proc. Zool. Soc. 1861 p. 383 Pelz. 36 fig. 1.

Myiopatis semifusca Cat. Br. Mus. XIV p. 123 (Ypanema).

Sclater separa o genero Myiopatis de Phyllomyias, devido ao bico mais compresso e longo. O Phyllomyias semifuscus Pelzeln pertence a outro genero (cf. Sublegatus platyrhynchus. Temos a especie da Bahia.

Mus. Paul. —

* 165. Ornithion imberbe (Scl.).

Myiopatis incanescens *Pelzeln* p. 106 (Ypanema).
Ornithion imberbe *Coues* p. 444.
Ornithion imberbe Cat. Br. Mus. XIV p. 126.

Passarinho pequeno, de côr cinzenta, com as azas e a cauda mais escuras e com as pontas das coberteiras da aza castanhas, formando faxas. O bico é mais compresso nesse genero e sem sedas na base. Essa especie que é do Mexico, do Equador e do Norte do Brazil, foi encontrada em Ypanema por Natterer, isto e, segundo a synonymia do Brit. Mus. Catalogue, que eu não julgo nesse sentido exacta. Provavelmente Berlepsch tem razão, dizendo que O. imberbe é a especie da Bahia, que então em Ypanema não coexistirá com a outra, existindo entretanto no litoral de S. Paulo.

Mus. Paul. Iguape.

* 166. Ornithion obsoletum (Temm.).

Elaenea murina *Burmeister* (nec Spix) II p. 481.
Elaenea obsoleta *Burmeister* II p. 480.
Muscicapa obsoleta *Pelzeln* p. 106 (Ypanema).
Ornithion obsoletum *Berlepsch u. Ihering* p. 131.
Ornithion obsoletum Cat. Br. Mus. XIV p. 127 (Ypanema).

Especie um pouco maior que a precedente, mais verde-azeitonada nas costas. Especie do Brazil meridional, que temos do Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

*** 167. Elainea pagana (Licht.).**

Guracava (Iguape).

Platyrhynchus paganus *Spix* II p. 13 Pl. 16 fig. 1.
Muscicapa brevirostris *Wied* III p. 799.
Elaenea pagana *Burmeister* II p. 476.
Elainea pagana *Pelzeln* p. 106 (Itararé, Ypanema).
Elainea pagana *Berlepsch u. Ihering* p. 134 (S. Paulo).
Elainea pagana Cat. Br. Mus. XIV p. 137 (S. Paulo).

Especie de 150 mm. de comprimento, bruno-cinzenta em cima, tendo o vertice mais escuro com uma mancha branca pouco visivel. Em baixo cinzento-branca no pescoço, amarello-pallida na barriga. As pontas das coberteiras exteriores da aza são esbranquiçadas. E' essa uma especie distribuida desde S. Paulo até o Mexico, mas que me não consta ser encontrada ao Sul de S. Paulo, não julgando eu exacta a indicação «Pelotas» do catalogo do British Museum. El. pagana tem as pennas do vertice estreitas e alongadas em fórma de topete.

Mus. Paul. S. Sebastião.

*** 108. Elainea albiceps (d'Orb. et Lafr.).**

Elainea albiceps *Pelzeln* p. 107 (Ypanema).
Elainea albiceps *Berlepsch u. Ihering* p. 133.
Elainea albiceps *Sclater a. Hudson* I p. 145.
Elainea albivertex *Pelzeln* p. 107 e 177 (Ypanema).
Elainea parvirostris *Pelzeln* p. 107 e 178 (Curityba).
Elainea albiceps Cat. Br. Mus. XIV p. 141.

Especie parecida a E. pagana, differente pelas pennas não alongadas do vertice e pela barriga esbranquiçada. Parece ser grande a synonymia e talvez haja algumas especies parecidas e por ora confundidas. E' especie de distribuição vasta occorente quasi por toda a America do Sul.

Mus. Paul. Ypiranga; S. Carlos do Pinhal.

*** 169. Elainea mesoleuca Cab. et Heine.**

Muscipeta modesta *Wied* III p. 923.
Elainea mesoleuca *Cabanis et Heine* Mus. Hein. II p. 60.

Elainea mesoleuca *Berlepsch u. Ihering* p. 132.
Elainea mesoleuca Cat. Br. Mus. XIV p. 153.

Especie intimamente ligada á precedente da qual differe pela falta da mancha branca do vertice e pelo peito cinzento-verdoengo. Os nossos exemplares têm a côr nas costas mais azeitonada do que E. albiceps. O comprimento é de 140—150 mm., o da aza 75—80 mm. Essa especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. Piquete; Ypiranga.

170. Elainea placens Scl.

Elainea implacens *Sclater* Proc. Zool. Soc. 1861 p. 408.
Elainea implacens *Pelzeln* p. 108 (Ypanema).
Elainea placens Cat. Br. Mus. XIV p. 418.

Especie distinguida pela côr amarella da mancha do vertice e pela falta de faxas alvacentas na aza. Especie occorrente desde o Norte do Brazil até o Mexico, e que Natterer obteve em Ypanema.

Mus. Paul. —

171. Elainea caniceps (Sw.).

Tyrannula caniceps *Swainson* B. Brazil T. 49.
Elainea caniceps *Pelzeln* p. 107 (Ypanema, Rio Paraná).
Elainea caniceps Cat. Br. Mus. XIV p. 151.

Especie parecida á precedente na côr amarello-branca da mancha do vertice, munida, porem, nas azas de faxas esbranquiçadas.

Mus. Paul. —

* 172. Elainea obscura Lafr. et d'Orb.

Elainea obscura *Pelzeln* p. 108 (Mogy das Cruzes, Ypanema).
Elainea obscura rustica *Berlepsch u. Ihering* p. 132.
Elainea obscura Cat. Br. Mus. XIV p. 152.

Especie semelhante a E. mesoleuca, como ella sem mancha do vertice, differente por ser maior e pela barriga ama-

rella. E. obscura mede 170—190 mm. de comprimento, sendo o comprimento da aza 90 mm. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bolivia e Perú.

Mus. Paul. Iguape; Piracicaba (Rio das Pedras).

173. Elainea affinis Burm.

Elaenea affinis *Burmeister* II p. 477.
Elainea affinis *Pelzeln* p. 108 (Cemiterio, Rio das Pedras).
Elainea affinis Cat. Br. Mus. XIV p. 151 (Rio das Pedras).

Cinzento em cima com o uropygio verde-amarello; a garganta e o pescoço são brancos, a barriga é amarella. As pennas da cauda são pretas no meio, amarellas na base e têm uma orla esbranquiçada na ponta terminal. Especie encontrada desde S. Paulo e Minas até Bahia.

Mus. Paul. —

174. Legatus albicollis (Vieill.).

Muscicapa citrina *Wied* III p. 917.
Elaenea albicollis *Burmeister* II p. 475.
Legatus albicollis *Pelzeln* p. 108 (Ypanema).
Legatus variegatus *Cabanis et Heine* Mus. Heine. II p. 60.
Legatus albicollis Cat. Br. Mus. XIV p. 115 (S. Paulo).

O genero Legatus, formado por essa unica especie distribuida desde S. Paulo até o Mexico, é caracterisado pelo bico mais curto e largo. O passarinho que mede 150 mm., é bruno-escuro em cima com uma mancha amarella no vertice. O peito e o pescoço anterior são cinzento-claros, a barriga é amarella. O peito e o crisso têm riscas escuras no meio de cada penna.

Mus. Paul. —

* 175. Sublegatus platyrhynchus (Scl. a. Salv.).

Muscipeta incanescens *Wied* III p. 898.
Phyllomyias semifusca *Pelzeln* (nec Sclater) p. 105.

Sublegatus platyrhynchus Cat. Br. Mus. XIV p. 158 (S. Paulo).

Especie pequena de 116 mm. de comprimento, bruno-cinzenta em cima com o vertice mais escuro, em baixo branco-cinzenta no pescoço e peito, amarella na barriga. Sobre a aza correm duas faxas desmaiadas. Especie do Norte do Brazil, que o British Museum obteve de S. Paulo por Joyner, e que o Sr. Krone me diz ter caçado em Iguape. Temo-a da Bahia.

Mus. Paul. —

*** 176. Myiozetetes similis (Spix).**

Bemtevisinho (Iguape).

Muscicapa similis *Spix* II p. 18 Pl. 25.
Elaenea miles *Burmeister* II p. 474.
Myiozetetes similis *Pelzeln* p. 109 (Ypanema, Rio Paraná).
Myiozetetes similis Cat. Br. Mus. XIV p. 161 (S. Paulo).

Especie maior, de 170 mm. de comprimento, bruno-azeitonada em cima, com o vertice vermelho orlado de preto. Uma estria sobre o olho e a garganta são brancas, o peito e a barriga são amarellas. Especie que occorre no Brazil, desde S. Paulo até Pará.

Mus. Paul. Iguape; Tieté; Piracicaba; Piquete.

*** 177. Rhynchocyclus sulphurescens (Spix).**

Platyrhynchus sulphurescens *Spix* II p. 10 Pl. 12 fig. 1.
Platyrhynchus nuchalis *Wied* III p. 971.
Cyclorhynchus nuchalis *Burmeister* II p. 503.
Rhynchocyclus sulphurescens *Pelzeln* p. 109 (Ypanema).
Rhynchocyclus assimilis *Pelzeln* p. 110.
Rhynchocyclus sulphurescens *Sclater a. Hudson* I p. 147.
Rhynchocyclus sulphurescens Cat. Br. Mus. XIV p. 168.

Em cima verde-azeitonada com a nuca amarella, em baixo cinzenta, desde a garganta até a barriga, que é amarella. Especie do matto virgem distribuida desde a America Central até S. Paulo.

Mus. Paul. Piquete.

178. Rhynchocyclus megacephalus (Sw.).

Muscipeta megacephala *Burmeister* II p. 487.
Rhynchocyclus megacephalus *Pelzeln* p. 110 (Matto Dentro).
Rhynchocyclus megacephalus Cat. Br. Mus. XIV p. 170.

Verde-azeitonada em cima com o vertice cinzento. Em cima do olho uma estria esbranquiçada e outra escura em cima desta. A barriga é amarella, o peito e a garganta são de côr cinzenta. Sobre a aza correm duas faxas amarellentas. É especie do Norte do Brazil, que Natterer obteve perto de Taubaté.

Mus. Paul. —

179. Conopias trivirgata (Wied).

Muscicapa trivirgata *Wied* III p. 871.
Tyrannula superciliosa *Burmeister* II p. 475.
Conopias superciliosus *Pelzeln* p. 111 (Ypanema).
Conopias trivirgatus *Hartert* Catalog. Samml. Frankfurt a M. p. 102 (S. Paulo).
Conopias trivirgata Cat. Br. Mus. XIV p. 173.

Verde-azeitonado em cima com a cabeça preta, amarello em baixo. Sobre o olho corre uma estria branca. Passaro de 150 mm. de comprimento. A especie occorre desde S. Paulo até Bahia.

Mus. Paul. —

* 180. Pitangus sulphuratus L.

Bemtevi.

Muscicapa pitangua *Wied* III p. 838.
Saurophagus sulphuratus *Burmeister* II p. 461.
Saurophagus sulfuratus *Brehm* Thierleben V p. 591 figura.
Pitangus bellicosus *Pelzeln* p. 111 (Ypanema).
Pitangus sulphuratus *Pelzeln* p. 111.
Pitangus maximiliani *Berlepsch* I p. 260.

Pitangus sulphuratus Cat. Br. Mus. XIV p. 176 (Ypanema).

O bem conhecido bemtevi, um dos passaros mais fortes entre os Tyrannidos tem o bico comprido e recurvado na ponta. Pardo em cima, amarello em baixo. O vertice é amarello, orlado de preto. A fronte, a nuca, a garganta e uma estria supraocular são brancas.

Distinguem-se muitas especies e variedades entre os bemtevis, mas só estudando caracteres de pouca importancia.

Noto que a especie do Rio da Prata e do Rio Grande do Sul é P. bolivianus isto é, variedade de P. sulphuratus com o bico mais comprido e com as remiges da mão orladas de bruno na margem anterior. A indicação Pelotas no Cat. do British Museum e referente a fórma de São Paulo é outro signal de erro que alli houve. Desde S.ta Catharina até Bahia e Ceará temos o Bemtevi de S Paulo que diversos autores chamam a variedade maximiliani Cab. et Hein. As remiges da mão, dessa variedade, são orladas na frente de vermelho-pardo. Sclater no catalogo do British Museum julga-o P. bellicosus Pelzeln como synonymo de P. bolivianus, o que não é exacto; se Pelzeln teve na collecção de Natterer tambem o P. bolivianus então será de Matto Grosso e sob a denominação de P. maximiliani Pelzeln.

Seria pois: P. bolivianus do Rio Grande do Sul, Rio da Prata, Bolivia e Matto Grosso.

P. sulphuratus var. maximiliani de S.ta Catharina até Ceará.

P. sulphuratus var. typica do Pará e Guyana.

O Sr. Valencio Bueno obteve o Bemtevi em Piracicaba, o Sr. Krone em Iguape. Os indios guaranys de Rio Verde chamam o Bemtevi «nhan-nhai», como se imitassem a voz do passaro.

Mus. Paul. S. Sebastião; Piquete.

*** 181. Sirystes sibilator (Vieill.).**

Myiarchus sibilans *Burmeister* II p. 472.
Sirystes sibilator *Pelzeln* p. 111 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Sirystes sibilator *Berlepsch u. Ihering* p. 135.
Sirystes sibilator Cat. Br. Mus. XIV p. 181.

Cinzento em cima com o vertice preto, cinzento-esbranquiçado em baixo. As azas e a cauda são pretas, as coberteiras da aza esbranquiçadas nas pontas. O comprimento é de cerca 190 mm. Passaro do Brazil meridional.

Mus. Paul. Iguape; Piracicaba.

*** 182. Myiodynastes solitarius (Vieill.).**
Siriri-tinga (Iguape).

Tyrannus audax *Wied* III p. 889.
Scaphorhynchus audax *Burmeister* II p. 459.
Myiodynastes solitarius *Pelzeln* p. 112 (Ypanema, Goyaz).
Myiodynastes solitarius *Berlepsch* I p. 261.
Myiodynastes solitarius *Sclater a. Hudson* I p. 150.
Myiodynastes solitarius Cat. Br. Mus. XIV p. 185 (S. Paulo).

Passaro de 210—220 mm. de comprimento, distinguido pelas pennas dorsaes que são escuras com orlas desmaiadas. As pennas do lado ventral são esbranquiçadas com uma linha escura no meio, correspondente á haste. As pennas das azas e da cauda têm orlas castanhas, o vertice é no meio amarello. Especie distribuida desde o Rio da Prata até a Guyana.

Mus. Paul. Cubatão.

SUBFAM. 4. TYRANNINAE.

*** 183. Megarhynchus pitangua (Sw.).**
Bemtevi de bico chato (Piracicaba); *Bemtevi do matto* (Iguape).

Pitangua guaçu *Marcgrav* p. 215.
Scaphorhynchus sulphuratus *Wied* III p. 983.

Scaphorhynchus pitangua *Burmeister* II p. 458.
Megarhynchus pitangua *Pelzeln* p. 112 (Itararé, Ypanema).
Megarhynchus pitangua Cat. Br. Mus. XIV p. 189 (S. Paulo).

É este um bemtevi de bico chato bem parecido ao outro mais conhecido, porem, que tem o bico mais largo e chato. Na altura das ventas o bico do Pitangus mede 10 mm. e o do Megarhynchus 15 mm. de largura. Na especie presente a mancha amarella do vertice é menor e mais escondida entre as pennas pretas e de côr mais escura, laranja no sexo masculino. Essa especie occorre desde S. Paulo até o Mexico. O Sr. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba. É especie do matto que não tem a voz do Bemtevi.

Mus. Paul. Ilha de S. Sebastião.

* 184. Muscivora swainsoni Pelzeln.

Papa-mosca real (Piracicaba).

Muscipeta regia *Wied* III p. 944.
Megalophus regius *Burmeister* II p. 504.
Muscivora swainsoni Cat. Br. Mus. XIV p. 192.

Passaro de côr pardo-clara, com um topete de pennas de côr escarlate com pontas pretas. O macho tem o topete de côr vermelha mais viva e com as pontas dessas pennas do vertice de côr azul-aço. Não sou bem informado sobre a occorrencia desse passaro no Est. de S. Paulo, sendo porém, informado pelo Sr. Valencio Bueno que occorre nas mattas ao redor de Piracicaba. A especie occorre desde S. Paulo até Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 185. Hirundinea bellicosa (Vieill.).

Platyrhynchus hirundinaceus *Spix* p. 11 Taf. 13 fig. 1.
Platyrhynchus rupestris *Wied* III p. 977.
Muscivora ferruginea *Burmeister* II p. 505.

Hirundinea rupestris *Pelzeln* p. 113 (Itararé, Ypanema, Capivary).
Hirundinea bellicosa *Berlepsch u. Ihering* p. 135.
Hirundinea bellicosa *Sclater a. Hudson* I p. 151.
Hirundinea bellicosa Cat. Br. Mus. XIV p. 196 (Ypanema, Capivary).

Passaro cujo nome indigena não conheço e que conforme Wied é chamado gibão de couro ou casaca de couro na Bahia. A côr é bruno-escura nas costas, castanha no uropygio e na cauda cujas pennas têm a ponta preta. As remiges são castanhas no meio, a barriga é castanha. O passaro que mede 170—180 mm. occorre no Brazil, desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco e Goyaz e tambem na Bolivia e no Paraguay.

Mus. Paul. S. Sebastião; Iguape.

186. Myiobius barbatus (Gm.).

Platyrhynchus xanthopygius *Spix* II p. 9 Pl. 9 fig. 1.
Muscipeta barbata *Wied* III p. 934.
Myiobius barbatus *Burmeister* II p. 501.
Myiobius barbatus *Pelzeln* p. 113.
Myiobius xanthopygius *Pelzeln* p. 113 (Ypanema).
Myiobius barbatus Cat. Br. Mus. XIV p. 199.

Passaro pequeno, de 130 mm. de comprimento, verde-azeitonado em cima, amarellento em baixo com a barriga, o crisso e o uropygio de côr amarello-clara. O macho tem no vertice uma mancha amarella. Passaro do Norte do Brazil, que Natterer obteve em Ypanema.

Mus. Paul. —

* 187. Myiobius naevius (Bodd.).

Cagasebo (Iguape).

Platyrhynchus chrysoceps *Spix* II p. 10 Pl. 11 fig. 2.
Muscipeta chrysoceps *Wied* III p. 940.
Muscipeta virgata *Burmeister* II p. 486.
Myiobius naevius *Pelzeln* p. 114 (Ypanema).

Myiobius naevius *Berlepsch u. Ihering* p. 136.
Myiobius naevius *Sclater a. Hudson* I p. 151.
Myiobius naevius Cat. Br. Mus. XIV p. 209.

Passarinho semelhante a espécie precedente, bruno em cima, esbranquiçado em baixo, com manchinhas escuras no peito. No meio do vertice ha uma mancha amarella. Sobre a aza correm duas faxas pardo-vermelhas. Especie commum no Brazil, que occorre desde Buenos Ayres até o Mexico.

Mus. Paul. Iguape; S. Sebastião; Ypiranga; Piquete.

* 188. Pyrocephalus rubineus (Bodd.).

Muscicapa coronata *Wied* III p. 880 (♂).
Muscipeta strigilata *Wied* III p. 900 (♀).
Elaenea coronata *Burmeister* II p. 476.
Pyrocephalus rubineus *Pelzeln* p. 114 (Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Pyrocephalus rubineus *Berlepsch u. Ihering* p. 136.
Pyrocephalus rubineus *Sclater a. Hudson* I p. 152.
Pyrocephalus rubineus Cat. Br. Mus. XIV p. 221.

O macho é de côr pardo-cinzenta em cima, a excepção da cabeça que tem pennas alongadas formando um topete e que é escarlate como o lado inferior. A femea é uniforme, pardo-cinzenta. Passarinho distribuido desde Buenos Ayres até Venezuela e Colombia.

Mus. Paul. Iguape; Cachoeira.

* 189. Empidochanes fuscatus (Wied).

Guaracavuçu (Iguape).

Muscipeta fuscata *Wied* III p. 902.
Muscipeta fuscata *Burmeister* II p. 487.
Empidochanes fringillaris *Pelzeln* p. 116.
Empidochanes fuscatus Cat. Br. Mus. XIV p. 216.
Empidochanes fringillaris Cat. Br. Mus. XIV p. 216.

Passarinho de 150 mm. de comprimento, bruno-pardo em cima, cinzento-azeitonado em baixo, com a barriga

pallido-amarella e com duas faxas côr de ferrugem correntes sobre a aza. A descripção dada por Sclater de E. fringillaris é baseada em exemplares typicos de Pelzeln e corresponde á descripção de Wied. A mandibula inferior em parte de nossos exemplares é esbranquiçada na base sendo, porem, em outros completamente preta. Não ha razão para distinguir com o catalogo do British Museum duas especies. Ha porem outra especie muito semelhante da qual logo tratarei (Empidonax bimaculatus). Esta especie é encontrada desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro, Goyaz e Amazonas.

Mus. Paul. S. Sebastião.

*** 190. Empidonax bimaculatus (d'Orb. et Lafr.).**

Empidochanes euleri *Cabanis* Journ. f. Ornith. 1868 p. 195.
Empidonax bimaculatus *Sclater a. Hudson* I p. 155.
Empidochanes fuscatus *Berlepsch u. Ihering* p. 136.
Empidochanes fuscatus *Pelzeln* p. 115 (Ypanema).
Empidonax bimaculatus Cat. Br. Mus. XIV p. 224.

Especie muito semelhante á precedente differindo pelo bico mais chato com a mandibula inferior toda branca e pelo tarso mais curto. O nosso exemplar tem as pennas da perna côr de ferrugem. Essa especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até Amazonas.

Mus. Paul. Iguape.

*** 191. Myiochanes cinereus (Spix).**

Platyrhynchus cinereus *Spix* II p. 11 Pl. 13 fig. 2.
Myiochanes cinereus *Burmeister* II p. 473.
Myiochanes cinereus *Pelzeln* p. 116 (Ypanema).
Myiochanes cinereus Cat. Br. Mus. XIV p. 245 (S. Paulo).

É entre os passaros desta secção um dos menores; 140 mm. de comprimento. Bruno-cinzento em cima, com a cabeça denegrida, cinzento em baixo. O bico é bruno-escuro em cima, pallido em baixo. A especie occorre desde S. Paulo até Pernambuco.

Mus. Paul. Iguape.

* 192. Myiarchus ferox (Gm.).

Pae Augustinho (Iguape).

Myiarchus ferox *Wied* III p. 855.
Myiarchus ferox *Burmeister* II p. 470 (part.).
Myiarchus cantans *Pelzeln* p. 117 (Ypanema).
Myiarchus cantans *Berlepsch u. Ihering* p. 137.
Myiarchus ferox *Sclater a. Hudson* I p. 156.
Myiarchus ferox Cat. Br. Mus. XIV p. 253 (S. Paulo).

Especie de 180 mm. de comprimento, cinzento-azeitonada em cima, do peito até a garganta cinzenta, amarello-clara na barriga, que occorre desde Buenos Ayres até o Mexico.

Mus. Paul. S. Sebastião; S. Carlos do Pinhal; Piquete.

* 193. Myiarchus tyrannulus (Müll.).

Myiarchus ferox *Burmeister* II p. 470.
Myiarchus ferox *Pelzeln* p. 116 (Cemiterio, Ypanema).
Myiarchus tyrannulus *Sclater a. Hudson* I p. 156.
Myiarchus crinitus var. erythrocercus *Coues* p. 435 (cf. fig. 284).
Myiarchus tyrannulus Cat. Br. Mus. XIV p. 251.

Especie um pouco maior que a precedente da qual differe pelas rectrizes que têm a borda interior de côr castanho-pallida em ambos os sexos, o que não succede em M. ferox. Não tenho certeza que essa especie occorra em S. Paulo, visto como Sclater diz que os exemplares de Pelzeln só em parte se referem a M. tyrannulus. Os nossos exemplares pertencem todos ao M. ferox Gm. As localidades certas indicadas para essa especie pelo catalogo do British Museum são de Catamarca, Bolivia, Bahia, Venezuela, Antilhas. Temol-a da Bahia.

Mus. Paul. —

* 194. Empidonomus varius (Vieill.).

Muscicapa rufina *Spix* II p. 22 Pl. 31.
Muscipeta ruficauda *Wied* III p. 920.

Tyrannus rufinus *Burmeister* II p. 466.
Empidonomus varius *Pelzeln* p. 117 (Ypanema, Cuyabá).
Empidonomus varius *Berlepsch u. Ihering* p. 137.
Empidonomus varius Cat. Br. Mus. XIV p. 265.

As azas são compridas no genero Empidonomus com as pontas das primeiras remiges attenuadas. Especie de 160 mm. de comprimento, de côr cinzento-bruna com as pennas no meio mais escuras. A barriga é amarello-desmaiada. A fronte e uma borda supraocular são de côr branca, o vertice é preto com uma mancha amarella no meio. As pennas da cauda são orladas de castanho. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana.

Mus. Paul. S. Carlos do Pinhal; Iguape.

* 195. Tyrannus melancholicus Vieill.

Siriri.

Muscipeta furcata *Spix* II p. 15 Pl. 19.
Tyrannus furcatus *Wied* III p. 884.
Tyrannus melancholicus *Burmeister* II p. 464.
Tyrannus melancholicus *Pelzeln* p. 117 (Matto Dentro, Ypanema).
Tyrannus melancholicus *Berlepsch u. Ihering* p. 137.
Tyrannus melancholicus *Sclater c. Hudson* I p. 158.
Tyrannus melancholicus Cat. Br. Mus XIV p. 273.

O siriri é especie bem conhecida, de 200 mm. de comprimento, em cima cinzenta na cabeça e no pescoço, verde-azeitonada nas costas com uma mancha côr de laranja no vertice. Em baixo são: a garganta e o pescoço cinzentos, o peito e a barriga amarellos. As rectrizes exteriores são mais compridas do que as do meio. A especie occorre desde Buenos Ayres até o Mexico. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba.

Mus. Paul. Iguape; S. Sebastião.

* 196. Milvulus tyrannus (L.).

Tesoura; Tesoureiro.

Muscicapa tyrannus *Wied* III p. 834.
Tyrannus violentus *Burmeister* II p. 467.

Milvulus violentus *Pelzeln* p. 118 (Ypanema, Taipa).
Milvulus tyrannus *Berlepsch u. Ihering* p. 138.
Milvulus tyrannus *Sclater a. Hudson* I p. 160.
Milvulus tyrannus Cat. Br. Mus. XIV p. 277.

A tesoura é bem distinguida pela cauda comprida, com as rectrizes exteriores extremamente alongadas de modo que o comprimento total da ave chega a 370 mm. A côr é cinzenta nas costas, branca no lado ventral. A cabeça é preta com uma mancha amarella no meio do vertice. Voando o passaro abre de vez em vez as duas metades da cauda como tesoura. Não é bem conhecida a sua parada durante o inverno, parecendo haver migrações. A especie occorre desde Buenos Ayres até o Mexico. O Sr. Valencio Bueno disse-me que observou com regularidade a tesoura em Piracicaba, mas só no verão quando alli faz ninho e cria, desapparecendo depois. Os guaranys do Rio Verde chamam a tesoura «tapendi».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo; Iguape.

FAM. OXYRHAMPHIDAE.

* 197. Oxyrhamphus flammiceps (Temm.).

Araponguinha; Chibante (Piracicaba).

Oxyrhamphus flammiceps *Burmeister* III p. 33.
Oxyrhamphus flammiceps *Pelzeln* p. 42.
Oxyrhamphus flammiceps Cat. Br. Mus. XIV p. 281.

O genero Oxyrhamphus forma uma familia caracterisada pelo bico direito, estreito e pontagudo e pela borda denteada da primeira remige da mão. O tarso é exaspideano. A especie da que trato é verde com um topete escarlate no vertice. O lado inferior é amarellento com manchas pretas. A especie occorre desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro. O Sr. Valencio Bueno observou-a perto de Piracicaba, mas só desde 1881.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. PIPRIDAE.

* 198. Piprites chloris (Temm.).

Piprites chloris *Burmeister* II p. 449.
Piprites chloris *Pelzeln* p. 126 (Ypanema).
Piprites chloris Cat. Br. Mus. XIV p. 284.

Verde-azeitonado em cima, verde-amarello em baixo. A fronte é castanha, a face cinzenta. As pontas das coberteiras das azas e das rectrizes são brancas. As rectrizes exteriores são mais curtas do que as medianas. Especie do Brazil central, de Goyaz e Matto Grosso que Natterer obteve em Ypanema.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape.

199. Metopia galeata (Licht.).

Metopia galeata *Burmeister* II p. 440.
Metopia galeata *Pelzeln* p. 129 (Irisanga, Rio das Pedras, Borda do matto).
Metopia galeata Cat. Br. Mus. XIV p. 290.

O macho é preto com o dorso e a cabeça escarlates, tendo as pennas da fronte elevadas. A femea é uniforme verde. Passarinho de 154 mm. de comprimento que vive na Bolivia, na Bahia e em Minas Geraes e que Natterer encontrou neste Estado.

Mus. Paul. —

200. Pipra fasciata d'Orb. et Lafr.

Pipra fasciata *Pelzeln* p. 127 (Rio Paraná).
Pipra fasciata Cat. Br. Mus. XIV p. 294.

Passarinho de 100 mm. de comprimento, preto, com a cabeça e o lado inferior amarellos. Uma faxa branca corre pela base da cauda e na aza. É especie do Amazonas e da Bolivia, que occore no Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 201. Pipra leucocilla L.

Pipra leucocapilla *Wied* III p. 427.
Pipra leucocilla *Burmeister* II p. 444.
Pipra leucocilla *Pelzeln* p. 127.
Pipra leucocilla Cat. Br. Mus. XIV p. 297 (S. Paulo).

O macho é preto, com a fronte e o vertice de côr branca, a femea é verde. Não estou certo que essa especie effectivamente occorra em S. Paulo, acceitando-a apenas devido a indicação do catalogo do British Museum que a obteve de S. Paulo por Joyner, cujas indicações, entretanto, não parecem fidedignas. A especie é encontrada desde o Rio de Janeiro até a America Central.

Mus. Paul. —

* 202. Chiroxiphia caudata (Shaw).

Tangara.

Pipra caudata *Spix* II p. 5 Pl. 6 fig. 1—2.
Pipra longicauda *Wied* III p. 413.
Pipra caudata *Burmeister* II p. 441.
Chiroxiphia caudata *Pelzeln* p. 129 (Ypanema, Itararé).
Chiroxiphia caudata *Sclater a. Hudson* I p. 161.
Chiroxiphia caudata Cat. Br. Mus. XIV p. 310.

O macho adulto é azul com a fronte e o vertice de escarlates; a face, o pescoço, as azas e a cauda são pretas. Na cauda são as duas rectrizes medianas mais compridas que as outras e de côr azul. A femea é verde e assim tambem o macho novo antes de lhe apparecer a côr vermelha do vertice. É este o conhecido e elegante dansador. Essa especie habita todo o Brazil, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'a tangara.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete; Iguape; Piracicaba.

* 203. Ilicura militaris (Shaw).

Tangarasinha (Iguape).

Pipra militaris *Burmeister* II p. 441 (S. Paulo).
Ilicura militaris *Pelzeln* p. 129 (Ypanema).

Helicura militaris Cat. Br. Mus. XIV p. 311.

O macho é preto nas costas, cinzento-branco no lado ventral e tem a fronte e o uropygio de côr vermelho-carmim. As azas são, em parte, de côr verde; a cauda é preta e tem as duas rectrizes do meio alongadas. No meu vêr essa especie devia ser reunida com o genero Chiroxiphia. Não julgo conveniente mudar o nome Ilicura por não estar bem explicada a sua derivação. A especie occorre desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro, Minas e Goyaz.

Mus. Paul. Ypiranga; Iguape.

* 204. Chiromachaeris gutturosa (Desm.).

Rendeira (Iguape); *Barbudinho* (Piracicaba).

Pipra manacus *Wied* III p. 432.
Pipra manacus *Burmeister* II p. 446.
Chiromachaeris gutturosa *Pelzeln* p. 130 (Ypanema).
Chiromachaeris gutturosa Cat. Br. Mus. XIV p. 313 (S. Paulo).

O macho é preto nas costas, no vertice, nas azas e na cauda. A garganta, o pescoço e a nuca são brancos, a barriga e o uropygio são de côr cinzenta. A femea é verde. Essa especie é encontrada desde S. Paulo até a Bahia e Goyaz. O Sr. Valencio Bueno observou-a em Piracicaba na sua dança. E' um só que, cantando, pula adiante e volta ao seu lugar.

Mus. Paul. S. Sebastião; Iguape; Piquete; Ypiranga.

205. Ptilochloris squamata (Wied).

Muscicapa squamata *Wied* III p. 814 (♀).
Ptilochloris squamata *Burmeister* II p. 435.
Ptilochloris remigialis *Burmeister* II p. 436.
Ptilochloris squamata *Pelzeln* p. 126 (Ypanema).
Ptilochloris squamata Cat. Br. Mus. XIV p. 317.

Verde-azeitonado em cima, com as azas e a cauda denegridas. O vertice é preto, o lado inferior é amarello

com linhas transversaes pretas. Na aza do macho é a quarta remige estreitada na ponta. Especie do Norte do Brazil, uma vez observada em S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 206. Heteropelma virescens (Wied).

Muscicapa virescens *Wied* III p. 802.
Ptilochloris virescens *Burmeister* II p. 436.
Heteropelma virescens *Pelzeln* p. 124 (Ypanema).
Heteropelma virescens Cat. Br. Mus. XIV p. 321 (S. Paulo).

Passaro de 160—170 mm. de comprimento, de côr verde-azeitonada. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba.

Mus. Paul. Iguape.

* 207. Heteropelma flavicapillum Scl.

Heteropelma flavicapillum *Pelzeln* p. 125 (Nas Lages, Rio das Pedras).
Heteropelma flavicapillum Cat. Br. Mus. XIV p. 321 Pl. 21.

Verde-azeitonada em cima, esbranquiçada em baixo, com o vertice e os encontros amarellos. Especie conhecida da Bahia e Rio de Janeiro, que Natterer encontrou perto do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 208. Neopelma aurifrons (Wied).

Muscicapa aurifrons *Wied* III p. 829.
Euscarthmus aurifrons *Burmeister* II p. 489.
Heteropelma aurifrons *Pelzeln* p. 125 (Ypanema).
Neopelma aurifrons Cat. Br. Mus. XIV p. 323.

Passaro de 130—140 mm. de comprimento, verde-azeitonado em cima, verde-cinzento no peito, amarellento na barriga com uma grande mancha amarella no vertice. Especie do Brazil, desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. S.to Amaro; Ypiranga.

FAM. COTINGIDAE.

* 209. Tityra brasiliensis (Sw.).

Canjica (Iguape); *Araponguira* (Piracicaba).

Pachyrhynchus cayanus *Spix* II p. 32 Taf. 44 fig. 1.
Psaris brasiliensis *Burmeister* II p. 457.
Tityra brasiliensis *Pelzeln* p. 119 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Irisanga).
Tityra brasiliensis *Berlepsch u. Ihering* p. 139.
Tityra brasiliensis Cat. Br. Mus. XIV p. 329 (S. Paulo).

Passaro grande de 200—220 mm. de comprimento. O macho é de côr branco-cinzenta, a cabeça, as azas e a cauda são de côr preta. A femea tem as pennas do corpo munidas de estrias escuras. Ao redor do olho um annel desprovido de pennas. O bico é preto, excepto na base que é mais clara. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco e Bolivia. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba.

Mus. Paul. S. Carlos do Pinhal.

* 210. Tityra inquisitor (Licht.).

Psaris inquisitor *Burmeister* II p. 456 (S. Paulo).
Tityra inquisitor *Pelzeln* p. 120 (Ypanema, Irisanga, Cuyabá).
Tityra inquisitor Cat. Br. Mus. XIV p. 331.

Da especie precedente differente pela falta do annel nu ao redor do olho, por ser menor e por ter a femea a fronte pardo-vermelha. Especie do Norte do Brazil, da Guyana, da Bolivia etc., que Natterer encontrou no Est. de S. Paulo. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 211. Hadrostomus atricapillus (Vieill.).

Canelleiro (Iguape).

Pachyrhynchus cinerascens *Spix* II p. 34 Pl. 46 fig. 1 (♂ juv.).

Pachyrhamphus validus *Burmeister* II p. 455.
Hadrostomus atricapillus *Pelzeln* p. 120 (Matto Dentro, Ypanema).
Hadrostomus atricapillus Cat. Br. Mus. XIV p. 333.

O macho é de côr denegrido-cinzenta em cima, com o vertice preto e o lado inferior amarellento; na aza tem perto do encontro uma mancha branca. A femea é castanha em cima, amarellenta em baixo e tem o vertice e as azas escuras. O passaro occorre desde S. Paulo até o Pará.

Mus. Paul. Piquete; Iguape.

* 212. **Pachyrhamphus viridis (Vieill.).**

Pachyrhynchus cuvieri *Spix* II p. 33 Pl. 45 fig. 2.
Muscipeta nigriceps *Wied* III p. 914.
Pachyrhamphus nigriceps *Burmeister* II p. 454.
Pachyrhamphus viridis *Pelzeln* p. 120 (Ypanema).
Pachyrhamphus viridis *Berlepsch* I p. 263.
Pachyrhamphus viridis *Berlepsch u. Ihering* p. 140.
Pachyrhamphus viridis Cat. Br. Mus. XIV p. 338.

O macho é verde em cima, com o vertice de côr preto-azul; a face e a nuca são de côr cinzenta, a fronte e a garganta brancas, a barriga amarella. A femea é semelhante tendo, porem, o vertice verde e as coberteiras das azas de côr castanha. A especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco.

Mus. Paul. Iporanga.

* 213. **Pachyrhamphus rufus (Bodd.).**

Pachyrhynchus rufescens *Spix* II p. 34 Pl. 46 fig. 2.
Muscipeta aurantia *Wied* III p. 911.
Bathmidurus melanoleucus *Burmeister* II p. 451.
Pachyrhamphus rufescens *Pelzeln* p. 122 (Ypanema, Pahor).
Pachyrhamphus rufus *Berlepsch* I p. 264.
Pachyrhamphus rufus Cat. Br. Mus. XIV p. 343 (São Paulo).

Passaro de côr parda em cima, pardo-amarellenta em baixo com a face e a nuca de côr cinzenta. O bico é azul-cinzento. A femea é parecida, distinguindo-se pela segunda remige da mão que é mais comprida do que a primeira, sendo, ao contrario, menor e modificada no macho, como tambem nas outras especies do genero Pachyrhamphus. É entretanto preciso notar que muitas vezes nessa especie o macho não apresenta a 2.ª remige modificada, parecendo que ella só apparece em machos bem velhos, ou só em passaro da Bahia. Essa especie é encontrada desde S.ta Catharina até Venezuela.

Mus. Paul. Piquete; Iguape.

* **214. Pachyrhamphus polychropterus (Vieill.).**

Canelleirinho (Iguape).

Pachyrhynchus variegatus *Spix* II p. 31 Pl. 43 fig. 2 (♂ juv.).
Muscipeta splendens *Wied* III p. 906.
Bathmidurus variegatus *Burmeister* II p. 452.
Pachyrhamphus polychropterus *Pelzeln* p. 121 (Mogy das Cruzes, Itararé).
Pachyrhamphus polychropterus *Sclater a. Hudson* I p. 162.
Pachyrhamphus polychropterus Cat. Br. Mus. XIV p. 345 (S. Paulo).

O macho é preto em cima, cinzento em baixo e tem o vertice de côr azul-preta; as azas e a cauda são pretas; as coberteiras das azas e as rectrizes exteriores têm as pontas brancas. A femea é verde-escura em cima, amarellenta em baixo e tem as remiges orladas de pardo. Especie do litoral do Brazil, que occorre desde Buenos Ayres até Amazonas.

Mus. Paul. Iguape; Ypiranga.

* **215. Lathria virussu (Pelz.).**

Sabiá de Matto Grosso; Virussu.

Lipaugus virussu *Pelzeln* p. 122 e 184 (Matto Dentro, Ypanema).

Lathria virussu Cat. Br. Mus. XIV p. 351 (Matto Dentro).

Passaro de 260 mm. de comprimento; assemelhando-se a um sabiá, mas bem differente pela estructura da perna e do bico. É de côr cinzenta, com a barriga pardo-avermelhada; as azas e a cauda são pardo-escuras. Especie de S. Paulo e Rio de Janeiro, que o catalogo do British Museum indica de Pelotas, provavelmente por engano do colleccionador.

Mus. Paul. Iguape.

216. Lipaugus simplex (Licht.).

Muscicapa cinerascens *Spix* II p. 16 Pl. 21.
Muscicapa rustica *Wied* III p. 866.
Myiarchus rusticus *Burmeister* II p. 470.
Lipaugus simplex *Burmeister* II p. 422.
Lipaugus simplex *Pelzeln* p. 123.
Lipaugus simplex Cat. Br. Mus. XIV p. 356 (S. Paulo).

Passaro de 190 mm. de comprimento, de côr cinzenta com a barriga um pouco amarellenta, caracterisado pelo lado posterior do tarso verruguento. É especie do Norte do Brazil e da Guyana, que o catalogo do British Museum indica de S. Paulo, recebida por Joyner.

Mus. Paul. —

* 217. Attila cinereus (Gm.).

Capitão de sahyra (Iguape). *Tinguassu* (Piracicaba).

Muscicapa cinerea *Spix* II p. 19 Pl. 26 fig. 2.
Muscicapa cinerea *Wied* III p. 853.
Dasycephala cinerea *Burmeister* III p. 85.
Attila phoenicurus *Pelzeln* p. 96 e 171 (Matto Dentro) — juv.
Attila phoenicurus Cat. Br. Mus. XIV p. 358.
Attila cinereus *Pelzeln* p. 95 (Ypanema, Matto Dentro).
Attila cinereus Cat. Br. Mus. XIV p. 363 (S. Paulo).

Passaro do matto virgem, de 220 mm. de comprimento, em cima bruno-pardo com a cauda castanha, em

baixo cinzento no pescoço e na garganta, castanho na barriga. A cabeça é cinzenta. O bico é compresso, comprido e recurvado na ponta da maxilla superior. Especie do litoral do Brazil, desde Paranaguá até a Bahia, que Natterer obteve em Matto Dentro, Paranaguá, Rio de Janeiro. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba. Exemplares novos com o bico mais curto e as coberteiras exteriores das azas escuras com orlas pardas foram por Pelzeln denominados A. phoenicurus.

Mus. Paul. Iguape.

218. Casiornis rubra (Vieill.).

Dasycephala rubra *Burmeister* III p. 86 (S. Paulo).
Casiornis rubra *Pelzeln* p. 96 (Rio Paraná).
Casiornis rubra *Sclater a. Hudson* I p. 163.
Casiornis rubra Cat. Br. Mus. XIV p. 365.

Passaro de 160 mm. de comprimento, de côr pardo-castanha que é mais clara no lado inferior. É passaro do Amazonas, Goyaz e Paraguay, que Natterer obteve do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 219. Phibalura flavirostris Vieill.

Tesourinha (Piracicaba).

Phibalura flavirostris *Burmeister* II p. 433.
Phibalura flavirostris *Pelzeln* p. 131 (Mogy das Cruzes).
Phibalura flavirostris Cat. Br. Mus. XIV p. 372 (São Paulo).

Passaro distinguido pela cauda comprida em fórma de tesoura. Em cima é preto, riscado nas costas por estrias verdes e ornado no vertice por mancha escarlate. O lado inferior é amarello com estrias pretas e brancas transversaes no peito e com malhas pretas nas pennas da barriga. O bico e as pernas são de côr amarellenta. O passaro occorre desde o Rio Grande do Sul, onde o observei na colonia de S. Lourenço perto de Pelotas, até o Rio de Janeiro e

Goyaz. O Sr. Krone participou-me que essa especie foi por elle caçada em Iguape e perto do Rio Paranapanema. No municipio de Piracicaba foi observado só desde 1881 pelo Sr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

220. Tijuca nigra Less.

Ptilòchloris chrysoptera *Burmeister* II p. 435 (S. Paulo)
Tijuca nigra Cat. Br. Mus. XIV p. 373.

Passaro grande de 270—280 mm. de comprimento, que occorre no Brazil, desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro. O macho é preto, com o bico e as margens das remiges de côr amarella. A femea é verde.

Mus. Paul. —

* 221. Ampelion cucullatus (Sw.).

Corocochó ou *Porocoché.*

Ampelion cucullatus *Burmeister* II p. 432.
Ampelion cucullatus *Pelzeln* p. 132 (Rio Grande, perto de S. Paulo).
Ampelion cucullatus *Berlepsch* I p. 266.
Ampelion cucullatus Cat. Br. Mus. XIV p. 374 (São Paulo).

Passaro de 230 mm. de comprimento, bruno-verde nas costas, preto na cabeça e pescoço. O lado inferior e a nuca são de côr amarella ou amarello-verde. As pontas das coberteiras das azas são amarellentas. Especie do Brazil meridional, entre Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Especies de Ampelion não existem no municipio de Piracicaba segundo me diz o Sr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. Iguape; Ypiranga.

* 222. Ampelion melanocephalus (Sw.).

Corocochó.

Ampelion melanocephalus *Burmeister* II p. 432.
Ampelis melanocephala *Wied* III p. 401.

Ampelion melanocephalus Cat. Br. Mus. XIV p. 374 (S. Paulo).

Especie semelhante a precedente, verde nas costas e nas coberteiras das azas que são uniformes. O peito e a barriga são de côr amarello-verde com faxas transversaes escuras. Essa especie é conhecida de S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

223. Iodopleura pipra (Less.).

Iodopleura pipra *Burmeister* III p. 465.

Iodopleura pipra *Hartert* Katalog d. Vogelsammlung. Frankfurt a. M. 1891 p. 106 (S. Paulo).

Iodopleura pipra Cat. Br. Mus. XIV p. 392.

Passarinho de 90 mm. de comprimento, fazendo parte de um genero distribuido no Norte do Brazil e em Venezuela; é caracterisado por pennas roxas que a cada lado do peito do macho formam como um pincel. O macho dessa especie observado em Minas e Rio de Janeiro e que Hartert indica de S. Paulo, é de côr cinzenta em cima, tendo as azas, a cauda e o vertice denegridos. O lado inferior é cinzento com estrias brancas transversaes, excepto na garganta e no crisso, que são de côr pardo-avermelhada. A femea é similar, sendo entretanto destituida das pennas roxas do peito.

Mus. Paul. —

* 224. Pyroderus scutatus (Shaw.).

Pavão ou *Pavó.*

Coracina scutata *Wied* III p. 406.

Coracina scutata *Burmeister* II p. 417.

Pyroderus scutatus *Pelzeln* p. 135 (Matto Dentro, Ypanema, Rio Paraná).

Pyroderus scutatus *Berlepsch* I p. 267.

Pyroderus scutatus Cat. Br. Mus. XIV p. 397 (S. Paulo).

Especie grande do Paraguay e do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O passaro, que

mede 450 mm. de comprimento, é preto com a garganta e o pescoço anterior de côr escarlate. É passaro do matto e que vive de fructas. O Sr. Valencio Bueno caçou-o em Piracicaba, o Sr. Krone em Iguape. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o «dju-ai».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

Divisão II. Tracheophones.

225. Chasmarhynchus nudicollis (Vieill.).

Araponga. Ferreiro.

Chasmarhynchus ecarunculatus *Spix* II p. 3 Pl. 4.
Chasmarhynchus nudicollis *Wied* III p. 377.
Chasmarhynchus nudicollis *Burmeister* II p. 426.
Chasmarhynchus nudicollis *Pelzeln* p. 134 (Matto Dentro, Ypanema).
Chasmarhynchus nudicollis *Berlepsch* I p. 267.
Chasmarhynchus nudicollis Cat. Br. Mus. XIV p. 404 (S. Paulo).

O macho do araponga é branco com a fronte, face e garganta privadas de pennas e de côr verde. A femea é verde-azeitonada em cima com o vertice e a garganta de côr preta, amarellenta em baixo com manchas escuras. É especie dos mattos do litoral do Brazil, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O Sr. Valencio Bueno caçou o araponga em Piracicaba, o Sr. Krone em Iguape. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o «guira-pong».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. DENDROCOLAPTIDAE.

Subfam. I. Furnariinae.

* 226. Geobates poecilopterus (Wied).

Anthus poecilopterus *Wied* III p. 633.
Geobates poecilopterus *Pelzeln* p. 35 (Ypanema, Itararé, S. Paulo, Sorocaba).

Anthus fuscus *Burmeister* III p. 120.
Geobates poecilopterus Cat. Br. Mus. XV p. 4.

Passaro de 115 mm. de comprimento, de côr parda, e que se distingue pelo bico curto e direito e pela cauda curta, de côr castanha com uma faxa preta perto da ponta. Tambem as azas são de côr castanha com 1—2 faxas pretas. As coberteiras interiores das azas são de côr parda com manchas brancas. Passaro dos campos de S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 227. **Furnarius rufus** (**Gm.**).

João de barro.

Furnarius rufus *Burmeister* III p. 3 (partim).
Furnarius badius *Pelzeln* p. 34 (Rio de Janeiro?!).
Furnarius rufus *Berlepsch u. Ihering* p. 141.
Furnarius rufus *Sclater a. Hudson* I p. 167.
Furnarius rufus Cat. Br. Mus. XV p. 11.

Passaro de 200 mm. de comprimento, de côr parda (côr de terra), com o vertice mais escuro, a garganta branca e a cauda pardo-avermelhada. É essa a especie de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Rio da Prata. A variedade de Minas e Bolivia, de côr pardo-avermelhada nas costas, é F. albigularis e a da Bahia e Pernambuco de côr uniforme castanha em cima, é F. figulus. Perto do Rio de Janeiro não é encontrado o João de barro segundo me disse o Sr. C. Euler, sendo pois inexacta a respectiva indicação de Natterer. Aqui em S. Paulo nos arrabaldes da Capital e em todo o litoral não é encontrado esse passaro, que é commum em todo o valle do Rio Parahyba e nos municipios do Oeste. E' singular, entretanto, que Natterer nos annos de 1819—1822 não encontrasse nenhum exemplar de João de barro no Estado de S. Paulo. Como me disse o Sr. major Cornelio Vieira de Camargo no municipio de Tátuhy faz só cerca de 20 annos que tem apparecido esse passaro. Em Cachoeira elle já é conhecido desde 40—50 annos. Vale a pena examinar em que

tempo esse passaro, tão bem conhecido pelo seu ninho feito de barro em fórma de forno, immigrou no valle do Rio Parahyba. O Sr. Valencio Bueno informou-me de que o João de barro é raro perto de Piracicaba, commum em Pirassununga. Os guaranys do Rio Verde chamam o João de barro «habia», o que parece o mesmo que sabiá.

Mus. Paul. Cachoeira; Piquete.

* 228. Lochmias nematura (Licht.).

Macuquinho (Iporanga).

Lochmias nematura *Burmeister* III p. 6.
Lochmias nematura *Pelzeln* p. 35 (Ypanema, Matto Dentro).
Lochmias nematura Cat. Br. Mus. XV p. 28.

Passaro de 150 mm. de comprimento, de côr bruno-parda em cima, denegrida em baixo, com manchas grandes brancas nas pennas desde a garganta até a barriga. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana. O Sr. Valencio Bueno observou essa especie nos mattos, em Piracicaba, onde se estabelece perto da agua.

Mus. Paul. Piquete; Iporanga.

Subfam. 2. Synallaxinae.

* 229. Phloeocryptes melanops (Vieill.).

Tico-tico do piry (Iguape).

Phloeocryptes melanops *Sclater a. Hudson* I p. 174.
Phloeocryptes melanops Cat. Br. Mus. XV p. 33.

Passaro de 150 mm. de comprimento, pardo em cima, com manchas pretas no vertice e nas costas, esbranquiçado em baixo; as azas e a cauda são escuras com manchas côr de canella nas azas. Esse passarinho, encontrado com Cyanotis azarae nos banhados de Iguape, apparece ao Rio da Prata no mez de Setembro desapparecendo no inverno, retirando-se provavelmente para o Brazil meridional, onde

no mez de Outubro o encontrei em S. Lourenço, Rio Grande do Sul. Obtive alli como tambem de Iguape o seu ninho. O ovo é de côr verde-azul.

Mus. Paul. Iguape.

* 230. Synallaxis ruficapilla Vieill.

Turucuhé (Ypanema); *Curutié* (Iguape).

Synallaxis cinereus *Wied* III p. 685.
Synallaxis ruficapilla *Burmeister* III p. 38.
Synallaxis ruficapilla *Pelzeln* p. 35 (Ypanema, Itararé).
Synallaxis ruficapilla *Berlepsch* I p. 252.
Synallaxis ruficapilla *Berlepsch u. Ihering* p. 142.
Synallaxis ruficapilla Cat. Br. Mus. XV p. 38 (S. Paulo).

Passarinho de 150 mm. de comprimento, com a cauda comprida. Nas costas é de côr pardo-cinzenta; a fronte, o vertice até a nuca de côr castanho-clara como tambem as azas e a cauda. Atraz do olho uma estria amarellenta. O lado inferior é cinzento. Passarinho commum nos mattos e capoeiras do Estado de S. Paulo, notavel pelo seu enorme ninho, feito de espinhos e raminhos seccos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Pará. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba. A especie semelhante S. frontalis Pelz., com a fronte pardo-cinzenta e differente do vertice castanho, é encontrada na Bolivia, em Goyaz, Matto Grosso etc. e não foi até hoje encontrada em São Paulo. Os guaranys do Rio Verde designam as especies de Synallaxis «cinuyi».

Mus. Paul. Ypiranga; Tieté; Piquete; São Sebastião; Iguape; Cachoeira.

* 231. Synallaxis spixi Scl.

Parulus ruficeps *Spix* I p. 85 Pl. 86 fig. 1 (♂).
Synallaxis albescens *Burmeister* III p. 39.
Synallaxis spixi *Pelzeln* p. 35 (Ypanema, S. Paulo).
Synallaxis spixi *Berlepsch u. Ihering* p. 143.
Synallaxis spixi *Sclater a. Hudson* I p. 179.
Synallaxis spixi Cat. Br. Mus. XV p. 42.

Especie semelhante a precedente, differindo pela falta da estria amarellenta atraz do olho e pela cauda que não é de côr castanha como as azas, a fronte e o vertice, mas bruna como o dorso. O lado ventral é cinzento. Especie das republicas platinas e do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O Sr. Valencio Bueno observou-a em Piracicaba.

Mus. Paul. Rio Grande; Cachoeira.

232. Synallaxis albescens Temm.

Synallaxis albescens *Pelzeln* p. 38 (Cemiterio, Itararé).
Synallaxis albescens *Sclater a. Hudson* I p. 179.
Synallaxis albescens Cat. Br. Mus. XV p. 43.

Especie semelhante a precedente da qual differe pela fronte que é de côr bruno-cinzenta como o dorso, sendo só o vertice de côr castanha, e pela garganta branca. Essa especie occorre desde Buenos Ayres até a America Central.

Mus. Paul. —

233. Synallaxis cinerascens Temm.

Synallaxis cinarescens *Burmeister* III p. 40.
Synallaxis cinerascens *Pelzeln* p. 36 (Ypanema).
Synallaxis cinerascens *Berlepsch u. Ihering* p. 143.
Synallaxis cinerascens Cat. Br. Mus. XV p. 48 (S. Paulo).

Especie com a cabeça bruno-cinzenta, que tem a cauda e as azas de côr castanha; o lado ventral é cinzento com o crisso pardo-cinzento. Especie do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 234. Synallaxis cinnamomea (Gm.).

Curutie (Iguape).

Synallaxis ruficauda *Spix* I p. 84 Pl. 85 fig. 2.
Synallaxis caudacutus *Wied* III p. 692.
Synallaxis mentalis *Burmeister* III p. 41.
Synallaxis cinnamomea *Burmeister* III p. 42.

Synallaxis cinnamomea *Pelzeln* p. 37.
Synallaxis ruficauda *Pelzeln* p. 37 (Ypanema).
Synallaxis ruficauda Cat. Br. Mus. XV p. 50.

De côr pardo-cinzenta em cima, branca em baixo, com a garganta amarello-clara. Especie encontrada desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas e a Colombia. O Sr. Krone observou-a em Iguape.

Mus. Paul. Piquete; Cachoeira.

235. Synallaxis torquata Wied.

Synallaxis torquata *Wied* III p. 697.
Melanopareira torquata *Burmeister* III p. 37.
Synallaxis torquata *Pelzeln* p. 36 (Cemiterio, Irisanga, Itararé).
Synallaxis torquata Cat. Br. Mus. XV p. 56.

Passarinho de côr pardo-cinzenta em cima, amarellenta em baixo, distinguido por uma faxa preta orlada adiante de branco correndo sobre o peito. A nuca é castanha, a face preta. É passarinho dos campos de Minas, Bahia etc. e da Bolivia.

Mus. Paul. —

236. Synallaxis rutilans Temm.

Synallaxis rutilans *Burmeister* III p. 40.
Synallaxis rutilans *Pelzeln* p. 36 (Irisanga).
Synallaxis rutilans Cat. Br. Mus. XV p. 57.

Passarinho de côr castanha, com as azas e a cauda denegridas e com a garganta preta. Passaro do Amazonas que Natterer encontrou no Oeste do Estado de S. Paulo. Nessa especie a cauda é mais curta e o bico mais forte do que nas outras.

Mus. Paul. —

* 237. Siptornis pallida (Wied).

Synallaxis pallida *Wied* III p. 690.
Synallaxis pallida *Burmeister* III p. 41.
Siptornis pallida *Pelzeln* p. 38 (Ypanema).

Siptornis pallida Cat. Br. Mus. XV p. 59.

O genero Siptornis tem 12 rectrizes em vez de 10 no genero Synallaxis. Essa especie é de côr parda em cima e tem o vertice, as azas e a cauda de côr castanha. Sobre o olho corre uma estria branca, o lado ventral é amarellento. Especie dos campos do Brazil meridional e central. Especie semelhante observada por mim no Rio Grande do Sul, por Natterer no Estado do Paraná e que provavelmente aqui occorre tambem, é S. ruticilla Licht., que tem a fronte esbranquiçada, o vertice da côr do dorso e a garganta no meio amarella.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

SUBFAM. 3. PHILYDORINAE.

238. Anumbius acuti-caudatus (Less.).

Anumbius acuti-caudatus *Sclater a. Hudson* I p. 189.
Anumbius acuti-caudatus *Pelzeln* p. 38 (Itararé, Rio Verde).
Anumbius acuti-caudatus Cat. Br. Mus. XV p. 76.

Passaro de 210 mm. de comprimento, caracterisado pelas rectrizes pontagudas. A côr é bruna em cima, com a fronte castanha e uma estria supraocular branca. Em baixo é amarellento, com a garganta branca e orlada por manchas pretas. As rectrizes são pretas com pontas amarellentas. Esse passaro conhecido das pampas argentinas foi por mim encontrado no Rio Grande do Sul, por Natterer em Itararé e Curityba. E' notavel pelo immenso ninho que construe de ramos seccos e espinhos.

Mus. Paul. —

* 239. Thripophaga sclateri Berl.

Thripophaga sclateri *Berlepsch* Ibis 1883 p. 490 Pl. XIII.
Thripophaga sclateri *Berlepsch u. Ihering* p. 144.
Tripophaga sclateri Cat. Br. Mus. XV p. 84 (S. Paulo).

Passaro de 190 mm. de comprimento, distinguindo-se pela comprida cauda cujas rectrizes lateraes são mais curtas

que as do meio. A côr é pardo-azeitonada em cima excepto na fronte e no vertice, que são de côr castanha. O lado inferior e as rectrizes lateraes são de côr castanha com excepção das quatro rectrizes medianas que são da côr do dorso. Encontrei essa especie no Rio Grande do Sul (Barra de S. Lourenço) e em S. Paulo.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 240. Automolus ferruginolentus (Wied).

Anabates ferruginolentus *Wied* III p. 1166.
Anabatoides ferruginolentus *Burmeister* III p. 25.
Automolus ferruginolentus Cat. Br. Mus. XV p. 88.

Especie de 190 mm. de comprimento, medindo o culmen do bico 20 mm. Em cima bruno-parda com estrias longitudinaes amarellentas na cabeça e no dorso superior. Sobre o olho corre uma estria amarellenta, a cauda é de côr castanho-clara, o uropygio em nossos exemplares é da côr do dorso. Em baixo a côr é amarellenta, as pennas do peito e da barriga têm as margens fôscas. De outras especies parecidas essa distingue-se pelas estrias amarellentas tanto em cima como em baixo. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Não sei porque na lista de Pelzeln essa especie falta. Contem ella outra, Anabates infuscatus Temm., sobre a qual pelo catalogo do British Museum, não me é possivel informar-me.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

* 241. Automolus leucophthalmus (Wied).

Philydor albigularis *Spix* I p. 74 Pl. 74 fig. 1.
Anabates leucophthalmus *Wied* III p. 1170.
Anabates leucophthalmus *Burmeister* III p. 27.
Anabates leucophthalmus *Pelzeln* p. 39 (Ypanema).
Automolus sulphurascens *Sclater a. Salvin* Nomencl. p. 65.
Automolus leucophthalmus Cat. Br. Mus. XV p. 95.

Passaro de 180—200 mm. de comprimento, pardo-avermelhado em cima com o uropygio e a cauda castanhos.

A garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito e a barriga são de côr amarellenta, mais escura nos lados. A especie occorre nos mattos, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. Tieté; Piracicaba; Iguape.

* 242. Philydor atricapillus (Wied).

Philydor superciliaris *Spix* I p. 73 Pl. 73 fig. 1.
Anabates atricapillus *Wied* III p. 1187.
Anabates superciliaris *Burmeister* III p. 28.
Anabates superciliaris *Pelzeln* p. 40 (Ypanema).
Philydor atricapillus Cat. Br. Mus. XV p. 96 (S. Paulo).

Especie de 180 mm. de comprimento, de côr pardo-vermelha, mais clara no lado inferior. O uropygio e a cauda são castanhos, a fronte e o vertice são de côr preta. Uma estria amarellenta corre sobre o olho; as azas são de côr bruno-cinzenta. Especie encontrada desde S. Paulo até Minas e Bahia.

Mus. Paul. Iguape; Ypiranga.

* 243. Philydor rufus (Vieill.).

Philydor ruficollis *Spix* I p. 74 Pl. 75.
Anabates poliocephalus *Burmeister* III p. 29.
Anabates poliocephalus *Pelzeln* p. 40 (Ypanema).
Philydor rufus Cat. Br. Mus. XV p. 97 (S. Paulo).

Especie semelhante a precedente, pardo-azeitonada nas costas, pardo-amarella em baixo. A fronte e a face são de côr pardo-amarella. O vertice, a nuca e uma estria atraz dos olhos são de côr cinzento-escura. A cauda e as azas são castanhas. Especie distribuida desde S. Paulo até Pará.

Mus. Paul. Tieté; Iguape.

* 244. Heliobletus superciliosus (Licht.).

Heliobletus superciliosus *Burmeister* III p. 32.
Anabates contaminatus *Pelzeln* p. 40 (Ypanema, Itararé).
Heliobletus contaminatus *Berlepsch u. Ihering* p. 144.
Heliobletus superciliosus Cat. Br. Mus. XV p. 104.

Especie pequena, de 120 mm. de comprimento, medindo 12 mm. o culmen do bico. Pardo-azeitonada em cima com o vertice mais escuro, tendo cada penna no meio uma estria amarella longitudinal. Uma estria supraocular é amarellenta como a garganta e as partes lateraes do pescoço. A cauda é castanha. As remiges são escuras, orladas de pardo-azeitonado. As pennas do peito e da barriga são pardo-cinzentas com uma mancha amarella no meio de cada uma. Especie do Paraguay e do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo.

Mus. Paul. Ypiranga.

*** 245. Anabazenops rufo-superciliatus (Lafr.).**

Anabatoides adspersus *Burmeister* III p. 24.
Anabates rufo-superciliatus *Pelzeln* p. 39 (Ypanema, Matto Dentro, Pahor).
Anabazenops rufo-superciliatus *Berlepsch u. Ihering* p. 145.
Anabazenops rufo-superciliatus Cat. Br. Mus. XV p. 105 (S. Paulo).

Especie de 180 mm. de comprimento, pardo-azeitonada em cima, com o loro e uma estria supraocular de côr amarellento-escura. A cauda é castanha. A garganta é esbranquiçada, o peito e a barriga são de côr pardo-cinzenta, tendo cada penna no meio uma mancha larga de côr alvacenta. O comprimento do bico é de 16 mm. no cume. Especie do Brazil, do Perú e da Bolivia, que eu obtive no Rio Grande do Sul e Burmeister no Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Ypiranga; Tieté.

*** 246. Anabazenops amaurotis (Temm.).**

Anabates amaurotis *Burmeister* III p. 29.
Philydor amaurotis *Sclater a. Salvin* Nomencl. p. 66.
Anabazenops amaurotis Cat. Br. Mus. XV p. 107 (Matto Dentro).

Especie de 160—170 mm. de comprimento, pardo-azeitonada em cima, com a cauda castanha. As pennas do vertice são orladas de preto. Tem uma estria supraocular, comprida, amarellada. O lado inferior é amarellento, tendo as pennas do peito no meio uma mancha mais clara.

Se a essa especie pertence o nosso exemplar de Iguape recebido do Sr. Krone, representando talvez uma variedade ou o macho, tem este as pennas do vertice até a nuca com uma mancha branca orlada de preto e mais para fora ainda munida com uma orla da côr do dorso. Especie do Brazil meridional descoberta por Natterer, mas que não acho mencionada por Pelzeln.

Mus. Paul. Iguape.

* 247. Xenops genibarbis Ill.

Xenops genibarbis *Wied* III p. 1155.
Xenops genibarbis *Burmeister* III p. 22.
Xenops genibarbis *Pelzeln* p. 41 (Ypanema).
Xenops genibarbis Cat. Br. Mus. XV p. 110.

Passaro de 110—120 mm. de comprimento, singular pela linha curvada para cima ou ascendente do gonys da mandibula inferior. A côr é bruno-azeitonada nas costas, pardo-cinzenta no peito e na barriga. Uma estria amarella corre sobre o olho, outra branca em baixo do ouvido. As azas são denegridas, com uma faxa castanha. As rectrizes do meio e as pontas das tres exteriores são castanhas, o resto das rectrizes é de côr preta. A especie occorre desde S. Paulo até o Mexico.

Mus. Paul. Iguape.

* 248. Xenops rutilus Licht.

Xenops rutilans *Wied* III p. 1159.
Xenops rutilans *Burmeister* III p. 23.
Xenops rutilus *Pelzeln* p. 42 (Ypanema).
Xenops rutilus *Berlepsch u. Ihering* l. c. p. 145.
Xenops rutilus Cat. Br. Mus. XV p. 111.

Especie um pouco maior do que a precedente, da qual differe pela côr pardo-avermelhada do dorso, pela cauda quasi uniforme e castanha, pelas manchas amarellas do vertice e pelas manchas esbranquiçadas do peito e da barriga, sendo cada penna branca no meio e orlada nos lados de pardo-cinzento. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central.

Mus. Paul. Iporanga.

* 249. Anabatoides fuscus (Vieill.).

Anabatoides fuscus *Burmeister* III p. 24.
Xenops anabatoides *Pelzeln* p. 41 (Matto Dentro, Ypanema).
Anabatoides fuscus *Berlepsch* I p. 253.
Anabatoides fuscus Cat. Br. Mus. XV p. 112.

Passaro semelhante no bico ás especies do genero Xenops, porem maior, de 190 mm. de comprimento. Pardo-azeitonado em cima, pardo-amarellento em baixo, com o vertice mais escuro e a cauda castanha. Sobre o olho corre uma estria branca. A garganta e uma faxa que sahe della occupando o lado do pescoço são brancas. A especie está distribuida desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro e Minas Geraes. O S. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba, onde não é rara.

Mus. Paul. Ypiranga; Tieté.

Subfam. 4. Sclerurinae.

* 250. Sclerurus umbretta (Licht.).

Papa-formiga (Iguape); *Pincha-cisco* (Piracicaba).

Tinactor fuscus *Wied* III p. 1106.
Sclerurus caudacutus *Burmeister* III p. 45.
Sclerurus caudacutus *Pelzeln* p. 86 (Matto Dentro, Ypanema).
Sclerurus umbretta *Sclater a. Hudson* I p. 174.
Sclerurus umbretta Cat. Br. Mus. XV p. 114.

Passaro de 190 mm. de comprimento, semelhante pela cauda rija ás Dendrocolaptinas, mas vivendo no chão das mattas grossas onde costuma virar as folhas atirando-as com agilidade ao redor de si em procura de insectos e aranhas. A côr é bruna, sendo pardo-avermelhada no peito e no uropygio. A garganta é esbranquiçada. O comprimento do bico dentirostro é de 22 mm. O passaro vive nos mattos do Brazil, desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até a Bahia e o Paraguay.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape.

Subfam. 5. Dendrocolaptinae.

* 251. Sittosomus erithacus (Licht.).

Sittasomus erithacus *Burmeister* III p. 20.
Sittasomus erythacus *Pelzeln* p. 42 (Ypanema).
Sittosomus erithacus *Sclater a. Hudson* I p. 198.
Sittasomus erithacus *Berlepsch u. Ihering* p. 146.
Sittosomus erithacus Cat. Br. Mus XV p. 119.

Passaro de 150—160 mm. de comprimento, pardo-azeitonado nas costas, pardo-amarellento no lado inferior, com as azas e a cauda de côr castanha. As pontas das hastes das rectrizes são alongadas, fortes e recurvadas. É especie distribuida desde as Missões argentinas e o Rio Grande do Sul até a Bolivia, Matto Grosso, Minas e Rio de Janeiro. O Sr. Valencio Bueno disse-me que conhece essa especie em Piracicaba.

Mus. Paul. Iguape; Ypiranga.

* 252. Xiphocolaptes albicollis (Vieill.).

Arapassu.

Dendrocolaptes decumanus *Spix* I p. 86 Pl. 87.
Dendrocolaptes guttatus *Wied* III p. 1120.
Dendrocolaptes decumanus *Burmeister* III p. 10.
Xiphocolaptes albicollis *Pelzeln* p. 43 (Ypanema).
Xiphocolaptes albicollis *Sclater a. Hudson* I p. 200.

Xiphocolaptes albicollis Cat. Br. Mus. XV p. 142.

Passaro grande, de 280—300 mm. de comprimento. O bico é mais alto do que largo, um pouco arqueado e mede 41 mm. de comprimento. A côr é pardo-azeitonada em cima, mais escura na cabeça, bruno-castanha na cauda. Na cabeça, no pescoço e no peito tem cada penna no meio uma estria amarellenta. As pennas da barriga são transversalmente riscadas por faxas pretas. A garganta é branco-amarella. A espécie occorre desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até Paraguay e Bahia.

Mus. Paul. S. Paulo.

253. Picolaptes squamatus (Licht.).

Dendrocolaptes wagleri *Spix* I p. 88 Pl. 90 fig. 2.
Dendrocolaptes squamatus *Burmeister* III p. 14 (São Paulo).
Picolaptes squamatus Cat. Br. Mus. XV p. 147.

Pardo-amarellento nas costas com as azas e a cauda pardo-castanhas. A fronte e o vertice são de côr escura, tendo cada penna no meio uma mancha amarella. No lado inferior a garganta é branca, o peito e a barriga são de côr pardo-cinzenta, tendo cada penna no meio uma mancha esbranquiçada. Essa especie foi encontrada por Burmeister em Nova Friburgo, dizendo elle que occorre tambem em S. Paulo. Talvez haja engano nesse sentido, visto como Natterer e eu em S. Paulo só observamos a especie semelhante que se segue.

Mus. Paul. —

* 254. Picolaptes falcinellus (Cab. et Heine).

Thripobrotus falcinellus *Cabanis et Heine* II p. 38.
Picolaptes falcinellus *Pelzeln* p. 44 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Picolaptes falcinellus *Berlepsch u. Ihering* p. 146.
Picolaptes falcinellus Cat. Br. Mus. XV p. 148.

Especie de 200 mm. de comprimento e com o bico medindo 28 mm. de comprimento, que é muito semelhante

ao P. squamatus, distinguindo-se pelas manchas amarellas da cabeça mais pronunciadas e que se extendem sobre a nuca e o dorso, onde são mais compridas e estreitas do que na cabeça. A garganta é branca. Especie que occorre desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo. Parece-me que ao Norte de S. Paulo essa especie é substituida por P. squamatus.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 255. Picolaptes tenuirostris (Licht.).

Dendrocolaptes tenuirostris *Wied* III p. 1127.
Dendrocolaptes tenuirostris *Burmeister* III p. 14.
Picolaptes tenuirostris *Pelzeln* p. 44 (Ypanema).
Picolaptes tenuirostris Cat. Br. Mus. XV p, 151 (São Paulo).

Especie menor, de 170—180 mm. de comprimento, com o bico 25 mm. comprido, semelhante ao P. falcinellus porem menor, medindo a aza 96 mm. de comprimento na precedente e 72 mm. na presente especie. A garganta é amarellenta. Essa especie é encontrada desde S. Paulo até a Bahia. A descripção e figura que Spix deu de P. tenuirostris não se refere a essa especie, mas ao Dendrornis spixi Pelz. do Pará.

Mus. Paul. Ypiranga; Iguape.

* 256. Picolaptes bivittatus (Licht.).

Dendrocolaptes bivittatus *Spix* I p. 87 Pl. 90 fig. 1.
Dendrocolaptes rufus *Wied* III p. 1130.
Picolaptes bivittatus *Burmeister* III p. 17 (S. Paulo).
Picolaptes bivittatus *Pelzeln* p. 44 (Cemiterio, Irisanga).
Picolaptes bivittatus Cat. Br. Mus. XV p. 155.

Passaro de 180—200 mm. de comprimento, de côr castanha nas costas, amarellenta em baixo. A garganta é branca, a fronte e o vertice são de côr pardo-cinzenta com manchas estreitas amarellentas. A cauda e as azas são castanhas. Sobre o olho corre uma comprida estria

branca. Essa especie, que prefere os capões dos campos, occorre desde a Bolivia, Matto Grosso, Minas, S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 257. Xiphorhynchus procurvus (Temm.).

Arapassú de bico comprido (ou curvo).

Xiphorhynchus trochilirostris *Burmeister* III p. 16.
Xiphorhynchus procurvus *Pelzeln* p. 44 (Ypanema, Matto Dentro).
Xiphorhynchus procurvus *Berlepsch u. Ihering* p. 147.
Xiphorhynchus procurvus Cat. Br. Mus. XV p. 158.

Especie de 250 mm. de comprimento, de côr pardo-azeitonada com as azas e a cauda de côr castanha, tendo as pennas da cabeça e do pescoço marcadas por manchas amarellentas. O bico delgado arqueado do comprimento colossal de 68 mm. e de côr escura, caracterisa muito bem essa especie, que occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Na Bahia e ao Norte da Bahia até Panamá occorre outra especie muito semelhante, X. trochilirostris (Licht.) Wied, distinguida pela côr pardo-vermelha do bico. Tratam esse passaro tambem de arapassú.

Mus. Paul. Tieté; Ypiranga.

* 258. Dendrocincla turdina (Licht.).

Dryocopus turdinus *Wied* III p. 1112.
Dendrocincla turdinea *Burmeister* III p. 8.
Dendrocincla turdina *Pelzeln* p. 42.
Dendrocincla turdina Cat. Br. Mus. XV p. 167.

Passaro forte, de 200 mm. de comprimento, de côr pardo-azeitonada, amarellento na garganta, e com a cauda castanha. As pennas da cabeça são marcadas por umas manchinhas lineares de côr amarellenta. O bico, que mede 24 mm., é quasi do comprimento da cabeça, direito, com a ponta recurvada para baixo e mais largo do que alto.

Essa especie é encontrada nos mattos, desde S. Paulo até a Bahia. Parece que no Estado de S. Paulo só occorre na zona do litoral.

Mus. Paul. Iguape.

* 259. Dendrocolaptes picumnus Licht.

Arapassú.

Dendrocolaptes platyrostris *Spix* I p. 87 Pl. 89.
Dendrocopus platyrhynchus *Burmeister* III p. 9.
Dendrocolaptes picumnus *Pelzeln* p. 43 (Ypanema, Itararé).
Dendrocolaptes picumnus *Berlepsch* I p. 253.
Dendrocolaptes picumnus *Sclater a. Hudson* I p. 199.
Dendrocolaptes picumnus Cat. Br. Mus. XV p. 170 (S. Paulo).

Especie grande, de 270 mm. de comprimento, assemelhando-se muito a Xiphocolaptes albicollis (cf. p. 230), da qual differe pelo bico que é mais curto, menos alto e mais largo na base, medindo 33 mm. Essa especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro e Matto Grosso.

Mus. Paul. Ypiranga.

FAM. FORMICARIIDAE.

Subfam. I. Thamnophilinae.

* 260. Batara cinerea (Vieill.).

Borralhara; Matraca; Rabilhão (Piracicaba).

Thamnophilus undulatus *Burmeister* III p. 89.
Batara cinerea *Pelzeln* p. 74 (Ypanema).
Batara cinerea Cat. Br. Mus. XV p. 179.

Passaro grande, do tamanho do pavão, medindo no comprimento 350 mm. O macho, que tem as pennas da cabeça alongadas em fórma de topete preto, é de côr cinzenta, tendo o dorso, a cauda e as azas de côr preta

com linhas transversaes brancas. A femea é de côr pardo-amarellenta e tem o vertice castanho e as estrias do dorso etc. de côr parda. Essa especie bem caracterisada pelo bico forte, compresso e recurvado na ponta, occorre desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro e Goyaz nos mattos das Serras. O Sr. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba onde a tratam de Borralhara rajadão. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'a «nuangandu-guassu».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 261. Thamnophilus leachi Such.

Borralhara.

Thamnophilus leachi *Burmeister* III p. 90.
Thamnophilus leachi *Pelzeln* p. 74 (Matto Dentro, Marmeleiro, Ypanema).
Thamnophilus leachi *Sclater a. Hudson* I p. 202.
Thamnophilus leachi Cat. Br. Mus. XV p. 181 (São Paulo).

Passaro forte, de 260 mm. de comprimento, preto, com manchas redondas brancas nas pennas do lado dorsal e com estrias transversaes brancas no lado abdominal. A femea tem as manchas e estrias de côr amarellenta. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul e as Missões até Minas e Rio de Janeiro. Não sei explicar a etymologia tupy da palavra borralhara ou burrajara.

Mus. Paul. Iporanga.

* 262. Thamnophilus guttatus Vieill.

Borralhara pintada.

Thamnophilus guttatus *Spix* II p. 25 Pl. 35 fig. 1 (♀) (S. Paulo).
Thamnophilus guttatus *Wied* III p. 1019.
Thamnophilus meleager *Burmeister* III p. 91.
Thamnophilus guttatus *Pelzeln* p. 75 (Ypanema, Rio Paraná).
Thamnophilus guttatus Cat. Br. Mus. XV p. 182.

O macho é preto, com manchas redondas, de côr branca nas costas e no peito. Sobre as azas e a cauda correm estrias brancas. A barriga e a garganta são branco-cinzentas. O comprimento é de 210 mm. A femea tem as manchas e estrias de côr amarellenta. Especie dos capões e capoeiras, desde o Rio Grande do Sul até Minas e Bahia. O nome que os guaranys do Rio Verde dão a essa especie é «nuangandú».

Mus. Paul. Iguape.

* 263. Thamnophilus severus (Licht.).

Burrajara.

Thamnophilus severus *Burmeister* III p. 90
Thamnophilus severus *Pelzeln* p. 75 (Matto Dentro, Ypanema).
Thamnophilus severus Cat. Br. Mus. XV p. 183.

Especie de 220 mm. de comprimento, com topete de pennas alongadas na cabeça. O macho é preto, a femea preta, com estrias transversaes de côr pardo-avermelhada no corpo e nas azas e com a cabeça, em cima, de côr castanha. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Minas, Goyaz e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Piracicaba; Iporanga.

* 264. Thamnophilus naevius (Gm.).

Choca.

Thamnophilus albonotatus *Spix* II p. 27 Taf. 37 fig. 2 (♂).
Thamnophilus naevius *Burmeister* III p. 94.
Thamnophilus naevius *Pelzeln* p. 76 (Ypanema).
Thamnophilus naevius Cat. Br. Mus. XV p. 197.

Passaro de 140 mm. de comprimento. O macho é de côr cinzenta com a fronte e o vertice pretos. As azas são pretas com orlas brancas nas pennas. A cauda é preta com pontas brancas das rectrizes. A femea é semelhante, mas de côr bruno-parda em cima, amarellenta em baixo.

Essa especie occorre desde Curityba até a America Central. No Rio Grande do Sul, donde Joyner a indicou de Pelotas, não a obteve e duvido da exactidão.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete.

*** 265. Thamnophilus caerulescens Vieill.**

Thamnophilus pileatus *Burmeister* III p. 95.
Thamnophilus caerulescens *Berlepsch u. Ihering* p. 148.
Thamnophilus caerulescens *Sclater a. Hudson* I p. 204.
Thamnophilus caerulescens Cat. Br. Mus. XV p. 200.

Especie muito semelhante a precedente, da qual apenas differe pelas manchas das rectrizes exteriores. Uma mancha branca na barba exterior da rectriz exterior é pequena e muito distante da ponta branca em Th. naevius, grande e quasi contigua com a da ponta em Th. caerulescens. Voltarei ao assumpto na discussão da especie que segue. Th. caerulescens é especie da Argentina e, caso seja exacta a minha determinação, de S. Paulo. O macho tem as coberteiras inferiores da cauda cinzentas com manchas indistinctas escuras.

Mus. Paul. Ribeirão Pires; Tieté.

*** 266. Thamnophilus maculatus d'Orb. et Lafr.**

Thamnophilus naevius var. gilvigaster *Pelzeln* p. 76 (Ypanema).
Thamnophilus maculatus *Berlepsch u. Ihering* p. 147.
Thamnophilus maculatus Cat. Br. Mus. XV p. 201.

Variedade da precedente, distinguida apenas pela côr amarellenta da barriga e das coberteiras inferiores da cauda do macho. Nos meus exemplares de caerulescens esse colorido amarellento parece apenas indicado um pouco. Um tem a fronte cinzenta, o outro preta. Como Berlepsch diz que obteve T. maculatus de S. Paulo, se devia julgar que meus exemplares de M. caerulescens pertencessem ao Th. maculatus. Neste caso, entretanto, devido á variabilidade dos caracteres distinctivos, parece-me que as duas «especies» devem ser reunidas em uma só, entrando Th.

maculatus na synonymia de caerulescens ou representando quanto muito variedade della.

Mus. Paul. —

* 267. Thamnophilus ruficapillus Vieill.

Choca.

Thamnophilus ruficapillus *Pelzeln* p. 79 (Ypanema).
Thamnophilus ruficapillus *Berlepsch u. Ihering* p. 149.
Thamnophilus ruficapillus *Sclater a. Hudson* I p. 204.
Thamnophilus ruficapillus Cat. Br. Mus. XV p. 213.

Especie de 160 mm. de comprimento, distinguida pela cabeça que em cima é de côr pardo-avermelhada em ambos os sexos. O macho é pardo em cima, branco-cinzento em baixo, rajado no peito por faxas pretas. Nas rectrizes a borda interior é munida de manchas brancas. A femea é semelhante, pardo-amarella no lado inferior, com as faxas pouco marcadas ou faltando. Essa especie occorre desde Buenos Ayres até S. Paulo.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba.

* 268. Biatas nigropectus (Lafr.).

Biatas nigropectus *Burmeister* III p. 84.
Biatas nigropectus *Pelzeln* p. 74 (Ypanema).
Biatas nigropectus Cat. Br. Mus. XV p. 215.

Passaro de 170 mm. de comprimento, de côr pardo-azeitonada. A cabeça é preta, em cima, seguindo na nuca uma faxa esbranquiçada. A garganta é branca, o pescoço anterior preto. As margens das remiges e a cauda são castanhas. A especie occorre em S. Paulo e no Rio de Janeiro. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba onde é, porém, rara.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 269. Dysithamnus guttulatus (Licht.).

Thamnophilus strictothorax *Wied* III p. 1013.
Dysithamnus guttulatus *Burmeister* III p. 81 (S. Paulo).

Dysithamnus guttulatus *Pelzeln* p. 79 e 417.
Dysithamnus guttulatus Cat. Br. Mus. XV p. 220.

Passarinho de 130 mm. de comprimento, de côr verde-azeitonada em cima, amarello-clara em baixo. As pennas do peito têm manchas denegridas, que no sexo feminino são pouco marcadas. A cabeça é em cima de côr cinzenta no macho, de côr castanha na femea. A especie occorre desde S. Paulo até a Bahia e Bolivia.

Mus. Paul. Iguape.

* 270. Dysithamnus mentalis (Temm.).

Myiothera poliocephala *Wied* III p. 1098.
Dysithamnus mentalis *Burmeister* III p. 82.
Dysithamnus mentalis *Pelzeln* p. 79 (Rio Paraná).
Dysithamnus mentalis Cat. Br. Mus. XV p. 221 (São Paulo).

Especie um pouco menor do que a precedente, de 120 mm. de comprimento, da qual differe pela côr cinzenta da garganta, do pescoço anterior e do peito. O macho tem o encontro branco. As coberteiras exteriores da aza têm pontas brancas como na especie precedente. A especie é encontrada no matto virgem, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. Tieté; Iguape.

Subfam. 2. Formicariinae.

* 271. Myrmotherula gularis (Spix).

Thamnophilus gularis *Spix* II p. 30 Pl. 41 fig. 2.
Myiothera cinerea *Wied* III p. 1093.
Rhopoterpe gularis *Burmeister* III p. 56.
Myrmotherula gularis *Pelzeln* p. 81 (Ypanema).
Myrmotherula gularis Cat. Br. Mus. XV p. 233.

Passarinho de 100 mm. de comprimento, pardo-avermelhado em cima, cinzento em baixo com excepção da garganta e do pescoço anterior que são de côr preta com

pingas brancas. As coberteiras exteriores da aza são pretas com as pontas pardo-amarellas. A barriga e o crisso são de côr pardo-amarellenta. A cauda é muito curta. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia no litoral do Brazil.

Mus. Paul. Piquete; Iporanga.

272. Herpsilochmus longirostris Pelz.

Herpsilochmus longirostris *Pelzeln* p. 80 e 150 (Rio Paraná).

Herpsilochmus longirostris Cat. Br. Mus. XV p. 246.

Passaro de 140 mm. de comprimento. O macho é em cima cinzento com a cabeça preta e uma estria supraocular de côr branca. As coberteiras exteriores da aza e as rectrizes, que são pretas, têm as pontas brancas. O lado inferior é branco. A femea differe do macho pela cabeça pardo-avermelhada e pelo lado ventral de côr castanho-amarellla. Passaro do Goyaz e Matto Grosso, que Natterer obteve tambem do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

273. Herpsilochmus atricapillus Pelz.

Herpsilochmus atricapillus *Pelzeln* p. 80 e 150 (Rio Paraná).

Herpsilochmus atricapillus Cat. Br. Mus XV p. 246.

Especie menor, de 100 mm. de comprimento, semelhante a precedente, da qual differe pela côr amarellenta da barriga. A femea é semelhante ao macho, tendo, porem, a cabeça munida de manchas brancas. A especie parece ter a mesma distribuição que a precedente e o British Museum obteve-a de Pernambuco.

Mus. Paul. —

* 274. Herpsilochmus rufimarginatus (Temm.).

Myiothera scapularis *Wied* III p. 1083.

Formicivora rufimarginata *Burmeister* III p. 79.

Herpsilochmus rufimarginatus *Pelzeln* p. 80 (Ypanema).

Herpsilochmus rufimarginatus Cat. Br. Mus. XV p. 247.

Passarinho de 110 mm. de comprimento. O macho é cinzento em cima, com a cabeça desde a fronte até a nuca preta e com uma estria esbranquiçada correndo sobre o olho. A barriga e o peito são de côr amarello-clara, a garganta é branco-cinzenta. As coberteiras das azas e as rectrizes têm as pontas brancas. As remiges têm orlas castanhas. A femea é semelhante tendo, porém, a cabeça pardo-avermelhada. A especie occorre desde S. Paulo até a Bahia e Matto Grosso.

Mus. Paul. Iguape.

* 275. Formicivora rufatra (Lafr. et d'Orb.).

Thamnophilus griseus *Spix* II p. 29 Pl. 40 fig. 1 (♀).
Myiothera rufa *Wied* III p. 1095 (♀).
Formicivora superciliaris *Burmeister* III p. 74.
Ellipura rufa *Burmeister* III p. 70 (♀).
Formicivora rufatra *Pelzeln* p. 83 (Rio das Pedras).
Formicivora rufatra Cat. Br. Mus. XV p. 250.

Passaro de 130 mm. de comprimento. O macho é bruno em cima, com uma estria branca supraocular. As coberteiras exteriores das azas e as rectrizes são pretas com pontas brancas. A garganta e o peito são de côr preta, que se extende no meio na barriga, cujas partes lateraes entretanto são esbranquiçadas. A femea é semelhante, mas tem a garganta e o peito brancos com estrias pretas. Especie do Matto Grosso e Goyaz, que occorre tambem em Pernambuco, Pará, na Bolivia e no extremo Oeste do Estado de S. Paulo, e que temos da Bahia.

Mus. Paul. —

* 276. Formicivora ferruginea (Licht.).

Papa-formiga; Trovoada (Iguape).

Ellipura ferruginea *Burmeister* III p. 71.
Formicivora ferruginea *Pelzeln* p. 83 (Matto Dentro, Ypanema).
Formicivora ferruginea Cat. Br. Mus. XV p. 252.

Especie de 130—140 mm. de comprimento, de côr castanha com a cabeça, as azas e a cauda de côr preta. As coberteiras exteriores das azas e as rectrizes têm as pontas brancas. No meio do dorso existe uma mancha grande de pennas brancas com pontas pretas, como na maior parte das especies deste genero. Sobre o olho corre uma estria branca. A femea quasi não differe. Especie de S. Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia.

Mus. Paul. Alto da Serra; Iguape.

277. Formicivora genaei Filippi.

Formicivora genei *Pelzeln* p. 83 (Ypanema).

Formicivora genaei Cat. Br. Mus. XV p. 253.

Especie bem distinguida pela côr pardo-avermelhada da cauda e do uropygio. A côr é cinzenta em cima, com a cabeça preta e uma estria branca sobre o olho. As azas são pretas com pontas brancas das coberteiras exteriores. O lado inferior é branco-cinzento com estrias pretas até a barriga inferior e o crisso, que são de côr pardo-amarellenta. A distribuição da especie parece ser a mesma como da especie precedente.

Mus. Paul. —

*** 278. Formicivora striata (Spix).**

Papa-formiga.

Thamnophilus striatus *Spix* II p. 29 Pl. 40 fig. 2.

Ellipura striata *Burmeister* III p. 69.

Formicivora striata Cat. Br. Mus. XV p. 252.

Especie de 130—140 mm. de comprimento. O macho é cinzento com manchas pretas nas costas, preto na cabeça que tem uma estria branca sobre o olho. O dorso inferior e o uropygio são de côr pardo-avermelhada. As azas e a cauda são pretas com pontas brancas das coberteiras exteriores das azas e das rectrizes. No lado inferior é a barriga inferior e o crisso de côr castanha, o pescoço e o peito são brancos com estrias pretas. A femea é semelhante, mas de côr parda em cima e com estrias escuras no vertice. Especie de S. Paulo, Minas Geraes e Bahia.

Mus. Paul. Alto da Serra; Iguape.

* 279. Formicivora squamata (Licht.).

Papa-formiga.

Myiothera squamata *Wied* III p. 1070.
Ellipura squamata *Burmeister* III p. 70.
Formicivora squamata *Pelzeln* p. 84.
Formicivora squamata Cat. Br. Mus. XV p. 254.

O macho é preto em cima, com pingas brancas e com uma estria branca sobre o olho. A aza é preta com pontas brancas das coberteiras exteriores e das remiges do braço. A cauda é preta e as rectrizes têm alêm da ponta branca mais manchas brancas nas barbas. O lado inferior é branco-cinzento com manchas pretas. A femea é semelhante, mas todas as manchas do lado superior são pardo-amarellentas em vez de brancas. Especie dos mattos de S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

* 280. Formicivora malura (Temm.).

Ellipura malura *Burmeister* III p. 68.
Formicivora malura *Pelzeln* p. 83 (Ypanema).
Formicivora malura *Berlepsch u. Ihering* p. 150.
Formicivora malura Cat. Br. Mus. XV p. 254 (Ypanema).

Especie de 110 mm. de comprimento, distinguindo-se pela cauda uniforme de côr bruno-denegrida sem pontas brancas. O macho é de côr cinzenta nas costas; a cabeça é preta em cima com estrias brancas. As azas são pretas com pontas brancas das coberteiras exteriores. O lado inferior é branco com manchas pretas até a barriga, que é cinzenta. A femea é semelhante, de côr mais parda. Essa especie é distribuida desde o Norte do Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. Piquete; Iporanga; Ypiranga.

* 281. Rhamphocaenus melanurus Vieill.

Troglodytes gladiator *Wied* III p. 751.
Rhamphocaenus melanurus *Burmeister* III p. 72.

Rhamphocaenus melanurus *Pelzeln* p. 84.
Rhamphocaenus melanurus Cat. Br. Mus. XV p. 260.

Este passarinho de 120—130 mm. de comprimento é bem caracterisado pelo seu bico delgado e comprido, de 21 mm. de comprimento, e pela cauda uniforme preta e não curta. A côr é pardo-azeitonada em cima, branco-cinzenta na garganta, no pescoço anterior e no meio do peito e da barriga. As partes lateraes da barriga e do peito são de côr pardo-avermelhada. As rectrizes lateraes são mais curtas do que as do meio. A rectriz exterior é na ponta e na borda exterior de côr cinzenta. A especie occorre desde o litoral de S. Paulo até Matto Grosso, Pernambuco e Amazonas.

Mus. Paul. Iguape.

* 282. Pyriglena leucoptera (Vieill.).

Papa-formiga; Papa-taóca (Iguape).

Myiothera domicella *Wied* III p. 1058.
Pyriglena domicella *Burmeister* III p. 59.
Pyriglena domicella *Brehm* Thierleben Bd. V 1879 p. 614 e figura.
Pyriglena leucoptera *Pelzeln* p. 85 (Matto Dentro, Ypanema).
Pyriglena leucoptera *Berlepsch* I p. 254.
Pyriglena leucoptera Cat. Br. Mus. XV p. 269.

Passaro de 170—190 mm. de comprimento. O macho é preto com uma mancha no meio do dorso e duas faxas nas azas de côr branca e com a iris do olho vermelha. A femea é parda em cima, pardo-cinzenta em baixo e tem a cauda denegrida. Não encontrei a especie no Rio Grande do Sul, donde o catalogo do British Museum a indica. A especie occorre desde S.ta Catharina até a Bahia, Minas, Goyaz e Bolivia.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape; S. Sebastião; Ypiranga.

* 283. Myrmeciza squamosa Pelz.

Papa-formiga.

Myrmeciza squamosa *Pelzeln* p. 87 e 162 (Matto Dentro, Ypanema).
Myrmeciza squamosa *Berlepsch u. Ihering* p. 151.
Myrmeciza squamosa Cat. Br. Mus. XV p. 281 (Ypanema).

Passaro de 150—160 mm. de comprimento, caracterisado pelo bico fino e pelos tarsos compridos de côr amarella. O macho é pardo em cima com uma mancha branca orlada de preto no dorso. As azas e a cauda são de côr bruno-denegrida, as coberteiras exteriores das azas têm as pontas brancas. A garganta e o pescoço anterior são de côr preta, o peito tem as pennas pretas orladas de branco, a barriga é branca. A femea é semelhante, mas sem a a côr preta da garganta e do pescoço. Essa especie é encontrada desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro até a Bahia ella é substituida por M. loricata (Licht.), cujo macho tem de côr preta só a garganta e as pontas das coberteiras exteriores de côr amarellenta. O Sr. Valencio Bueno que observou em Piracicaba M. squamosa, disse-me que este passaro não pula no chão como os outros passarinhos, mas que anda como as gallinhas.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete; Iguape; Iporanga.

* 284. Formicarius colma (Gm.).

Gallinha do matto.

Myiothera ruficeps *Spix* I p. 72 Pl. 72 fig. 1.
Myioturdus tetema *Wied* III p. 1038.
Myiothera tetema *Burmeister* III p. 46.
Formicarius ruficeps *Pelzeln* p. 90.
Formicarius colma Cat. Br. Mus. XV p. 302 (S. Paulo).

Passaro de 170 mm. de comprimento, com a cauda curta e a região atraz do olho nua. A côr é pardo-bruna, mas a cabeça em cima e a nuca são de côr castanha. A

face, a garganta e o pescoço anterior são de côr preta. A cauda é denegrida. Este passaro, que nos mattos grandes procura insectos no chão, occorre desde o litoral de São Paulo até Pará e Matto Grosso.

Mus. Paul. Iguape.

SUBFAM. 3. GRALLARIINAE

*** 285. Chamaeza brevicauda (Vieill.).**

Tovacca.

Myioturdus marginatus *Wied* III p. 1035.
Chamaezosa marginata *Burmeister* III p. 47.
Chamaeza brevicauda. *Pelzeln* p. 91 (Matto Dentro, Ypanema).
Chamaeza brevicauda *Berlepsch u. Ihering* p. 151.
Chamaeza brevicauda Cat. Br. Mus. XV p. 307 (São Paulo).

A cauda é no genero Chamaeza de comprimento regular, sendo bem pequena e mais curta do que o tarso no genero Grallaria. A especie presente é passaro de 210—220 mm. de comprimento, de côr parda em cima com a cabeça pardo-avermelhada e ás vezes com uma mancha preta na fronte, que parece ser signal da ave adulta ou do macho adulto. As rectrizes têm as pontas pretas orladas de amarello. A garganta é branca. O peito e a barriga são de côr branca, sendo cada penna munida de orlas pretas nos lados. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia, nos mattos grandes, procurando no chão e sob as folhas cahidas insectos. O Sr. Krone observou essa especie em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba.

Mus. Paul. S. Paulo; Iporanga.

*** 286. Grallaria imperator Lafr.**

Tovaccassu.

Myioturdus rex *Wied* III p. 1027.
Grallaria rex *Burmeister* III p. 49.

Grallaria imperator *Burmeister* III p. 50.
Grallaria imperator *Pelzeln* p. 91 (Ypanema).
Grallaria imperator *Berlepsch* I p. 255.
Grallaria imperator *Berlepsch u. Ihering* p. 151.
Grallaria imperator Cat. Br. Mus. XV p. 316.

Passaro grande de 200 mm. de comprimento, que no Brazil meridional corresponde á G. varia Bodd. do Brazil do Norte e da Guyana. A côr é parda nas costas, cinzenta na cabeça. Quasi todas as pennas do lado dorsal têm na margem uma estria escura e no meio uma linha amarella. A cauda e as azas são de côr pardo-avermelhada. No lado ventral a côr é amarellenta com faxas escuras. A garganta é denegrida orlada de cada lado por uma estria branca. O comprimento do tarso importa em 58 mm., o do bico em 27 mm. A specie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. O Sr. Krone caçou-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 287. Grallaria ochroleuca (Wied).**

Myioturdus ochroleucus *Wied* III p. 1032 (S. Paulo).
Chamaezosa ochroleuca *Burmeister* III p. 48.
Grallaria ochroleuca *Pelzeln* p. 91 (Ypanema).
Grallaria ochroleuca Cat. Br. Mus. XV p. 324.

Especie menor de 130—140 mm. de comprimento. O tarso mede 35 mm. A côr é pardo-azeitonada em cima; as remiges são orladas de pardo-avermelhado. Em baixo é a côr branca no meio, pardo-amarella nos lados. No peito e nos lados da barriga notam-se manchas pretas. Sobre o olho corre uma estria amarellenta. A especie occorre nos Estados de S. Paulo, Minas e Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. CONOPOPHAGIDAE.

*** 288. Conopophaga lineata (Wied).**

Chupa-dente (Iguape); *Guspidor* (Piracicaba).

Myiagrus lineatus *Wied* III p. 1046.
Conopophaga lineata *Burmeister* III p. 52.

Conopophaga lineata *Pelzeln* p. 92 (Mogy das Cruzes, Casa Pintada, Ypanema).

Conopophaga lineata Cat. Br. Mus. XV p. 333.

Passarinho de 130 mm. de comprimento com o tarso alto, medindo 28 mm. A cauda é curta. A côr é pardo-azeitonada em cima, branca no meio da barriga, pardo-castanha na garganta, no pescoço anterior e no peito. Uma estria de pennas brancas observa-se atraz do olho. Essa especie é distribuida desde o Rio Grande do Sul até o Mexico e Bahia. O Sr. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba. Os nomes acima indicados referem-se á singular voz do passarinho.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete; Tieté.

* 289. Conopophaga nigrigenys Less.

Myioturdus perspicillatus *Wied* III p. 1042.

Conopophaga maximiliani *Pelzeln* p. 92.

Conopophaga nigrigenys Cat. Br. Mus. XV p. 334 (S. Paulo).

Passaro de 110 mm. de comprimento, pardo-azeitonado nas costas, com manchas pretas em exemplares novos. A cabeça é castanho-clara em cima, desde a fronte até a nuca. A face e a região loral são de côr preta. A garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito e a barriga de côr cinzenta. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Belmonte no Est. da Bahia. Mais ao Norte, em Bahia, essa especie é substituida por C. melanops (Vieill.) (= perspicillata Burm.), com a fronte preta.

Mus. Paul. Iguape.

290. Corythopis calcarata (Wied).

Myiothera calcarata *Wied* III p. 1101.

Corythopis calcarata *Burmeister* III p. 58.

Corythopis calcarata *Pelzeln* p. 92 (Ypanema).

Corythopis calcarata Cat. Br. Mus. XV p. 335.

Passaro de 140 mm. de comprimento, semelhante ás especies de Conopophaga, mas distinguido pela unha posterior comprida e direita. A côr é pardo-azeitonada nas costas, esbranquiçada no lado ventral com o peito preto e manchas pretas em baixo do peito. A especie é distribuida desde S. Paulo até a Bahia e Matto Grosso, e vive nos mattos, no chão.

Mus. Paul. —

FAM. PTEROPTOCHIDAE.

* 291. Scytalopus indigoticus (Wied).

Macuquinho (Iguape).

Myiothera indigotica *Wied* III p. 1091.
Scytalopus indigoticus *Burmeister* III p. 63.
Scytalopus indigoticus *Pelzeln* p. 46 (Matto Dentro, Ypanema).
Scytalopus indigoticus Cat. Br. Mus. XV p. 341.

Passarinho de 120—130 mm. de comprimento, com a cauda curta e o bico fino, assemelhando-se á curruira. Cinzento-escuro em cima, até o uropygio, que é pardo-avermelhado. Em baixo, a garganta, o pescoço e o peito são brancos. As partes lateraes do peito e do pescoço são de côr cinzenta, as da barriga pardo-avermelhadas com faxas pretas. Passarinho pouco commum dos mattos do litoral do Brazil, desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

* 292. Merulaxis rhinolophus (Wied).

Myiothera rhinolopha *Wied* III p. 1051.
Scytalopus rhinolophus *Burmeister* III p. 62.
Scytalopus ater *Burmeister* III p. 61.
Merulaxis rhinolophus *Pelzeln* p. 46.
Merulaxis rhinolophus Cat. Br. Mus. XV p. 343.

Passaro de 180 mm. de comprimento, formando como monotypo o genero Merulaxis, caracterisado pelas pennas

estreitas, sediformes e dirigidas para diante da região loral. A cauda é comprida. A côr do macho é cinzento-escura em cima até o dorso inferior e o uropygio, que são de côr pardo-azeitonada como a barriga. O peito é azul-cinzento, a cauda denegrida. A femea é de côr pardo-azeitonada com a garganta e o peito de côr castanha. A especie occorre no matto virgem do litoral do Brazil, desde São Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

II. Ordem. Macrochires.

As aves que compõem esta ordem estão mais ou menos intimamente ligadas aos passaros, dos quaes differem pela estructura do larynge e pelos tarsos. São todos excellentes voadores, que vivem exclusivamente de insectos, tendo as azas compridas e pontagudas com as coberteiras exteriores mais compridas e mais numerosas que os passaros. No chão pouco se movem, não prestando os pés, que são fracos, para regularmente caminhar. O bico é tenuirostro, quasi sempre comprido, nos beija-flores, e fissirostro, curto, com a bocca aberta, enorme, nas outras duas familias. Esta differença está em relação com o seu modo de viver, visto como os beija-flores tiram com a lingua comprida os insectos das flores, em quanto as Cypselidas e Caprimulgidas os caçam voando. Na aza ha 10 remiges de mão, raras vezes 9, na cauda 10 rectrizes. Ha uma singularidade no esqueleto dessas aves: cada metade da maxilla inferior consiste em duas peças ligadas por articulação, e no braço o humero é, relativamente, muito curto.

A familia das *Trochilidas* abrange os beija-flores, uma das familias maiores, comprehendendo cerca de 500 especies e uma das mais caracteristicas da America meridional. O bico é estreito e comprido, a maxilla superior muitas vezes abraçando lateralmente a inferior. As margens das maxillas são em grande parte ou só na ponta, denteadas

e ás vezes lisas. A lingua é comprida, bífida na ponta e capaz de ser extendida do bico como a dos pica-páos, offerecendo o osso hyoide a mesma disposição singular. O numero das remiges do braço é reduzido a 6, que são pequenas, mais ou menos escondidas pelas coberteiras. O numero das remiges da mão é 10 ou raramente 9.

O nome que os indios guaranys do Rio Verde dão ao beija-flor é maenó. Montoya escreve mainumbi. Não se entende a etymologia, mas lembro a palavra manimbé (Coturniculus manimbe) de outro passarinho do nosso Estado, que porem vive no chão como o tico-tico.

A familia das *Cypselidas* contem passaros que muito se assemelham ás andorinhas, sendo como ellas excellentes voadores e fissirostros, com o bico pequeno, curto, mas largo. A aza assemelha-se muito a das andorinhas, sendo muito comprida e pontaguda, contendo 10 remiges da mão e 7—8 do braço. As coberteiras exteriores compridas são alongadas, extendendo-se sobre mais da metade das remiges do braço, o que está em contraste com o que se observa nas andorinhas que têm estas coberteiras curtas. Na cauda ha 10 rectrizes, tendo as andorinhas 12. Outras differenças são dadas pelo larynge e pelos tarsos que são curtos e não têm as lamellas lateraes das andorinhas, sendo em geral nús, sem escudos, ou vestidos de pennas. Pouco se sabe da vida destes passaros, que o povo não sabe distinguir das andorinhas.

A familia das *Caprimulgidas* consiste em aves de tamanho maior que o das outras familias desta ordem. Ao contrario do que se dá com os representantes das outras duas familias de que tratei e cuja vida é diurna as Caprimulgidas são aves nocturnas, tendo, como as corujas e outras aves nocturnas, a plumagem molle fazendo o vôo imperceptivel. A cabeça é grande, os olhos grandes, o pescoço curto. O bico é chato, curto, muito largo com a bocca muito grande. Na base do bico ha, em geral, de cada lado uma porção de cerdas rijas, muito fortes e compridas, que porém nos generos Chordeiles, Podager e Lurocalis

são bastante fracas ou faltam. Na aza notam-se 10 remiges da mão e 12—13 do braço, na cauda 10 rectrizes. Os pés são fracos, os tarsos curtos e mais ou menos revestidos de pennas. Distinguem-se duas subfamilias: Nyctibiinae, com o unico genero Nyctibius e Caprimulginae. Estas ultimas têm no dedo exterior só quatro segmentos ou phalanges e a unha do dedo mediano no lado interior denteada, em fórma de pente. As Nyctibiinas, conhecidas sob o nome de urutau, têm no dedo anterior exterior cinco phalanges e a unha do dedo mediano sem dentes. Os Urutaus, que pela sua voz desesperada e funesta nós assustam á noite, são os maiores membros desta familia e notaveis pelo modo de pôr os seus ovos em cima de um tronco ouco ou toco de arvore. Os representantes das Caprimulginas, conhecidos sob as denominações de curiango, bacurau etc. põem os ovos no chão sem fazerem ninho.

FAM. TROCHILIDAE.

Subfam. 1. Thaluraniinae (Serrirostres).

*** 293. Heliothrix auriculatus (Nordm.).**

Trochilus auritus *Wied* IV p. 104.
Heliothrix auritus *Burmeister* II p. 336.
Heliothrix nigrotis *Pelzeln* p. 34 (Ypanema).
Heliothrix aurita *Pelzeln* p. 34 (Ypanema, Rio Paraná).
Heliothrix auriculatus Cat. Br. Mus. XVI p. 32.

Beija-flor de 110—120 mm. de comprimento, bem caracterisado pelo bico diminuindo em largura desde a base até a ponta fina. A côr é verde em cima, lustrosa na cabeça, no mento e nas partes lateraes da garganta. As remiges e as rectrizes medianas são pretas. A face atraz dos olhos é preta. O lado inferior, excepto o mento, é branco, como tambem são brancas as duas rectrizes exteriores de cada lado. A especie affim do Amazonas e da Guyana, H. auritus (Gm.), tem todo o lado inferior branco. H. auriculatus é especie do Brazil meridional, desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 294. Rhamphodon naevius (Dumont).**

Beija-flor do matto (Iguape).

Grypus ruficollis *Spix* I p. 79 Pl. 80 fig. 3.
Grypus naevius *Burmeister* II p. 320.
Grypus naevius *Pelzeln* p. 27.
Ramphodon naevius *Berlepsch* I p. 273.
Ramphodon naevius Cat. Br. Mus. XVI p. 37.

Especie grande, de 150 mm. de comprimento. A côr é verde-dourada em cima, tendo as pennas orlas amarellentas. Uma estria sobre e atraz dos olhos e os lados do pescoço são pardo-amarellos. Atraz dos olhos uma mancha preta. O meio da garganta e o resto do lado ventral são pretos com orlas esbranquiçadas das pennas. As rectrizes exteriores têm pontas pardo-amarellas. O comprimento do bico é de 35—40 mm. O macho tem a ponta do bico revirada em fórma de gancho. Especie do Brazil meridional, desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro, Minas e Goyaz, que Lichtenstein obteve de S. Paulo e R. Krone de Iguape.

Mus. Paul. S. Paulo.

*** 295. Chlorostilbon pucherani (Bourc.).**

Hylocharis prasinus *Burmeister* II p. 50.
Hylocharis flavifrons *Pelzeln* p. 33 (Matto Dentro, Ypanema, Irisanga, Rio Paraná).
Chlorostilbon pucherani Cat. Br. Mus. XVI p. 50.

Beija-flor de 90 mm. de comprimento, com o bico medindo 17—18 mm. de comprimento. A côr é verde-dourada no lado dorsal, verde-lustrosa em baixo, com lustro azul na garganta e no pescoço anterior. A cauda, cujas penas lateraes são mais compridas que as do meio, é de côr preto-azul. O bico é preto na ponta, vermelho na metade basal. É essa a especie de S. Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, substituida na Bolivia, Argentina e Rio Grande do Sul por especie pouco differente, maior e com o lado inferior verde-dourado, Ch. splendidus (Vieill.), cujo

bico mede 19—20 mm. O genero Chlorostilbon distingue-se pela falta de pennas na base do espaço entre as duas maxillas inferiores.

Mus. Paul. Ypiranga; Piracicaba; Piquete.

*** 296. Thalurania glaucopis (Gm.).**

Guainumbi segunda species *Marcgrav* p. 197.
Trochilus glaucopis *Wied* IV p. 85.
Glaucopis frontalis *Burmeister* II p. 333.
Thalurania glaucopis *Berlepsch* I p. 274.
Thalurania glaucopis *Pelzeln* p. 29 (Ypanema, Irisanga).
Thalurania glaucopis Cat. Br. Mus. XVI p. 77 (São Paulo, Itapetininga).

Especie bastante commum no Estado de S. Paulo. O comprimento é de 110—115 mm., o do bico de 18—20 mm. A cauda tem as pennas lateras mais compridas do que as do meio e a côr della é azul-preta. A côr do macho é verde-lustrosa, mas a fronte e o vertice são de côr azul-roxa. A femea tem o vertice verde, o lado inferior esbranquiçado e as pontas das rectrizes exteriores esbranquiçadas. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Mus. Paul. Ypiranga; Piquete; Cachoeira.

297. Thalurania eriphile (Less.).

Glaucopis eriphile *Burmeister* II p. 334.
Thalurania eriphile *Pelzeln* p. 30 (Rio Paraná).
Thalurania eriphile Cat. Br. Mus. XVI p. 80.

Especie semelhante a precedente, especialmente no sexo feminino, de 100 mm. de comprimento, mas com o bico um pouco mais comprido (22—23 mm.). O macho é verde-metallico, mais lustroso na fronte e na garganta. O peito e a barriga são azues, o bico é preto. Essa especie apparece mais no interior do Brazil, em Matto Grosso etc. e foi no Est. de S. Paulo caçada na zona do Rio Paraná, mas no Est. do Rio de Janeiro caçou-a Burmeister em Nova Friburgo. A femea é quasi a mesma como a da especie precedente.

Mus. Paul. —

* 298. Lampornis violicauda (Bodd.).

Guainumbi quinta species *Marcgrav* p. 197.
Trochilus mango *Wied* IV p. 47.
Lampornis mango *Burmeister* II p. 331.
Lampornis mango *Pelzeln* p. 28 (Porto de Jacarehy, Goyaba, Ypanema, Irisanga).
Lampornis violicauda Cat. Br. Mus. XVI p. 93.

Beija-flor grande, de 110—120 mm. de comprimento, com o bico medindo 24 mm. O macho é verde-dourado em cima e nos lados, preto-azul na garganta, no pescoço anterior e no peito. Das rectrizes as do meio são verdes, as lateraes vermelho-roxas orladas de azul-escuro. A femea tem o lado inferior branco, com uma estria larga, preta no pescoço anterior e as rectrizes exteriores com as pontas brancas. A especie occorre desde o Panamá até o Rio Grande do Sul, sendo na Jamaica substituida por outra muito semelhante, mas com a femea não differente do macho, L. mango L.

Mus. Paul. Piquete.

* 299. Petasophora serrirostris (Vieill.).

Colibri crispus *Spix* I p. 80 Pl. 81.
Trochilus petasophorus *Wied* IV p. 76.
Petasophora crispa *Burmeister* II p. 335.
Petasophora serrirostris *Pelzeln* p. 28 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Petasophora serrirostris *Sclater a. Hudson* II p. 3.
Petasophora serrirostris Cat. Br. Mus. XVI p. 106.

Especie grande, de 120—130 mm. de comprimento. Os dous sexos quasi não differem no colorido. A côr é verde-dourada em cima, verde-azul lustrosa na garganta e no pescoço anterior. O crisso e as coberteiras inferiores da cauda são brancas. A cada lado do pescoço ha, atraz do ouvido, uma mancha grande de pennas esplendidas roxas. As rectrizes são de côr verde-azul mais escura na ponta. Pelzeln (p. 407) diz que Lund obteve essa especie

em Campinas, Ytú, Araraquara. A especie occorre em Tucuman e Bolivia, em Matto Grosso, Goyaz e desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Cachoeira.

SUBFAM. 2. ARGYRTRIINAE (Intermedii).

*** 300. Lepidolarynx mesoleucus (Temm.).**

Calothorax mesoleucus *Burmeister* II p. 339.
Heliomaster squamosus *Pelzeln* p. 31 (Taipa, Ypanema, Irisanga).
Lepidolarynx squamosus Cat. Br. Mus. XVI p. 120.

Especie de 110 mm. com o bico direito, preto, de 30 mm. de comprimento. No genero Lepidolarynx extendem-se as pennas da fronte sobre a base do bico, cobrindo as ventas. O macho é bem distinguido pelas esplendidas pennas de côr encarnado-roxa que cobrem a garganta e o pescoço anterior, e pelas coberteiras inferiores da cauda verdes com orlas de côr branca. As rectrizes são verdes, as do meio verde-claras douradas, as dos lados verde-pretas. No meio da barriga uma estria branca. A femea tem as pennas da garganta escuras com orlas brancas e as rectrizes exteriores com pontas brancas. É essa uma especie dos campos do interior do Brazil, desde S. Paulo e Minas até Goyaz e Bahia.

Mus. Paul. Piracicaba.

*** 301. Leucochloris albicollis (Vieill.).**

Colibri albogúlaris *Spix* I p. 81 Pl. 82 fig. 1.
Thaumatias albicollis *Burmeister* II p. 342.
Argyrtria albicollis *Berlepsch* I p. 276.
Argyrtria albicollis *Pelzeln* p. 29 (Taipa, Ypanema).
Leucochloris albicollis *Sclater a. Hudson* II p. 7.
Leucochloris albicollis Cat. Br. Mus. XVI p. 178.

Especie de 100—110 mm. de comprimento, medindo o bico 21—22 mm. O bico é chato, direito e a metade

basal da maxilla inferior é amarella. A côr é em ambos os sexos verde-lustrosa em cima e no mento, no peito e na barriga, branca no pescoço anterior. As rectrizes medianas são verdes, as lateraes são preto-azues com pontas brancas. O crisso e as coberteiras inferiores são esbranquiçadas. É essa especie do Brazil meridional e do Paraguay, commum desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro. O catalogo do British Museum menciona por engano sob essa especie o Trochilus vulgaris Wied, que é tambem notado sob Argyrtria tephrocephala, a qual pertence.

Mus. Paul. Rio Grande.

* 302. Argyrtria brevirostris (Less.).

Thaumatias brevirostris *Burmeister* II p. 343.
Argyrtria brevirostris *Pelzeln* p. 29 (Ypanema).
Argyrtria brevirostris *Berlepsch* I p. 276.
Argyrtria brevirostris Cat. Br. Mus. XVI p. 178.

Beija-flor de 90 mm. de comprimento total e de 16—17 mm. de comprimento do bico. A côr é verde-metallica, mas a garganta e o resto do lado inferior são brancos no meio. As coberteiras inferiores da cauda são de côr cinzenta com orlas brancas. As rectrizes são de côr verde-cinzenta com uma mancha escura perto da ponta. O bico é preto em cima, amarello em baixo na base. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Uma especie bem semelhante que differe por terem as pennas do pescoço anterior e do peito uma mancha verde na ponta é A. affinis (Gould), que temos, provavelmente do Estado de S. Paulo, mas que por não ter indicação certa da proveniencia por ora não acceito nesta lista. A. affinis é especie de Minas e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 303. Argyrtria tephrocephala (Vieill.).

Trochilus vulgaris *Wied* IV p. 72.
Argyrtria albiventris *Pelzeln* p. 28.

Argyrtria tephrocephala Cat. Br. Mus. XVI p. 191.

Especie de 110 mm. de comprimento. O bico, que mede 21—22 mm., tem a base da maxilla inferior amarella. A côr é uniforme, verde, a excepção da barriga e das coberteiras inferiores da cauda que são brancas. As rectrizes são preto-azues, tendo as lateraes as pontas cinzentas. Essa especie, que é commum em São Sebastião e que Wied obteve no Rio de Janeiro, parece principalmente especie do Norte do Brazil e de Matto Grosso.

Mus. Paul. S. Sebastião; Ilha de S. Sebastião.

304. Eucephala caeruleo-lavata Gould.

Eucephala caeruleo-lavata *Gould* Proceed. Zool. Soc. London 1860 p. 306.

Eucephala caeruleo-lavata Cat. Br. Mus. XVI p. 244 (S. Paulo, Brazil).

Especie de 95 mm. de comprimento. O bico mede 20 mm. A côr é verde-dourada em cima, verde-azul em baixo quasi preta na barriga. As coberteiras inferiores e as rectrizes medianas são roxas, as rectrizes lateraes preto-azues. O genero Eucephala distingue-se de Hylocharis pela cauda um pouco dividida. Uma especie, E. cyanogenys (Wied), verde, com o mento azul, occorre no Rio de Janeiro. O exemplar typico dessa especie obteve Gould do Rio de Janeiro pelo Sr. Thomas Reeves, que a elle communicou que a especie occorre em S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 305. Hylocharis sapphirina (Gm.).

Trochilus latirostris *Wied* IV p. 64.

Hylocharis sapphirina *Burmeister* II p. 346.

Hylocharis sapphirina *Pelzeln* p. 33.

Hylocharis sapphirina *Sclater a. Hudson* II p. 8.

Hylocharis sapphirina Cat. Br. Mus. XVI p. 245.

Especie de 95 mm. de comprimento. O bico, que mede 20 mm., é vermelho com a ponta preta. A côr do macho é verde-dourada em cima e na barriga. O mento

e as coberteiras inferiores da cauda são castanhas, o pescoço anterior e o peito são azues. A femea é no lado inferior cinzenta, mas com o mento castanho e a garganta azul. A especie occorre desde Buenos Ayres até a Guyana; não é rara no Rio e na Bahia, mas no Estado de S. Paulo não foi observada, senão pelo Sr. Krone em Iguape. Temol-a da Bahia.

Mus. Paul. —

* 306. Hylocharis lactea (Less.).

Trochilus sapphirinus *Wied* IV p. 61 (S. Paulo).
Hylocharis lactea *Burmeister* II p. 347.
Hylocharis lactea *Pelzeln* p. 33 (Taipa, Goyaba, Irisanga).
Hylocharis lactea Cat. Br. Mus. XVI p. 247.

Essa especie assemelha-se em tamanho etc. a precedente. A côr é verde-dourada com a garganta e o peito azues e a barriga no meio branca. As coberteiras inferiores da cauda são escuras com orlas brancas. A especie occorre desde S. Paulo e Minas até a Bahia. Uma outra especie semelhante que occorre desde Rio de Janeiro até Amazonas e que provavelmente tambem occorrerá em S. Paulo, é H. cyanea (Vieill.), que se distingue pelo vertice azul e pela côr preto-azul das coberteiras inferiores da cauda.

Mus. Paul. Itatiba; Cachoeira.

Subfam. 3. Phaethorninae (Laevirostres).

* 307. Phaethornis eurynome (Less.).

Phaethornis eurynomus *Burmeister* II p. 324.
Phaethornis eurynome *Pelzeln* p. 27 (Matto Dentro, Ypanema).
Phaethornis eurynome Cat. Br. Mus. XVI p. 276.

As especies do genero Phaethornis são bem caracterisadas pelo bico comprido e curvo e pela cauda comprida na qual as rectrizes medianas são muito alongadas. As pennas do lado dorsal são orladas de amarello-pardo, sendo

a côr escura na cabeça, verde no dorso. A região atraz dos olhos é preta, orlada em cima como em baixo por uma estria amarellenta. O lado inferior é amarello-cinzento, tendo as pennas da garganta o centro escuro. As rectrizes são verdes na base, pretas no meio e brancas na ponta. O bico é preto a excepção da maxilla inferior, que desde a base até perto da ponta é amarella. O comprimento total é 160 mm., o do bico 31 mm. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

308. Phaethornis squalidus (Natt.).

Phaethornis squalidus *Burmeister* II p. 325.
Phaethornis squalidus *Berlepsch* I p. 273.
Phaethornis squalidus *Pelzeln* p. 28 (Matto Dentro, Pahor, Ypanema, Irisanga).
Phaethornis squalidus Cat. Br. Mus. XVI p. 276.

Especie muito semelhante a precedente, porem um pouco menor, medindo 110—120 mm. de comprimento total e 22—25 mm. do bico. As pontas das rectrizes lateraes são pardo-vermelhas. A especie é encontrada desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro, Minas e Matto Grosso.

Mus. Paul. —

* 309. Phaethornis pretrii (Less. et Del.).

Trochilus superciliosus *Wied* IV p. 116 (nec L.).
Phaethornis superciliosus *Burmeister* II p. 323.
Phaethornis pretrii *Pelzeln* p. 27 (Irisanga).
Phaethornis pretrii Cat. Br. Mus. XVI p. 277.

Essa especie distingue-se das duas precedentes pela cauda, na qual, alem das duas rectrizes medianas mais compridas, tambem as que se acham ao lado dellas são alongadas. São, pois, nessa especie as quatro rectrizes medianas munidas de pontas alongadas, estreitas e brancas. A côr é verde em cima até o uropygio, que é pardo-vermelho. O lado inferior é de côr castanho-amarella. Todas

as rectrizes têm pontas brancas. O tamanho regula com o de P. eurynome. Essa especie occorre desde S. Paulo até Goyaz, Matto Grosso e Bahia.

Mus. Paul. Piquete.

310. Campylopterus largipennis (Bodd.).

Campylopterus largipennis *Pelzeln* p. 28 (Ypanema).

Campylopterus largipennis Cat. Br. Mus. XVI p. 288.

Especie de 130—140 mm. de comprimento, com o bico um pouco curvo medindo 28 mm. A cauda é comprida, sendo as rectrizes lateraes mais curtas do que as medianas. Das remiges da mão têm as tres primeiras a haste entumecida como no genero Eupetomena, onde, porém, estão as duas primeiras. As quatro rectrizes medianas são verdes como todo o lado superior, as outras são pretas com pontas brancas. O lado ventral é cinzento. E' essa especie da Guyana e do Norte do Brazil, que Pelzeln diz ter sido caçada em Ypanema por Natterer. Outra especie deste genero, com a qual acontece o mesmo, é C. lazulus (Vieill.) da Venezuela, que Burmeister descreveu sob o nome de C. falcipennis referindo-se a um exemplar da Nova Friburgo. A occorrencia da especie de Campylopterus no Brazil meridional precisa de mais esclarecimentos.

Mus. Paul. —

* 311. Eupetomena macrura (Gm.)

Guainumbi tertia species *Marcgrav* p. 197.

Trochilus macrourus *Wied* IV p. 93.

Prognornis macrurus *Burmeister* II p. 330.

Eupetomena macroura *Pelzeln* p. 28 (Mogy Mirim, Irisanga).

Eupetomena macrura Cat. Br. Mus. XVI p. 295.

Um dos maiores entre os beija-flores, medindo 170 mm. de comprimento. O bico, que é pouco curvo, é relativamente pequeno, medindo 25 mm. A côr é verde-dourada nas costas e na barriga, azul na cabeça e no pescoço anterior. A cauda, de côr preto-azul, é dividida, sendo as

rectrizes exteriores quasi tres vezes mais compridas do que as medianas. É especie dos campos do interior do Brazil, desde Minas, Matto Grosso etc. até a Guyana e na região occidental do Est. de S. Paulo foi encontrada por Natterer.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

312. Aphantochroa cirrhochloris (Vieill.).

Campylopterus campylostylus *Burmeister* II p. 329.
Aphantochroa cirrhochloris *Berlepsch* I p. 274.
Aphantochroa cirrochloris *Pelzeln* p. 28 (Ypanema).
Aphantochroa cirrochloris Cat. Br. Mus. XVI p. 297 (Ypanema).

Especie de 110—120 mm. de comprimento, com o bico preto, medindo 22 mm. A cauda é curta não dividida. As rectrizes são uniformes, sem pontas brancas. A côr é verde em cima, cinzento-verde em baixo. As coberteiras inferiores da cauda são cinzentas com orlas brancas. A especie occorre desde S.ta Catharina até Pernambuco e Matto Grosso.

Mus. Paul. —

* 313. Clytolaema rubinea (Gm.).

Calothorax rubineus *Burmeister* II p. 340.
Clytolaema rubinea *Pelzeln* p. 31 (Monjolinha, Ypanema).
Clytolaema rubinea *Berlepsch* I p. 275.
Clytolaema rubinea Cat. Br. Mus. XVI p. 311.

Especie de 120 mm. de comprimento, com o bico medindo 20 mm. As rectrizes são castanhas com orlas verdes. O macho é verde em cima com lustro de cobre, a garganta é verde com lustro esplendido, vermelho-metallico. A femea é verde em cima, castanha em baixo. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, Minas e Goyaz.

Mus. Paul. Piquete.

* 314. Florisuga fusca (Vieill.).

Colibri leucopygius *Spix* I p. 81 Pl. 81 fig. 3.
Trochilus ater *Wied* IV p. 52.
Florisuga atra *Burmeister* II p. 338.
Florisuga fusca *Pelzeln* p. 30 (Ypanema, Taipa).
Florisuga fusca Cat. Br. Mus. XVI p. 331.

Especie de 130 mm. de comprimento. O bico é direito, medindo 20 mm. A côr é uniforme, preta, sem lustro. Só as coberteiras exteriores das azas e o uropygio são verde-escuros. As quatro rectrizes exteriores de cada lado são brancas, com pontas pretas. Essa especie occorre desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Ilha de S. Sebastião; Cubatão; Piquete.

* 315. Cephalolepis delalandi (Vieill.).

Orthorhynchus delalandii *Burmeister* II p. 351.
Cephalolepis beskii *Pelzeln* p. 33 e 58.
Cephalolepis delalandii *Pelzeln* p. 33 (S. Paulo).
Cephalolepis delalandii Cat. Br. Mus. XVI p. 356.

Especie de 80—90 mm. de comprimento, medindo o bico, que é quasi cylindrico e preto, 13—14 mm. O macho tem atraz do vertice um pennacho formado por algumas pennas alongadas das quaes a mais comprida é preta. O lado dorsal é verde, o lado ventral roxo-azul no meio, cinzento nos lados. As rectrizes lateraes são azul-pretas. A femea é destituida de pennacho e tem o lado ventral cinzento. Especie de S. Paulo e do Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

316. Cephalolepis loddigesi (Gould).

Orthorhynchus loddigesi *Burmeister* II p. 352 (S. Paulo).
Cephalolepis loddigesi *Pelzeln* p. 33.
Cephalolepis loddigesi *Berlepsch u. Ihering* p. 153.
Cephalolepis loddigesi Cat. Br. Mus. XVI p. 357.

Especie muito semelhante a precedente da qual differe pela côr azul do vertice e de seu pennacho no sexo mas-

culino e pelas pontas brancas das rectrizes exteriores. Não é rara no Rio Grande do Sul. Natterer obteve-a em Curityba e parece que perto da divisa com o Estado do Paraná é encontrada em S. Paulo, visto como Burmeister diz que essa especie occorre em S. Paulo.

Mus. Paul. —

* 317. Calliphlox amethystina (Gm.).

Trochilus brevicauda *Spix* I p. 79 Pl. 80 fig. 2 (♀).
Trochilus campestris *Wied* IV p. 73 (♀).
Trochilus amethystinus *Wied* IV p. 90 (♂).
Calliphlox amethystoides *Burmeister* II p. 359.
Calliphlox amethystina *Pelzeln* p. 32 (Oudaria, Ypanema, Rio Paraná).
Calliphlox amethystina Cat. Br. Mus. XVI p. 386.

Este beija-flor é singular pelo facto de ter a femea a cauda simples e o macho a cauda dividida, sendo as rectrizes exteriores alongadas. O comprimento do macho é 80 mm., o do bico 15 mm. O macho é verde em cima e tem a garganta e o pescoço anterior rubim-roxos, o peito bruno. A femea tem o lado inferior cinzento no meio, castanho nos lados e as rectrizes lateraes pretas com pontas amarellentas. O macho quando novo assemelha-se á femea. A epecie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Venezuela.

Mus. Paul. Ilha de S. Sebastião.

318. Ptochoptera iolaema (Reich.).

Thalurania iolaema *Pelzeln* p. 30 e 57 (Ypanema).
Ptochoptera iolaema Cat. Br. Mus. XVI p. 389.

Especie rara, de 110 mm. de comprimento, encontrada só uma vez por Natterer em Ypanema. O lado superior e a garganta são de côr verde-dourada, o peito e a barriga são pardo-cinzentas. As pennas cinzentas do lado inferior têm orlas verde-metallicas. A cauda é dividida; as rectrizes medianas são verdes, as lateraes roxas e estreitas. O bico que mede 18 mm. é preto.

Mus. Paul. —

*** 319. Lophornis magnificus (Vieill.).**

Colibris helios *Spix* I p. 81 Taf. 82 fig. 2.
Trochilus magnificus *Wied* IV p. 79.
Lophornis magnificus *Burmeister* II p. 353.
Lophornis magnificus *Pelzeln* p. 32 (Oudaria, Ypanema, Rio Paraná).
Lophornis magnificus Cat. Br. Mus. XVI p. 422.

Uma das especies mais bonitas e mais pequenas de beija-flores, de 75 mm. de comprimento. O macho, como em todas as especies desse genero, tem as pennas lateraes do pescoço alongadas, sendo em cima verde-metallico, com uma faxa transversal branca no uropygio e com um topete de pennas castanhas no vertice. As pennas alongadas do pescoço são brancas, com a base castanha e a ponta verde-preta. As rectrizes lateraes são castanhas com orlas verdes. O bico é avermelhado com a ponta preta. A femea carece do topete e das pennas alongadas do pescoço e tem a face e a garganta pardo-amarellas e as rectrizes verdes com pontas castanhas. A especie está distribuida desde o Rio Grande do Sul até a Bahia e Matto Grosso.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 320. Lophornis chalybaeus (Vieill.).**

Colibri mystax *Spix* I p. 82 Pl. 82 fig. 3 (S. Paulo).
Lophornis festivus *Burmeister* II p. 354.
Lophornis chalybea *Berlepsch* I p. 275.
Lophornis chalybea *Pelzeln* p. 32 (Ypanema).
Lophornis chalybaeus Cat. Br. Mus. XVI p. 426.

O macho é verde em cima, cinzento em baixo e tem as pennas alongadas do pescoço verdes, com pontas brancas, as rectrizes pardo-roxas. Ambos os sexos têm entre o dorso e o uropygio uma faxa branco-amarella. A femea tem a garganta e o pescoço anterior escuros no meio, amarellentos nos lados sem pennas alongadas e as rectrizes anteriores com pontas pardo-amarellas. O bico é direito, preto, medindo 12 mm. de comprimento. Essa especie occorre desde S.ta Catharina até S. Paulo.

Mus. Paul. Piquete.

321. Heliactin cornuta (Wied).

Trochilus cornutus *Wied* IV p. 99.
Heliactinus cornutus *Burmeister* II p. 356.
Heliactina cornuta *Pelzeln* p. 32 (Rio das Pedras).
Heliactin cornuta Cat. Br. Mus. XVI p. 433.

Especie de 100 mm. de comprimento, distinguida pela cauda comprida cujas rectrizes medianas são mais compridas do que as lateraes, e pelas pennas alongadas que o macho tem atraz dos olhos, variando de verde-dourado até roxo. O macho é verde em cima, branco em baixo, com a garganta preta e o vertice azul. As rectrizes lateraes são brancas. A femea tem o vertice verde, uma estria em baixo dos olhos e a garganta amarellentas e uma faxa transversal preta nas rectrizes exteriores. É essa especie dos campos centraes do Brazil, de Minas, Goyaz, Matto Grosso e Bahia, que Natterer encontrou perto do Rio Grande, no Estado de S. Paulo.

Mus. Paul. —

FAM. CYPSELIDAE.

* 322. Chaetura zonaris (Shaw).

Taperussu.

Cypsellus collaris *Wied* III p. 344.
Acanthylis collaris *Burmeister* II p. 364.
Chaetura zonaris *Pelzeln* p. 15 (Ypanema).
Chaetura biscutata *Sclater* Cat. Br. Mus. XVI p. 479 (Ypanema).
Chaetura biscutata *Pelzeln* p. 15 (Ypanema).
Chaetura biscutata *Berlepsch u. Ihering* p. 155.
Hemiprogne zonaris *Sclater a. Hudson* II p. 11.
Chaetura zonaris Cat. Br. Mus. XVI p. 476.

Como todas as especies do genero Chaetura tem essa as hastes das rectrizes na ponta sobrepujantes e sobresahindo a ponta em fórma de espinho, o que não se dá com as especies do genero seguinte. Essa especie é

grande, de 220 mm. de comprimento, de côr negro-bruna com uma colleira branca que, no lado anterior, é mais larga. A distribuição geographica dessa especie extende-se do Rio Grande do Sul e o Norte da Argentina até o Mexico. A colleira é, ás vezes, completa e larga, ás vezes estreita, ou interrompida nos lados. Exemplares com a colleira incompleta descreveu Sclater como Ch. biscutata, porém sem razão, visto como essas variedades, tanto na nossa collecção como na de Natterer, occorrem juntas e na mesma localidade, representando apenas variedades individuaes.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 323. Chaetura pelasgia (Wied).

Cypselus pelasgius *Wied* III p. 347.
Acanthylis oxyura *Burmeister* II p. 366.
Chaetura poliura *Pelzeln* p. 16 (Borda do Matto, Ypanema, Itararé, Irisanga).
? Chaetura cinereicauda Cat. Br. Mus. XVI p. 482.

Especie de 120 mm. de comprimento, medindo a aza 128 mm. A côr é bruno-denegrida em cima, com lustro verde-metallico até ao dorso baixo, que é bruno-cinzento, com mistura de amarello, devido ás orlas pardo-amarellas de parte das pennas, e o mesmo refere-se ao uropygio e as coberteiras superiores da cauda. As rectrizes medianas são pardo-cinzentas, as exteriores bruno-denegridas, com lustro verde. As pontas das rectrizes sahem em fórma de espinho de 3 mm. de comprimento. O lado inferior é pardo-cinzento na garganta, no pescoço anterior e nas coberteiras inferiores da cauda, bruno-escuro no peito e na barriga.

Creio que é a essa especie que se referem Wied e Pelzeln, mas não estou certo que aconteça o mesmo com o catalogo do British Museum redigido, quanto a essa familia, por Hartert. Diz elle, que a côr em cima até ao dorso baixo é preta com lustro azul e que o lado inferior é uniforme, não sendo a garganta mais clara do que a barriga. Isto não corresponde ás aves observadas por mim

e Wied. Hartert por engano menciona Ch. poliura Pelzeln duas vezes (p. 482 e 484) descrevendo sob Ch. poliura uma especie que tem o mento, garganta etc. até o crisso de côr preta, o que não corresponde a que Pelzeln p. 16, nota, diz de Ch. poliura.

Ch. cinereiventris Scl., que Natterer obteve no Rio de Janeiro, tem as coberteiras exteriores da cauda compridas, escuras, da côr do dorso, as coberteiras inferiores da cauda denegridas e a barriga cinzenta.

Em vista das duvidas que ainda existem a respeito das especies do grupo de Ch. poliura Temm., prefiro o nome dado por Wied.

Ch. pelasgia occorre desde S. Paulo até a Bahia e Matto Grosso.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 324. Cypseloides fumigatus (Streubel).

Cypselus fumigatus *Burmeister* II p. 365, nota.

Nephocaetes fumigatus *Pelzeln* p. 16 (Ypanema, Itararé).

Cypseloides fumigatus Cat. Br. Mus. XVI p. 496.

Especie de côr bruno-denegrida uniforme, de 140 mm. de comprimento, com a aza medindo 150 mm. As rectrizes são todas do mesmo comprimento. Especie distribuida desde Curityba até o Equador.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

325. Cypseloides senex (Temm.).

Acanthylis senex *Burmeister* II p. 365.

Chaetura senex *Pelzeln* p. 16 (Ypanema, Irisanga).

Cypseloides senex Cat. Br. Mus. XVI p. 496.

Especie semelhante á precedente, sendo, porém, bastante maior, de 200 mm. de comprimento, com a aza medindo 170 mm. A cabeça e o pescoço são um pouco mais claros. Especie de S. Paulo e das regiões centraes do Brazil.

Mus. Paul. —

FAM. CAPRIMULGIDAE.

* 326. Caprimulgus rufus Bodd.

Antrostomus rutilus *Burmeister* II p. 385 (♀).
Antrostomus ornatus *Sclater* Proc. Zool. Soc. 1866 p. 586 Pl. 45 (♂).
Antrostomus cortapau *Pelzeln* p. 13 e 53.
Antrostomus ornatus *Berlepsch u. Ihering* p. 156.
Caprimulgus rufus Cat. Br. Mus. XVI p. 566.

Especie grande, de 270 mm. de comprimento e com a aza medindo 170—180 mm. A côr é parda em cima com faxas pretas, finas e transversaes. As pennas do vertice e do dorso têm cadauma uma mancha comprida preta no meio. As remiges e as rectrizes são castanhas, com faxas transversaes e manchinhas pretas. As rectrizes exteriores têm as pontas pardo-amarellas. O lado inferior é amarellento com faxas pretas, finas; no meio do pescoço anterior nota-se uma faxa amarellenta. O macho tem nas rectrizes exteriores grandes manchas brancas. Essa especie occorre desde o Panamá até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

327. Caprimulgus sericeicaudatus (Cass.).

Curiango.

Antrostomus sericeocaudatus *Pelzeln* p. 13 (Ypanema).
Caprimulgus sericeocaudatus Cat. Br. Mus. XVI p. 567.

O genero Caprimulgus comprehende as especies munidas de cerdas rijas ao lado da bocca, com o tarso, mais curto do que o dedo mediano, munido na frente de pennas e com a cauda não muito comprida arredondada na extremidade. Na maior parte das especies desse genero têm os machos manchas brancas nas rectrizes exteriores e nas remiges da mão, que fazem falta ás femeas. Essa especie tem o comprimento de 300 mm., medindo a aza 180 mm. A côr é bruna em cima. As pennas da cabeça são denegridas aos lados da haste. O lado inferior é bruno, com manchas pardas. Especie do Brazil, que Natterer caçou em Ypanema.

Mus. Paul. —

* 328. Caprimulgus parvulus Gould.

Stenopsis parvulus *Pelzeln* p. 12 (Ypanema, Itararé, Irisanga).
Antrostomus parvulus *Sclater a. Hudson* II p. 14.
Caprimulgus parvulus Cat. Br. Mus. XVI p. 574.

Especie menor, de 190 mm. de comprimento, parda em cima com manchinhas pretas e a cabeça com manchas pretas; amarellenta em baixo com faxas transversaes pretas e na garganta com uma mancha branca, cuja continuação nos lados do pescoço é uma colleira branca. As coberteiras exteriores das azas têm as pontas amarellentas. O macho tem manchas brancas nas quatro primeiras remiges da mão e pontas brancas nas rectrizes.

Essa especie é distribuida desde a Argentina e Brazil até a Colombia e Perú.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 329. Caprimulgus ocellatus Tsch.

Ibiyau *Marcgrav* p. 195.
Antrostomus ocellatus *Burmeister* II p. 386.
Antrostomus ocellatus *Pelzeln* p. 13 (Ypanema).
Antrostomus ocellatus Cat. Br. Mus. XVI p. 578.

Especie menor, de 210 mm. de comprimento, medindo a aza 125 mm. A côr é pardo-avermelhada com numerosissimas faxas pretas. No dorso ha grandes manchas prêtas redondas com orla castanha. No pescoço anterior ha uma faxa branca semilunar. As remiges e rectrizes são castanhas com faxas transversaes pretas. As rectrizes exteriores são mais curtas que as outras e munidas de pontas brancas. Parece que essa é a unica especie do genero na qual o macho não differe da femea. A especie occorre desde S. Paulo e por todo o Norte do Brazil até Equador.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

330. Stenopsis candicans Pelz.

Stenopsis candicans *Pelzeln* p. 12 e 49 (Irisanga).
? Stenopsis langsdorffi *Pelzeln* p. 12 e 52.

Stenopsis candicans Cat. Br. Mus. XVI p. 582.

A cauda, que é arredondada no genero Caprimulgus, com as rectrizes lateraes um pouco mais curtas é, nesse genero, um pouco entalhada, sendo as rectrizes lateraes um pouco mais compridas do que as medianas. O comprimento total é nessa especie 220 mm., o da aza 150 mm. A côr é cinzenta com manchinhas amarellentas e pretas em cima. No meio do vertice corre uma estria preta. As coberteiras exteriores grandes das azas são brancas como o são as remiges da mão na base. O pescoço anterior e o peito são de côr castanha com faxas pretas, a barriga é branca. As rectrizes exteriores são brancas. Especie das regiões centraes do Brazil, especialmente do Matto Grosso, que Natterer obteve em Irisanga.

Mus. Paul. —

* 331. Stenopsis platura Pelz.

Stenopsis platura *Pelzeln* p. 12 e 53 (Ypanema).

Stenopsis platura Cat. Br. Mus. XVI p. 584, nota.

Pelzeln descreveu apenas a femea dessa especie que tem o comprimento de 200 mm. A côr é preta em cima salpicada de castanho, amarellenta com faxas escuras em baixo.

O macho differe pelas pontas brancas das quatro rectrizes exteriores, que na barba exterior têm manchas castanhas e na barba interior duas grandes manchas brancas. Na rectriz exterior a ponta branca mede 16 mm.; segue um intervallo preto da barba interior de 20 mm. e depois a mancha branca de 7 mm. de diametro e na mesma distancia a segunda. O vertice entre as duas estrias supraoculares amarellentas é preto, com salpicos cinzentos na nuca, seguindo no pescoço posterior a larga faxa castanha de colleira incompleta. A face é preta, com algumas manchinhas amarellas. As remiges da mão são pretas, com grandes manchas castanhas, as remiges do braço têm as pontas amarellentas. As coberteiras exteriores da cauda e as duas rectrizes do meio são cinzentas com salpicos e

faxas pretas. As rectrizes são quasi todas iguaes em comprimento, sendo a exterior talvez 2 mm. mais curta do que a central.

Hartert, no catalogo do British Museum, emittiu a opinião que essa especie seja identica com S. ruficervix o que, porem, não é exacto. Para completar a diagnose de Pelzeln noto as differenças do macho com a femea e com St. ruficervix.

St. platura ♂ differt a St. ruficervice Scl. deficiente fascia alba gulari necnon maculis albis remigum primariorum; rectricibus exterioribus utrinque quatuor apice albo, pogonio exteriore ochraceo-fasciato, interiore maculis duabus albis notato.

Long. tot. 211 mm.; alae 141 mm.; caudae 114 mm.

Mus. Paul. Cachoeira (♂).

* 332. Nyctidromus albicollis (Gm.).

Bacurau; Curiango (Piracicaba). *Coriavo* (S. Sebastião).

Caprimulgus guianensis *Wied* III p. 318.
Nyctidromus albicollis *Burmeister* II p. 389.
Nyctidromus guianensis *Burmeister* II p. 391.
Nyctidromus guianensis *Pelzeln* p. 13 (Ypanema, Irisanga).
Nyctidromus albicollis *Coues* Key p. 450.
Nyctidromus albicollis Cat. Br. Mus. XVI p. 587 (São Paulo).

O genero Nyctidromus, do qual a presente é a unica especie, differe do Caprimulgus por ter o tarso sem pennas e do comprimento do dedo mediano com a unha ou maior. É essa especie grande, de 300 mm. de comprimento, com a aza medindo 175 mm. A côr é cinzenta em cima da cabeça, com manchas compridas escuras, bruna com manchas escuras e amarellas em cima, amarellenta com faxas escuras no lado ventral. Uma mancha grande semilunar, de côr branca, é notavel no pescoço anterior. As tres rectrizes exteriores são em grande parte brancas, estendendo-se a côr branca mais com a idade. O macho tem manchas

grandes e brancas nas remiges da mão. A especie occorre desde S. Paulo e Norte do Brazil até o Mexico e Texas.

Mus. Paul. Tieté; S. Sebastião.

* 333. Eleothreptus anomalus (Gould).

Curiango.

Eleothreptus anomalus *Burmeister* II p. 383.
Eleothreptus anomalus *Pelzeln* p. 12 (Matto Dentro, Goyao, Ypanema, Cemiterio, Itararé, Irisanga).
Eleothreptus anomalus *Sclater a. Hudson* II p. 16.
Eleothreptus anomalus *Hartert* Thierreich, Caprimulgidae p. 31.
Eleothreptus anomalus Cat. Br. Mus. XVI p. 593 (Irisanga).

O genero Eleothreptus, semelhante quanto ao tarso a Nyctidromus, é bem caracterisado pela configuração singular das azas no sexo masculino, visto como as seis primeiras remiges da mão são iguaes em comprimento, excedendo ellas, porem, em comprimento as tres seguintes. Essa especie monotypica mede 180—190 mm. de comprimento, sendo o da aza 130 mm. A côr é pardo-cinzenta salpicada de preto em cima, bruna em baixo, com manchas amarellentas compridas no peito e faxas transversaes escuras na barriga. As primeiras seis remiges da mão têm as pontas brancas. As rectrizes exteriores têm pontas esbranquiçadas. A especie é distribuida desde o Brazil central e meridional até Buenos Ayres.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 334. Hydropsalis torquata (Gm.).

Hydropsalis torquata *Pelzeln* p. 11 (Ypanema, Itararé, Irisanga).
Hydropsalis torquata Cat. Br. Mus. XVI p. 598.

No genero Hydropsalis tem o macho a rectriz exterior muito alongada e a rectriz mediana mais comprida do que a que ao lado della se segue. No genero Macropsalis são as

rectrizes medianas as mais curtas e as outras successivamente mais compridas. A especie presente tem o comprimento total de 380 mm. e a aza mede 160—170 mm. A côr é pardo-cinzenta em cima com salpicos escuros e com manchas amarellentas nas coberteiras exteriores das azas. O peito tem faxas escuras, as coberteiras inferiores da cauda são amarellentas. A rectriz exterior do macho mede 280—300 mm. e tem a ponta e a margem interior esbranquiçadas. O pescoço posterior é cingido por uma colleira pardo-vermelha. É essa a especie de S. Paulo, do Rio de Janeiro e do Norte do Brazil. No Rio Grande do Sul, na Argentina, no Paraguay, Bolivia e Matto Grosso occorre outra especie muito semelhante, H. furcifer Vieill. (= pallescens Pelzeln), cuja rectriz exterior mede 380 mm. e que tem a colleira amarellenta.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 335. Macropsalis creagra (Bp.).

Curiango tesoura (Piracicaba).

Hydropsalis forcipatus *Burmeister* II p. 380.
Hydropsalis forcipatus *Pelzeln* p. 11 (Ypanema).
Hydropsalis ypanemae *Pelzeln* p. 11 (Ypanema).
Macropsalis creagra *Hartert* Thierreich, Caprimulgidae p. 27.
Macropsalis forcipata Cat. Br. Mus. XVI p. 603 (São Paulo).

Especie semelhante na côr a Hydropsalis torquata, mas bem differente pela cauda, como já expliquei, e pelo comprimento extraordinario da rectriz exterior de 600 mm. Esta rectriz é direita, tem a haste e a barba exterior denegridas e a barba interior esbranquiçada. Especie conhecida de S. Paulo e Rio de Janeiro. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a Coriava coariavú.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

336. Chordeiles virginianus (Gm.).

Chordeiles popetue *Coues* Key p. 454 fig. 290 e 295.
Chordeiles virginianus *Sclater a. Hudson* II p. 13.
Chordeiles popetue *Pelzeln* p. 14 (Ypanema, Itararé, Irisanga).
Chordeiles virginianus Cat. Br. Mus. XVI p. 610.

Especie de 230 mm. de comprimento, com as azas medindo 200 mm. A côr é preta em cima, salpicada de bruno. As azas são pretas, com uma faxa larga branca na base das primeiras cinco remiges da mão. As rectrizes são pretas com faxas transversaes brunas e uma faxa branca perto da ponta. O lado inferior é branco, com numerosas faxas pretas e com uma faxa no pescoço que é branca no macho, amarellenta na femea.

É essa especie da America do Norte, que alli não permanece no inverno, extendendo as suas migrações até ao Sul do Brazil e da Argentina, onde apparece em Janeiro e Fevereiro. Uma especie affim é Ch. acutipennis Bodd. (Ch. brasilianus Wied e semitorquatus Wied) com as azas de 160 mm. e a faxa branca extendendo-se só sobre as quatro primeiras remiges, que occorre desde o Rio de Janeiro até o Norte do Brazil.

Mus. Paul. —

* 337. Podager nacunda (Vieill.).

Corucão (Piracicaba).

Caprimulgus diurnus *Wied* III p. 326.
Podager nacunda *Burmeister* II p. 400.
Podager nacunda *Pelzeln* p. 15 (Mogy das Cruzes, Sorocaba, Ypanema, S. Paulo).
Podager nacunda *Sclater a. Hudson* II p. 12.
Podager nacunda Cat. Br. Mus. XVI p. 619.

Especie de cerca de 300 mm. de comprimento, parda, com manchas e salpicos pretos e amarellos. Uma faxa do pescoço anterior, a barriga e as coberteiras inferiores da cauda são brancas. As remiges da mão são brancas na

base. As rectrizes exteriores têm as pontas brancas no macho. O tarso é nú, sem pennas. A especie occorre desde a Patagonia até a Guyana. É a primeira a começar a voar ao pôr do sol e ás vezes de dia, em tempo de chuva.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 338. Lurocalis semitorquatus (Gm.).

Tuju (Piracicaba).

Chordeiles semitorquatus *Burmeister* II p. 397.
Chordeiles nattereri *Burmeister* II p. 398.
Lurocalis semitorquatus *Pelzeln* p. 15.
Lurocalis nattereri *Pelzeln* p. 15 (Ypanema, Irisanga).
Lurocalis nattereri *Berlepsch u. Ihering* p. 155.
Lurocalis semitorquatus Cat. Br. Mus. XVI p. 621 (Ypanema).

Especie de 240 mm. de comprimento, com as azas medindo 200—210 mm. A côr é bruno-denegrida, salpicada de pardo-vermelho. Uma faxa semilunar branca occupa a garganta. A barriga é de côr pardo-avermelhada com largas faxas transversaes pretas. As ultimas remiges do braço são branco-cinzentas com manchas pretas.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a Curiango guariava.

Mus. Paul. Piquete.

* 339. Nyctibius jamaicensis (Gm.).

Urutau pequeno.

Nyctibius cornutus *Burmeister* II p. 376.
Nyctibius cornutus *Pelzeln* p. 10 (Ypanema).
Nyctibius jamaicensis Cat. Br. Mus. XVI p. 625.

Essa especie é a menor entre as tres de Urutau que occorrem no nosso Estado. O comprimento total é de 380—390 mm., o das azas de 270—280 mm. A côr é pardo-cinzenta, com manchas pretas. A garganta, a barriga e as coberteiras inferiores da cauda são de côr alvacenta, o

vertice é preto. No peito tem cada penna uma grande mancha preta perto da ponta. As remiges e rectrizes são escuras com faxas transversaes cinzentas. Os encontros são esbranquiçados.

Encontrei essa especie em S. Lourenço, no Sul do Rio Grande do Sul. Ella occorre desde alli até o Mexico e Jamaica.

Mus. Paul. Piquete.

* 340. Nyctibius aethereus (Wied).

Urutau.

Caprimulgus aethereus *Wied* III p. 303.
Nyctibius aethereus *Burmeister* II p. 375.
Nyctibius aethereus *Pelzeln* p. 10 (Ypanema).
Nyctibius aethereus Cat. Br. Mus. XVI p. 627.

Especie muito grande, de 500 mm. de comprimento, a aza medindo 340 mm. e a cauda 300 mm. A côr predominante é pardo-avermelhada em cima, com estrias longitudinaes e salpicos pretos. O vertice é bruno-escuro, a garganta cinzenta, a barriga esbranquiçada. As pennas do peito são pardo-cinzentas e têm manchas grandes, denegridas na ponta e perto dessas outras amarellentas. As rectrizes têm faxas largas, de côr escura. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'a urutau.

Essa especie é conhecida no Brazil, desde S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

341. Nyctibius grandis (Gm.).

Urutau.

Ibiyau magnitudine noctuae *Marcgrav* p. 196.
Caprimulgus grandis *Wied* III p. 295.
Nyctibius grandis *Burmeister* II p. 374.
Nyctibius grandis *Pelzeln* p. 10 (Matto Dentro).
Nyctibius grandis Cat. Br. Mus. XVI p. 628.

Especie um pouco menor do que a precedente, com a aza um pouco mais comprida, medindo 360 mm. A côr predominante é cinzento-branca, com estrias e salpicos denegridos. E' essa especie mais do Norte do Brazil, Matto Grosso etc. até a Venezuela, que Natterer caçou em Matto Dentro, onde a chamavam Urutau e preguiça. O principe Wied diz que na Bahia denominavam essa ave de Mandalua ou Choralua.

Mus. Paul. —

III. Ordem. Pici.

As aves que compõem esta ordem formam um grupo bem natural, tendo parentesco intimo com as aves das duas ordens que se seguem. Alguns naturalistas acceitam uma ordem immensa Picariae, reunindo nella as nossas ordens II—V. Elles reconhecem entretanto que tal classificação é pouco natural e não pode ser caracterisada de modo preciso. *Fürbringer* na sua obra classica constróe uma ordem maior ainda, Pico-passeriformes, reunindo aos Passaros os pica-páos, tucanos, beija-flores etc. e dividindo as aves de rapina em duas secções, uma composta das corujas e das caprimulgidas, contendo a outra os gaviões e as garças. Outros autores elevam grande parte das antigas familias á categoria de ordens. Deixando o esclarecimento ao futuro acceito aqui um systema que me parece bem justificado e que foi acceito pela União dos Ornithologistas americanos.

Os pica-páos têm os pés typicos dos trepadores com dous dedos dirigidos para diante e dous para traz, sendo além do pollegar o dedo que corresponde ao anterior exterior dos passaros dirigido para traz nessa familia. Os dedos anteriores são ligados entre si na base. O bico é comprido e forte, direito, paragnatho, aquilhado em cima e em baixo, truncado na ponta. Na aza ha 10 remiges de mão, das quaes a primeira é pequena e 9—12 do braço.

A cauda tem 12 rectrizes que no genero Picumnus são molles com a ponta redonda e nos outros generos fortes com o cano rijido e proprios para dar apoio á ave quando trepa. As coberteiras exteriores das azas são curtas como nos passaros. No esqueleto é notavel o grande desenvolvimento dos ramos posteriores do osso hyoide que entre o craneo e a pelle em grande curva dirigem-se até a base do bico, facilitando o protrahimento e a retracção da lingua até a distancia de algumas pollegadas. A lingua é pequena triangular, denteada nas margens, servindo para pegar os insectos nos buracos que fazem na cortiça e na madeira das arvores velhas. Em buracos de páos oucos fazem o seu ninho, sendo aves de biscato, isto é, os filhotes recemnascidos são nús e precisam ser criados.

É esse um grande grupo de aves distribuido em todas as regiões e zonas do mundo. Em Portugal denominam-se essas aves picanços, no Brazil pica-páos. O nome indigena de pica-páo « ipecu » vem de ipé = casca de arvore. *Marcgrav* escreve ipecú. Os indios guaranys do Rio Verde deram-me para os pica-páos os seguintes nomes: pécu-anti para Celeus, pecu-nauta para Ceophloeus, pecu-rupacãn para os outros a excepção de Melanerpes flavifrons que é curutui ou pecu-rutui? Pecu-nteré é Melanerpes candidus. E' bem possivel que tenham dito ipecu quando eu apenas entendi e notei pécu. Afinal o i no começo da palavra é sem importancia e Montoya escreve pé e ipé para casca de arvore. O nome do pato é ipeg.

* 342. Colaptes campestris (Vieill.).

Pica-páo do campo; Chan-chan (Piracicaba).

Picus campestris *Spix* I p. 57 Pl. 46 (♀).
Picus campestris *Wied* IV p. 409.
Colaptes campestris *Burmeister* II p. 235.
Pediopipo campestris *Pelzeln* p. 249 (Taipa, Matto Dentro, Goyaba, Ypanema).
Colaptes campestris Cat. Br. Mus. XVIII p. 23 (Taipa).

Especie grande, de 300 mm. de comprimento, medindo a aza 160 mm., o bico 40 mm. A fronte, o vertice e a garganta são pretas. A nuca, o pescoço e parte do peito são amarellas. O dorso e a barriga são esbranquiçadas com faxas pretas transversaes, o uropygio é branco com faxas pretas. As hastes das remiges são amarellas.

E' esse um pica-páo um pouco fóra do commum no seu modo de viver preferindo os campos, vivendo em bandos e andando no chão á procura de formigas e cupins. No Rio Grande do Sul e na Argentina é substituida essa especie por outra pouco differente que tem a garganta branca, C. agricola Malh., sendo C. campestris a especie do Brazil central e septentrional, desde S. Paulo até a Bolivia e Pernambuco.

Mus. Paul. Cachoeira.

*** 343. Chloronerpes erythropsis (Vieill.).**

Picus icterocephalus *Spix* I p. 62 Pl. 54 fig. 1, ♀.
Picus erythrops *Wied* IV p. 427.
Chloronerpes icterocephalus *Burmeister* II p. 228.
Chloronerpes erythropes *Pelzeln* p. 244 (Monjolinho, Matto Dentro, Rio Paraná).
Chloronerpes erythropsis Cat. Br. Mus. XVIII p. 75.

Especie pequena, de 180 mm. de comprimento, medindo o bico 22 mm. O dorso e as azas são verde-amarellas, o peito e a barriga são amarellentas com faxas transversaes de côr bruno-azeitonada. A cabeça é amarella com o vertice vermelho no sexo feminino, extendendo-se a côr vermelha no sexo masculino tambem sobre a fronte e a garganta. As remiges têm a base pardo-amarella.

Essa especie é encontrada desde S. Paulo até o Norte do Brazil.

Mus. Paul. Piracicaba; Cachoeira.

*** 344. Chloronerpes aurulentus (Temm.).**

Chloronerpes aurulentus *Burmeister* II p. 227 (partim).
Chloronerpes aurulentus *Pelzeln* p. 243 (Jacarehy, Ypanema).

Chloronerpes aurulentus *Sclater a. Hudson* II p. 21.
Chloronerpes aurulentus *Berlepsch u. Ihering* p. 158.
Chloronerpes aurulentus Cat. Br. Mus. XVIII p. 79.

Especie de 210 mm. de comprimento, com o bico medindo 25 mm. O macho é verde-azeitonado em cima, brancacento em baixo, com faxas transversaes pretas. A garganta é amarella, a cabeça em cima e uma estria nas bochechas são vermelhas. A face é cinzenta, orlada em cima e em baixo de amarello. As rectrizes são pretas, as remiges pretas com faxas transversaes pardo-vermelhas. A femea tem só a nuca vermelha, o resto da cabeça em cima é preta. Essa especie está distribuida desde o Rio da Prata até o Rio de Janeiro, Minas e Paraguay.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 345. Chrysoptilus melanochlorus (Gm.).

Picus melanochlorus *Wied* IV p. 423.
Chrysoptilus melanochlorus *Burmeister* II p. 242.
Chrysoptilus chlorozostus *Pelzeln* p. 249 (Monjolinho, Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Chrysoptilus chlorozostus *Berlepsch u. Ihering* p. 158.
Chrysoptilus chlorozostus Cat. Br. Mus. XVI p. 111.

Especie maior, de 290 mm. de comprimento, medindo o bico 28 mm. A côr é amarello-verde no corpo com faxas transversaes pretas no lado dorsal e com manchas redondas pretas no lado ventral. A fronte e o vertice são pretos, a nuca é vermelha, a face branco-amarella. O uropygio é amarello. As remiges são escuras com faxas verdes e hastes amarellas. O macho tem as bochechas vermelhas. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Paraguay, Minas e Bahia, sendo representada no Rio da Prata por especie muito semelhante, Ch. cristatus Vieill., amarella no lado inferior.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 346. Melanerpes candidus (Otto).

Biro (Piracicaba).

Picus candidus *Wied* IV p. 415.
Picus dominicanus *Spix* I p. 59 Pl. 50 fig. 1 ♀ e 2 ♂.
Leuconerpes candidus *Burmeister* II p. 237.
Leuconerpes candidus *Sclater a. Hudson* II p. 23.
Leuconerpes candidus *Pelzeln* p. 247 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Irisanga).
Melanerpes candidus Cat. Br. Mus. XVIII p. 148.

Pica-páo de 280 mm. de comprimento, medindo o bico 34 mm. As azas são muito compridas extendendo-se quasi até a ponta da cauda. Ao redor dos olhos nota-se uma zona núa, de côr amarella. A côr é branca, uma linha ao lado do pescoço, o dorso e as azas são de côr preta. As rectrizes são pretas, com faxas brancas. A barriga é amarella e no sexo masculino a nuca. A especie está distribuida desde o Rio da Prata até a Bolivia, Matto Grosso e Bahia.

Mus. Paul. Itatiba.

* 347. Melanerpes flavifrons (Vieill.).

Picus flavifrons *Spix* I p. 60 Pl. 52 fig. 1 ♀ e 2 ♂.
Picus coronatus *Wied* IV 419.
Tripsurus coronatus *Burmeister* II p. 239.
Melanerpes flavifrons *Pelzeln* p. 248 (Ypanema, Itararé).
Melanerpes flavifrons Cat. Br. Mus. XVIII p. 161 (S. Paulo).

Especie de 200 mm. de comprimento, o bico medindo 25 mm. O macho é preto nas costas, branco no uropygio e nas coberteiras superiores da cauda. As azas e a cauda são pretas. A fronte e a garganta são amarellas, a face é preta, o vertice e a nuca são vermelhas. O peito é vermelho, a barriga é amarellenta, com faxas transversaes pretas. A femea tem o vertice e a nuca pretas, a fronte amarella. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Paraguay, Goyaz e Bahia.

Mus. Paul. Piquete; Piracicaba.

348. Dendrocopus cancellatus (Wagl.).

Dendrobates maculatus *Burmeister* II p. 224 (nec Vieill.) S. Paulo.

Picus cancellatus *Pelzeln* p. 245.

Dendrocopus cancellatus Cat. Br. Mus. XVIII p. 260.

Especie pequena, rara, de 140 mm. de comprimento. O bico mede 16 mm. A primeira remige é muito curta, a cauda é mais comprida do que a segunda remige. O angulo mental é coberto por cerdas dirigidas para diante. A côr é denegrida, com faxas transversaes brancas no dorso e com manchas compridas, brancas no peito e na barriga. A cabeça é bruno-preta em cima, tendo cada penna uma estria branca e as pontas vermelhas no sexo masculino; a femea tem só na nuca as pontas das pennas vermelhas. Uma estria branca corre dos olhos até o ouvido. As remiges são escuras, as rectrizes brancas, com faxas pardo-cinzentas. Natterer caçou essa especie em Matto Grosso e Goyaz, Azara no Paraguay. O Museu de Berlim obteve-a de S. Paulo por Sellow, provavelmente proveniente da zona occidental do Estado. Especie semelhante da Argentina e do Chile é D. mixtus Bodd.

Mus. Paul. —

349. Dendrobates olivinus (Malh.).

Campias olivinus *Pelzeln* p. 246 (Rio Paraná).

Dendrobates olivinus Cat. Br. Mus. XVIII p. 356.

Especie semelhante a que se segue, tendo porem todo o lado inferior riscado por faxas transversaes. O dorso e as coberteiras superiores da cauda são uniformes, o uropygio é riscado por faxas. Nesse genero, como no precedente, Dendrocopus, é a primeira remige da mão extremamente curta, não excedendo a parte livre della o comprimento do culmen do bico. Em ambos esses generos é o dedo posterior exterior mais comprido do que o anterior exterior. A cauda é no genero Dendrobates mais curta do que a segunda remige.

Essa especie occorre em Goyaz, Matto Grosso e Bolivia e foi por Natterer caçada no Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 350. Dendrobates spilogaster (Wagl.).

Dendrobates passerinus juv. *Burmeister* (nec L.) II p. 223 partim.
Campias spilogaster *Berlepsch* I p. 281.
Campias spilogaster *Pelzeln* p. 247 (Ypanema).
Chloronerpes spilogaster *Berlepsch u. Ihering* p. 158.
Dendrobates spilogaster Cat. Br. Mus. XVIII p. 358.

Especie de 170 mm. de comprimento, medindo o bico 23 mm. A côr é verde-azeitonada em cima, com manchas amarellas. A garganta é branca, com estrias escuras, o resto do lado inferior é verde-azeitonado, com manchas amarellentas isoladas, que só na barriga formam faxas. A cabeça é denegrida em cima, com estrias estreitas longitudinaes que são amarellas no sexo feminino, vermelhas no sexo masculino. É essa especie do Brazil meridional, desde Montevideo até S. Paulo. Uma especie semelhante que talvez seja encontrada em S. Paulo é D. affinis Swains., que tem na nuca uma faxa amarella e o lado inferior riscado por toda a parte de faxas transversaes.

Mus. Paul. Piracicaba; Iguape; Cachoeira.

* 351. Celeus flavescens (Gm.).

Pica-páo de cabeça amarella; João velho (Piracicaba).

Picus flavescens *Spix* I p. 58 Pl. 49 fig. 1 ♂ e 2 ♀.
Picus flavescens *Wied* IV p. 396.
Celeus flavescens *Burmeister* II p. 231.
Celeus flavescens *Pelzeln* p. 250 (Ypanema).
Celeus flavescens Cat. Br. Mus. XVIII p. 423 (S. Paulo).

No genero Celeus, como nos dous que se seguem, é o pescoço muito estreito em comparação á cabeça, que é larga. Toda a cabeça é amarello-clara, com as pennas do vertice alongadas, formando um topete. O corpo é preto,

a excepção do uropygio que é amarello. As pennas do dorso e das azas têm orlas amarellas. O macho tem a bochecha vermelha. O comprimento total é 290 mm., o do bico 35 mm. Essa especie occorre nos mattos, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia e Paraguay.

Mus. Paul. Cachoeira.

352. Campophilus melanoleucus (Gm.).

Ipecu *Marcgrav* p. 207.
Picus albirostris *Spix* I p. 56 Pl. 45 fig. 1 ♂ e 2 ♀.
Picus comatus *Wied* IV p. 393.
Dryocopus albirostris *Burmeister* II p. 221.
Campephilus melanoleucus *Pelzeln* p. 242 (Rio das Pedras).
Campophilus melanoleucus Cat. Br. Mus. XVIII p. 470.

As especies do genero Campophilus têm o dedo exterior posterior mais comprido do que o exterior anterior, que é mais comprido do que o exterior posterior no genero seguinte. Especie grande, de 340 mm. de comprimento, medindo o bico, que é brancacento, 45 mm. A côr do macho é preta em cima, correndo a cada lado do pescoço e do dorso uma estria branca que, com a do outro lado, se reune no meio do dorso. A cabeça com o seu topete é vermelha. A garganta e o pescoço anterior são pretos, o peito e barriga são esbranquiçados, com faxas pretas transversaes. A femea tem a fronte e parte do topete pretas. Essa especie é do Brazil central e da Guyana. Natterer obteve-a no Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 353. Campophilus robustus (Licht.).

Picus robustus *Spix* I p. 56 Pl. 44 ♂.
Picus robustus *Wied* IV p. 385.
Campephilus robustus *Burmeister* II p. 217 (S. Paulo).
Campephilus robustus *Pelzeln* p. 243 (Cemiterio, Ypanema).
Campephilus robustus Cat. Br. Mus. XVIII p. 477.

A especie maior entre os pica-páos do Brazil, medindo 360 mm., sendo o comprimento do bico de 53 mm. A côr do corpo é amarellenta, uniforme em cima, com faxas escuras transversaes em baixo. A cauda e as azas são pretas, as remiges têm faxas pardo-vermelhas na barba interior. A cabeça e o pescoço são escarlates. A femea tem o topete menor e em baixo dos olhos uma estria desmaiada com orlas pretas. O bico é branco-amarellento. Essa especie está distribuida desde o Rio Grande do Sul até o Paraguay e Bahia.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 354. Ceophloeus lineatus (L.).

Picus lineatus *Spix* I p. 58 Pl. 48 fig. 1 ♂ e 2 ♂.
Dryocopus lineatus *Burmeister* II p. 219.
Dryocopus lineatus *Pelzeln* p. 243 (Ypanema).
Ceophloeus lineatus Cat. Br. Mus. XVIII p. 508.

Especie grande, de 350 mm. de comprimento, medindo o bico, que é preto, 40 mm. O macho é preto em cima com uma mancha branca nas azas, sendo a barba exterior de algumas pennas scapulares branca. A cabeça é escarlate em cima até a nuca, cujas pennas formam o topete. A garganta é branca, com estrias pretas, o peito e o pesçoço anterior são pretos. A face é cinzenta. Uma estria branca corre ao lado do pescoço e sob o ouvido até o bico, onde começa com côr amarella. A bochecha é vermelha. A barriga é amarello-branca, com faxas pretas transversaes. A femea tem o vertice e a fronte cinzento-pretas. Esse grande pica-páo é commum nos mattos do Brazil, desde S. Paulo até o Pará e Guyana. A especie seguinte é apenas uma variedade meridional.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 355. Ceophloeus erythrops (Valenc.).

Picus lineatus *Wied* IV p. 389.
Dryocopus erythrops *Burmeister* II p. 220.
Dryocopus erythrops *Sclater a. Hudson* II p. 18.

Dryocopus erythrops *Berlepsch u. Ihering* p. 157.
Dryocopus erythrops *Pelzeln* p. 243 (Ypanema).
Ceophloeus erythrops Cat. Br. Mus. XVIII p. 513.

É essa uma variedade da especie precedente, que tem as azas todas pretas. As faxas transversaes da barriga são pallidas ao lado de cada penna, mais escuras no centro. Não tenho de modo algum a convicção de que essa «especie» realmente seja differente da precedente, sendo a falta das orlas brancas das pennas scapulares a unica differença. Tão pouco parece differente a distribuição geographica, sendo C. erythrops observada desde o Rio Grande do Sul até Pernambuco. O assumpto merece estudos, sob o ponto de vista aqui indicado. Provavelmente a extensão da mancha branca das azas é variavel.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

356. Ceophloeus galeatus (Temm.).

Picus galeatus *Burmeister* II p. 222, nota.
Dryocopus galeatus *Pelzeln* p. 243 (Ypanema).
Dryocopus galeatus *Berlepsch u. Ihering* p. 157.
Ceophloeus galeatus Cat. Br. Mus. XVIII p. 513.

Especie de 300 mm. de comprimento, medindo o bico 35 mm. A côr é preta entre as azas, amarellenta no dorso baixo e no uropygio. As azas e a cauda são pretas, as remiges são amarellentas na base da barba interior. A cabeça é vermelha em cima. Uma estria branca corre do ouvido á nuca. O lado inferior é amarellento, com faxas transversaes pretas. O macho tem as bochechas vermelhas, a femea amarello-cinzentas. Essa especie rara foi caçada por mim no Rio Grande do Sul e por Natterer em São Paulo.

Mus. Paul. —

* 357. Picumnus temmincki Lafr.

Pica-páo anão.

Picumnus temmincki *Burmeister* II p. 246.
Picumnus temmincki *Pelzeln* p. 240 (Ypanema).

Picumnus temminckii *Berlepsch u. Ihering* p. 156 Taf. 9 fig. 2 ♂.

Picumnus temmincki Cat. Br. Mus. XVIII p. 530 (Ypanema).

Os pequenos pica-páos do genero Picumnus distinguem-se de todos os outros pela cauda pequena, molle e sem pontas sobresalientes rijidas das rectrizes. P. temmincki tem o comprimento de 90—100 mm., medindo o bico 12 mm. A côr é pardo-cinzenta no dorso, esbranquiçada, com faxas pretas transversaes, em baixo. A face e o lado do pescoço são uniformes, pardo-amarellos. A cabeça é preta com pontas brancas das pennas no sexo feminino. O macho tem na fronte e no vertice as pontas das pennas vermelhas, no resto da parte superior da cabeça pontas brancas. A cauda é preta, com pontas brancas das rectrizes exteriores. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até S. Paulo. Temos no Museu um lindissimo ninho excavado num tronco e que nos offereceu o Sr. Krone.

Mus. Paul. Iguape.

* 358. Picumnus cirrhatus Temm.

Picumnus minutissimus *Wied* IV p. 378.

Picumnus minutus *Burmeister* II p. 245 (nec L.).

Picumnus azarae *Pelzeln* p. 442.

Picumnus cirrhatus *Pelzeln* p. 241 (Ypanema).

Picumnus cirrhatus Cat. Br. Mus. XVIII p. 531.

Especie extremamente semelhante á precedente, da qual differe pelo lado dorsal mais pardo-avermelhado com faxas pouco distinctas transversaes e pela face e os lados do pescoço amarellentos, com faxas escuras transversaes.

Essa especie occorre desde o Paraguay, Tucuman e S. Paulo até a Bahia.

Mus. Paul. S. Sebastião; Tieté; Cachoeira.

IV. Ordem. Coccyges.

É esse um grande grupo de aves que com preferencia habitam as regiões mais quentes do globo. São na maior parte aves trepadoras, sendo em geral as pernas e os pés pouco fortes ou bem pequenos e fracos. Num dos grupos (C. anisodactylae) são tres dedos dirigidos para diante, sendo entretanto o terceiro e quarto dedo ligados na base. Nos outros membros da familia são dous dedos dirigidos para diante, dous para traz, mas assim mesmo ha uma differença notavel, sendo na familia Trogonidae alem do pollegar ou primeiro dedo dirigido para traz o segundo e nas outras familias o quarto. Por essa razão separam-se as Trogonidas como C. heterodactylae das outras familias que formam os C. zygodactylae.

Quanto aos outros caractereres são relativamente compridas as coberteiras exteriores das azas. O bico é grande mas leve, ás vezes duas vezes mais comprido do que a cabeça e em diversas familias são as margens cortantes denteadas. A cauda contem 10—12 rectrizes, sendo esse numero reduzido a 8 nas Crotophaginas. Varias entre essas familias são na sua distribuição restringidas á America meridional como as Momotidae, Galbulidae, Bucconidae, Rhamphastidae.

Coccyges anisodactylae. São representadas por duas familias Momotidae e Alcedinidae, caracterisadas, como já disse, pelo syndactylismo dos dous dedos exteriores. As Momotidas têm as tomias ou as margens cortantes do bico denteadas, as Alcedinidas têm as tomias simples, o bico direito e comprido. Á primeira familia pertence apenas entre nossas aves a Juruva, a segunda é formada pelas aves denominadas «Martim pescador» e que abundam ao longo dos rios, dos quaes tiram o seu nutrimento, que consiste em peixes e em cujos barrancos cavam os seus ninhos.

Coccyges heterodactylae são apenas as aves que formam a familia Trogonidae. O bico é curto com cerdas rijas na

base e com as tomias denteadas. As pennas são molles, a pelle é delgada, difficil de ser preparada. A cauda é comprida consistindo em 12 rectrizes. Pertencem a esse grupo os surucuás, as aves mais bonitas e mais estupidas de nosso matto virgem.

Coccyges zygodactylae. É grande o numero das familias dessa secção.

A familia *Galbulidae* está entre nós representada apenas por 2—3 especies, por nenhuma no Rio Grande do Sul. A cauda tem só 10 rectrizes, o bico é direito e comprido, as azas são curtas. Os dous dedos anteriores são unidos na base. Em um dos generos, Jacamaralcyon, existem só tres dedos, faltando o pollegar. Essas aves assemelham-se ao Martim-pescador e aos Beija-flores.

A familia *Bucconidae* contem aves com o bico mais forte, cuja maxilla superior na ponta é virada para baixo. Na base do bico notam-se numerosas e fortes cerdas. Os dedos anteriores não são unidos. A cauda contem 12 rectrizes. São aves pouco intelligentes como os surucuás e por essa razão denominadas João bobo, João doudo etc.

A familia *Cuculidae* assemelha-se no bico ás Bucconidae, tendo cerdas na base do bico e este arqueado e lateralmente compresso. A cauda tem geralmente 10 rectrizes, mas nos generos Crotophaga e Guira apenas 8. Nos generos Diplopterus e Dromococcyx são as coberteiras exteriores da cauda muito compridas, extendendo-se até perto da ponta da cauda. A cauda é comprida e molle. Fazem parte dessa familia de aves insectivoras o sacy ou sem fim, alma de gato e os anús.

A familia *Rhamphastidae* é bem caracterisada pelo bico immenso, cujo comprimento é 1—2 vezes maior do que o da cabeça. Na cauda ha 10 rectrizes. Os tarsos são relativamente fortes e compridos. São bem conhecidos os tucanos e os araçaris.

SUBORDEM I. COCCYGES ANISODACTYLAE.

FAM. MOMOTIDAE.

*** 359. Baryphthengus ruficapillus (Vieill.).**

Jeruva ou *Juruva.*

Prionites ruficapillus *Wied* III p. 1257.
Prionites ruficapillus *Burmeister* II p. 411.
Momotus Lavaillantii *Pelzeln* p. 19 (Matto Dentro, Ypanema, Rio Paraná).
Momotus ruficapillus *Berlepsch* I p. 268.
Baryphthengus ruficapillus Cat. Br. Mus. XVII p. 330 (Rio Grande do Sul).

Ave grande, de 440 mm. de comprimento. O bico, que tem as margens denteadas, mede 45 mm.; a cauda comprida mede 250 mm. A côr é verde-azeitonada, a barriga e a cabeça em cima são castanhas, a região ao redor, adiante e atraz dos olhos é negra, como tambem uma mancha do peito. As margens exteriores das remiges da mão e as pontas das rectrizes são azues. A garganta é cinzento-amarella. Especie que occorre em todo o Brazil no matto virgem. O nome indigena, e o que é usado em S. Paulo, é Jeruva. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'o jirú. Dizem que na lingua geral tem tambem o nome de pira-paya ou guira-paya. No Rio de Janeiro e Bahia tratam-n'o de «taquara» ou gallo do matto. O Sr. Krone caçou essa especie em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba.

Mus. Paul. Piquete.

FAM. ALCEDINIDAE.

*** 360. Ceryle torquata (L.).**

Matraca (Itatiba); *Martim grande* (Iguape).

Alcedo cyanea *Wied* IV p. 5.
Megaceryle torquata *Burmeister* II p. 404 e 405, 2 (caesia).
Ceryle torquata *Pelzeln* p. 23 (Ypanema).

Ceryle torquata *Berlepsch* I p. 269.
Ceryle torquata *Sclater a. Hudson* II p. 26.
Ceryle torquata Cat. Br. Mus. XVII p. 121.

Entre as diversas especies de Martim-pescador é essa a maior, facil de conhecer pela côr cinzento-azul do dorso. O comprimento total importa em 440 mm., o do bico em 75—80 mm. As azas e cauda são pretas, com faxas transversaes brancas. A garganta e uma colleira que della sahe são brancas. O macho tem o peito e a barriga castanhas, o crisso branco, a femea tem o peito cinzento e o crisso amarellado.

Essa especie está distribuida por toda a America central e meridional. Uma variedade della, var. stellata, é encontrada na Patagonia e no Chile. O nome das especies de Alcedo é jaguacati na lingua geral ou jaguati como me o indicaram os guaranys do Rio Verde. Natterer diz (Pelzeln p. 23) que na lingua geral o nome para o Martim-pescador é uarirama.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 361. Ceryle amazona (Lath.).

Martim-pescador.

Alcedo amazona *Wied* IV p. 12.
Chloroceryle amazona *Burmeister* II p. 405 e 406 (leucosticta).
Ceryle amazona *Pelzeln* p. 23 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Irisanga).
Ceryle amazona *Sclater a. Hudson* II p. 27.
Ceryle amazona *Berlepsch* I p. 270.
Ceryle amazona Cat. Br. Mus. XVII p. 129.

Especie menor que a precedente, medindo 330 mm. sendo o comprimento do bico 70 mm. A côr é verde-metallica em cima e nos lados, branca em baixo. Da garganta sahe uma colleira branca. As azas e a cauda têm manchas brancas. O macho tem o peito castanho. A especie occorre desde o Rio da Prata até o Mexico.

Mus. Paul. Iguape.

* 362. Ceryle americana (Gm.).

Martim-pescador pequeno.

Alcedo americana *Wied* IV p. 17.
Chloroceryle americana *Burmeister* II p. 407 e 408 (chalcites).
Ceryle americana *Pelzeln* p. 23 (Taipa, Ypanema, Irisanga).
Ceryle americana *Sclater a. Hudson* I p. 27.
Ceryle americana *Berlepsch* I p. 270.
Ceryle americana Cat. Br. Mus. XVII p. 131.

Das tres especies de Ceryle que no Brazil meridional occorrem por toda parte, entre o Rio da Prata e o Rio de Janeiro, é essa a especie menor e a mais commum. O comprimento total é 200 mm., o do bico 40 mm. A côr é mais ou menos a mesma da especie precedente, mas as azas têm as pontas das coberteiras exteriores brancas. A especie occorre desde o Rio da Prata até a Guyana e Colombia. O macho tem o peito castanho, a femea o tem verde. As rectrizes medianas são verdes, as lateraes têm manchas brancas.

Mus. Paul. S. Sebastião; Itatiba.

* 363. Ceryle inda (L.).

Alcedo bicolor *Wied* IV p. 23.
Chloroceryle bicolor *Burmeister* II p. 406.
Ceryle bicolor *Pelzeln* p. 23.
Ceryle inda Cat. Br. Mus. XVII p. 137.

Especie de 22 centim. de comprimento, com o bico medindo cerca de 5 centim. O macho é verde e tem uma estria dos olhos até o bico e todo o lado inferior castanho. As azas e a cauda têm salpicos brancos. A femea é semelhante, tendo, porém, no peito uma larga faxa transversal verde. Essa especie foi caçada na Ilha de S.ta Catharina por Lesson e occorre em Goyaz, Bahia, Pará e Panamá. No interior do Estado de S. Paulo não parece occorrer, mas em Iguape obteve-a o Sr. Krone.

Mus. Paul. Iguape.

SUBORDEM 2. COCCYGES HETERODACTYLAE.

FAM. TROGONIDAE.

* 364. Trogon atricollis Vieill.

Surucuá dourado.

Trogon atricollis *Wied* IV p. 309.
Trogon atricollis *Burmeister* II p. 279.
Trogon atricollis *Pelzeln* p. 20 e 403 (Lages).
Trogon chrysochlorus *Pelzeln* p. 20 (Ypanema)
Trogon chrysochlorus *Berlepsch u. Ihering* p. 160.
Trogon atricollis Cat. Br. Mus. XVII p. 456.

Ave bonita, de 260 mm. de comprimento. O macho é verde-metallico em cima e no peito, tendo a fronte, a face e a garganta pretas. As coberteiras exteriores das azas são pretas, com salpicos brancos. As rectrizes medianas são verdes, as exteriores pretas, com faxas transversaes brancas. A barriga é branco-amarella. O bico é alvacento. A femea é bruna, tendo tudo pardo-avermelhado o que é no macho dè côr verde, sendo no mais igual ao macho. Essa differença na côr das rectrizes medianas é observada geralmente entre os dous sexos no genero Trogon. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America central.

Mus. Paul. S. Sebastião; Iguape.

* 365. Trogon viridis L.

Surucuá amarello.

Trogon violaceus *Spix* I p. 50.
Trogon violaceus *Wied* IV p. 297.
Trogon viridis *Burmeister* II p. 277.
Trogon viridis *Pelzeln* p. 20.(Monjolinho, Matto Dentro).
Trogon viridis *Berlepsch* I p. 271.
Trogon viridis Cat. Br. Mus. XVII p. 458 (S. Paulo).

Especie de 300 mm. de comprimento. O macho é verde-lustroso em cima, com o vertice e a nuca metallico-azues. A fronte, a face e a garganta são pretas. O peito

é azul, a barriga amarella. As azas são pretas, as rectrizes medianas são verdes com pontas pretas, as exteriores são pretas com pontas brancas. A femea é cinzento-fusca, com a barriga amarella, as coberteiras exteriores das azas são riscadas por linhas brancas e as rectrizes exteriores além das pontas brancas têm faxas brancas. Tr. viridis occorre desde S.ta Catharina até Venezuela e Equador. Parece que no Rio Grande do Sul não foi encontrado.

Mus. Paul. Iguape.

* 366. Trogon surucura Vieill.

Trogon surucura *Burmeister* II p. 274.
Trogon surucura *Pelzeln* p. 19 (Matto Dentro, Ypanema).
Trogon surucura *Berlepsch u. Ihering* p. 160.
Trogon aurantius *Berlepsch u. Ihering* p. 161.
Trogon surucura *Sclater a. Hudson* II p. 29.
Trogon surucura Cat. Br. Mus. XVII p. 471.

O macho dessa especie é verde-metallico nas costas, preto-azul com lustro roxo na cabeça, no pescoço e no peito, encarnado na barriga. As coberteiras exteriores das azas são pretas com salpicos brancos. As rectrizes medianas são azues com pontas pretas, as exteriores pretas com pontas brancas. A femea é cinzento-escura, com a barriga encarnada. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até o Paraguay e S. Paulo. Uma figura que o Sr. von Berlepsch descreveu como T. aurantius julgo presentemente ser T. surucura.

Mus. Paul. Piracicaba.

367. Trogon aurantius Spix.

Trogon aurantius *Spix* I p. 47 Pl. 36 (fig. pessima ?).
Trogon aurantius *Burmeister* II p. 279.
Trogon aurantius *Pelzeln* p. 20 (Monjolinho).
Trogon aurantius Cat. Br. Mus. XVII p. 471.

E' essa apenas uma variedade de T. surucura, substituindo-a no Rio de Janeiro, no Norte do Brazil e na Guyana. Parece que a côr de laranja da barriga representa

a unica differença e a figura de Spix, pouco caracteristica nesse sentido, podia tambem referir-se a T. surucura. Parece-me haver engano quando Goeldi, p. 182, diz que o dorso é vermelho. Não conheço essa especie que desde a divisa de S. Paulo com Rio de Janeiro parece substituir a T. surucura. A indicação de Berlepsch u. Ihering (Rio Grande do Sul), refere-se a uma figura incompleta e diz respeito, a meu vêr, a T. surucura.

Mus. Paul. —

Subordem 3. Coccyges zygodactylae.

FAM. GALBULIDAE.

* 368. Galbula rufo-viridis Cab.

Guainumbi-guassu; Beija-flor do matto virgem.

Galbula viridis *Wied* IV p. 436.
Galbula viridis *Burmeister* II p. 299.
Galbula ruficauda *Burmeister* II p. 300.
Galbula maculicauda *Pelzeln* p. 24 (Rio Pardo, Rio Paraná).
Galbula rufo-viridis Cat. Br. Mus. XIX p. 165.

Ave de 220 mm. de comprimento, que vive no matto virgem. A palavra guainumbi-guassu quer dizer beija-flor grande. O bico é direito, lateralmente compresso, preto, medindo 50 mm. A côr é esplendida, verde-dourada no peito, no lado dorsal e nas rectrizes medianas. A barriga é pardo-avermelhada e da mesma côr são as rectrizes lateraes que têm as pontas verde-escuras. A garganta do macho é branca, da femea amarellenta. Essa especie é do Norte do Brazil e da Bolivia. Natterer caçou-a no Est. de S. Paulo, perto do Rio Paraná. Galbula viridis, a que se refere o Jacamaciri de Marcgrav, p. 202, é especie do Norte do Brazil, differindo pelas rectrizes exteriores, de côr denegrida.

Mus. Paul. —

369. Brachygalba melanosterna Scl.

Brachygalba melanosterna *Burmeister* II p. 526.
Galbula melanosterna *Pelzeln* p. 24 (Rio Paraná).
Brachygalba melanosterna Cat. Br. Mus. XIX p. 174.

O genero Brachygalba distingue-se de Galbula pela cauda mais curta e de Jacamaralcyon pela presença de quatro dedos. Essa especie tem o comprimento de 150 mm. e o bico mede 48 mm. A côr é fusca em cima, preta em baixo; a garganta e o meio da barriga são de côr branca. O bico é branco. Essa especie é da Bolivia e de Matto Groso. Natterer caçou-a no Rio Paraná, onde apparece com frequencia.

Mus. Paul. —

* 370. Jacamaralcyon tridactyla (Vieill.).

Galbula tridactyla *Spix* I p. 55 Taf. 57 fig. 3 (S. Paulo).
Galbula tridactyla *Burmeister* II p. 303.
Galbula tridactyla *Pelzeln* p. 25 (Monjolinho, Cemiterio, Ypanema).
Jacamaralcyon tridactyla Cat. Br. Mus. XIX p. 174.

Especie monotypica bem caracterisada pelos pés que têm só tres dedos, faltando o posterior interior ou pollegar. O comprimento total é de 170—190 mm., o do bico, que é preto, de 47 mm. A côr é denegrida, com lustro verde-metallico em cima. A cabeça é bruna com estrias ferruginosas longitudinaes, o peito e a barriga são no meio esbranquiçados. Essa especie é encontrada em S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Bahia.

Mus. Paul. Piquete.

FAM. BUCCONIDAE.

* 371. Bucco swainsoni Gray.

João do matto (Piracicaba).

Capito macrorhynchus *Burmeister* II p. 283.
Bucco swainsoni *Pelzeln* p. 21 (Ypanema, Antonio Dias).
Bucco swainsoni Cat. Br. Mus. XIX p. 183.

Especie grande, de 220 mm. de comprimento. O bico que tem o comprimento de 30 mm., é preto e mais largo na base do que na especie seguinte. A côr é preta em cima, a excepção da fronte e da colleira que são brancas. A garganta, o pescoço anterior e a face são brancas, o peito é preto, a barriga amarello-parda. A maxilla superior é curvada para baixo na ponta; na base do bico vêm-se cerdas compridas e rijas que dão motivo ao nome «capitão de bigode» dado por alguns a essa especie, que foi observada em S. Paulo e Rio de Janeiro, mas que Natterer caçou tambem na barra do Rio Negro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 372. Bucco chacuru Vieill.

Sucurú; João bobo.

Cápito melanotis *Wied* IV p. 359.
Capito melanotis *Burmeister* II p. 287.
Bucco chacuru *Pelzeln* p. 22 e 403 (Taipa, Matto Dentro, Mogy das Cruzes, Ypanema, Itararé, Campinas, Ytú).
Bucco chacuru Cat. Br. Mus. XIX p. 191 (S. Paulo).

Especie de 180—190 mm. de comprimento. O bico que mede 30 mm., é vermelho. A côr do lado dorsal é pardo-avermelhada, com faxas pretas transversaes. A face é preta, com uma mancha branca no ouvido, sendo brancas tambem as regiões loral e supraocular. O lado ventral é branco e delle sahe uma colleira estreita, de côr branca. A especie é commum no Brazil central, desde S. Paulo até a Bahia, Matto Grosso e Bolivia. Não é rara perto do Ypiranga, construindo o ninho em galeria subteranea. As especies de Bucco são pouco timidas e tratadas de João bobo ou doudo e dormião. O nome indigena é sucurú em S. Paulo; parece que era chacurú em Paraguay, tamatia no Norte do Brazil.

Mus. Paul. S. Carlos do Pinhal; Piquete; Ypiranga.

*** 373. Malacoptila torquata Hahn u. Küst.**

João barbudo.

Bucco striatus *Spix* I p. 52 Taf. 40 fig. 2.
Capito fuscus *Wied* IV p. 364.
Monasa fusca *Burmeister* II p. 290.
Monasa torquata *Pelzeln* p. 23 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Monasa torquata *Berlepsch* I p. 271.
Malacoptila torquata Cat. Br. Mus. XIX p. 195.

Especie de 200 mm. de comprimento, com o bico preto, no culmen medindo 20 mm. A côr é bruna, com estrias longitudinaes amarellas na cabeça e nas costas. O loro é ferruginoso. Sobre o peito corre uma larga faxa branca orlada para baixo por outra preta. Essa especie occorre desde S.ta Catharina até a Bahia e Goyaz.

Mus. Paul. Piquete; Itatiba; Piracicaba.

*** 374. Nonnula rubecula (Spix).**

Bucco rubecula *Spix* I p. 51 Taf. 39 fig. 1.
Monasa rubecula *Burmeister* II p. 292.
Monasa rubecula *Pelzeln* p. 23 (Ypanema).
Nonnula rubecula Cat. Br. Mus. XIX p. 200.

Especie de 140 mm. de comprimento. A côr é bruna, mais escura nas azas e na cauda. A região loral é branca. O lado inferior é amarello-ferruginoso, a barriga é branca no meio. O bico, que no genero Bucco é direito, com a ponta da maxilla superior recurvada para baixo, é nesse genero como nos outros da familia um pouco curvo, pontagudo e paragnatho.

N. rubecula, que temos da Bahia é especie do Norte do Brazil e do Rio de Janeiro, que Natterer caçou em Ypanema.

E' possivel que seja encontrada nesse Estado tambem Chelidoptera tenebrosa Pallas var. brasiliensis Scl.— preta com a barriga amarella e o crisso e o uropygio brancos—denominada andorinha do matto ou tatéra, e que não é rara no Est. do Rio de Janeiro.

Mus. Paul. —

FAM. CUCULIDAE.

* 375. Crotophaga major Gm.

Anum guassu; Anum peixe (Piracicaba).

Crotophaga major *Wied* IV p. 319.
Crotophaga major *Burmeister* II p. 253.
Crotophaga major *Pelzeln* p. 268 (Tibaya, Irisanga).
Crotophaga major Cat. Br. Mus. XIX p. 428.

Especie grande, de 450 mm. de comprimento. O bico tem no meio uma crista alta e mede 45 mm. A côr é uniforme, preta, com lustro verde e roxo furtacôr. Essa especie occorre desde S. Paulo até a Guyana e Equador. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba. O catalogo do British Museum diz que essa especie está distribuida até o Rio da Prata, o que parece engano, visto como nem Sclater and Hudson obtiveram-n'a do Rio da Prata, nem eu do Rio Grande do Sul. Os indios guaranys do Rio Verde tratam as especies de Crotophaga de «Anú-un» ou anu preto.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 376. Crotophaga ani L.

Anum.

Ani *Marcgrav* p. 193.
Crotophaga ani *Wied* IV p. 314.
Crotophaga ani *Burmeister* II p. 254.
Crotophaga rugirostris *Burmeister* II p. 255.
Crotophaga ani *Pelzeln* p. 269 (Ypanema).
Crotophaga ani *Coues* Key p. 472 fig. 323.
Crotophaga ani *Sclater a. Hudson* II p. 31.
Crotophaga ani Cat. Br. Mus. XIX p. 429.

Especie menor do que a precedente, de 320 mm. de comprimento, com o bico mais curto e a crista mediana do bico alta extendendo-se até perto da ponta, sendo ás vezes sulcada de rugas, ás vezes quasi lisa. Assemelha-se no mais a especie precedente que, porém, é mais rara do que

ella. O anum é commum nos campos e na capoeira, chega perto ás casas. Ás vezes vê-se o anum no dorso de uma vacca tirando-lhe os carrapatos. A distribuição dessa especie é mais vasta do que a da precedente. Cr. ani occorre desde o Rio Grande do Sul até a Florida.

Mus. Paul. S. Sebastião; Ypiranga.

* 377. Guira guira (Gm.).

Anum branco.

Guira-acangatara *Marcgrav* p. 216.
Coccyzus guira *Wied* IV p. 335.
Ptiloleptis guira *Burmeister* II p. 257.
Octopteryx guira *Pelzeln* p. 269 (S. Paulo, Ypanema).
Guira piririgua *Sclater a. Hudson* II p. 32.
Guira guira Cat. Br. Mus. XIX p. 433 (Ypanema).

O genero Guira tem como Crotophaga o bico compresso, porém, menor e não em fórma de crista; ambos os generos têm apenas 8 rectrizes na cauda, que é comprida; o loro é nú. O anum branco é ave de 400 mm. de comprimento. O bico, que mede 30 mm., é amarello. As pennas do vertice e do occiput são alongadas formando um topete de côr pardo-amarella. O dorso é bruno, com estrias longitudinaes amarellentas. O uropygio e a base da cauda são brancos. O lado inferior é branco-amarellento, com estrias escuras ao longo das hastes. As rectrizes exteriores têm as pontas brancas. Essa especie occorre no Brazil e nas republicas Argentina e do Chile.

Goeldi diz que os guaranys dão a essa especie o nome de peririguiá, mas isto parece referir-se só ao Paraguay e não notei este nome aqui; os guaranys do Rio Verde designaram essa e a especie semelhante Diplopterus naevius como «andirá» ou «sacy». Referindo-se, entretanto, a denominação de sacy mais a especie seguinte pode-se considerar andirá como o nome indigena do anum branco.

Mus. Paul. Ypiranga.

* 378. Diplopterus naevius (L.).

Sacy; Sem fim.

Coccyzus naevius *Wied* IV p. 341.
Diplopterus naevius *Burmeister* II p. 261.
Diplopterus galeritus *Burmeister* II p. 262.
Diplopterus naevius *Pelzeln* p. 271 (Pahor, Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Diplopterus naevius *Sclater a. Hudson* II p. 35.
Diplopterus naevius Cat. Br. Mus. XIX p. 423 (Ypanema).

Especie semelhante ao anú branco, mas com a cauda menor. Nesse genero e no seguinte a cauda é caracterisada pelo comprimento extraordinario das coberteiras exteriores da cauda que se extendem até perto da ponta das rectrizes. O comprimento total é de 280 mm., o do bico, que é arqueado, compresso, amarellento, de 15 mm. A côr é pardo-cinzenta em cima, branca em baixo. As pennas do dorso têm manchas longitudinaes escuras. A cabeça é castanha em cima, com estrias pretas e com uma estria alvacenta supraocular, que corre até a nuca.

Essa especie está distribuida desde a Argentina até o Mexico. É ave notavel pela sua voz que consiste em duas syllabas e que é imitada nas diversas denominações sa-cim ou maty no Brazil, cho-chim no Paraguay e cris-pin na Argentina. A palavra usada aqui de sem fim é da mesma categoria. A superstição popular faz do sacy um demonio que praticando maleficios pelas estradas illude pelas suas notas a gente que afinal perde o caminho. A melhor exposição que conheço na nossa litteratura sobre caipora e sacy é a que deu Barbosa Rodrigues na sua excellente Paranduba (Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol. XIV, Rio de Janeiro, 1890 p. 13 ss.). Enganou-se entretanto o autor dando (p. 19) como nome scientifico do sacy o de Cuculus cayanus L. que é o nosso Piaya cayana L. Provavelmente e só por engano *Martius* (Beiträge z. Ethnographie Brasiliens II Sprachenkunde Leipzig 1867 p. 474) indica como

nome do Sacy Coracina ornata (= Cephalopterus ornatus Geoffr.). O Sacy é Diplopterus naevius (L.). É geralmente usado o nome de Sacy no litoral (S. Sebastião, Iguape), sendo no interior do Estado mais conhecida a denominação Sem fim.

Mus. Paul. S. Sebastião; S. Paulo.

* 379. Dromococcyx phasianellus (Spix).

? Cuco.

Macropus phasianellus *Spix* I p. 53 Pl. 42.
Dromococcyx phasianellus *Wied* IV p. 353.
Dromococcyx phasianellus *Burmeister* II p. 260.
Dromococcyx phasianellus *Pelzeln* p. 270 (Ypanema, Rio Paraná).
Dromococcyx phasianellus Cat. Br. Mus. XIX p. 426.

Ave de 370 mm. de comprimento, com as pennas da nuca alongadas, em fórma de poupa e com os tarsos relativamente altos. A côr é bruno-cinzenta em cima, branca em baixo, a excepção do peito, que é amarellento. A cabeça, em cima, é castanha. As coberteiras exteriores das azas e as rectrizes têm as pontas esbranquiçadas. As rectrizes são compridas, largas e molles. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Mexico. Não conheço o nome indigena.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 380. Piaya cayana (L.).

Alma de gato.

Atingaçu camucu *Marcgrav* p. 216.
Coccyzus cayanus *Wied* IV p. 329.
Coccyzus cayanus *Burmeister* II p. 265.
Piaya cayana *Pelzeln* p. 272.
Piaya macroura *Pelzeln* p. 272 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Piaya cayana *Sclater a. Hudson* II p. 36.
Piaya cayana Cat. Br. Mus. XIX p. 373 (S. Paulo).

Ave conhecida sob o nome de alma de gato e que no Rio Grande do Sul chamam rabo de palha. O comprimento total é de 500 mm., o da cauda de 340 mm. A côr é castanho-parda em cima, cinzenta em baixo, a excepção do pescoço e do peito que são vermelho-cinzentos. As rectrizes têm as pontas brancas. A especie occorre desde o Rio da Prata até o Mexico.

O nome indigena é no Norte do Brazil tinguassu. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o cantiú.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 381. Coccyzus melanocoryphus Vieill.**

Cuco.

Coccyzus seniculus *Wied* IV p. 348.
Coccyzus seniculus *Burmeister* II p. 267 (nec Vieill.).
Coccyzus melanocoryphus *Pelzeln* p. 273 (Ypanema).
Coccyzus melanocoryphus *Sclater a. Hudson* I p. 38.
Coccyzus melanocoryphus Cat. Br. Mus. XIX p. 307.

Entre as nossas Cuculidas a especie menor, de 270 mm. de comprimento. O lado dorsal é bruno-cinzento com reflexo verde, o vertice cinzento. A região adiante e atraz dos olhos é preta. As rectrizes são pretas, as lateraes têm pontas brancas. O lado inferior é amarellento, o bico é preto, medindo 23 mm. Essa especie está distribuida desde o Rio da Prata até a Guyana. Desde o Amazonas até o Mexico e Luisiana essa especie é substituida por outra muito semelhante com a maxilla inferior na maior parte amarella, C. minor Gm. = seniculus Vieill. Como existem exemplares de C. melanocoryphus com uma mancha amarella na base da maxilla inferior apresenta-se essa especie apenas como variedade meridional de C. minor.

Mus. Paul. Piquete.

382. Coccyzus americanus (L.).

Coccyzus americanus *Coues* Key p. 476 fig. 326 e 327.
Coccyzus americanus *Sclater a. Hudson* II p. 37.
Coccyzus bairdi *Pelzeln* p. 273 (Paciencia, perto de Irisanga).

Coccyzus americanus Cat. Br. Mus. XIX p. 308.

Especie semelhante á precedente, mas com o lado inferior branco. A cabeça não differe pela côr do dorso que é bruno-azeitonado e não tem mancha preta ao lado dos olhos. As remiges têm a barba interior castanha. O bico é preto, com a maxilla inferior e as margens superiores amarellas. Da especie semelhante C. cinereus Vieill. da Argentina differe pela cauda comprida com pontas grandes, brancas, e pelo bico que é preto em C. cinereus, especie que tem a cauda curta.

C. americanus occorre desde Nova York até Buenos Ayres. Natterer caçou-a na região occidental do Est. de S. Paulo.

Mus. Paul. —

FAM. RHAMPHASTIDAE.

* 383. **Rhamphastos toco Müll.**

Tucan-ussu. Tocano grande.

Ramphastus toco *Wied* IV p. 271.
Ramphastus toco *Burmeister* II p. 203.
Rhamphastos toco *Pelzeln* p. 233 (Ypanema, Itararé, Borda do matto, Paciencia, Rio Paraná).
Rhamphastos toco *Sclater a. Hudson* II p. 40.
Rhamphastos toco Cat. Br. Mus. XIX p. 124.

A especie maior, entre os tucanos, mede 550 mm. de comprimento. O bico, que tem o comprimento de 150 mm., é côr de laranja, com uma mancha preta na ponta da maxilla superior. A côr é preta, sendo a garganta, o pescoço anterior e o uropygio brancos, o crisso vermelho. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até a Guyana. Essa especie occorre no Est. do Rio Grande do Sul, mas na publicação de Berlepsch e Ihering (p. 162) é por engano indicada com o nome do Tucano grande R. ariel, especie da qual não posso dizer se alli é encontrada ou não.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 384. Rhamphastos ariel Vig.

Tucano de bico preto.

Ramphastus temminckii *Wied* IV p. 272.
Ramphastus temminckii *Burmeister* II p. 205.
Rhamphastos ariel *Pelzeln* p. 234 (Matto Dentro).
Rhamphastos ariel *Berlepsch* I p. 277.
Rhamphastos ariel Cat. Br. Mus. XIX p. 131 (S. Paulo).

Especie muito semelhante á seguinte, porem com o bico preto, com uma zona amarella na base. Embora occorrente desde S.ta Catharina até o Pará parece essa especie pertencer mais ao litoral do Norte, occorrendo em S. Paulo e S.ta Catharina quasi só na zona do litoral. Em todo caso tanto no Rio Grande do Sul como no interior de S. Paulo é a especie mais commum R. dicolorus. O Sr. Krone observou ambas as especies em Iguape.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 385. Rhamphastos dicolorus L.

Tucano.

Ramphastus discolorus *Burmeister* II p. 204.
Rhamphastos dicolorus *Pelzeln* p. 235 (Matto Dentro, Unaiva, Ypanema, Itararé).
Rhamphastos dicolorus *Berlepsch* I p. 277.
Rhamphastos dicolorus Cat. Br. Mus. XIX p. 133 (S. Paulo).

O tucano é preto, com o pescoço anterior amarello-carregado, mais claro para cima e em baixo. O peito, o crisso e o uropygio são vermelhos. O bico é verde, com uma zona preta na base e mede 100—120 mm.

Esse tucano é commum desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul. A indicação Bahia, de Gould, precisa como as outras referentes a Cayenne, ser confirmada. O principe Wied encontrou entre Rio e Bahia só R. ariel.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 386. Andigena bailloni (Vieill.).

Tucaninho (Iguape).

Pteroglossus bailloni *Burmeister* II p. 209.
Pteroglossus bailloni *Pelzeln* p. 238 (Pahor, Antonio Dias).
Pteroglossus bailloni *Berlepsch* I p. 279.
Andigena bailloni Cat. Br. Mus. XIX p. 136.

Especie de 360—380 mm. de comprimento, medindo o bico 70 mm. A côr é verde-azeitonada em cima, amarella em baixo. O uropygio é vermelho. O bico é verde com a base preta e provida de uma mancha vermelha.

No genero Rhamphastos é o bico immenso e as ventas estão situadas atraz delle. No genero Andigena e nos dous que se seguem o bico é menor e as ventas estão situadas numa incisão da base delle. O nome geral desses pequenos representantes de tucanos é arassari.

An. bailloni occorre desde S.ta Catharina até o Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul não a encontrei; o Sr. Krone obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. Piquete; Piracicaba.

* 387. Pteroglosus wiedi Sturm.

Arassari.

Aracari *Marcgrav* p. 217.
Pteroglossus araçari *Wied* IV p. 283.
Pteroglossus araçari *Burmeister* II p. 207.
Pteroglossus wiedii *Pelzeln* p. 235 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Irisanga).
Pteroglossus wiedii *Berlepsch* I p. 277.
Pteroglossus wiedii Cat. Br. Mus. XIX p. 139.

Especie de 450 mm. de comprimento. O bico, que mede 95—110 mm., tem a maxilla inferior e uma estria mediana em cima da maxilla superior pretas. A maxilla superior é branco-amarella. A côr é verde-cinzenta em cima, a excepção do uropygio que é vermelho. A cabeça e o pescoço anterior são pretos, o resto do lado inferior

é amarello-claro, correndo, porém, uma larga fita vermelha sobre a barriga.

Essa especie é encontrada desde S.ta Catharina até o Pará.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 388. Selenidera maculirostris (Licht.).

Arassari-pocca; Saripocca.

Pteroglossus maculirostris *Wied* IV p. 290.
Pteroglossus maculirostris *Burmeister* II p. 210.
Selenidera maculirostris *Pelzeln* p. 238.
Selenidera maculirostris *Berlepsch* I p. 279.
Selenidera maculirostris Cat. Br. Mus. XIX p. 149 (S. Paulo).

Qualidade de arassari bem caracterisada pelo bico não muito grande, munido na maxilla superior, que é alvacenta, de cada lado de tres grandes manchas escuras e pela diiferença sexual, que se não observa entre os outros representantes dessa familia. O macho é verde-escuro em cima, a excepção da cabeça e do pescoço que são pretos. Atraz dos olhos nota-se uma estria larga amarella. O peito é preto, a barriga verde, o crisso vermelho. As rectrizes têm as pontas castanhas. O comprimento total é de 320—340 mm., o do bico de 50—60 mm. A femea é semelhante tendo porem a cabeça e o lado inferior castanhos. No macho estas partes são pretas. Esse arassari occorre desde o Rio Grande do Sul, onde o obtive, até a Bahia. O Sr. Krone caçou-o em Iguape, onde o denominam de saripocca, nome corrompido de arassari-pocca.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

V. Ordem. Psittaci.

Os papagaios formam uma ordem grande e natural que antigamente foi reunida com os pica-páos, tucanos etc. num grupo de Scansores ou aves trepadoras. Hoje esse agrupamento é reconhecido pouco natural, visto como

os papagaios têm, relativamente á sua anatomia, mais relações com as aves de rapina. São dois caracteres que especialmente distinguem os papagaios: o pé e o bico. As pernas são curtas, carnosas, os pés têm dous dedos dirigidos para diante e dous para traz, sendo dirigidos para traz o pollegar e o quarto dedo. O pé do papagaio serve-lhe bem para agarrar frutas, sementes etc. que quer comer, serve-lhe como a mão ao macaco, mammifero com o qual muitas vezes se poz em comparação o papagaio.

O bico é munido, como entre as aves de rapina, na base, por uma membrana grossa chamada cera e na qual estão situadas as ventas, dirigidas para cima. O bico é extremamente curto e grosso, mais alto do que comprido. A mandibula superior é ligada por uma charneira com o osso frontal e arqueada, com a ponta curvada para baixo e nas especies americanas a superficie inferior opposta a lingua e a ponta truncada da maxilla inferior, é munida de sulcos transversos. É singular tambem a lingua que é grossa, carnosa, movel, facilitando a faculdade de falar mais ao papagaio do que acontece com outras aves.

Nas azas ha 10 remiges da mão, 10—14 do braço. Na cauda contam-se 12 rectrizes. Constróem o ninho com preferencia em buracos de arvores, pondo ovos brancos em numero pequeno, criando os filhotes como aves de biscato.

Os papagaios formam um grupo grande de 500 especies mais ou menos, distribuidas sobre as regiões tropicaes e subtropicaes do globo. No Brazil ha cerca de 150 especies das quaes 23 estão representadas no Estado de S. Paulo Das seis familias de Psittaci tem na America meridional apenas representação a das Psittacidae, e das seis subfamilias dessa familia occorrem na America apenas duas: Conurinae e Pioninae.

Conurinae. São os generos caracterisados pela cauda comprida, com as rectrizes lateraes mais curtas do que as medianas. A cera é provida de pennas que escondem as ventas, ou núa. Pertencem a esse grupo as araras, as maracanãs, tiribas e os periquitos.

Pioninae: Subfamilia que contem os papagaios com a cauda curta e como truncada, sendo mais ou menos do mesmo comprimento todas as rectrizes. A cera é sempre núa. Pertencem a esse grupo os verdadeiros papagaios, o sabiá sicca e as maitaccas.

É de certo bastante incompleto o nosso conhecimento dos papagaios que occorrem no Estado de S. Paulo e peço ás pessoas que ligam attenção ao assumpto que me obtenham couros ou exemplares vivos das especies não mencionadas. Não tenho certeza de que realmente occorre no litoral no Estado o moleiro ou jurú (Chrysotis farinosa Bodd.). O Sr. *Krone* communicou-me que perto da Estação Rio Grande caçou em 1882 um papagaio que chamavam papagaio inglez e que em Iguape tratam de papagainho, com a fronte e os encontros vermelhos. É muito incompleto o nosso actual conhecimento das especies dos rios Paranapanema, Tieté Baixo, Rio Grande.

Subfam. Conurinae.

* 389. Anodorhynchus hyacinthinus (Lath.).

Arara-una.

Anodorhynchus maximiliani *Spix* I Taf. 11.
Anodorhynchus augusti *Spix* I p. 25.
Macrocercus hyacinthinus *Burmeister* II p. 159.
Sittace hyacinthina *Pelzeln* p. 254.
Sittace hyacinthina *Brehm* Thierleben Bd. IV. 1878 p. 114 e figura.
Anodorhynchus hyacinthinus Cat. Br. Mus. XX p. 147.

Arara grande, de 85 até 100 centim. de comprimento, uniforme, azul. A região núa ao redor dos olhos e a base da maxilla inferior são amarellas, o bico é preto. Essa especie procedente de Matto Grosso e do Amazonas, no territorio do Est. de S. Paulo é encontrada na região do curso inferior do Rio Tieté especialmente em Itapura, como me participou o Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* dizendo, entre-

tanto, que os respectivos exemplares são mais azul-escuros do que o nosso exemplar, que é de côr azul-cobalto. Espero que o Sr. Coronel *Schmidt* ha de conseguir para o Museu um exemplar dessa e de outras especies communs em Matto Grosso, mas que na zona de Itapura existem no territorio de S. Paulo.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 390. Ara arauna (L.).

Canindé.

Ararauna *Marcgrav* p. 206.
Psittacus ararauna *Wied* IV p. 153.
Macrocercus ararauna *Burmeister* II p. 157.
Sittace ararauna *Pelzeln* p. 255.
Ara ararauna Cat. Br. Mus. XX p. 152.

Arara grande e bem conhecida, cujo comprimento total chega a perto de 80 centim. A côr é azul em cima, amarella em baixo. A fronte é verde, a garganta preta. O bico é preto.

Por numerosas pessoas fidedignas estou informado que o canindé occorre junto com a Arara-vermelha, a especie seguinte, nos mattos do Rio Paranapanema e do Rio Paraná. Natterer ainda em 1818 ou 1820 caçou o ararauna perto do Rio de Janeiro, onde não foi raro no tempo da descoberta como o sabemos por Jean Lery. Nada me consta nesse sentido sobre o Estado de S. Paulo. O canindé occorre desde Panamá até a Bolivia e Matto Grosso. É tratado tambem, ás vezes, de ararauna, o que porém é antes a denominação do A. hyacinthinus, especie toda azul.

Observo que no Paraguay e Matto Grosso existe outra especie semelhante, Ara caninde Wagl., que tem a fronte azul e a garganta verde e será bem possivel que occorra tambem no Oeste do Estado de S. Paulo. Espero que estas linhas terão como effeito informações exactas por pessoas habitantes naquella região e se for possivel a remessa de couros preparados para a collecção do Museu.

Obtive informações valiosas do Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* do Rio Claro que varias vezes tem percorrido o Rio Tieté até Itapura e que alli caçou e obteve vivo o canindé de garganta preta. Os guaranys do Rio Verde conhecem a especie que alli vive e que chamam canindé.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 391. Ara chloroptera G. R. Gr.

Arara vermelha; Arara piranga.

Arara-canga *Marcgrav* p. 206.
Ara macao *Spix* II p. 27.
Psittacus macao *Wied* IV p. 138.
Macrocercus macao *Burmeister* II p. 155.
Sittace chloroptera *Pelzeln* p. 255 (Serra de Cubatão, Rio Paraná, Murungaba).
Ara chloroptera Cat. Br. Mus. XX p. 156.

Arara grande, de 85 centim. de comprimento, com a cauda comprida medindo 52 centim. A côr é escarlate. O uropygio e as coberteiras da cauda são azul-claras, as remiges e as rectrizes lateraes são azues, as rectrizes medianas são vermelhas. As coberteiras das azas são no meio dellas verdes. A face é núa, com linhas de pennas vermelhas. O bico tem a maxilla superior branca, a inferior preta.

Essa especie occorre desde a America central até Matto Grosso e S. Paulo. No Est. de S. Paulo, entretanto, não occorre na região do litoral, mas sim no valle do Rio Paranapanema e do curso inferior do Rio Tieté. O Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* observou essa arara desde o Rio Morto até Itapura. Se bem entendi os guaranys do Rio Verde chamam essa especie gua-á.

Existe uma especie semelhante, Ara macao L., que é na sua distribuição limitada ao Norte do Brazil, e que tem as coberteiras exteriores das azas, em parte, côr de laranja e a face núa sem series de pennas vermelhas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 392. Ara maracana (Vieill.).

Maracaná.

Arara purpureo-dorsalis *Spix* I p. 26 Taf. 24.
Psittacus illigeri *Wied* IV p. 160.
Macrocercus illigeri *Burmeister* II p. 161.
Sittace maracana *Pelzeln* p. 255 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Ara maracana *Berlepsch u. Ihering* p. 162.
Ara maracana Cat. Br. Mus. XX p. 163.

O maracaná tem o comprimento de 400 mm. A côr é verde, com o uropygio e a barriga no meio escarlates. A fronte é vermelha, a cabeça verde-azul. As bochechas, o loro e a região ao redor dos olhos são núas e de côr branco-amarella. As remiges são azues, as rectrizes tambem, mas com a base vermelho-bruna. O lado inferior da cauda e das azas é verde-amarello. O bico é preto. Essa especie occorre desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'a maracaná. A especie semelhante A. severa L. tem a fronte castanha e o lado inferior da cauda e das azas avermelhado.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

393. Ara nobilis (L.).

Arara macrognathos *Spix* I p. 26 Taf. 25 fig. 1—2.
Psittacus nobilis *Wied* IV p. 165.
Macrocercus nobilis *Burmeister* p. 162.
Sittace nobilis *Pelzeln* p. 256 (Rio das Pedras, Rio Paraná).
Ara nobilis Cat. Br. Mus. XX p. 167.

Especie semelhante á precedente, porém menor. A parte núa da face é branca, a fronte azul. As rectrizes são verdes como o corpo. O lado inferior das remiges e rectrizes é amarello. Os encontros e as coberteiras inferiores das azas são vermelhas. O bico tem a maxilla superior branca, a inferior denegrida. Essa especie, que occorre desde Matto Grosso até Pará e Bahia, foi por Natterer caçada na zona do Rio Paraná.

Mus. Paul. —

* 394. Conurus auricapillus (Licht.).

Jandaya.

Aratinga aurifrons *Spix* I p. 32 Taf. 16 fig. 1—2.
Psittacus auricapillus *Wied* IV p. 178.
Conurus auricapillus *Burmeister* II p. 167.
Conurus jendaya var. meridionalis *Pelzeln* p. 257 (Ypanema, Tijuco).
Conurus auricapillus Cat. Br. Mus. XX p. 178.

Especie de 300 mm. de comprimento. A côr é verde. As pontas das remiges e das rectrizes exteriores são azues. O vertice é amarello, a fronte e o loro são laranjo-vermelhos. A barriga é vermelha e verde. As coberteiras exteriores das azas são vermelhas. Essa especie occorre desde S. Paulo e Minas até a Bahia. No Pará e Pernambuco é substituida por especie muito semelhante C. jendaya Gm. que tem tambem a nuca, a garganta e todo o lado inferior amarello.

Creio que é por engano que o catalogo do British Museum menciona essa especie de Pelotas no Rio Grande do Sul. Sou informado que o Jandaya é commum no municipio de Itapetininga. O Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* encontrou-o commum no curso inferior do Rio Tieté.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 395. Conurus leucophthalmus (Müll.).

Aragualy.

Aratinga nobilis sive guianensis *Spix* I p. 36.
Psittacus guianensis *Wied* IV p. 169.
Conurus guianensis *Burmeister* II p. 164.
Conurus pavua *Pelzeln* p. 256 (Matto Dentro, Ypanema).
Conurus pavua *Berlepsch u. Ihering* p. 163.
Conurus leucophthalmus Cat. Br. Mus. XX p. 187.

Especie de 350 mm. de comprimento, uniforme verde com os encontros vermelhos e as coberteiras interiores das azas amarellas. O bico é encarnado-esbranquiçado, como tambem a zona núa ao redor dos olhos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana.

Observo nessa occasião que as especies de Conurus têm a cera coberta de pennas que escondem as ventas. Ao contrário as especies de Pyrrhura têm a cera desprovida de pennas e as ventas expostas, visiveis. Alem disso no genero Conurus é a quarta remige da mão na ponta singularmente attenuada. Os guaranys do Rio Verde chamam essa especie aruai. Tratam essa especie tambem de maracananti.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 396. Conurus aureus (Gm.).

Jandaya.

Tui apute-juba *Marcgrav* p. 206.
Aratinga aureus *Spix* I p. 37.
Psittacus aureus *Wied* IV p. 173.
Conurus canicularis *Burmeister* II p. 169.
Conurus aureus *Pelzeln* p. 258 (Irisanga, Rio Paraná).
Conurus aureus Cat. Br. Mus. XX p. 199 (Rio Paraná).

Especie de 270 mm. de comprimento, verde, com a fronte e a zona ao redor dos olhos, que tem pennas, laranjo-amarellas e o vertice azul. O pescoço anterior é verde-cinzento, a barriga verde-amarella. As pontas das remiges da mão são pretas, as das remiges do braço azues. O bico é preto. Essa especie occorre desde o Paraguay e Bolivia até a Bahia, Pará e Guyana. Natterer observou-a no Oeste do Est. de S. Paulo, onde vive nos capões e capoeiras dos campos, em bandos. Temol-a da Bahia.

Mus. Paul. —

* 397. Pyrrhura cruentata (Wied).

Tiriba grande.

Aratinga cyanogularis *Spix* I p. 33 Taf. 17.
Psittacus cruentatus *Wied* IV p. 183.
Conurus cruentatus *Burmeister* II p. 176.
Conurus cruentatus *Pelzeln* p. 259.
Pyrrhura cruentata Cat. Br. Mus. XX p. 213.

Especie de perto de 30 centim. de comprimento, de côr verde. A cabeça é bruno-denegrida em cima, bruno-vermelha na face, seguindo mais para traz do ouvido e no lado do pescoço uma grande mancha côr de laranja. As bochechas são verdes. O pescoço anterior, até o peito, é azul. A barriga e o dorso baixo são vermelho-escuros. Os encontros são escarlates, as remiges azues. A cauda é verde-azeitonada em cima, vermelho-escura em baixo. O bico é cinzento-denegrido.

Esse tiriba é commum nos Estados de Rio de Janeiro e Bahia. *Natterer* caçou-o no Est. de Rio de Janeiro, em Araras, perto da divisa de S. Paulo. Provavelmente occorre pois perto de Bananal etc. no Est. de S. Paulo, faltando, porém, mais ao Sul. Reapparece no curso inferior do Rio Tieté como me affirmou o Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* do Rio Claro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 398. Pyrrhura vittata (Shaw).

Tiriba.

Aratinga fasciatus *Spix* I p. 35 Taf. 21 fig. 1—2.
Conurus vittatus *Burmeister* II p. 178 (S. Paulo).
Conurus vittatus *Pelzeln* p. 259 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Pyrrhura vittata Cat. Br. Mus. XX p. 215 (S. Paulo).

Especie de 260 mm. de comprimento, verde, com a margem da fronte bruno-vermelha. O pescoço anterior e o peito são verde-azeitonados, com faxas amarellentas, orladas de escuro. A barriga é vermelha. As remiges são azues, as rectrizes verdes em cima, vermelho-escuras em baixo e na ponta. O bico é escuro. Essa especie occorre no Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até Minas Geraes e Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul chamam-n'a periquito. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a tiriba.

Mus. Paul. S. Sebastião; Ilha de S. Sebastião.

399. Pyrrhura leucotis (Licht.).

Tiriba pequeno.

Psittacus leucotis *Wied* IV p. 188.
Aratinga ninus *Spix* I p. 34 Taf. 19 fig. 2.
Conurus leucotis *Burmeister* II p. 177.
Conurus leucotis *Pelzeln* p. 259.
Conurus leucotis Cat. Br. Mus. XX p. 216.

Especie pequena, de 200 mm. de comprimento, verde e que se distingue por uma mancha branco-cinzenta na região do ouvido. A cabeça é bruna em cima, seguindo-se na nuca uma faxa azul. A fronte e a face são bruno-vermelhas. O peito tem faxas transversaes cinzentas e denegridas como a especie precedente. O dorso baixo e a barriga no meio são vermelhos. Os encontros são vermelhos, as remiges azues. As rectrizes são em cima verdes na base, vermelhas na ponta, sendo tambem vermelho o lado inferior. É essa especie do Norte do Brazil, commum na Bahia e Rio de Janeiro, que não é conhecida até agora no Est. de São Paulo, mas que o Sr. *Krone* me affirmou ter caçado em Iguape. Nesse caso essa especie extende-se na sua distribuição desde o Rio ao longo do litoral até Iguape, sem occorrer, segundo penso, no interior do Estado.

Mus. Paul. —

* 400. Psittacula passerina (L.).

Tuim.

Tui-eté *Marcgrav* p. 206.
Psittaculus passerinus *Spix* I p. 38 Taf. 33 fig. 1.
? Psittaculus gregarius *Spix* I p. 39 Taf. 34 fig. 3 e 4.
Psittacula passerina *Burmeister* II p. 197.
Psittacus passerinus *Wied* IV p. 260.
Psittacula passerina *Pelzeln* p. 267 (Ypanema, Santos).
Psittacula passerina Cat. B. Mus. XX p. 245 (S. Paulo).

Unico representante no Brazil meridional do genero Psittacula, notavel a respeito de sua anatomia pela falta da furcula e quanto á plumagem pela differença entre os

sexos. Especie pequena, de 120—130 mm. A côr da femea é uniforme, verde-clara. O macho tem as azas e o uropygio azues. O bico é alvacento. Essa especie está distribuida desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul, onde fui informado da sua existencia na colonia do Mundo Novo sem que, porem, me fosse possivel obtel-o. No Amazonas e na Guyana é substituida por P. guianensis Sw., especie na qual tambem o macho tem o uropygio verde.

Parece que no Estado de Minas ha varias especies semelhantes e incompletamente conhecidas que Spix descreveu sob os nomes de Psittaculus xanthopterygius e gregarius. Os indios guaranys do Rio Verde chamam essa especie «bem-bei».

Mus. Paul. Poço Grande; valle do Rio da Ribeira; S. Sebastião.

* 401. Brotogerys tirica (Gm.).

Periquito.

Tui tirica, tertia species *Marcgrav* p. 206.
Aratinga acutirostris *Spix* I p. 32 Taf. 15 fig. 1.
Psittacus viridissimus *Wied* IV p. 198.
Conurus viridissimus *Burmeister* II p. 172.
Brotogerys tiriacula *Pelzeln* p. 260.
Brotogerys tirica *Brehm* Thierleben IV. 1878 p. 136 e figura.
Brotogerys tirica Cat. Br. Mus. XX p. 254.

Especie pequena, mas com a cauda comprida, sendo o comprimento total de 250 mm. A côr é verde-clara; a face, a garganta e o lado inferior são verde-amarellos. As remiges são azues, as coberteiras interiores das azas verde-azues. O bico é branco-encarnado. A cera é esbranquiçada, sem pennas, deixando bem visiveis as ventas. A especie occorre desde S.ta Catharina até Amazonas. Não a encontrei no Rio Grande do Sul, não julgando exacta a indicação « Pelotas » do catalogo do British Museum. Os guaranys do Rio Verde chamam essa especie trintserará.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 402. Brotogerys chiriri (Vieill.).**

Periquito de encontro amarello.

Aratinga xanthopterus *Spix* I p. 31 Taf. 15 fig. 2.
? Psittaculus xanthopterygius *Spix* I p. 38 Tat. 34 fig. 1 (juv. ?).
Conurus xanthopterus *Burmeister* II p. 174.
Brotogerys xanthoptera *Pelzeln* p. 260 (Rio Paraná).
Brotogerys chiriri Cat. Br. Mus. XX p. 255.

Especie de 200 mm. de comprimento, verde, com as grandes coberteiras exteriores das azas amarello-claras. O bico é encarnado-esbranquiçado. A especie occorre desde Matto Grosso e Bolivia até a Bahia e Amazonas. No Est. de S. Paulo é encontrada na zona occidental.

Mus. Paul. S. Carlos do Pinhal.

SUBFAM. PIONINAE.

*** 403. Chrysotis vinacea (Wied).**

Jurucba.

Psittacus columbinus *Spix* I p. 40 Taf. 27.
Psittacus vinaceus *Wied* IV p. 220.
Psittacus vinaceus *Burmeister* II p. 184.
Chrysotis vinacea *Pelzeln* p. 265 (Pahor, Ypanema, Itararé).
Chrysotis vinacea *Sclater a. Hudson* II p. 46.
Chrysotis vinacea Cat. Br. Mus. XX p. 275 (Itararé).

Papagaio grande, de 350 mm. de comprimento. A côr é verde, tendo as pennas da cabeça e do dorso orladas de preto. A fronte e o loro são escarlates. O peito e o pescoço anterior são roxo-claros, com orlas escuras das pennas. Parte das remiges do braço tem as barbas exteriores vermelhas, o que produz uma mancha vermelha nas azas. São vermelhas tambem na base as rectrizes exteriores. O bico é encarnado. Esse bonito « papagaio de peito roxo » occorre desde o Rio Grande do Sul e as Missões argentinas até a Bahia. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o paracauai.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 404. Chrysotis aestiva (L.).

Papagaio; papagaio-collarciro.

Aiuru-curau *Marcgrav* p. 205.
Psittacus aestivus *Spix* I p. 44
Psittacus amazonicus *Wied* IV p. 213.
Psittacus amazonicus *Burmeister* II p. 187.
Chrysotis aestiva *Pelzeln* p. 267 (Itararé).
Chrysotis aestiva *Sclater a. Hudson* II p. 47.
Chrysotis aestiva Cat. Br. Mus. XX p. 285.

Este é o bem conhecido « papagaio » ou « papagaio verdadeiro », verde, com as pennas orladas de preto, a fronte azul-clara, o vertice, a face, a garganta amarellos e os encontros vermelhos. As remiges são preto-azuladas, com uma mancha vermelha nas primeiras do braço. As rectrizes são verdes com as pontas amarelladas e com a base das exteriores vermelha. O bico é denegrido, o iris côr de laranja. Macho e femea não differem na côr; exemplares novos têm a cabeça toda verde.

Essa especie vive no Brazil meridional e central, desde as Missões do Rio Grande do Sul e da Argentina até Pernambuco. No Est. de S. Paulo occorre perto de Itararé, no valle do Rio Paranapanema e no curso inferior do Rio Tieté. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a parauatá.

Convem observar que existe outra especie que muito se assemelha a essa, tendo o nome de Chrysotis amazonica Briss., differindo pelos encontros verdes e pela mancha vermelho-laranja das azas. Ella é conhecida no litoral, entre Rio de Janeiro e Bahia, sob o nome de Curica e prefere os mattos visinhos ao mangue. É especie da Guyana e do Norte do Brazil, que me não consta fosse encontrada ao Sul do Est. de Rio de Janeiro.

Outra especie que occorre no Rio de Janeiro e mais ao Norte do Brazil é Chr. farinosa Bodd. (pulverulenta Gm.), a especie maior, toda verde, mas um pouco cinzenta como polvilhada de farinha, tendo por essa razão o nome de moleiro. O nome indigena é jurú. Dizem que, ás vezes,

foi encontrada no litoral do Est. de S. Paulo, mas não tenho disso prova fidedigna.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 405. Chrysotis ochrocephala (Gm.),
Papagaio campeiro (Itapura).

Chrysotis ochrocephala *Pelzeln* p. 267.

Chrysotis ochrocephala Cat. Br. Mus. XX p. 289.

Especie semelhante á precedente, differindo pela cabeça, que é verde, tendo apenas a margem da fronte azul-verde. o resto da fronte e o vertice amarello-claros. O bico é escuro, com a base da maxilla superior encarnada. Essa especie é da Venezuela e do Norte do Brazil. Existe no baixo Tieté, entre Guamicanga e Itapura como me affirmou o Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* e, por conseguinte, deve existir em Matto Grosso e Goyaz. *Natterer* obteve-a no Rio Branco.

Temos na collecção outra especie de Chrysotis, semelhante a Ch. auropalliata G. R. Gr., tendo como ella todo o pescoço posterior amarello, mas differindo pelos encontros, que não são vermelhos, mas verdes. O Sr. Coronel *C. Schmidt* disse-me que tambem conhece entre o Rio Morto e Itapura essa especie, que alli tem o nome singular de papagaio inglez. Dei a essa especie nova o nome de *Chr. Schmidti sp. n.* em honra do excellente observador e caçador Sr. Coronel *Cornelio Schmidt* do Rio Claro e espero que nos ha de conseguir exemplares authenticos, visto como ao nosso falta a cauda e as necessarias indicações sobre a procedencia.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 406. Chrysotis brasiliensis (L.).

Psittacus cyanotis *Burmeister* II p. 185, nota.

Chrysotis erythrura *Pelzeln* p. 265, nota.

Chrysotis brasiliensis *Pelzeln* p. 265.

Chrysotis brasiliensis Cat. Br. Mus. XX p. 305.

Papagaio grande, todo verde, a excepção da cabeça que tem o loro e a fronte vermelhos, o vertice roxo-vermelho, a face roxo-azul, a garganta roxa, com orlas azues das pennas. As remiges da mão são preto-azues. As rectrizes lateraes têm a base roxo-preta, seguindo-se uma parte vermelha e depois a ponta verde-amarella. Em baixo do encontro é a margem das azas vermelha. O bico é denegrido. É essa uma especie bonita e pouco conhecida que *Natterer* colleccionou perto de Paranaguá e o Sr. *R. Krone* perto de Iguape, no braço grande do Rio Pariquera Mirim onde vivem e criam com regularidade. Não occorre no interior do Estado e parece na sua distribuição limitado ao litoral dos Estados de Paraná e S. Paulo.

Mus. Paul. Iguape (♂ e ♀).

* 407. Chrysotis pretrei (Temm.).

Chorão.

Chrysotis pretrei *Pelzeln* p. 265, nota.
Chrysotis pretrei *Berlepsch u. Ihering* p. 164.
Chrysotis pretrei Cat. Br. Mus. XX p. 320.

Papagaio um pouco menor do que o precedente, differindo das outras especies mencionadas pela falta da mancha vermelha no meio das azas, nas remiges do braço, e pelas rectrizes verdes sem base vermelha. A côr é verde; a fronte, parte do vertice, o loro e a região ao redor e atraz dos olhos são vermelhos como tambem os encontros. As remiges da mão são preto-azuladas, o bico é amarello. Essa especie occorre desde S. Paulo até o Rio Grande do Sul e Estado Oriental (Montevideo). É ave de arribação que no Rio Grande do Sul apparece no verão na costa da Serra e até á colonia de S. Lourenço perto de Pelotas, sendo a opinião geral que vem do Paraguay. É singular que a mesma affirmação, provavelmente falsa, reappareça aqui em S. Paulo, onde o chorão segundo informações recebidas pelo Sr. major *Cornelio Vieira de Camargo* é observado no municipio de Apiahy e outros visinhos desde

uns 10—15 annos. Na Argentina ha uma especie affim Ch. tucumana Cab. cujos encontros e a região atraz dos olhos são verdes.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 408. Pionus maximiliani (Kuhl).

Maitacca.

Psittacus flavirostris *Spix* I p. 42 Taf. 31 fig. 2.
Psittacus flavirostris *Wied* IV p. 243.
Pionus flavirostris *Burmeister* II p. 191.
Pionus maximiliani *Berlepsch u. Ihering* p. 165.
Pionus maximiliani *Sclater a. Hudson* II p. 217.
Pionus maximiliani *Pelzeln* p. 264 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Pionus maximiliani Cat. Br. Mus. XX p. 327 (Ypanema).

Especie de 280—300 mm. de comprimento, verde, com a fronte, o vertice e o loro denegridos. O pescoço anterior e o peito são azues, o crisso e as coberteiras inferiores da cauda são escarlates. As partes lateraes do pescoço são verdes. As remiges da mão são verdes, com a base preto-azul. As rectrizes exteriores têm a margem exterior azul, a interior vermelha. O bico é amarello, excepto a base da maxilla superior que é escura. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul, o Norte da Argentina e Paraguay até a Bahia. No Norte do Brazil, na Bolivia e na America central é essa especie substituida por outra semelhante, P. severus L., que tem toda a cabeça, todo o pescoço e o peito azues.

Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a arabatsai.

Mus. Paul. Poço Grande (Valle do Rio da Ribeira).

* 409. Triclaria cyanogaster (Vieill.).

Sabiá-sicca.

Psittacus malachitaceus *Spix* I p. 40 Taf. 28 (♂ juv.).
Psittacus cyanogaster *Wied* IV p. 203.
Triclaria cyanogastra *Burmeister* II p. 181.

Triclaria cyanogastra *Berlepsch u. Ihering* p. 164.
Pionias cyanogaster *Pelzeln* p. 261 (Ypanema).
Triclaria cyanogaster Cat. Br. Mus. XX p. 337 (Ypanema).

Especie de 280 mm. de comprimento, verde-clara, uniforme. As primeiras remiges da mão têm a margem anterior azul. As rectrizes exteriores são azues, as outras têm a ponta azul. O macho tem a barriga azul-roxa. O bico é branco-amarello. Especie do Brazil meridional que occorre desde o Rio Grande do Sul até Minas e Espirito Santo. Natterer diz que em Ypanema o seu nome é *araçuayava;* ha nisso engano no modo de escrever, que devia ser aruai, como Montoya o escreve e ainda hoje o pronunciam os guaranys do Rio Verde. Aruai é zombador, aba é homem e muito. Observo porem que essa especie não falla, assobiando como o homem. Não entendo a etymologia sabiá-sicca.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 410. Pionopsittacus pileatus (Scop.).

Cuyuyu.

Psittacus maitaca *Spix* I p. 41 Taf. 29 fig. 1, ♂ ad. e Taf. 30 ♀.
Psittacus pileatus *Wied* IV p. 247.
Psittacula pileata *Burmeister* II p. 194.
Pionopsitta pileata *Berlepsch u. Ihering* p. 165.
Pionias mitratus *Pelzeln* p. 262 (Cemiterio, Ypanema).
Pionopsittacus pileatus Cat. Br. Mus. XX p. 340.

Especie menor, de 230 mm. de comprimento, com differença pronunciada dos sexos. O macho é verde, com a fronte, o vertice, o loro, a região ao redor dos olhos e o ouvido escarlates. As remiges são azul-escuras, com a margem anterior verde, as coberteiras exteriores e os encontros são tambem azul-escuros. As rectrizes são curtas, estreitas, pontagudas, azul-escuras. O bico é cinzento, com a ponta mais clara e o culmen sulcado. A femea não tem

pennas vermelhas na cabeça, tendo a fronte azul. Especie do Paraguay e do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia. Na Bahia chamam-n'a maitacca da cabeça vermelha, no Rio Grande do Sul cattorita. O nome geralmente usado no Estado de S. Paulo é Cuyu-cuyu ou cuyuyu, sendo essa ultima palavra, embora não se entenda a etymologia, preferivel por ser usada por Montoya.

Mus. Paul. Iguape.

411. Urochroma wiedi Allen.

Psittacus melanotus *Wied* IV p. 256.
Psittacula melanonota *Burmeister* II p. 196.
Psittacula melanonota *Pelzeln* p. 268, nota.
Urochroma wiedi Cat. Br. Mus. XX p. 352.

Especie elegante e pequena, medindo apenas 150 mm. A côr é verde, a excepção do dorso, parte das azas e o uropygio, que são bruno-denegridos. A barriga é verde-azul. Os encontros são vermelhos. As rectrizes medianas são verdes, as lateraes são vermelhas na base, com uma faxa transversal preta perto da ponta. O bico é amarellado com a ponta mais escura.

O Sr. *R. Krone* participou-me que obteve viva essa especie do Rio Iririaia, onde costuma apparecer nos mezes de Julho e Agosto. E' tão pouco arisco como o cujuyu, de modo que foi possivel pegar por laço alguns sem que os outros fugissem, nem mesmo quando se matou parte delles por tiro. O mesmo diz o principe *Wied* que observou a especie na Bahia.

Mus. Paul. —

* 412. Urochroma surda (Ill.).
Periquitinho.

Psittacus surdus *Wied* IV p. 252.
? Psittacula surda *Burmeister* II p. 195.
Psittacula surda *Pelzeln* p. 268.
Urochroma surda Cat. Br. Mus. XX p. 354.

Especie pequena de 170 mm. de comprimento, verde com a fronte e a face amarellentas, o pescoço verde-amarellento e as pennas scapulares das azas bruno-amarellas. As remiges são pretas, com a margem exterior verde. Das rectrizes são as medianas de côr verde, as lateraes amarelladas, tendo todas a ponta preta. O bico é amarellento. A especie occorre desde o Pará até o Rio de Janeiro e certas regiões do Est. de S. Paulo, como o sei pelo Sr. Coronel *Cornelio Schmidt*, que me affirmou ser essa especie commum no baixo Tieté.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

VI. Ordem. Striges.

Esta ordem contem as corujas, mochos, caburés e outras aves nocturnas de rapina. A cabeça bem grande com os olhos grandes e dirigidos para diante, o desenvolvimento extraordinario do ouvido, a plumagem macia caracterisam a ordem. Ao redor dos olhos ha uma corôa de pennas erectas, em parte com as pontas em fórma de sedas e para fóra dessa segue-se outra corôa de pennas em 4—5 fileiras que correspondem ao ouvido e formam o véo. O bico é curto, arqueado, com a cera que cobre sua base e que contem as ventas, em parte escondida pelas pennas rijidas do loro e a da corôa facial. Ás vezes existe de cada lado, em cima do ouvido, um froco de pennas alongadas chamadas as orelhas. As pernas são curtas, os tarsos quasi sempre cobertos de pennas e muitas vezes a plumagem extende-se sobre os dedos tambem. Dos tres dedos anteriores do pé, que não são unidos por membrana na base, póde o exterior ser virado para traz ou para diante. Nas azas ha 10 remiges de mão e 12—16 do braço, na cauda ha 12 rectrizes. Ao apparelho digestivo falta o papo.

Distinguem-se nessa ordem duas familias. A das *Strigidae*, que abrange apenas a suindara, tem a margem posterior do sternum inteira ou sem incisões e a furcula

concrescida com a quilha do sternum. O dedo interior tem o mesmo tamanho como o do meio e este tem a unha com a margem interior denteada. O véo é triangular e completo.

A familia *Bubonidae* tem na margem posterior do sternum duas ou mais incisões profundas, a furcula livre, o dedo do meio mais comprido do que o interior e a garra do dedo mediano não denteada. Das duas sub-familias têm as especies que compõem as *Syrniinae* o ouvido exterior muito grande com um operculo que tapa a abertura. A corôa facial extende-se tanto em cima, como em baixo dos olhos. O genero Asio tem orelhas, Syrnium não. Nas *Buboninae* é o ouvido menor, do tamanho dos olhos mais ou menos, sem operculo e a corôa facial é desigual, sendo muito mais desenvolvida em baixo do que em cima dos olhos. Nessa sub-familia são providos de orelhas os generos Bubo e Scops.

E' bem representada no Estado de São Paulo essa ordem por 14 especies. *Pelzeln* enumera de todo o Brazil 17 especies das quaes duas como variedades devem ser reunidas em uma especie, Scops brasilianus, de modo que em verdade são 16 especies do Brazil. Todas são de grande distribuição geographica e duas especies, Strix flammea e Asio accipitrinus, occorrem tambem na Europa.

FAM. STRIGIDAE.

* 413. Strix flammea L.

Suindara.

Tuidara *Marcgrav* p. 205.
Strix perlata *Wied* III p. 263.
Strix perlata *Burmeister* II p. 137.
Strix perlata *Berlepsch* I p. 281.
Strix flammea *Pelzeln* p. 10 (Ypanema).
Strix flammea *Sclater a. Hudson* II p. 48.
Strix flammea Cat. Br. Mus. II p. 291.

Coruja conhecida geralmente pelo nome de suindara, que vive nos campos, entrando nos edificios, sendo, por exemplo, habitante regular do Monumento do Ypiranga, onde faz o seu ninho nos capiteis das columnas. E' ave de 35 centim. de comprimento. Os dedos do pé são desprovidos de pennas e a unha do dedo mediano é denteada no lado interior. A côr é cinzenta e amarella nas costas, com salpicos brancos e pretos. A região ao redor dos olhos é escura e orlada de larga corôa branca seguindo para fóra e de modo concentrico o véo, que é amarello, com manchas pretas. Todo o lado inferior é branco ou branco-amarello na barriga com algumas pontas isoladas escuras.

E' essa uma especie de distribuição vasta ou quasi cosmopolita, sendo na Europa conhecida sob o nome de mocho velado. Na America extende-se até a Patagonia e o Chile. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a suindá.

Mus. Paul. Ypiranga.

FAM. BUBONIDAE.

Subfam. Syrniinae.

* 414. Asio mexicanus (Gm.).

Mocho orelhudo.

Strix longirostris *Spix* I p. 21 Taf. 9, a.
Strix maculata *Wied* III p. 281.
Otus americanus *Burmeister* II p. 143.
Otus mexicanus *Pelzeln* p. 10 (Ypanema).
Asio mexicanus Cat. Br. Mus. II p. 231.

Bonita coruja de orelha, tendo de cada lado em cima e atraz dos olhos um comprido froco de pennas alongadas de 5—6 centim. de comprimento que são pretas na barba exterior, brancas na interior. O comprimento da ave importa em 35—40 centim. A côr é amarellenta em cima, com largas estrias longitudinaes escuras. O lado inferior é branco-amarellento e as pennas do peito e da barriga têm ao longo das hastes das pennas manchas escuras. As

remiges e rectrizes são pardo-cinzentas, com faxas transversaes escuras, cujo numero é de 5 na primeira remige da mão. A face, ao redor dos olhos, é alvacenta, orlada para fóra pelo véo denegrido. Os dedos são munidos de pennas até perto da unha.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central. Especies muito semelhantes são Asio wilsonianus Less. da America do Norte e Asio otus L. (Otus vulgaris Brehm V p. 90 fig.) da Europa.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

415. Asio accipitrinus (Pall.).

Otus brachyotus *Burmeister* II p. 125.
Otus brachyotus *Brehm* Thierleben Bd. V. 1879 p. 94 e figura.
Otus brachyotus *Pelzeln* p. 10 (Ypanema, Morungaba, Itararé, Matto Dentro).
Asio brachyotus *Sclater a. Hudson* II p. 49.
Asio accipitrinus *Coues* Key p. 507 e fig. 355.
Asio accipitrinus Cat. Br. Mus. II p. 234.

Especie de 350 mm. de comprimento, differindo da especie precedente pelos frocos das orelhas curtas, formados apenas por 2—3 pennas brancas, de 20 mm. de comprimento. Os dedos são cobertos de pennas. A côr é em cima amarellenta, com estrias escuras, mais clara no lado inferior especialmente na barriga, onde as estriàs quasi desapparecem. A face é alvacenta, com uma grande mancha central ao redor dos olhos. O bico é preto. As remiges e rectrizes são esbranquiçadas, com algumas faxas transversaes escuras.

E' essa outra especie mais ou menos cosmopolita, commum na Europa e distribuida na America desde o Norte até o Estreito de Magalhães. No Estado de S. Paulo, onde Natterer a caçou, não parece ser commum.

Mus. Paul.

* 416. Asio stygius (Wagl.).

Mocho diabo (Piracicaba).

Otus stygius *Pelzeln* p. 10 (Itararé).
Asio stygius *Berlepsch u. Ihering* p. 166.
Asio stygius Cat. Br. Mus. II p. 241.

Especie de 45—50 centim. de comprimento, uniforme bruno-denegrida em cima, com algumas manchas amarellentas nas coberteiras das azas e da cauda. As primeiras remiges são uniforme-escuras, com a ponta attenuada, as outras têm algumas manchas amarelladas. As rectrizes são bruno-escuras, com algumas faxas amarellentas transversaes. A face é escura, o veo bruno-escuro, com numerosas manchas amarelladas. Os frocos das orelhas são brunos, com margens amarelladas e medem 50 mm. de comprimento. O lado inferior é amarellento, com largas estrias escuras, as pennas e as coberteiras inferiores da cauda são ferruginoso-amarellas. O bico é cinzento-denegrido, os dedos são, só na base, providos de pennas.

Especie rara, que occorre desde o Rio Grande do Sul, por todo o Brazil e até Cuba. O nosso exemplar é de Curityba.

Mus. Paul. —

* 417. Syrnium hylophilum (Temm.).

Ciccaba hylophila *Burmeister* II p. 133.
Syrnium hylophilum *Pelzeln* p. 9 (Ypanema).
Syrnium hylophilum *Berlepsch u. Ihering* p. 166.
Syrnium hylophilum Cat. Br. Mus. II p. 269.

Especie de 400 mm. de comprimento. Todo o lado superior é pardo-avermelhado, com largas faxas transversaes pretas, que são na cabeça e no pescoço mais estreitas do que no dorso e nas azas. A face e o véo são amarellentos, com faxas esbranquiçadas e escuras. No pescoço anterior ha uma larga faxa branca. O lado inferior é branco, com largas faxas transversaes amarellas e brunas. As pernas ão alvacentas, com faxas pardas e estreitas. Os dedo s

são nús. As remiges e rectrizes são escuras, com faxas amarellentas. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana e Colombia. Os guaranys do Rio Verde designaram essa especie de urucuruá-cucu e as do genero Pulsatrix de urucuruá-guassú.

Mus. Paul. S. Carlos do Pinhal.

* 418. Syrnium suinda (Vieill.).

Ciccaba suinda *Burmeister* II p. 135.
Syrnium suinda *Berlepsch u. Ihering* p. 166.
Syrnium fasciatum (Vieill.) *Pelzeln* p. 9 (Ypanema).
Syrnium suinda Cat. Br. Mus. II p. 272.

Especie um pouco menor que a precedente; o comprimento das azas é de 260 mm. Todo o lado superior é bruno-escuro, com numerosas faxas amarellentas e finas. As remiges e rectrizes são bruno-escuras, com faxas amarellentas. A face é pardo-castanha, com manchinhas escuras, o véo amarello-ferruginoso. Sobre o olho corre uma estria branco-amarella. O lado inferior é amarellento com estrias largas, longitudinaes, pardas, no peito e na barriga. As pernas são amarello-escuras. Os dedos são nús.

A especie occorre no Rio Grande do Sul, por todo o Brazil e no Paraguay, sendo especie rara. *Pelzeln* a ella referiu a Strix fasciata (Vieill.), não posso dizer se com razão ou não. *Sharpe* no catalogo do Br. Museum p. 273 refere a especie de Vieillot ao Syrnium virgatum Cass.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 419. Syrnium huhulum (Daud.).

Mocho negro.

Strix albomarginata *Spix* I p. 23 Taf. 10, a.
Ciccaba hulula *Burmeister* II p. 132.
Athene huhula *Pelzeln* p. 8.
Syrnium huhulum Cat. Br. Mus. II p. 275.

Coruja de 420 mm. de comprimento, toda preta, com numerosas linhas brancas transversaes, tendo cada penna 3—5 dessas estreitas faxas arqueadas. Tambem as remiges

e rectrizes têm faxas transversaes brancas. A face e o véo são pretos, com salpicos brancos. O bico é alvacento, os dedos são amarellos e desprovidos de pennas. A especie occorre desde S. Paulo até o Norte do Brazil e a Guyana. O nosso exemplar é de Piracicaba, onde o caçou e preparou o Sr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 420. Syrnium perspicillatum (Lath.).

Mocho matteiro.

Strix pulsatrix *Wied* III p. 268.
Ulula torquata *Burmeister* II p. 130.
Syrnium pulsatrix *Berlepsch* I p. 282.
Syrnium pulsatrix *Berlepsch u. Ihering* p. 166.
Athene torquata *Pelzeln* p. 8.
Syrnium perspicillatum Cat. Br. Mus. II p. 277.

Coruja grande de 50—57 centim. de comprimento com a aza medindo 36 centim., bem caracterisada pelos dedos cobertos de pennas até perto da unha, atraz da qual se notam 2—3 escudos. O lado superior é bruno, côr de café, com salpicos e faxas indistinctas nas azas e na cauda. A face é bruna; sobre os olhos corre da fronte ao occiput uma larga estria branca. O peito é bruno, a garganta e o pescoço anterior e lateral são brancos, a barriga e as pernas são ferruginoso-amarellas.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Mexico.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 421. Syrnium melanonotum (Tschudi).

Athene melanota *Pelzeln* p. 9 (Ypanema).
Syrnium melanonotum Cat. Br. Mus. II p. 280.

Especie um pouco menor do que a precedente, com a aza medindo 31 centim., bem distinguida pelos dedos nús, providos de pennas só na base. A côr é mais escura, bruno-denegrida em cima. O pescoço anterior é bruno em

cima, branco em baixo formaudo uma larga faxa ou colleira que nos lados é amarella. As rectrizes têm finas faxas transversaes e as pontas esbranquiçadas. A barriga é uniforme, amarella, como na especie precedente. Parte das coberteiras exteriores da aza tem uma mancha amarella na ponta. A estria que do bico corre sobre os olhos é amarella.

O Snr. *von Berlepsch* diz que pulsatrix Wied e perspicillatum são especies differentes. Como nada diz sobre os dedos não sei se trata ou não de S. melanonotum, deixando indecisa esta questão.

S. melanonotum occorre desde S. Paulo até o Peru. *Mus. Paul.* Piracicaba (Rio das Pedras) ♀ e ♂.

SUBFAM. BUBONIDAE.

422. Bubo magellanicus Gm.

Jacurutu.

Jacurutu *Marcgrav* p. 199.
Strix nacurutu *Wied* III p. 274.
Bubo crassirostris *Burmeister* II p. 121.
Bubo magellanicus *Pelzeln* p. 9.
Bubo virginianus *Sclater a. Hudson* II p. 50 (nec Gm.).
Bubo magellanicus Cat. Br. Mus. II p. 29.

Coruja de orelhas, de 50 centim. de comprimento, que na Argentina e no Brazil substitue o B. virginianus Gm. da America do Norte, do qual parece uma variedade. Os dedos são densamente cobertos de pennas. Os frocos da orelha são pretos, com orla amarella na barba interior. A côr é amarellada em cima com numerosos salpicos e faxas estreitas de côr bruno-denegrida. As remiges e rectrizes têm faxas largas. A face é amarellenta, o véo bruno-denegrido. A garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito e a barriga amarellos com estreitas faxas pretas e estrias pretas longitudinaes. As pernas são amarellas, o bico e as garras pretas. Essa especie corresponde ao bufo da Europa

que, porem, é maior e occorre desde o Estreito de Magalhães e Chile até o Amazonas. Na America do Norte é substituida por B. virginianus Gm.

Mus. Paul. —

* 423. Scops brasilianus (Gm.).

Coruja.

Caburé *Marcgrav* p. 212.
Strix crucigera *Spix* I p. 22 Pl. 9.
Strix undulata *Spix* I p. 23 Pl. 10.
Strix brasiliana *Wied* III p. 286.
Scops decussata *Burmeister* II p. 126.
Scops atricapilla *Burmeister* II p. 128.
Ephialtes choliba *Pelzeln* p. 9. (Ypanema).
Ephialtes atricapilla *Pelzeln* p. 9.
Scops brasilianus *Sclater a. Hudson* II p. 51.
Scops brasilianus Cat. Br. Mus. II p. 108.

Coruja de orelhas com os dedos nús. O comprimento total é de 25 centim., o da aza de 17 centim. Essa coruja é bem caracterisada pelas estrias ramificadas das pennas do lado inferior, tendo cada penna no meio uma estria longitudinal da qual, de cada lado, sahem 2—4 estrias transversaes. A côr é pardo-cinzenta em cima com salpicos pretos, amarello-cinzenta em baixo com estrias pretas ramificadas. A côr do lado dorsal é bruno-cinzenta no macho, bruno-avermelhada na femea. Os frocos da orelha são pretos, com salpicos amarellos. Essa especie occorre desde a Argentina, por todo o Brazil e até a Venezuela. *Pelzeln* e outros autores distinguem duas especies, sendo S. nigricapilla mais escura no vertice, correspondendo talvez á femea. Os nossos exemplares do Ypiranga são mais claros do que o de Iguape. Acceito a opinião de *Sharpe* que no Catalogo do British Museum não admitte S. nigricapilla nem como variedade. Essa coruja bonita vive com a suindara no edificio do Museu, no Monumento do Ypiranga.

Mus. Paul. Ypiranga; Iguape.

* 424. Speotyto cunicularia (Mol.).

Coruja do campo.

Strix grallaria *Spix* I p. 21.
Strix cunicularia *Wied* III p. 248.
Noctua cunicularia *Burmeister* II p. 139.
Athene cunicularia *Pelzeln* p. 9. (Rio Verde, Itararé, Irisanga).
Speotyto cunicularia hypogaca *Coues* p. 516 fig. 361.
Speotyto cunicularia *Sclater a. Hudson* II p. 52.
Speotyto cunicularia Cat. Br. Mus. II p. 142.

Coruja de 20—22 centim. de comprimento com a aza medindo 18 centim. e o tarso 5 centim., caracterisada pelo tarso comprido, incompletamente coberto de pennas e os dedos nús e pela cera entumescida ao redor das ventas. O lado dorsal é pardo-cinzento com grandes manchas redondas esbranquiçadas, o lado ventral é branco-amarellado com manchas pardo-avermelhadas transversas. As remiges e rectrizes têm manchas alvacentas formando faxas transversas. A garganta é branca, o crisso e as pernas são uniformes, amarellentas. O bico é esbranquiçado. Essa especie occorre desde a America do Norte até a Patagonia e o Chile. Os nossos exemplares argentinos são um pouco maiores e têm as manchas brancas que, nos de S. Paulo, são branco-amarelladas. E' especie commum em nossos campos onde faz o ninho no chão em buracos que forra com excrementos seccos de gado vaccum.

Mus. Paul. Ypiranga; Itapetininga; Piquete.

* 425. Glaucidium pumilum (Temm.).

Caburé.

Strix minutissima *Wied* III p. 242.
Glaucidium pumilum *Burmeister* II p. 144.
Athene minutissima *Pelzeln* p. 9.
Glaucidium pumilum Cat. Br. Mus. II p. 198.

Entre as nossas corujas a menor, de 13 centim. de comprimento, medindo a aza 8—9 centim. A côr em cima

é bruno-cinzenta com manchinhas ou pingas amarelladas na cabeça e maiores branco-amarellas nas coberteiras das azas. Na nuca e no pescoço posterior são as pennas em parte pretas e munidas de grandes manchas brancas. A garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito é pardo, a barriga branca com estrias longitudinaes pardas. As rectrizes têm as pontas esbranquiçadas e quatro series de manchas brancas que são maiores na barba interior da rectriz e se não estendem até a haste. Essa especie occorre desde S. Paulo até o Amazonas. *Pelzeln* diz, p. 399, que *Lichtenstein* obteve-a de S. Paulo; o Snr. *Krone* obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 426. Glaucidium ferox (Vieill.).

Caburé.

Strix passerinoides *Wied* III p. 239.
Strix ferruginea *Wied* III p. 234.
Glaucidium passerinoides *Burmeister* II p. 143.
Glaucidium ferrugineum *Burmeister* II p. 141.
Athene ferruginea *Pelzeln* p. 9 (Matto Dentro, Ypanema, Irisanga, Rio Paraná).
Glaucidium ferrugineum *Coues* p. 514.
Glaucidium ferox Cat. Br. Mus. II p. 200.

Especie maior, de 200 mm. de comprimento ou mais, medindo a aza 10 centim. ou mais. A côr é bruna ou bruno-avermelhada em cima. As pennas do vertice têm estrias claras ao longo das hastes. O lado inferior é branco-amarellado, com estrias longitudinaes escuras. Sharpe no Catalogo do British Museum distingue duas variedades uma bruna e outra castanha. Esta ultima é a St. ferruginea de Wied e tem a cauda uniforme, pardo-avermelhada, segundo *Sharpe*, sendo, segundo *Burmeister*, a cauda do macho uniforme, da femea transversalmente riscada. A cauda de G. passerinoides tem manchas brancas como a de G. pumilum, mas em maior numero, de 5—6. Acceitando aqui

a opinião dos especialistas competentes não posso deixar de emittir as minhas duvidas a respeito da reunião de todas essas *variedades* em uma especie. Os guaranys do Rio Verde chamam essas especies de Glaucidium caburé.

Mus. Paul. Iguape; Est. de S. Paulo.

VII. Ordem. Accipitres.

As aves de rapina diurnas são caracterisadas pelo bico forte, alto na base, recurvado e afiado, que na base é revestido de uma membrana, denominada cera ou cerume, quasi sempre de côr differente da do bico, ás mais vezes amarella, e na qual estão situadas as ventas. A região loral é núa ou revestida de cerdas rijas. Os olhos estão situados lateralmente e não são cingidos por uma corôa de pennas formando o véo, que caracterisa as corujas. Só no genero Circus ha uma disposição analoga, uma qualidade de véo incompleto. De conformidade com essa circumstancia as orelhas não têm o desenvolvimento extraordinario que se nota entre as corujas.

Nas azas notam-se 10 remiges da mão, 12—16 do braço. A cauda contem 12 rectrizes. As pernas e pés mostram grande variabilidade. O tarso é ás vezes provido de pennas, ás vezes nú, sendo revestido de escudos que são menores e hexagonaes ou maiores e semicirculares. As pennas do lado exterior da perna são, ás vezes, engrandecidas e pendentes formando os «calções». Os pés são nús e notaveis pela força e pelo tamanho das garras, qué servem para agarrar a presa, e entre as quaes especialmente a posterior é grande. Muitas vezes são dos tres dedos anteriores os dois exteriores na base entre si ligados por uma curta membrana. Só no genero Pandion, a aguia pesqueira, pode o dedo exterior ser virado para traz, como o fazem as corujas.

As aves de rapina diurnas, a excepção dos urubús, estão distribuidas sobre todas as zonas, tendo muitas especies entre ellas uma distribuição geographica vasta. Grande

numero das especies da America meridional occorrem tambem na America do Norte e algumas até na Europa. Representam entre as aves o papel que os carnivoros fazem entre os mammiferos, vivendo de outros animaes especialmente de aves e insectos. As pennas, cabellos, ossos e outras partes refractarias á digestão são lançados fóra em fórma de bolas, como costumam fazer tambem as corujas. Vivem isolados respectivamente aos casaes. Em geral a femea não differe do macho no colorido, mas sim no tamanho, sendo quasi sempre a femea maior do que o seu companheiro. Ao contrario é bem differente muitas vezes no colorido o filhote da ave adulta, o que bastante difficil torna a determinação. A excpção dos urubús, que fazem o seu ninho muito simples no chão, constróem os ninhos em cima de arvores altas.

Distinguem-se, ao menos quanto ás especies representadas no Est. de S. Paulo, duas familias, as Cathartidae e as Falconidae.

As *Cathartidae,* abrangendo os urubús, têm a cabeça e parte do pescoço nús e escamosos ou munidos de verrugas. O bico é comprido, menos forte e menos curvo do que o das Falconidae, um pouco contrahido na base e mais alto perto da ponta. As ventas são permeaveis de um lado do bico ao outro. Os pés têm o dedo posterior menor e collocado mais elevado do que os anteriores sendo todos na base unidos por membrana. As garras são pouco fortes, pouco curvas. Falta aos urubús o larynge e a voz. E' essa familia exclusivamente americana, differindo das Vulturidae ou abutres do velho mundo. E' familia que abrange pequeno numero de especies entre ellas o condor dos Andes, representado na collecção do Museu por bonito exemplar, o urubu-rey e os urubús. Vivem de animaes mortos ou moribundos.

As *Falconidae* são os rapineiros verdadeiros, não vivendo de animaes mortos. O bico, por essa razão, é mais forte, mais recurvado, alto na base. A margem cortante da maxilla superior tem, ás vezes, no meio um dente obtuso,

como no genero Accipiter, ou perto da ponta um dente agudo como na sub-familia Falconinae. Esse dente em geral é simples, sendo duplo no genero Harpagus. O cerume é ás vezes molle, ás vezes duro, como a base do bico mesmo. A cabeça é bem munida de pennas. O larynge é pouco especialisado. São aves de rapina que caçam de dia. Não temos no Brazil verdadeiras aguias do genero Aquila, mas temos os gaviões de pennacho que os substituem aqui, as harpias e apacanim, que são aves magnificas, soberbas. Não duvido que seja bastante incompleta a lista aqui apresentada.

FAM. SARCORHAMPHIDAE.

* 427. Sarcorhamphus papa (L.).

Urubú-rei; Corvo branco.

Cathartes papa *Spix* I p. 1 Taf. 1.
Cathartes papa *Wied* III p. 56.
Sarcorhamphus papa *Burmeister* II p. 28.
Sarcorhamphus papa *Pelzeln* p. 1 (Itararé, Morungaba).
Cathartes papa Cat. Br. Mus. I p. 22.

O Urubú-rei ou Corvo-rei é pouco maior do que o urubú preto, mas se distingue dos urubús, além do colorido, pela crista e pelas verrugas vermelhas que se notam na base do bico. A cabeça e o pescoço anterior são nús, vermelhos e, em parte, côr de laranja. No pescoço começa a plumagem que fórma um collar cinzento de pennas maiores. As remiges, o uropygio e a cauda são pretos, o dorso e o lado ventral são branco-amarellados. O bico que é amarello-cinzento, mede 5 centim. no culmen.

O Urubú-rei occorre no Rio Grande do Sul até 30 gráos de L. S. como sei por observadores de confiança, não tendo o mesmo caçado. Occorre, pois, por todo o Brazil e até o Mexico. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o urubú-inti.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 428. Catharista atrata (Bartr.).

Urubú; Corvo.

Cathartes foetens *Wied* III p. 58.
Cathartes aura *Spix* I p. 2.
Cathartes urubu *Burmeister* II p. 32.
Cathartes atratus *Sclater a. Hudson* II p. 89.
Cathartes foetens *Pelzeln* p. 1 (Ypanema).
Catharista atrata *Coues* p. 560 fig. 388.
Catharistes atratus Cat. Br. Mus. I p. 24.

O urubú ordinario é todo preto, tambem na cabeça, que é núa. As pennas do pescoço posterior ascendem com uma ponta triangular dirigida para a nuca. As remiges da mão são em baixo esbranquiçadas. As hastes das remiges da mão são brancas em cima e em baixo, as das rectrizes são brunas em cima, brancas em baixo. As azas medem 42—44 centim., o tarso 7—8 centim. A cauda é curta e truncada. O bico e os pés são negros. Especie commum desde o Chile e a Patagonia até a America do Norte. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a japina.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 429. Cathartes aura (L.)

Urubú-peba; Urubú campeiro; Corvo de cabeça vermelha.

Cathartes ruficollis *Spix* I p. 2.
Cathartes aura *Pelzeln* p. 1 (Ypanema, Matto Dentro, Itararé).
Cathartes aura *Sclater a. Hudson* II p. 89.
Cathartes aura *Berlepsch* I p. 292.
Cathartes aura *Coues* p. 558 e fig. 387.
Oenops falclandica *Sharpe* Cat. Br. Mus. I p. 27 Pl. II fig. 1.
Oenops aura Cat. Br. Mus. I p. 25.

Ave de 70—75 centim. de comprimento com a aza medindo 52—54 centim. e a cauda 26—28 centim. A côr da plumagem é preta, mas as pennas em parte são bruno-

cinzentas ou bruno-orladas especialmente as das coberteiras das azas. A cabeça e o pescoço são nús, encarnados. As pennas no pescoço inferior, onde começam, formam um collar regular ao redor do pescoço. As remiges da mão têm as hastes brunas em cima, brancas em baixo. As hastes das rectrizes são pretas em cima, brancas em baixo. O lado inferior da cauda é cinzento, o das azas esbranquiçado. O bico é muito mais curto do que na especie precedente, medindo na curva do culmen 52 mm. contra 64 em C. atrata. A distancia do ponto do bico até o principio da venta é 25—26 mm. em C. aura, 34—36 em C. atrata. As ventas são lineares em C. atrata, largas e bem permeaveis de um lado ao outro em C. aura. O bico e as pernas são amarellentas.

A cauda, que mede em C. atrata 18—20 centim., tem o comprimento de 26—28 em C. aura, sendo na primeira especie a sua margem posterior concava, visto como as rectrizes lateraes são mais compridas do que as centraes, dando-se no genero Cathartes o contrario, sendo a cauda redonda com a margem posterior convexa e as rectrizes lateraes mais curtas do que as centraes.

Não é, pois, só a côr da cabeça que distingue essas duas especies e mal procedeu o preparador do antigo Museu do Sr. Sertorio, quando pintando de vermelho a cabeça de um urubú preto julgou ter representado o urubú campeiro. Além das differenças notadas ha outras biologicas. O urubú commum anda em bandos, o urubú campeiro em casaes e dizem que não vive só de cadaveres, mas tambem de reptis. C. aura tem grande facilidade em voar sem movimento das azas, dando-as ao vento como velas, o que o urubú commum só pode fazer por pouco tempo. C. aura occorre desde a Patagonia até a America do Norte. Os exemplares das ilhas Falkland separou Sharpe como *especie* falclandica, como acredito sem razão.

Mus. Paul. Piquete; S. Sebastião.

430. Cathartes urubutinga Pelz.

Urubú-tinga.

Urubu *Marcgrav* p. 207.
Cathartes aura *Wied* III p. 64.
Cathartes aura *Burmeister* II p. 30.
Cathartes urubutinga *Pelzeln* p. 1 (Irisanga).
Cathartes pernigra *Sharpe* Cat. Br. Mus. I p. 26.
Cathartes urubitinga Cat. Br. Mus. I p. 28 Pl. II fig. 2.

Especie muito semelhante á precedente da qual differe pelas hastes das remiges da mão que são brancas em cima e em baixo, pelo pescoço posterior que no meio tem pennas até a nuca como em C. atrata e pela côr da cabeça que é roxa ou azul no vertice, côr de laranja nos lados. Observo que na especie C. aura a côr não é uniforme na cabeça e que nos diversos exemplares que della temos a côr das hastes das remiges da mão varia de bruno-escuro até amarello, quasi branco. Isto devia impor cuidado na creação de especies novas. *Sharpe* ao contrario augmenta ainda o numero das especies descrevendo os exemplares do Amazonas sob o nome de C. pernigra, que tem as hastes das remiges em cima brunas, a cabeça amarella, o iris branco. C. urubutinga occorre no norte e no centro do Brazil e foi encontrado por Natterer no oeste do Estado de S. Paulo.

Mus. Paul. —

FAM. FALCONIDAE.

Subfam. Polyborinae.

* 431. Polyborus tharus (Mol.).

Carancho; Chimango; Caracará; (Iguape).

Polyborus vulgaris *Spix* I p. 3 Pl. 1.
Falco hrasiliensis *Wied* III p. 190.
Polyborus vulgaris *Burmeister* II p. 31.
Polyborus tharus *Brehm* Thierleben IV p. 734 e figura.

Polyborus brasiliensis *Pelzeln* p. 2 (Ypanema, Itararé).
Polyborus tharus *Sclater a. Hudson* II p. 81.
Polyborus tharus Cat. Br. Mus I p. 31.

Especie de 55 centim. de comprimento, com o bico alto, lateralmente compresso, e as ventas estreitas e compridas. O dorso e o peito são brancos, com faxas brancas transversaes. A face é nua, o ouvido e o pescoço são branco-amarellados, a cabeça em cima é bruno-denegrida. A barriga e as coberteiras das azas são uniforme-brunas. As remiges da mão são escuras na ponta e brancas, com faxas escuras, no meio. As rectrizes são brancas, com numerosas faxas escuras e com a ponta bruno-denegrida. O bico é cinzento, a face, a cera e as pernas são amarellas. O carancho está distribuido desde a Patagonia até o Amazonas, sendo substituido na Guyana e até o Mexico por especie affim, P. cheriway Jacq., que tem o uropygio uniforme e bruno em vez de branco com faxas escuras, como na especie presente. É especie que se observa muitas vezes no chão, caminhando á procura de reptis e amphibios. Voando costuma erguer as pennas do vertice como pennacho. A ave nova não tem as faxas transversaes do peito etc, mas estrias escuras e longitudinaes. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o Caracará.

Mus. Paul. S. Sebastião; S. Paulo.

* 432. Ibycter chimachima (Vieill.).

Caracará branco; Caracará.

Gymnops strigillatus *Spix* I p. 10 Pl. 4, a (juv.).
Milvago ochrocephalus *Spix* I p. 12 Pl. 5.
Falco degener *Wied* III p. 162.
Milvago ochrocephalus *Burmeister* II p. 36.
Milvago chimachima *Brehm* Thierleben IV p. 731 e fig.
Milvago chimachima *Pelzeln* p. 2 (Ypanema).
Ibycter chimachima Cat. Br. Mus. II p. 39.

Ave de 40 centim. de comprimento. O genero Ibycter tem as ventas, que são ovaes em Polyborus, redondas, com a margem entumescida. A ave adulta é bruna no lado

dorsal. A cabeça é amarello-clara, com uma estria escura atraz dos olhos. O pescoço e o lado inferior são uniformes amarello-claros. As remiges da mão têm a base amarellada, com faxas escuras. As rectrizes são na ponta escuras, nos $^2/_3$ basaes brancas, com faxas transversaes brunas. A cera e a face nua são côr de laranja, as pernas são cinzento-azues. A ave nova é bruna, com estrias amarellas longitudinaes na cabeça, no pescoço e no peito. É especie do Brazil que occorre desde o Rio Grande do Sul até Panamá. É ave dos campos onde paira no chão á procura de insectos. Gosta de procurar no dorso do gado vaccum os carrapatos.

Mus. Paul. Ypiranga.

433. Ibycter americanus (Bodd.).

Caracará preto.

Gymnops aquilinus *Spix* I p. 11.
Milvago nudicollis *Burmeister* II p. 37.
Ibycter formosus *Pelzeln* p. 2 (Ypanema).
Ibycter americanus *Pelzeln* p. 2 (Rio Paraná).
Ibycter americanus Cat. Br. Mus. I p. 35.

O Caracará preto mede 50—60 centim. de comprimento. A côr é uniforme preta, com lustro verde-metallico. Os ouvidos são cinzentos, a barriga, as pernas e as coberteiras inferiores da aza são brancas. A face e a garganta são núas e côr de laranja, a cera é azul, o bico amarellado. Os tarsos e pés são côr de laranja.

É ave do Norte do Brazil que vive nos mattos e come insectos, especialmente abelhas e vespas. Desde S. Paulo, onde Natterer a caçou, mas onde parece ser rara, visto que até agora não a pude obter, está distribuida até a America Central. *Goeldi* diz que tem o nome indigena de Urucaçu.

Ha outra especie semelhante a essa, I. ater Vieill. (Milvago aterrimus Burm.), toda preta a excepção da base da cauda, que é do Norte do Brazil e da Guyana e que

Pelzeln diz ter sido encontrada por *Souza* no Rio Grande do Sul. Como ninguem mais encontrou essa especie no Rio Grande do Sul ou no Brazil meridional creio que ha engano, sendo S. ater especie exclusivamente do Norte do Brazil.

Mus. Paul. —

2. Subfam. Accipitrinae.

434. Circus maculosus (Vieill.).

Falco palustris *Wied* III p. 224.
Circus superciliosus *Burmeister* II p. 116.
Circus macropterus *Pelzeln* p. 8 (S. Paulo, Irisanga).
Circus macropterus *Sclater a. Hudson* II p. 58.
Circus maculosus Cat. Br. Mus. I p. 62.

Gavião de 50 centim. de comprimento, distinguido como as outras especies desse genero por uma corôa ao redor dos olhos, um véo, que nessa especie é bruno-denegrido com manchinhas alvacentas. A côr é pardo-denegrida em cima. Sobre os olhos corre uma estria esbranquiçada desde a fronte até ao véo. As remiges e rectrizes são cinzento-azues, com faxas transversaes escuras. O pescoço é bruno, o peito e a barriga são brancos, com algumas estrias longitudinaes escuras. As azas estendem-se até a metade da cauda, que é comprida. Os tarsos são nús e compridos. Essa especie occorre desde a Argentina até a Venezuela vivendo em localidades ricas, em lagoas e banhados, onde caça amphibios e aves aquaticas. A especie affim C. cinereus Vieill., que é da Argentina, cacei no Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

* 435. Micrastur semitorquatus (Vieill.).

Astur brachypterus *Spix* I p. 9.
Climacocercus brachypterus *Burmeister* II p. 88.
Micrastur brachypterus *Pelzeln* p. 7.
Micrastur semitorquatus *Berlepsch* I p. 288.

Micrastur melanoleucus *Berlepsch u. Ihering* p. 171.
Micrastur melanoleucus Cat. Br. Mus. I p. 75.

Gavião de 50 centim. de comprimento. O lado dorsal e a cabeça em cima são denegridas como tambem uma estria larga, que desce do occiput sobre o ouvido. A face é branca, uma colleira do pescoço e todo o lado inferior o são igualmente. O bico e a cera são cinzento-denegridos, os tarsos são altos (8 centim.), amarellentos. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Mexico. As azas são curtas no genero Micrastur estendendo-se só até a parte basal da cauda, que é comprida e tem as pennas lateraes muito mais curtas do que as medianas. Os tarsos são altos e cobertos de escudinhos hexagonaes.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 436 Micrastur ruficollis (Vieill.).

Gavião matteiro; Gavião caburé.

Falco xanthothorax *Spix* I p. 19.
Climacocercus xanthothorax *Burmeister* II p. 85.
Micrastur xanthothorax *Pelzeln* p. 7 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Micrastur ruficollis *Berlepsch* I p. 287.
Micrastur ruficollis Cat. Br. Mus. I p. 77.

Gavião de 33 centim. de comprimento, bruno no lado dorsal excepto na cabeça, que é pardo-cinzenta. As rectrizes são bruno-cinzentas com as pontas e quatro faxas transversaes estreitas e brancas. O lado inferior é castanho desde a garganta até o peito e no resto branco com numerosas faxas pretas transversaes. O tarso que mede 6 centim. é amarello. O bico é cinzento-denegrido. O lado dorsal é branco-cinzento no macho, bruno-avermelhado na femea.

A ave nova tem faxas transversaes tambem no pescoço anterior e no lado dorsal.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Venezuela.

Mus. Paul. Piquete.

* 437 Micrastur gilvicollis (Vieill.).

Climacocercus concentricus *Burmeister* II p. 86.
Micrastur concentricus *Pelzeln* p. 7.
Micrastur gilvicollis *Pelzeln* p. 7.
Micrastur gilvicollis Cat. Br. Mus. I p. 78.

Especie de 34—36 centim. de comprimento, bruna ou pardo-cinzenta em cima. As rectrizes têm as pontas e quatro faxas estreitas e transversaes brancas. O lado ventral é branco, com numerosas faxas estreitas, escuras e transversaes que diminuem ou desapparecem na barriga inferior e no crisso. A ave nova tem o lado inferior amarellado, com faxas transversaes e ao redor do pescoço uma colleira indistincta de manchas esbranquiçadas.

Essa especie do norte do Brazil foi observada na Bahia e no Rio de Janeiro e occorre tambem no Estado de S. Paulo.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 438. Geranospizias caerulescens (Vieill.).

Falco hemidactylus *Wied* III p. 97.
Nisus gracilis *Burmeister* II p. 77.
Geranopus gracilis *Pelzeln* p. 7.
Geranopus hemidactylus *Pelzeln* p. 7.
Geranospizias caerulescens *Sclater a. Hudson* II p. 67.
Geranospizias caerulescens Cat. Br. Mus. I p. 81.

O genero Geranospizias é bem caracterisado pelo dedo exterior anterior que é relativamente muito pequeno, muito mais do que o interior anterior, pela falta de calções na tibia cujas pennas são curtas e pelos tarsos muito compridos. Esse gavião mede 42(♂)—50(♀) centim.. A côr é azul-cinzenta, com estrias brancas transversaes no lado inferior, que porém no macho adulto quasi completamente desapparecem. As remiges da mão são pretas, com uma grande mancha branca na barba interior. O crisso e as coberteiras inferiores da cauda são ferruginoso-amarellas. As rectrizes têm duas faxas pretas, largas sobre um campo

que é cinzento nas medianas, amarellado nas exteriores. O bico é preto, os tarsos e dedos são amarellos.

Não tenho plena certeza de que o nosso exemplar provenha do Estado de S. Paulo, mas tambem não ha razão especial para duvidas, visto a especie occorrer desde a Argentina e por toda a America Meridional. Cacei-a no sul do Estado do Rio Grande do Sul. Burmeister obteve-a no Estado do Rio de Janeiro. Vive nas mattas caçando passarinhos, insectos e caracoes.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 439. Antenor unicinctus (Temm.).

Asturina unicincta *Burmeister* II p. 82.
Urubitinga unicincta *Pelzeln* p. 3.
Buteo unicinctus var. harrisii *Coues* p. 542.
Antenor unicinctus *Sclater a. Hudson* II p. 63.
Erythrocnema unicincta Cat. Br. Mus. I p. 85.

Gavião de 57 centim de comprimento, bruno-denegrido, com as coberteiras dos encontros castanhas. A cauda é preta, com a base e a ponta brancas, os calcões das pernas são castanhos, com faxas transversaes pretas. Essa especie, que occorre desde o Rio da Prata até a America do Norte, parece no Estado de S. Paulo habitar a zona do norte. A ave nova é differente no colorido e tem as rectrizes pardo-cinzentas, mais avermelhadas na barba interior, com pontas amarelladas e 16—17 faxas transversaes escuras.

Mus. Paul. Piquete.

440. Astur poliogaster (Temm.).

Accipiter poliogaster *Pelzeln* p. 8 (Ypanema).
Accipiter poliogaster *Berlepsch* I p. 285, nota.
Astur poliogaster Cat. Br. Mus. I p. 120.

O macho tem o comprimento total de 42 centim., o tarso medindo 5, as azas 25 centim. O unico exemplar typpico se acha no Museu de Leyden e Pelzeln considera essa especie como a ave nova do Accipiter pileatus. A côr é escuro-cinzenta em cima, mais escura na

cabeça. As coberteiras exteriores da cauda têm as pontas cinzento-claras. As remiges da mão são brunas, com as hastes bruno-avermelhadas e têm algumas faxas escuras, transversaes. A cauda é preta, com as pontas das rectrizes brancas e com tres estreitas faxas transversaes cinzentas, que são avermelhadas perto das hastes. O lado inferior é todo cinzento-claro, com as hastes mais escuras.

Nada posso dizer a respeito dessa especie rara e, como parece, duvidosa.

Mus. Paul. —

441. Astur pectoralis Bp.

Astur pectoralis *Pelzeln* p. 6 (Ypanema).

Astur pectoralis Cat. Br. Mus. I p. 121.

Especie de 48 centim. de comprimento, com o tarso medindo 6 centim. A femea é bruna em cima, com o uropygio e as coberteiras exteriores da cauda pretas, com pontas brancas. O vertice da cabeça é preto, com as pennas alongadas em fórma de pennacho curto. O pescoço é castanho nos lados, formando larga colleira. Em baixo dos olhos ha uma estria preta. A garganta é branca, o pescoço anterior e o peito são avermelhados, com manchinhas pretas e brancas no centro. O resto do lado inferior é branco, com largas faxas pretas, transversaes nos lados e calções. As remiges são brunas, com faxas escuras. A cauda é pardo-cinzenta, com quatro faxas largas, pretas, transversaes. O bico é preto, com a base amarella.

Os exemplares de Natterer provêm de Ypanema e de Borba no Estado de Amazonas.

Mus. Paul. —

* 442. Accipiter tinus (Lath.).

Nisus tinus *Burmeister* II p. 70.

Accipiter tinus *Pelzeln* p. 8 (Ypanema, Rio Paraná).

Accipiter tinus Cat. Br. Mus. I p. 139.

Gavião pequeno, medindo o macho 22, a femea 26—28 centim. A côr é pardo-cinzenta em cima, mais escura

na cabeça. A face é cinzenta, a garganta branca. O lado inferior é branco, com numerosas faxas escuras transversaes. As remiges e rectrizes têm faxas escuras, cujos intervallos são brancos no lado inferior. O nosso exemplar, uma femea de 28 centim. de comprimento, tem na cauda quatro faxas largas, escuras, mas na barba interior da rectriz exterior o numero dellas eleva-se a 7. A cauda é nessa especie mais curta do que na seguinte. Essa especie occorre desde S. Paulo até a Guyana e Guatemala.

Mus. Paul. Cachoeira (♀).

* 443. Accipiter erythrocnemis Gray.

Falco nisus *Wied* III p. 111.
Nisus striatus *Burmeister* II p. 71.
Accipiter erythrocnemis *Pelzeln* p. 399 (S. Paulo).
Accipiter erythrocnemis *Burmeister* I p. 286.
Accipiter erythrocnemis Cat. Br. Mus. I p. 147.

Especie de 29—31 centim. de comprimento. A côr é pardo-cinzenta em cima, branca, com numerosas faxas pardas transversaes em baixo, excepto nos calções das pernas que são uniformes, castanho-claras. A cauda é pardo-cinzenta, com quatro faxas largas, transversaes pretas. Essa especie é do Brazil meridional, occorrendo desde o Rio Grande do Sul até a Bolivia e Bahia. A ave nova differe no colorido e tem, além das faxas no peito, manchas escuras.

Mus. Paul. Cachoeira.

444. Accipiter pileatus (Temm.).

Falco pileatus *Wied* III p. 107.
Nisus pileatus *Burmeister* II p. 73.
Accipiter pileatus *Pelzeln* p. 8 (Morungaba, Rio Paraná).
Accipiter pileatus *Berlepsch* I p. 284.
Accipiter pileatus Cat. Br. Mus. I p. 153.

O macho desse gavião mede apenas 34, a femea 44—46 centim. A côr é cinzenta em cima, mais escura quasi preta no vertice e nas azas. O lado inferior é mais claro-

cinzento, a excepção dos calções, que são castanhos. As remiges e as rectrizes têm faxas transversaes que são cinzentas em cima, brancas em baixo. As coberteiras inferiores da cauda são brancas, as das azas castanhas. O bico é preto, os tarsos são vermelho-amarellos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas e Bolivia.

Mus. Paul. —

3. Subfam. Buteoninae.

* **445. Heterospizias meridionalis (Lath.).**
Gavião caboclo; Gavião puva.

Aquila buson *Spix* I p. 6.
Falco rutilans *Wied* III p. 218.
Asturina rutilans *Burmeister* II p. 80.
Urubitinga meridionalis *Pelzeln* p. 2 (S. Paulo, Ypanema, Itararé, Rio Paraná).
Heterospizias meridionalis *Sclater a. Hudson* II p. 63.
Heterospizias meridionalis Cat. Br. Mus. I p. 160.

Gavião de 50—60 centim. de comprimento. A côr é pardo-cinzenta em cima, mais escura no dorso baixo, mais avermelhada na cabeça. O lado inferior é castanho, com faxas transversaes estreitas, escuras, que se notam tambem no pescoço posterior. As coberteiras das azas são castanhas nos encontros. As remiges são na base castanhas, com faxas escuras, na ponta pretas. As rectrizes são pretas, com pontas brancas e uma faxa branca transversal no meio. O bico é preto, os tarsos, que são muito compridos e só em cima providos de pennas, são amarellentos. A ave nova tem estrias longitudinaes no pescoço e peito.

Obtive essa especie no Rio Grande do Sul em Pedras Brancas e occorre desde Buenos Ayres até o Mexico. É ave dos campos que gosta de caçar nos banhados rãs e gafanhotos. O Sr. Valencio Bueno caçou-a em Piracicaba, onde a tratam de Gavião caboclo.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 446. Buteo albicaudatus (Vieill.).

Buteo pterocles *Burmeister* II p. 49.
Buteo pterocles *Pelzeln* p. 3 (Mogy das Cruzes, Ypanema, S. Paulo, Itararé, Irisanga, Morungaba, Rio Paraná).
Buteo albicaudatus *Sclater a. Hudson* II p. 61.
Buteo albocaudatus *Coues* p. 542.
Tachytriorchis albicaudatus Cat. Br. Mus. I p. 162.

Gavião um pouco menor do que a especie precedente. A côr é cinzento-denegrida em cima, com as coberteiras acima dos encontros castanhas. O uropygio e a cauda são cinzento-brancos. As rectrizes têm perto da ponta uma larga faxa preta e numerosas faxas escuras transversaes, que com a edade da ave mais desapparecem. O lado inferior é alvacento, com faxas transversaes pardas nos lados. A ave nova tem as bases das pennas brancas no lado dorsal, a garganta preta, o lado inferior amarellento, com estrias escuras longitudinaes. O bico é preto, os pés são amarellos. Essa especie occorre desde a Argentina até o Mexico.

Nessa especie e na precedente é a cauda curta e as azas extendem-se até a ponta da cauda. As ventas são ovaes, simples na especie prêsente e com uma eminencia interior excentrica no genero Heterospizias.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

447. Buteo melanoleucus (Vieill.).

Haliaëtus melanoleucus *Burmeister* II p. 54.
Geranoaëtus melanoleucus *Pelzeln* p. 4 (Itararé, Morungaba).
Geranoaëtus melanoleucus *Sclater a. Hudson* II p. 64.
Buteo melanoleucus Cat. Br. Mus. I p. 168.

Gavião grande, do tamanho d'uma aguia, medindo 65 centim., sendo conhecido sob a denominação de aguia chilena, visto que é encontrado no Chile, na Patagonia e no Brazil meridional até S. Paulo. A ave adulta é uni-

forme-cinzenta em cima, branca em baixo. Os exemplares menos velhos são bruno-denegridos em cima e têm parte das coberteiras exteriores das azas cinzenta, com estreitas faxas transversaes pretas. As rectrizes são pretas, com pontas brancas. A garganta e a face são branco-cinzentas, o pescoço anterior é cinzento-denegrido, o resto do lado inferior é alvacento, com numerosas faxas escuras transversaes. O bico é cinzento, os tarsos são amarellos. Caça com preferencia pombos.

Mus. Paul. —

* 448 Buetola brachyura (Vieill.).

Falco albifrons *Wied* III p. 187.
Buteo minutus *Pelzeln* p. 3.
Buteola brachyura *Berlepsch u. Ihering* p. 168.
Buteola brachyura Cat. Br. Mus. I p. 201.

Gavião de 39 centim. de comprimento, com as azas estendendo-se quasi até a ponta da cauda. A côr é bruno-denegrida em cima. A região loral, a borda da fronte e todo o lado inferior são brancos. Os lados do pescoço são da côr do dorso. As rectrizes têm as pontas esbranquiçadas e tres faxas transversaes pretas sobre o campo pardo-cinzento.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Guatemala. Natterer obteve-a em Matto Grosso, Wied na Bahia.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 449. Asturina nattereri (Scl. a. Salv.).

Gavião carijó.

Falco magnirostris *Spix* I p. 18 (partim.).
Falco magnirostris *Wied* III p. 102.
Nisus magnirostris *Burmeister* II p. 76.
Astur magnirostris *Pelzeln* p. 6 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé, Irisanga).
Asturina nattereri *Berlepsch u. Ihering* p. 168 nota.

Asturina nattereri *Berlepsch* I p. 289.
Asturina nattereri Cat. Br. Mus. I p. 208.

Gavião de 33—35 centim. de comprimento. A ave adulta é pardo-cinzenta em cima. As remiges são castanhas, com faxas transversaes pretas, estreitas e com as pontas pretas. As rectrizes são pardo-cinzentas, com tres faxas transversaes pretas; as coberteiras exteriores da cauda são amarellentas. O pescoço anterior é castanho com estrias longitudinaes escuras, o resto do lado inferior é amarellento com faxas pardo-vermelhas transversaes que são mais escuras, brunas nas aves novas, que tambem differem pela falta da côr castanha das remiges. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul onde é encontrada a variedade saturata e desde S.ta Catharina até Matto Grosso e Bahia, sendo substituida na Argentina por A. pucherani Verr. e no Amazonas por A. magnirostris Gm.

É provavel que occorra no Estado de S. Paulo A. leucorrhoa Quoy et G., especie do tamanho de A. nattereri, preta, com a base da cauda branca, que occorre desde o Rio Grande do Sul até a Venezuela. Outra especie deste genero, A. nitida Lath., cinzenta, com estrias brancas, transversaes em cima e que occorre no Rio de Janeiro e no norte do Brazil não foi observada ainda no Est. de S. Paulo.

A. Nattereri foi caçada em Iguape pelo Snr. R. Krone, em Piracicaba pelo Snr. Valencio Bueno.

Mus. Paul. S. Paulo; Piracicaba.

* 450. Busarellus nigricollis (Lath.).

Aquila milvoides *Spix* I p. 5 Taf. I, d.
Falco busarellus *Wied* III p. 213.
Buteo nigricollis *Burmeister* II p. 47.
Ichthyoborus nigricollis *Pelzeln* p. 3.
Busarellus nigricollis Cat. Br. Mus. I p, 211.

Gavião de 45—55 centim. de comprimento, que se distingue pelas verrugas finas, em fórma de espinhos, que cobrem a sola dos pés. A côr é pardo-castanha no corpo,

amarellada na cabeça. As pennas do lado dorsal têm, ao longo da haste, uma estria escura. É notavel uma grande mancha escura no meio do pescoço anterior. As remiges da mão são pretas, as do braço e as rectrizes são castanhas, com faxas pretas e têm a ponta preta. Essa especie occorre desde S. Paulo e Rio de Janeiro até a Guyana.

Mus. Paul. Piracicaba.

451. Buteogallus aequinoctialis (Gm.)

Gavião do mangue.

Urubitinga aequinoctialis *Pelzeln* p. 3.

Buteogallus aequinoctialis Cat. Br. Mus. I. p. 212.

Gavião de 48 centim. de comprimento, preto em cima, com orlas castanhas das pennas do dorso. As remiges são castanhas, as da mão com a barba exterior preta. A cauda é preta com as pontas e uma faxa no meio das rectrizes esbranquiçadas. A garganta é denegrida, o resto do lado ventral é castanho, com faxas pretas transversaes. O bico é preto, com a base amarellada, os tarsos e os pés são amarellos.

Essa especie do Pará e da Guyana occorre na costa do Estado de S. Paulo, onde o Snr. R. Krone a caçou em Iguape e ainda mais ao sul em Paranaguá, onde Natterer a obteve. Prefere a zona do mangue.

Mus. Paul. —

* 452. Urubitinga zonura (Shaw.).

Urubitinga *Marcgrav* p. 214.

Aquila urubitinga *Spix* I p. 4 Taf. I, b.

Aquila picta *Spix* I p. 5 Taf. I, c. (juv.).

Falco urubitinga *Wied* III p. 196.

Hypomorphnus urubitinga *Burmeister* II p. 43.

Urubitinga brasiliensis *Pelzeln* p. 2 (Itararé).

Urubitinga zonura Cat. Br. Mus. I p. 213.

Gavião grande, preto, de 55—63 centim. de comprimento. A ave adulta é preta tendo só a base, a ponta e uma larga faxa no meio da cauda brancas. A ave nova

é bruno-amarellenta, com estrias escuras. O bico é preto, os tarsos são amarellos. Os tarsos são altos, tendo duplo comprimento como o dedo mediano sem garra. O bico e a região loral, quasi nua, offerecem certa analogia com o caracará. Essa especie occorre desde a cidade do Rio Grande do Sul, onde a cacei, até a America Central. Vive nos mattos, mas tambem nos campos e banhados.

Mus. Paul. Iguape.

* 453. Leucopternis palliata (Pelz.).

Gavião pombo.

Leucopternis palliata *Pelzeln* p. 3 (Ypanema).
Leucopternis palliata *Berlepsch* I p. 291.
Urubitinga palliata Cat. Br. Mus I p. 218.

Gavião forte de 52—55 centim. de comprimento que tem a cabeça, o pescoço e todo o lado inferior brancos. O dorso é cinzento-denegrido com faxas transversaes brancas no dorso baixo e uropygio. As azas são da côr do dorso com pontas brancas das remiges do braço. A cauda é preta na metade basal, branca na metade distal.

O Snr. von *Berlepsch* obteve essa especie de S.ta Catharina e diz que no Museu de Lisboa existe um exemplar do Rio Grande do Sul. É conhecida tambem em S. Paulo e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

454. Leucopternis lacernulata (Temm.).

Gavião pombo.

Falco skotopterus *Wied* III p. 204.
Buteo scotopterus *Burmeister* II p. 51.
Leucopternis scotoptera *Berlepsch* I p. 290.
Urubitinga lacernulata Cat. Br. Mus. I p. 218.

Especie muito semelhante á precedente da qual differe pela cauda que na metade distal é branca, tendo perto da ponta uma faxa preta, larga, de 20 mm. de largura. Tendo essa especie a mesma distribuição como a precedente,

sendo observada em Rio de Janeiro e S.ta Catharina acceitei-a nessa lista, não obstante não ter ainda exemplar authentico.

Mus. Paul. —

455. Harpyhaliaetus coronatus (Vieill.).

Harpyia coronata *Burmeister* II p. 61.
Harpyhaliaëtus coronatus *Sclater a. Hudson* II p. 66.
Circaetus coronatus *Pelzeln* p. 4 (Rio Paraná, Itararé).
Harpyhaliaetus coronatus Cat. Br. Mus. I p. 221.

Grande gavião cujo pennacho mede 80 centim. de comprimento ou mais. O tarso é em cima provido de pennas, em baixo de escudos amarellos. É grande o pennacho de pennas alongadas, bruno-denegridas, da nuca. A côr é pardo-cinzenta em cima, cinzenta em baixo. A garganta e o pescoço anterior são brancos, os calções e o crisso são denegridos. As remiges são cinzentas, com pontas negras. A cauda é preta com uma faxa larga transversal e as pontas brancas. O bico é preto. É esse o unico gavião de pennacho que vive nos campos. Obtive-o em S. Lourenço, Rio Grande do Sul, onde caça os zorilhos fedendo como estes.

Mus. Paul. —

* 456. Thrasaetus harpyia (L.).

Harpia; Gavião real; Cutucurim.

Harpyia destructor *Burmeister* II p. 59.
Morphnus harpyia *Pelzeln* p. 4.
Harpyia destructor *Brehm* IV p. 649 e figura.
Thrasaetus harpyia *Coues* p. 553.
Thrasaetus harpyia Cat. Br. Mus. I p. 224.

Aguia grande e magestosa de cerca um metro de comprimento, medindo entre as pontas das azas extendidas dous metros. É a aguia maior da America que seria bem digna de figurar nas armas do Brazil. As pennas da nuca formam um pennacho largo, o tarso é em cima provido de pennas, na metade inferior de escudos. As garras, espe-

cialmente a posterior, são muito fortes. A cabeça e o pescoço são cinzentos, com pontas pretas das pennas do pennacho. O dorso, as azas, a cauda e o peito são cinzento-pretos. O resto do lado inferior é branco, com algumas manchas pretas na barriga e com faxas transversaes pretas dos calções. O bico é preto, os tarsos são amarellos. Quanto mais velha fica a ave tanto mais desapparecem as manchas, ficando cinzento o lado dorsal, branco o lado ventral, a cabeça e o pescoço.

A Harpia occorre desde S. Paulo e Paraguay até o Mexico. É provavel que occorra tambem no Estado de S. Paulo Morphnus guyanensis Daud. (cf. *Brehm* IV p. 648 e figura), que obtive no Rio Grande do Sul, gavião branco, com as pennas do pennacho escuras e faxas transversaes pardas no lado inferior.

O nosso exemplar mais bonito de Harpia foi obtido por intermedio do Snr. Mario Rodrigues, de S. José do Rio Pardo. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o japacanim. O nome de harpia vem da mythologia greca sendo applicado ás deusas do tufão e da morte, mandadas como praga á terra. Na heraldica a harpia consiste em uma combinação de aguia e moça. Foi idéa feliz quando Linneu designou essa especie magestosa como Vultur harpyia.

Mus. Paul. S. José do Rio Pardo.

Subfam. Aquilinae.

* 457. Spizastur melanoleucus (Vieill.)

Gavião pato.

Spizaetus atricapillus *Burmeister* II p. 65 nota.
Spizaetus atricapillus *Pelzeln* p. 4 (Ypanema).
Spizaetus melanoleucus *Berlepsch u. Ihering* p. 170.
Spiziastur melanoleucus Cat. Br. Mus. I p. 258.

Gavião de 53—60 centim. de comprimento com a garra do dedo interior enorme e do tamanho da garra posterior. O tarso, como no genero Spizaetus é provido de

pennas. O pennacho da nuca, que é curta e larga, consiste em pennas pouco alongadas e pretas. O dorso e as azas são bruno-denegridas, a cabeça é branca com excepção das pennas pretas, alongadas, da nuca. São brancos como a cabeça tambem o pescoço e todo o lado inferior. As rectrizes são pardo-cinzentas com 4 faxas largas, transversaes, pretas. Os loros e o bico são pretos, a cera e os dedos amarellos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central. O Snr. Valencio Bueno caçou essa especie em Piracicaba onde a tratam de apacanim o que parece ser o nome indigena de todos os gaviões de pennacho. Notei o nome de japacanim que derão os guaranys do Rio Verde ao Thrasaetus.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 458. Spizaetus mauduyti (Daud.).

Apacanim; Nhapacanim branco (Iguape).

Harpyia ornata *Spix* I p. 8.
Urutaurana *Marcgrav* p. 203.
Falco ornatus *Wied* III p. 78.
Spizaetus ornatus *Burmeister* II p. 64.
Spizaetus ornatus *Pelzeln* p. 4 (Ypanema).
Spizaetus ornatus *Berlepsch* I p. 289.
Spizaetus ornatus *Berlepsch u. Ihering* p. 169.
Spizaetus mauduyti Cat. Br. Mus I p. 262.

Gavião grande e bonito, de 65—70 centim. de comprimento. A cabeça em cima é preta como tambem as pennas alongadas pouco numerosas de 6—7 centim. de comprimento, que no occiput formam o pennacho. O pescoço lateral e posterior e os ouvidos são castanhos, o dorso é bruno, com algumas manchas pretas. Em baixo do olho ha uma estria preta. O lado inferior é branco, com faxas transversaes pretas, nos lados do peito, da barriga e nos calções. A cauda é bruna, com cinco faxas denegridas transversaes. As remiges são brunas, com faxas escuras. O bico é preto, os dedos são amarellos.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central nas mattas virgens onde de preferencia caça macacos.

Mus. Paul. Iguàpe.

* 459. Spizaetus tyrannus (Wied).

Apacanim; Nhapacanim preto (Iguape).

Harpyia braccata *Spix* I p. 7 Taf. 3 (S. Paulo).
Falco tyrannus *Wied* III p. 84.
Spizaetus tyrannus *Burmeister* II p. 64.
Spizaetus tyrannus *Pelzeln* p. 4 (Matto Dentro, Ypanema).
Spizaetus tyrannus *Berlepsch u. Ihering* p. 169.
Spizaetus tyrannus Cat. Br. Mus. I p. 264.

Gavião de pennacho, um pouco maior do que o precedente, de côr quasi uniforme preta. Os calções e as coberteiras da cauda têm algumas estrias transversaes brancas. As remiges são pardo-cinzentas, com faxas escuras, as rectrizes são pretas, com quatro faxas transversaes pardo-cinzentas. Os dedos são amarellos, o bico é preto. A femea e a ave nova têm a côr mais bruna, a garganta alvacenta, o peito amarellado, com estrias escuras.

A distribuição geographica e o modo de viver é o mesmo como na especie precedente do mesmo genero. O Sr. Krone obteve essa especie em Iguape.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 460. Elanoides forficatus (L.).

Tapema ou *Tapenna.*

Falco yetapa *Wied* III p. 141.
Nauclerus furcatus *Burmeister* II p. 110.
Nauclerus forficatus *Brehm* Thierleben IV p. 681 e figura.
Nauclerus furcatus *Pelzeln* p. 6 (Matto Dentro, Ypanema).
Elanoides forficatus *Coues* p. 526 fig. 366 e 367.
Elanoides furcatus Cat. Br. Mus. I p. 317.

Gavião tesoura, com as azas e a cauda muito alongadas, medindo 52 centim. A côr é branca, só as azas, o dorso e a cauda são pretos. O bico é preto, os tarsos são cinzentos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America do Norte. Parece que aqui essa especie é ave de arribação, apparecendo no estio. Vive da caça de passaros e insectos que voando apanha. Persegue com preferencia as içás, isto é as femeas aladas da sauva (Atta sexdens L.). Os guaranys do Rio Verde chamam esse gavião tapem. O Sr. Krone caçou-o em Iguape, onde o chamam tesoura, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba, onde o tratam de tapenna.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 461. Rostrhamus sociabilis (Vieill.).

Cymindis leucopygus *Spix* I p. 7 Taf. II.
Falco hamatus *Wied* III p. 182.
Rostrhamus hamatus *Burmeister* II p. 46.
Rostrhamus hamatus *Pelzeln* p. 6.
Rostrhamus sociabilis *Berlepsch* I p. 283.
Rostrhamus sociabilis *Sclater a. Hudson* II p. 72.
Rosthramus sociabilis Cat. Br. Mus. I p. 327.
Rostrhamus leucopygus Cat. Br. Mus. I p. 328.

Gavião de 44 centim. de comprimento, com as azas medindo 33 centim., distinguido pelo bico delgado, muito curvo, com a ponta da maxilla superior comprida. A região loral é quasi núa, a cauda é truncada, com as rectrizes exteriores um pouco mais compridas do que as medianas. A côr é bruno-denegrida, sendo notavel a côr branca da base da cauda. As rectrizes têm a parte terminal preta, com a ponta cinzenta. O bico é preto, a cera e os tarsos são amarellos. A ave nova tem no lado dorsal as pennas com orlas ferruginosas e no lado ventral, que é branco-amarellado, fortes estrias escuras no peito. Duvido que a distincção que Sharpe fez seja exacta. R. sociabilis está distribuido desde a Argentina até a America do Norte.

Observei esse gavião no Rio Grande do Sul, em bandos de 12—20 e vi que elles se nutriam de grandes caramujos dos rios, do genero Ampullaria.

Mus. Paul. Iguape.

* 462. Leptodon uncinatus (Temm.).

Falco uncinatus *Wied* III p. 172.
Falco vitticaudatus *Wied* III p. 178.
Cymindis uncinatus *Burmeister* II p. 108.
Cymindis uncinatus *Pelzeln* p. 5.
Cymindis vitticaudatus *Pelzeln* p. 6.
Leptodon uncinatus Cat. Br. Mus. I p. 330.

Gavião de 40—42 centim. de comprimento. O genero Leptodon é caracterisado pela ponta comprida da maxilla superior, pelas ventas obliquas cobertas de membrana e pela falta de membrana conjunctiva entre as bases dos dois dedos exteriores. A ave adulta é cinzenta, mais escura no lado dorsal. As remiges da mão têm manchas ou faxas na barba interior que são cinzentas em cima, brancas em baixo. As rectrizes têm pontas esbranquiçadas e 1—2 faxas brancas no meio. A ave nova tem o lado dorsal bruno, o lado inferior amarellento, com faxas transversaes pardas ou cinzentas. Os tarsos e dedos são amarellos, o bico é preto excepto a maxilla inferior que é amarella.

Essa especie está distribuida desde S. Paulo até a America Central.

Mus. Paul. Iguape.

* 463. Leptodon cayennensis (Gm.).

Astur cayennensis *Spix* I p. 13 Pl. 8, c.
Falco palliatus *Wied* III p. 148 (juv.).
Cymindis cajanensis *Burmeister* II p. 107.
Cymindis cayanensis *Pelzeln* p. 5 (Matto Dentro, Ypanema).
Leptodon cayennensis Cat. Br. Mus. I p. 333.

Gavião maior e mais forte do que o precedente, com o bico mais alto e curto. O macho tem o comprimento de 45, a femea o de 60 centim. A côr é cinzenta na cabeça, cinzento-denegrida no dorso, branca em todo o lado inferior. Sobre as remiges correm faxas cinzentas, as rectrizes têm duas faxas alvacentas. A cera e a maxilla inferior são amarellas, o bico, os dedos e a parte distal e núa do tarso são cinzento-denegridos. A ave nova tem a cabeça e o pescoço brancos, com o vertice bruno.

Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul, onde a obtive em S. Lourenço, até a America Central.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

464. Elanus leucurus (Vieill.).

Elanus leucurus *Burmeister* II p. 113.
Elanus leucurus *Pelzeln* p. 6 (Itararé, Irisanga).
Elanus glaucus *Coues* p. 525.
Elanus leucurus *Sclater a. Hudson* II p. 71.
Elanus leucurus Cat. Br. Mus. I p. 339.

Gavião de 35 centim. de comprimento, affim ao genero precedente, mas com a região loral provida de pennas. A cauda é um pouco entalhada, tendo a borda posterior concava. As pontas das azas transpassam a ponta da cauda que é curta. A côr é cinzento-clara em cima, branca em baixo. Uma mancha preta cinge os olhos. As coberteiras das azas da região dos encontros são pretas. O bico é preto, os tarsos são amarellos. A especie occorre desde a America do Norte até o Chile e Argentina.

Observo que uma especie affim talvez occorra tambem no oeste do Est. de S. Paulo, Gampsonyx swainsoni Vig., que apenas mede 20 centim. representando o gavião menor do Brazil e do que tive noticia no Rio Grande do Sul sem poder obtel-o e que occorre tambem na Argentina.

Mus. Paul. —

5. Subfam. Falconinae.

* 465. Harpagus diodon (Temm.).

Bidens femoralis *Spix* I p. 15 Pl. 8.
Falco diodon *Wied* III p. 138.
Harpagus diodon *Burmeister* II p. 102.
Harpagus diodon *Pelzeln* p. 5 (Ypanema).
Harpagus diodon *Berlepsch u. Ihering* p. 172.
Harpagus diodon Cat. Br. Mus. I p. 361.

A maxilla superior tem de cada lado, atraz da ponta, dois dentes iguaes. Ave de 30 centim. de comprimento, cinzenta em cima, branco-cinzenta em baixo, com as pernas castanhas. As remiges e rectrizes são brancas, com faxas cinzentas. O bico é preto em cima, amarellento em baixo. Os tarsos e pés são amarellos. A ave nova é bruna, em cima, branca, com estrias escuras longitudinaes, em baixo, e com as pernas castanhas. Essa especie occorre nos mattos do Brazil meridional, desde o Rio Grande do Sul até a Bahia.

Outra especie desse genero com o lado inferior castanho e o posterior dos dois dentes do bico maior, H. bidentatus Lath., do Norte do Brazil, mas observado por Euler e Goeldi no Estado de Rio de Janeiro, não foi até hoje observada no Est. de S. Paulo.

Mus. Paul. S. Paulo (S.to Amaro).

* 466. Ictinia plumbea (Gm.).

Sovi.

Falco plumbeus *Spix* I p. 12 Pl. 8, b.
Falco plumbeus *Wied* p. 126.
Ictinia plumbea *Burmeister* II p. 104.
Ictinia plumbea *Pelzeln* p. 6 (Matto Dentro, Ypanema).
Ictinia plumbea Cat. Br. Mus. I p. 364.

Ave de 35 centim. de comprimento, com as azas muito compridas, extendendo-se até a ponta da cauda. O bico tem um dente. A côr é cinzento-uniforme. As azas e a cauda são pretas. As rectrizes têm 3 faxas transversaes

brancas, mais desenvolvidas no lado inferior do que no superior. As remiges da mão são no meio castanhas. Os tarsos são amarellos, o bico é preto. É ave dos mattos que se nutre, como a especie precedente, de passaros e insectos, e que occorre desde o Rio Grande do Sul até o Mexico, sendo na America do Norte substituida por I. missisippiensis Wils. (cf. figura Brehm IV p. 681). O Sr. Valencio Bueno obteve o sovi em Piracicaba. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'o Sami, ao menos assim julguei; pode ser que elles houvessem dito Sovi.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 467. Falco fusco-caerulescens Vieill.

Falco femoralis *Spix* I p. 18
Falco femoralis *Burmeister* II p. 96.
Hypotriorchis femoralis *Pelzeln* p. 5 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Falco fusco-caerulescens *Sclater a. Hudson* II p. 96.
Falco fusco-caerulescens Cat. Br. Mus. I p. 400.

Gavião pequeno, de 33 centim. de comprimento. A côr é pardo-cinzenta em cima, com faxas brancas no uropygio. Sobre os olhos corre uma larga estria amarella que na nuca se torna castanha, aproximando-se á do outro lado. A garganta e o pescoço anterior e lateral são amarellados. Dos olhos corre uma curta estria preta para baixo. As partes lateraes do peito e da barriga são pretas, com estreitas faxas transversaes brancas, o resto do lado inferior é amarello-ferruginoso. As remiges são brunas, com pontas brancas das da mão. As rectrizes têm 6 faxas brancas e pontas brancas. O bico é escuro, com a base amarella, a cera e os pés são amarellos. A ave nova differe pelo peito escuro, com orlas amarellas, das pennas. Entre os nossos exemplares ha um que é anormal, tendo atraz do dente da maxilla superior outro menor e mais largo na base como no genero Harpagus.

A especie está distribuida desde a Argentina até o Mexico.

Noto que parece provavel que sejam ainda caçadas neste Estado duas outras especies de Falco, sendo *Falco peregrinus L.* (communis Gm.), gavião maior, de 40—50 centim. de comprimento, cinzento em cima, com a cabeça preta, esbranquiçado em baixo, com a barriga e as pernas ornadas de faxas escuras, e *F. aurantius Gm.* (deiroleucus Temm.), que é semelhante a especie seguinte, porem maior, medindo o macho 30, a femea 37 centim. e tendo todo o pescoço castanho. F. peregrinus é especie da Europa e da America do Norte, que na America do Sul foi encontrada no Pará, no Chile e na Argentina. F. aurantius occorre desde Guatemala até o Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 468. Falco albigularis Daud.

Colleirinha; Tentensinho.

Bidens aurantius *Spix* I p. 17.
Falco aurantius *Wied* III p. 120.
Falco aurantius *Burmeister* II p. 98.
Hypotriorchis rufigularis *Pelzeln* p. 5 (Rio Paraná).
Falco albigularis Cat. Br. Mus. I p. 401.

Gavião pequeno, do tamanho do quiri-quiri, medindo o macho 23, a femea 30 centim. A côr é denegrida em cima, branca na garganta e no pescoço anterior, amarello-castanha nos lados do pescoço. O peito e a barriga são pretos, com faxas transversaes brancas, o crisso, as coberteiras inferiores da cauda e os calções são castanhos. As remiges e rectrizes têm manchas ou faxas transversaes brancas. O bico é cinzento-azul, os tarsos e os pés são amarellos. É gavião dos mattos, onde caça passarinhos e que occorre desde o Norte da Argentina até o Mexico. No Estado de S. Paulo occorre só no oeste. O Sr. Valencio Bueno obteve-o em Piracicaba. Não tenho informações exactas sobre as especies que se entendam sob a denominação de tenten.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 469 Tinnunculus cinnamominus (Swains.).**

Quiri-quiri.

Bidens sparverius *Spix* I p. 16.
Bidens dominicensis *Spix* I p. 16.
Falco sparverius *Wied* III p. 116.
Falco sparverius *Burmeister* II p. 93.
Tinnunculus sparverius *Pelzeln* p. 5 (Matto Dentro, Ypanema).
Tinnunculus cinnamominus *Sclater a. Hudson* II p. 69.
Cerchneis cinnamomina Cat. Br. Mus. I p. 439.

Gavião pequeno, de 27 centim. de comprimento. O macho tem a cabeça em cima e as coberteiras exteriores das azas azul-cinzentas. O dorso é castanho, com algumas manchas pretas. A cada lado da cabeça notam-se tres estrias largas, pretas. A cauda é castanha, com uma larga faxa preta, perto da ponta. O lado inferior é branco-amarello, com manchas pretas no peito e na barriga. O bico é cinzento-escuro, a cera e os tarsos são amarellos. A femea tem o dorso e as rectrizes castanhas, com numerosas faxas transversaes. Essa especie occorre desde a Patagonia até a Venezuela, sendo substituida na America do Norte por T. sparverius L., cuja cabeça, em cima, é castanha. O quiri-quiri representa entre nós o francelho da Europa T. tinnunculus L. O nome quiri-quiri, usado tambem pelos guaranys do Rio Verde, imita a voz desse gavião.

Mus. Paul. Ypiranga.

VIII. Ordem Steganopodes.

Aves aquaticas que vivem nos rios e lagoas ou na costa do oceano. O caracter distinctivo é formado pelos pés, cujos quatro dedos são todos unidos entre si por uma membrana. O dedo posterior, livre nos outros palmipedes, é intimamente e até a ponta, ligado por membrana com o dedo interior. As pernas são curtas, situadas muito para traz. A forma do bico é differente nos diversos generos, mas as ventas são sempre estreitas, situadas á base do bico,

sendo, ás vezes, completamente fechadas. Na base do bico, o espaço comprehendido entre as duas metades da maxilla inferior, desprovido de pennas, é occupado por uma membrana que pode ser bastante extendida. As margens cortantes do bico são lisas no genero Phalacrocorax, denteadas nos outros generos. O bico é paragnatho na familia Plotidae, epignatho nas outras familias. Nas azas ha 10 remiges da mão e 26—30 do braço. O numero das rectrizes é, nos generos aqui representados, 12 (Sulidae, Plotidae) ou 12—14.

As aves desse grupo são nadadoras, nutrindo-se quasi exclusivamente de peixes, e ao mesmo tempo voam perfeitamente. O bigua-tinga é encontrado só nos rios grandes, o bigua é encontrado nas mesmas circumstancias e tambem na costa do mar, o mergulhão e o alcatraz são aves maritimas.

Temos no Estado de São Paulo quatro representantes do grupo. Não me consta terem sido observados em nossa costa exemplares do genero Phaeton, distinguido pelo comprimento extraordinario das rectrizes medianas da cauda, que são quasi desprovidas de barba e de côr branca ou vermelha.

FAM. TACHYPETIDAE.

* 470. Tachypetes aquilus (L.).

Alcatraz; Tesoureiro.

Tachypetes aquila *Wied* IV p. 885.
Tachypetes aquila *Spix* II p. 82 Pl. 105 (♀).
Tachypetes aquilus *Burmeister* III p. 459.
Tachypetes aquilus *Pelzeln* p. 326.
Tachypetes aquilus *Brehm* Thierleben III p. 586.
Tachypetes aquilus *E. Coues* Key p. 730 (com figura).
Fregata aquila *Sclater a. Salvin* Nomenclator p. 124.

O alcatraz é ave maritima, distribuida desde os Estados meridionaes da America do Norte até Paranaguá, donde temos um exemplar, procurando na nossa costa os logares

menos accessiveis, tendo uma ilha, por essa razão, o nome de Ilha dos Alcatrazes. O macho é preto, com os pés e a garganta, que é núa, de côr vermelha; a femea tem o peito e o pescoço brancos. A cauda é dividida como a da tesoura e muito comprida. O bico tem a ponta recurvada para baixo. Recebemos os ovos desse passaro que nós foram enviados pelo Sr. *R. Krone*, que os colheu perto de Iguape. São brancos, medindo 6,5: 4,9 até 7,5: 4,8 centim. O nome grapirá que Wied indica, não parece ser conhecido na costa de S. Paulo.

Mus. Paul. S. Sebastião; Iguape.

FAM. SULIDAE.

* 471. Sula fiber (L.).

Mergulhão.

Sula brasiliensis *Spix* II p. 83 Pl. 107.
Dysporus sula *Wied* IV p. 891.
Sula brasiliensis *Burmeister* III p. 458 (S.ta Catharina).
Sula leucogastra *Coues* Key p. 720.
Sula fusca *Pelzeln* p. 325.
Sula fiber *Sclater a. Salvin* Nomencl. p. 124.

O bico no genero Sula é direito, sem a ponta recurvada e sem ventas, com as margens cortantes denteadas. A garganta e o loro são nús, branco-encarnados. Na cauda são as rectrizes medianas um pouco mais compridas do que as lateraes.

O mergulhão é, como a especie precedente, ave maritima e distribuida desde a Florida e Georgia até Santa Catharina. A côr é pardo-escura, a barriga é branca. Voando em bandos formam a figura de um V. O ovo que temos de Iguape é verde-azulado, sendo coberto de uma crôsta calcarea, branca, medindo 6: 4,1 centim. Natterer obteve essa especie no Rio de Janeiro e Paranaguá, R. Krone em Iguape.

Mus. Paul. São Sebastião.

FAM. PHALACROCORACIDAE.

* 472. Phalacrocorax brasilianus (Gm.).

Biguá; Corvo marinho.

Carbo brasilianus *Spix* II p. 83 Pl. 106.
Halieus brasilianus *Wied* IV p. 895.
Halieus brasilianus *Burmeister* III p. 460.
Graculus brasilianus *Pelzeln* p. 325 (Ypanema).
Phalacrocorax brasilianus *Sclater a. Hudson* II p. 91.
Phalacrocorax brasilianus *v. Berlepsch* II p. 282.

O Biguá é encontrado desde a Guiana até a Patagonia. O colorido é preto, o bico amarello e recurvado na ponta, o loro e a garganta são nús e amarellos. As pennas compridas da cauda caracterisam bem essa ave, que vive tanto na costa do mar como nas lagoas e rios do interior do Brazil. Não conheço o ovo. A ave nova é bruna, com o peito branco. O Sr. R. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. PLOTIDAE.

* 473. Anhinga anhinga (L.).

Biguá-tinga.

Anhinga *Marcgrav* p. 218.
Plotus anhinga *Wied* IV p. 900.
Plotus anhinga *Burmeister* III p. 461.
Plotus anhinga *Pelzeln* p. 325.
Plotus anhinga *Coues* p. 730.

É essa uma segunda especie de Biguá que não é toda preta como a outra, tendo parte do pescoço, dorso e azas riscados de branco, sendo por essa razão denominada Biguá tinga. O bico é recto, não sendo recurvado na ponta, e tem as margens masticatorias denteadas.

O principe Wied diz que esse Biguá, como o preto, dorme á noite em arvores do matto e alli constróe o seu

ninho. Não conheço o ovo. Natterer encontrou essa especie em Matto Grosso e Amazonas, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba.

Mus. Paul. —

IX Ordem. Herodiones.

Aves aquaticas, na maior parte grandes, caracterisadas pelas pernas compridas, excedendo em tamanho o tronco, que lhes servem para caminhar na margem dos rios e lagoas, onde procuram o seu alimento, que consiste em rans, cobras, peixes e outros animaes da agua. É por essa razão que têm o nome de *pernaltas*. A perna é núa na parte inferior, os tarsos são compridos, munidos de escudos hexagonaes em frente ou « reticulados », isto é, com escudinhos pequenos, irregulares, os pés são na base munidos de uma membrana curta que liga entre si os tres dedos anteriores, que são compridos. O dedo posterior é grande e toca no chão. Os pés servem só para caminhar, sendo a presa agarrada pelo bico. O bico é comprido, paragnatho, com as margens cortantes e largo na base, onde passa sem limite marcado no craneo, que é menos comprido do que o bico. Na base do bico não ha cera, sendo as ventas estreitas, situadas na base do bico referido. A região loral e a face, especialmente ao redor do olho, são núas. O pescoço é comprido, composto de 15—19 vertebras. Nas azas ha 10—11 remiges da mão, 16—24 do braço. As ultimas remiges do braço são muito alongadas igualando em comprimento ás primeiras remiges da mão. A cauda é curta contendo 12 rectrizes, excepto nas Botaurinae que têm 10.

A lingua é grande, comprida nas garças, menor nas cegonhas e extremamente curta nas Ibididae. Não ha papo no esophago. O nutrimento é apenas cortado em alguns pedaços e engolido. Não sabem nadar ou pouco apenas, mas voam bem, com as pernas extendidas para traz. São em parte aves de arribação, comparecendo depois de chuvas prolongadas nos campos inundados. Costumam

descançar no chão, pousadas n'um pé, recolhendo o outro. Deitam-se com facilidade em arvores, onde constróem os seus ninhos de galgos, pondo ovos de côr uniforme, branca ou verde-azul. Os filhotes ficam muito tempo no ninho, para onde os pais lhes trazem o nutrimento. Sendo pouco desenvolvido o larynge, têm apenas uma voz simples, rouca, que poucas vezes fazem ouvir, distinguindo-se apenas nesse sentido as garças denominadas socó-boi pela voz forte.

As especies encontradas no Estado de S. Paulo pertencem ás cinco familias seguintes:

Ardeidae. O bico é mais comprido do que a cabeça, directo e pontagudo, com uma fossa nasal comprida na maxilla superior e as ventas pequenas, lineares. Os loros são nús, o resto da cabeça é provido de pennas. Os tarsos têm escudos grandes na frente. A unha posterior é mais curva e mais forte do que as outras, a unha do dedo mediano tem o lado interior denteado. As remiges do braço são muito compridas, cobrindo as da mão quando a aza descança. O pescoço é delgado nas garças do genero Ardea, grosso, com pennas mais erectas nos socós.

A cauda tem 10 rectrizes na subfamilia Botaurinae e na subfamilia Ardeinae. Durante o tempo nupcial apparecem em muitas especies pennas especiaes que faltam ás aves novas. Ora são pennas alongadas da nuca ou do pescoço, ora pennas singulares, compridas, no dorso, como entre as garças brancas. O macho é maior do que a femea. As especies do genero Nycticorax, que têm o bico um pouco mais largo e curto, descançam durante o dia, caçando á noite. Pertencem a essa familia cosmopolita, as garças e socós. Ao contrario das cegonhas, que andam com o pescoço extendido, costumam aproximar a cabeça aos encontros, pondo o pescoço em curvas em forma de S, extende-o rapidamente quando querem pegar uma presa, perfurando-a com a ponta do bico.

Cancromidae. Pequena familia creada por uma só especie da America do Sul. O bico é bem singular, largo, convexo em cima, plano em baixo. As pernas são providas

de pennas até os tarsos. A unha do dedo mediano é denteada. Tratam essa ave de savacu na Guyana, de colhereiro aqui. Representa uma modificação dos socós do genero Nycticorax.

Ciconiidae. Assemelham-se ás garças tendo, porém, o bico mais grosso e sem fossa nasal. A unha do dedo mediano é sem margem denteada. Os tarsos são compridos e reticulados. As unhas são largas e achatadas. O dedo posterior é collocado mais alto e não toca no chão. O bico é recurvado para baixo na subfamilia Tantalinae com o genero Tantalus, direito ou curvado para cima nas Ciconiinae. Fazem parte dessa familia cosmopolita as cegonhas e jabirús.

Ibididae. E' o bico comprido, recurvado, mais ou menos cylindrico, com a ponta obtusa, que caracteriza essa familia. As ventas são situadas na base do bico, mas a fossa nasal que delles sahe, extende-se por toda a extensão do bico, de cada um de seus lados. A fronte, o loro e a garganta são nús, ás vezes toda a cabeca. As unhas são lateralmente compressas, curvadas. O dedo posterior é pequeno, quasi não tocando no chão. Pertencem a essa familia, mais ou menos cosmopolita, de nossas aves os tapicurús, guarás e curicacas.

Plataleidae. Familia pequena, contendo as especies de Platalea do velho mundo e da Ajaja da America, comprehendendo os colhereiros, que são bem caracterisados pelo seu bico largo, achatado, mais largo e arredondado na ponta, sendo por essa razão comparado a uma colher chata. A fossa nasal corre na margem lateral da maxilla superior até a ponta, mostrando que o colhereiro é apenas uma forma especialisada das Ibididae. O dedo posterior é bem desenvolvido.

FAM. ARDEIDAE.

Subfam. I. Ardeinae.

*** 474. Ardea cocoi L.**

João grande; Baguari (Piracicaba).

Cocoi *Marcgrav* p. 209.
Ardea maguari *Spix* II p. 171 Taf. 90 (nec Linn.).
Ardea cocoi *Wied* IV p. 598.
Ardea cocoi *Burmeister* III p. 415.
Ardea cocoi *Pelzeln* p. 300 (Ypanema).
Ardea cocoi *Sclater a. Hudson* II p. 93.
Ardea cocoi *Berlepsch* I p. 269.

A especie maior entre as nossas garças, medindo 110 centim. ou mais de comprimento, sendo o das azas 46, o do bico 14 centim. A côr é cinzenta no dorso, branca em baixo e no pescoço. A cabeça é preta em cima, como são pretas tambem as pennas alongadas da nuca que formam um pennacho pendente. Os lados do pescoço anterior e do peito são preto-estriados. As remiges e rectrizes são denegridas. O bico é amarello, as pernas são escuras. A ave nova é pardo-cinzenta, com o pescoço anterior estriado.

A especie é commum desde a Patagonia até a Guyana, sendo encontrada nos rios e lagos. Tratam-n'a de Baguari no norte do Brazil e aqui de João grande, ás vezes, de Baguari, o que antes parece ser uma das denominações da Ciconia. Ouvi tambem o nome de Tabuyayá.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

*** 475. Ardea egretta Gm.**

Garça branca grande.

Guiratinga *Marcgrav* p. 210
Ardea egretta *Wied* IV p. 607.
Ardea leuce *Burmeister* III p. 416.
Ardea egretta *Pelzeln* p. 300 (Ypanema).
Ardea egretta *Sclater a. Hudson.* II p. 98.
Herodias egretta *Coues* p. 658.
Ardea egretta *Berlepsch* I p. 265.

O comprimento total é de 82 centim., o das azas de 35—37, o do bico de 11 centim. Faltam pennas alongadas da nuca. A côr é branca, as pernas são pretas, o bico é amarello. A especie é commum desde a Patagonia até a America do Norte. O Sr. R. Krone caçou essa especie e a seguinte em Iguape, onde colleccionou tambem os seus ovos.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 476. Ardea candidissima Gm.

Garça branca pequena.

Ardea candidissima *Wied* IV p. 612.
Ardea nivea *Burmeister* III p. 417.
Ardea candida *Burmeister* III p. 417, nota.
Ardea candidissima *Pelzeln* p. 300 (Ypanema).
Ardea candidissima *Sclater c. Hudson.* II p. 99.
Ardea candidissima *Berlepsch* I p. 267.
Garzetta candidissima *Coues* p. 660.

Especie menor do que a precedente, medindo 56 centim. O comprimento das azas é de 25, o do bico de 8 centim. A côr é branca. Na nuca ha algumas pennas alongadas. O bico e as pernas são pretos, mas o loro e a base da maxilla inferior são amarellos. Parece que essa especie não está distribuida até a Patagonia, sendo em geral a sua distribuição geographica a mesma. O Sr. Valencio Bueno diz que a tratam em Piracicaba de garceta real.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 477. Ardea caerulea L.

Garça azul.

Ardea caerulea *Wied* IV p. 604.
Ardea coerulea *Burmeister* III p. 414.
Ardea coerulea *Pelzeln* p. 301 (Ypanema).
Ardea caerulea *Sclater a. Hudson.* II p. 99.
Florida caerulea *Coues* p. 661.

Especie de 50 centim. de comprimento, de côr azul escura ou cinzento-azul, com a cabeça e o pescoço roxo ou, ás vezes, roxo-castanho. As pernas são pretas. O bico é azul, com a ponta denegrida. A ave nova é branca.

Essa especie occorre desde a Patagonia até a America do Norte. Obtive-a no Estado do Paraná.

Mus. Paul. Iguape.

* 478. Ardea virescens L.

Ardea virescens *Burmeister* III p. 412.
Butorides virescens *Coues* p. 662.
Ardea virescens Check List N. American Birds II p. 73.

Especie pequena, de 40—45 centim. de comprimento, pardo-cinzenta em cima, com o vertice e as pennas alongadas da nuca preto-verdes. As coberteiras exteriores das azas têm as margens e as pontas ferruginosas. As remiges têm um lustro verde-metallico e as pontas brancas. A garganta é branca, o pescoço anterior castanho, com estrias amarelladas no meio das pennas. A ave nova tem o pescoço anterior bruno-cinzento. O bico é escuro em cima, amarello em baixo; os loros e as pernas são amarellas.

A especie parece não occorrer ao Sul de S. Paulo, sendo mais do norte do Brazil até a America do Norte. Temos um couro de «S. Paulo», mas sobre cuja procedencia não ha informações exactas.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 479. Ardea striata L.

Ardeola *Marcgrav* p. 210.
Ardea scapularis *Wied* IV p. 623.
Ardea scapularis *Burmeister* III p. 411.
Ardea scapularis *Pelzeln* p. 301 (Ypanema, Itararé, Borda do Matto).
Butorides cyanurus *Sclater a. Hudson* II p. 101.
Butorides cyanurus *Berlepsch* I p. 270.
Butorides striata *Berlepsch u. Ihering* p. 174.

Especie semelhante á precedente, de 35—45 centim. de comprimento, medindo as azas 16—18, o bico 5—6 centim. A côr é cinzento-clara no peito e na barriga, cinzento-azul em cima. A cabeça em cima é preta, como tambem as pennas alongadas da nuca. As azas são pretas com lustro verde-metallico, as coberteiras exteriores das azas têm orlas amarelladas. A garganta é branca, o pescoço anterior tem manchas pretas e as pontas das pennas em grande extensão castanhas. As pernas são côr de laranja, o bico é bruno-denegrido. A especie occorre desde a Argentina até a Venezuela. O Sr. Krone diz que em Iguape dão a essa especie o nome de *João Manoel.*

Mus. Paul. Iguape.

* 480. Tigrisoma brasiliense (L.).

Socó-boi; Tayassu (Piracicaba).

Socó *Marcgrav* p. 210.

Ardea brasiliensis *Burmeister* III p. 410.

Tigrisoma brasiliense *Pelzeln* p. 302 (Taipa, Ypanema).

Especie de 75 centim. de comprimento, differindo pela cauda e pelos pés dos socó-boi do genero Botaurus. A côr é pardo-cinzenta nas costas, com numerosos salpicos e faxas transversaes amarelladas. O pescoço anterior é branco, com largas estrias pretas. O peito e a barriga são pardo-cinzentos. As pennas da cabeça são pardas, com faxas pretas. As remiges e rectrizes são uniformes, bruno-denegridas. A ave nova tem a côr amarello-vermelha, com faxas pretas, largas e as rectrizes pretas, com quatro faxas brancas transversaes.

O Sr. von *Berlepsch* (Berlepsch u. Ihering p. 174), distingue dessa especie outra affim, T. fasciatum Such. (= lineata Wied), que tem na base lateral do bico duas estrias de pennas que á especie presente faltam. A ave adulta de T. fasciatum tem a cabeça em cima uniforme, preta. Os nossos exemplares não têm estrias de pennas entre os olhos e o bico. Falta-me a necessaria litteratura e o material para formar uma opinião propria. Observo,

entretanto, que *Pelzeln* diz que as duas pretendidas especies apenas representam differentes fórmas de idade e sexo de uma unica especie que habita todo o Brazil e a Guyana. O Sr. Krone obteve essa especie em Iguape, onde a denominam Socó-gato.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

481. Nycticorax pileatus (Bodd.).

Garça real.

Ardea pileata *Wied* IV p. 617.
Ardea pileata *Burmeister* III p. 406.
Nycticorax pileatus *Pelzeln* p. 302 (Ypanema).
Nycticorax pileatus *Berlepsch* I p. 271.

Especie semelhante á precedente, toda branca, tendo só a cabeça em cima preta. As pennas alongadas da nuca são brancas. O bico e o loro são azues, as pernas são cinzentas. O comprimento do bico é de 7 centim. É ave arisca e elegante, que está distribuida desde S.ta Catharina até a America Central.

Mus. Paul. —

* 482. Nycticorax violaceus (L.).

Ardea cayanensis *Wied* IV p. 652.
Ardea violacea *Burmeister* III p. 407.
Nycticorax violaceus *Pelzeln* p. 303.
Nycterodius violaceus *Coues* p. 663.

Outra especie semelhante em tamanho e modo de viver ás duas precedentes. A côr é cinzenta, com manchas escuras no dorso. A cabeça é preta, com o vertice e uma estria larga, que corre de cada lado na face, brancos. As pennas alongadas da nuca são brancas. O bico é preto, as pernas são amarellentas. A especie occorre desde Paranaguá, onde Natterer a caçou, até a America do Norte.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

483. Nycticorax sibilatrix (Temm.).

Socó.

Ardea sibilatrix *Burmeister* III p. 407, nota.
Nycticorax sibilatrix *Berlepsch u. Ihering* p. 174.
Ardea sibilatrix *Pelzeln* p. 301 (Itararé).
Ardea sibilatrix *Sclater a. Hudson* II p. 100.

Socó de 55 centim. de comprimento, cinzento em cima, a excepção da cabeça que é preta e tem pennas alongadas na nuca. As remiges são denegridas. Atraz dos olhos uma mancha avermelhada. A base do bico e o loro são azues. As coberteiras exteriores das azas são avermelhadas, com estrias escuras. O lado inferior é branco, excepto o peito e parte do pescoço que são amarello-claros. As pernas são pretas. O bico é vermelho, com a ponta preta. E' especie do Brazil meridional, da Argentina e do Paraguay, que Natterer obteve em Itararé, R. Krone em Iguape.

Mus. Paul. —

* **484. Nycticorax nycticorax naevius (Bodd.).**

Socó-gallinha (Iguape); *Guacuru* (Piracicaba).

Ardea nycticorax *Wied* IV p. 646.
Ardea gardeni *Burmeister* III p. 405.
Nycticorax griseus naevius *Berlepsch u. Ihering* p. 174
Nyctiardea grisea naevia *Coues* p. 662.
Nycticorax gardeni *Pelzeln* p. 303 (Ypanema, Irisanga).

Socó de 60 centim. de comprimento, branco, com as azas e a cauda cinzentas, o dorso e a cabeça em cima pretos. Na nuca notam-se algumas pennas estreitas, muito compridas e brancas. As pernas são amarelladas, o bico é preto. A ave nova é amarellada, com estrias escuras longitudinaes nas pennas. E' essa especie apenas uma variedade da N. nycticorax L. da Europa e da America do Norte. E' ave nocturna que dorme de dia em arvores e caça de noite peixes e rãs nos banhados. Occorre por toda parte no Brazil, sendo substituida na Argentina por especie pouco differente, N. obscurus Bp.

Mus. Paul. S. Paulo.

SUBFAM. 2. BOTAURINAE.

*** 485. Botaurus pinnatus (Wagl.).**

Socó-boi.

Ardea brasiliensis *Wied* IV p. 642.

Ardea pinnata *Burmeister* III p. 408.

Botaurus pinnatus *Pelzeln* p. 302.

Os socó-boi do genero Botaurus distinguem-se dos do genero Tigrisoma além da differença já notada na cauda, pelos dedos que são muito compridos com as unhas pouco arqueadas, mais compridas no genero Botaurus. Na especie presente são as medidas do comprimento total 62 centim., do bico 10, do tarso 10, do dedo mediano com a unha 12 centim. A côr é amarello-ferruginosa, com numerosas manchas e faxas transversaes pretas. As rectrizes são pretas, com as pontas orladas de amarello. As remiges do braço têm na ponta manchas castanhas.

E' essa especie do Norte do Brazil e da America Central, que diversos caçadores me affirmaram existir no curso inferior do Rio Tieté. O principe Wied obteve-a na Bahia, Natterer no Amazonas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo (?).

*** 486. Ardetta exilis (Gm.).**

Ardea erythromelas *Pelzeln* p. 302.

Ardetta exilis *Coues* p. 664.

Especie pequena, de 30—35 centim. de comprimento, medindo o bico 4,5—5 centim. A cabeça é em cima preta no meio, castanha nos lados. O pescoço posterior e parte das coberteiras das azas são castanhas. O dorso e a cauda são pretos, com lustro verde. O lado inferior é amarellado com uma grande mancha escura ao lado do peito. O bico é amarello, com o culmen denegrido, as pernas sao verde-amarellas.

Essa especie occorre desde S. Paulo até a America do Norte. Parece que Wied e Burmeister a confundiram com a especie seguinte, que se distingue pelas pontas castanhas das remiges cinzento-brunas.

Mus. Paul. Iguape.

* 487. Ardetta involucris (Vieill.).

Ardea erythromelas *Wied* IV p. 629.
Ardea erythromelas *Burmeister* III p. 413 (nec Vieill.).
Ardetta involucris *Sclater a. Hudson* II p. 101 e Pl. XVII.

Especie muito chegada á precedente. A côr é pardo-cinzenta no lado dorsal. A cabeça em cima é preta no meio, castanha na fronte e nos lados. O dorso é preto-estriado, occupando uma larga estria preta o meio de cada penna. Parte das coberteiras exteriores e as pontas das remiges são castanhas. O lado inferior é alvacento, com estrias longitudinaes escuras no pescoço, no peito e nos lados da barriga. O bico é amarello, as pernas são denegridas. Essa especie que occorre na Argentina e no Paraguay e que eu obtive no Rio Grande do Sul, temol-a de Iguape.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. CANCROMIDAE.

* 488. Cancroma cochlearia L.

Colhereiro.

Tamatia *Marcgrav* p. 208.
Cancroma cochlearia *Wied* IV p. 660.
Cancroma cochlearia *Burmeister* III p. 404.
Cancroma cochlearia *Pelzeln* p. 303.
Cancroma cochlearia *Brehm* Thierleben VI p. 391 e figura.

O bico grande e largo, convexo em cima, plano em baixo, assemelhando-se a uma canoa virada distingue esse singular genero. A côr é cinzenta, com a barriga castanha no meio, preta nos lados. O vertice é preto, a fronte, a face, a garganta e o pescoço anterior são brancos, o peito é bruno-amarellado. As pernas são amarelladas, o bico é bruno em cima, amarello em baixo.

Essa ave é commum em Matto Grosso, no Norte do Brazil e na America Central. Segundo informações que tenho occorre no baixo Rio Tieté. O Sr. Krone obteve um ou dois exemplares em Iguape.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. CICONIIDAE.

* 489. Mycteria americana L.

Jabirú.

Jabiru *Marcgrav* p. 200.
Mycteria americana *Wied* IV p. 675.
Ciconia mycteria *Burmeister* III p. 418.
Mycteria americana *Pelzeln* p. 305 (Rio Paraná).
Mycteria americana *Coues* p. 653.
Mycteria americana *Sclater a. Hudson* II p. 106.

Especie grande, branca, cujas azas medem 60—65 e o bico 25—30 centim. A cabeça e o pescoço são nús, pretos, só a parte inferior do pescoço, perto do peito, é encarnada. As pennas são brancas, as pernas pretas. O bico é forte, immenso, direito e um pouco recurvado para cima. A especie occorre desde o Rio da Prata até Texas. O nome indigena della é jabirú, mas em geral essa e as duas seguintes especies são confundidas pelo povo e denominadas jabirú, tuyuyú ou baguari. Parece conveniente restringir a applicação do nome jabirú á especie presente que ás vezes é encontrada em tempo de chuvas nos arrabaldes da capital.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 490. Ciconia maguari Gm.

Biguari; Cegonha; Jabirú moleque.

Maguari *Marcgrav* p. 204.
Ciconia jaburu *Spix* II p. 71 Taf. 89.
Ciconia maguari *Wied* IV p. 677.
Ciconia maguari *Burmeister* III p. 419.

Ciconia maguari *Pelzeln* p. 304 (Irisanga).
Euxenura maguari *Sclater a. Hudson* II p. 106.

Essa ave é menor do que o jabirú, medindo cada uma das azas 50 contim. É uma verdadeira cegonha e tem a cabeça e o pescoço providos de pennas, ficando nús apenas a garganta e a região loral, que são encarnadas. O bico é menor do que no jabirú e bruno-cinzento. A côr é branca, só as remiges e rectrizes são pretas. A especie está distribuida desde a Argentina, por toda a America do Sul. É ave arisca, rara e pouco conhecida. Os guaranys do Rio Verde chamam-na guara-vae.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 491. Tantalus loculator L.

Tuyuyú.

Jabiru-guaçú *Marcgrav* p. 200.
Tantalus plumicollis *Spix* II p. 68 Taf. 85.
Tantalus loculator *Wied* IV p. 682.
Tantalus loculator *Burmeister* III p. 420.
Tantalus loculator *Pelzeln* p. 305 (Rio Paraná).
Tantalus loculator *Sclater a. Hudson* II p. 108.
Tantalops loculator *Coues* p. 653, fig. 455.

O bico no genero Tantalus é na base muito grosso, da largura da face, comprido, recurvado para baixo e mais ou menos cylindrico. A cabeça e parte do pescoço são núas, escamosas na ave adulta, tendo pennas quando a ave é nova. A côr é branca. As remiges e rectrizes são pretas. O bico e a cabeça são cinzento-denegridos, as pernas cinzentas. É especie commum nas lagoas e nos banhados desde a Argentina até Nova York. O Sr. Valencio Bueno que a caçou em Piracicaba diz que a tratam de Curicaca, o que porém fazem com engano, confundindo-a com uma especie das Ibididae. Sobre a trachea, veja-se o que digo do colhereiro p. 387. O Sr. Krone diz que em Iguape tratam essa especie de jabiru, e a Mycteria de Tuyuyu.

Mus. Paul. São Paulo.

FAM. IBIDIDAE.

* 492. Guara rubra (L.).

Guará.

Ibis leucopygus *Spix* II p. 70 Taf. 87 (juv.).
Ibis rubra *Burmeister* III p. 425.
Ibis rubra *Pelzeln* p. 306.
Guara rubra Chek List. of N. American Birds II Ed. 1895 p. 67.
Eudocimus ruber *Coues* Key p. 651.

O guará é especie facil de conhecer, devido á cor uniforme encarnada, a excepção da ponta e da barba interior das remiges, que são pretas. A região da fronte, do loro e a garganta são nús, vermelhos. As pernas são vermelhas, o bico é preto. As pernas são como no genero Plegadis, com o qual talvez essa especie deve ser reunida. O guará é ave do Norte do Brazil, distribuida até as Antilhas, que, porém, desce até Iguape e mais ainda, ás vezes, até Paranaguá, onde Natterer o caçou. Estas migrações só acontecem no verão.

Mus. Paul. Costa do Estado de São Paulo.

* 493. Plegadis guarauna (L.).

Tapicurú (Piracicaba); *Curicaca* (Rio Claro).

Ibis guarauna *Burmeister* III p. 424.
Ibis falcinellus *Pelzeln* p. 306 (Ypanema).
Falcinellus igneus *Sclater a. Salvin* Nomencl. p. 126.
Plegadis guarauna *Coues* Key p. 649.
Plegadis guarauna *Sclater a. Hudson.* II p. 109.

O genero Plegadis tem as pernas e o pescoço mais compridos do que as especies seguintes. O tarso é munido na frente de escudos grandes em uma serie. Só a região loral é núa. A côr é pardo-cinzenta ou bruna com reflexo metallico de côr roxa em baixo, verde nas azas e na cauda.

As pennas da cabeça e do pescoço têm orlas brancas. As pernas são roxo-brunas, o bico é pardo-cinzento e tem

o comprimento de 110—130 mm. Esta especie occorre desde o Rio da Prata até Paraguay, S. Paulo e Matto Grosso. O Sr. *Valencio Bueno* disse-me que conhece essa especie e a seguinte como aves de arribação em Piracicaba. É possivel que tenhamos aqui as duas especies semelhantes Pl. guarauna e falcinellus, mas falta-me a necessaria litteratura para decidir a questão.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 494. Phimosus infuscatus (Licht.).

Tapicurú (Piracicaba); *Carão* (Iguape).

Ibis nudifrons *Spix* II p. 69 Taf. 86.
Ibis infuscata *Wied* IV p. 699.
Ibis infuscata *Burmeister* III p. 422 (S. Paulo).
Geronticus infuscatus *Pelzeln* p. 307. (Rio Paraná).
Phimosus infuscatus *Sclater a. Hudson* II p. 113.

Essa especie distingue-se bem pela cara encarnada e núa desde a garganta e a fronte até atraz do olho, e pelo bico alvacento-encarnado. A côr é bruno-denegrida com reflexos metallicos, verde e roxo. As pennas são bruno-encarnadas. Essa especie é encontrada desde o Rio da Prata, por todo o Brazil, até a Columbia. O Sr. *Valencio Bueno* caçou-a em Piracicaba, o Sr. *Krone* em Iguape.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

495. Theristicus caudatus (Bodd.).

Curicaca.

Curicaca *Marcgrav* p. 191.
Ibis albicollis *Wied* IV p. 698.
Ibis melanopis *Burmeister* III p. 421.
Geronticus albicollis *Pelzeln* p. 207 (Itararé).
Theristicus melanopis *Sclater a. Salvin* p. 127.
Theristicus caudatus *Sclater a. Hudson* II p. 110.

Esta especie, que é pardo-cinzenta nas costas e nas azas, é bem caracterisada pela côr branco-amarella do pescoço e pela côr pardo-castanha do peito e do vertice.

A garganta tem de cada lado uma zona núa, que é preta como a região núa do loro e ao redor do olho. O bico é preto na base, verde na ponta. As coberteiras exteriores são esbranquiçadas, as remiges e as rectrizes são pretas, com lustro verde. O peito e a barriga são preto-cinzentos. O comprimento do bico é 170 mm., o da aza 400 mm. Essa especie está distribuida por toda a America meridional até a Patagonia. O Sr. Krone affirma tel-a observado em Iguape.

Mus. Paul. —

* 496. Harpiprion cayennensis (Gm.).

Tapicurú.

Ibis sylvatica *Wied* IV p. 702.
Ibis cayennensis *Burmeister* III p. 423.
Geronticus cayennensis *Pelzeln* p. 207 (Matto Dentro, Ypanema, Irisanga).

Especie um pouco maior do que Phimosus infuscatus. A côr é bruno-denegrida, com lustro metallico-verde e roxo. A região loral e a circumferencia do olho são núas como tambem a garganta sendo de côr verde como o bico e as pernas. E' especie dos mattos, onde vive á borda dos rios ou em banhados, distribuida desde Paraná e S. Paulo até a Guyana.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. PLATALEIDAE.

* 497. Ajaja ajaja (L.).

Colhereiro.

Ajaja *Marcgrav* p. 204.
Platalea ajaja *Wied* IV p. 668.
Platalea ajaja *Burmeister* III p. 427.
Platalea ajaja *Pelzeln* p. 304 (Ypanema).
Ajaja rosea *Sclater a. Hudson* II p. 114.

O colhereiro tem a garganta, a fronte e o loro nús, o bico largo e achatado. A côr é esbranquiçada na cabeça

e no pescoço, côr de rosa no corpo, mais vivo escarlate nas azas. Conforme a edade muda o colorido. O colhereiro está distribuido por toda a America meridional e pelos Estados meridionaes da America do Norte. No genero Platalea, representado na Europa por P. leucorodia, é a trachea, que é simples no genero Ajaja, mais comprida e enrolada no thorax. E' singular que encontremos a mesma differença nas especies do genero Tantalus, sendo a trachea do T. loculator do Brazil simples, a do T. ibis do mundo velho complicada, enrolada.

Mus. Paul. S. Paulo; Iguape.

X. Ordem Anseres.

Aves aquaticas, com a membrana natatoria estendendo-se entre os dedos anteriores, desde a base até o segmento que prende a unha, sendo por essa razão denominadas palmipedes. É, porém, preciso notar que a antiga ordem dos palmipedes abrangia tambem os steganopodes, as gaivotas e os penguins. Outro nome dado a essa ordem é o de Lamellirostres, referindo-se ás lamellas curtas, transversaes e dentiformes, que, em grande numero, occupam as margens das maxillas, entrando as da maxilla inferior nos intervallos das da maxilla superior. O bico é largo, mais ou menos do comprimento da cabeça e revestido de uma membrana molle, que corresponde á cera das aves de rapina. Na base do bico estão situadas as ventas, que são permeaveis, communicando-se ambas, devido a uma abertura no septo que as separa. Só na ponta do bico nota-se uma chapa cornea, dura, da maxilla superior, que é chamada « unha ». Tambem a lingua, carnosa, tem nos lados lamellas correspondentes, servindo todo esse apparelho para retirar da agua introduzida na bocca os pequenos organismos de que se nutrem, sahindo, como numa peneira, a agua pelos lados. As pernas, não estão curtas, situadas mais para traz do que nas outras aves, os pés servem de modo excellente para nadar; o dedo posterior é livre e pequeno.

As azas são pouco compridas, contendo 10 remiges da mão e 14—24 do braço. A cauda é pouco comprida e forte, contendo 12—24 rectrizes, sendo em geral o numero dellas de 14—16. É grande o numero das vertebras do pescoço comprido, variando de 14—17 e elevando-se a 21—26 nos cysnes. Procuram o seu nutrimento nas lagoas, nos rios e banhados e a maior parte d'ellas voa rapidamente, o que é a razão da distribuição vasta das diversas especies. Constróem seus ninhos com preferencia no chão, pondo ovos de côr uniforme, brancos ou verdes. Vivem em monogamia. A femea choca extrahe-se parte das pennas da barriga para mais facilitar a incubação. Os filhotes são revestidos de uma pennugem densa e logo nadam nos primeiros dias á procura de nutrimento, sendo pois aves larga-ninhos.

A plumagem é espessa e entre as pennas nota-se ainda, na base dellas, uma pennugem bem desenvolvida. Com o sebo segregado pela glandula adiposa encobrem a plumagem, tornando-a impenetravel á agua. Quando voam, não retiram as pernas para o peito, como os passaros, mas estendem-as como as garças e as cegonhas.

Se a ordem, no sentido como aqui a acceitei, é uma das mais naturaes, é de notar, entretanto, que diversos autores a ella dão conteudo mais variado, reunindo-lhe a familia Palamedeidae, que classifiquei entre as Paludicolae, e as Phoenicopteridae que combinam caracteres dos lamellirostros e das pernaltas, não sendo aqui representadas, mas sim por uma especie no Rio Grande do Sul (Phoenicopterus ignipalliatus Geoffr.). Nesse sentido limitado, essa ordem é formada por uma familia só, a das Anatidae, com as seguintes sub-familias:

Cygninae. O pescoço é muito alongado, do comprimento do corpo ou maior. Os loros são, em regra, nús nas aves adultas. O dedo posterior é simples. O bico é na base mais alto do que largo e, visto de cima, é na ponta tão largo como na base, sendo a unha situada no meio da ponta. O tarso é reticulado e mais curto do que o dedo

mediano com a unha. A cauda tem 20—24 rectrizes. Os sexos não differem na côr. Uma especie do Rio da Prata, o pato arminho, apparece, ás vezes, em nossa costa.

Plectropterinae. Especies semelhantes ás Anserinae, distinguindo-se pela cauda mais comprida e por uma verruga carnosa na fronte. Na cauda ha 18 rectrizes. A esse grupo pertence o pato.

Anserinae. O bico é mais alto na base do que largo, mas torna-se mais estreito para diante, occupando a unha toda a largura da ponta. Os loros são providos de pennas. O tarso é alto, mais comprido do que o dedo mediano com a unha e reticulado. O dedo posterior é simples. O pescoço é mais curto do que o dos cysnes, mais comprido do que o das marrecas, tendo essas aves a singularidade de assobiar com o pescoço extendido, quando incommodadas. A cauda tem 16—18 rectrizes. Pertencem a essa familia, entre as aves de nossa fauna, duas especies de Dendrocygna. Os sexos não differem entre si no colorido e cuidam ambos dos filhotes.

Anatinae. O bico é mais largo do que alto na base. O tarso é na frente munido de escudos e mais curto do que o dedo mediano com a unha. O dedo posterior é simples. Assemelham-se no mais ás Anserinae, mas os sexos são differentes, ganhando o macho no inverno e primavera, no tempo nupcial, um colorido mais esplendido do que a femea. A cauda contem 14—16 rectrizes.

Nas azas observa-se muitas vezes uma grande mancha de cor metallica ou branca, uma marca que é chamada espelho. Ao contrario dos gansos, que preferem viver nos campos e não mergulham, as marrecas preferem viver n'agua nadando e mergulhando.

Erismaturinae. Os tarsos são providos de escudos na frente. O dedo posterior é lobado, munido de uma membrana alta. A cauda é composta de 18 rectrizes estreitas e rigidas. O bico é depresso como o das Anatinae. Os sexos são differentes.

Merginae. O dedo posterior é lobado, o bico lateralmente compresso, quasi cylindrico, com as lamellas pontagudas como dentes, dirigidas para traz. Os tarsos são compressos, providos de escudos na frente. A ponta da maxilla superior, ou a unha, é recurvada para baixo. A cauda é comprida e formada por 16—18 rectrizes largas. São essas aves os mergulhões que perseguem os peixes em baixo d'agua, vivendo nos rios e tambem no mar. Os sexos são differentes no colorido.

É essa familia das Anatidae pouco caracteristica na fauna do Estado de S. Paulo. Deixando de lado as especies de Dendrocygna, encontradas na zona occidental do Estado e o pato arminho, cysne que só excepcionalmente apparece na costa, donde provavelmente provem tambem o mergulhão do genero Merganser, temos apenas duas especies communs por toda a parte, o pato e a marreca do genero Nettion. A essas especies temos de ajuntar mais duas especies que occorrem perto do Rio Grande ou Rio Paraná. Ao contrario obtive no Estado do Rio Grande do Sul 16 especies pertencentes a essa familia. Excusado é dizer que a razão dessa differença é dada apenas pelas condições hydrographicas, sendo o territorio de S. Paulo quasi privado e o do Rio Grande do Sul riquissimo em lagoas grandes e menores e banhados extensos.

FAM. ANATIDAE.

Subfam. 1. Cygninae.

*** 498. Cygnus melanocoryphus (Mol.).**
Pato arminho.

Cygnus nigricollis *Burmeister* III p. 432.
Cygnus nigricollis *Sclater a. Hudson* II p. 124 Pl. 18.
Cygnus nigricollis *Brehm* Thierleben VI p. 447 e Taf.
Cygnus melanocoryphus Cat. Br. Mus. XXVII p. 39.

Cysne grande e bonito, de 1 ½ m. de comprimento, medindo o bico 85 mm. e o tarso 90 mm. O bico tem na base uma excrescencia como uma verruga. Os loros na

ave adulta são nús e encarnados como a base do bico. A côr é branca, sendo pretas a cabeça e a parte superior do pescoço. A garganta e uma estria atraz do olho são brancas. O bico é cinzento, os pés são encarnados. É essa especie da Republica Argentina e do Chile, commum tambem no litoral do Rio Grande do Sul que, ás vezes, apparece em S.ta Catharina e na costa de S. Paulo, em Iguape e Santos. A outra especie de cysne do Rio da Prata e do Rio Grande do Sul, onde é denominada capororoca, Coscoroba candida (Vieill.) ou anatoides King, branca com as pontas das remiges da mão pretas e com os loros providos de pennas, não foi observada na costa de São Paulo.

Mus. Paul. Iguape.

SUBFAM. 2. PLECTROPTERINAE.

* 499. Cairina moschata (L.).

Pato do matto.

Anas sylvestris *Marcgrav* p. 213
Anas moschata *Wied* IV p. 910.
Cairina moschata *Burmeister* III p. 440.
Cairina moschata *Pelzeln* p. 320 (Itararé, Ypanema, Rio Paraná).
Cairina moschata *Sclater a. Hudson* II p. 129.
Cairina moschata *Berlepsch u. Ihering* p. 175.
Cairina moschata Cat. Br. Mus. XXVII p. 51.

É a maior especie das marrecas, medindo 70 centim., que tem os loros nús e a base do bico munida de verrugas carnosas ou « carunculos » no sexo masculino. A côr é bruno-denegrida com lustro metallico verde e roxo no dorso. As coberteiras exteriores das azas são brancas. As pernas são pretas, o bico é preto com marcas alvacentas e com a base e as verrugas encarnadas. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul e Tucuman até o Mexico. Em estado domesticado é o pato hoje distribuido por todo

o mundo, sendo denominado na Allemanha marreca da Turquia por engano, visto ser ave sul-americana. Vive nos mattos e em bandos tambem perto desta capital.

Mus. Paul. São Paulo.

SUBFAM. 3. ANSERINAE.

*** 500. Dendrocygna viduata (L.).**

Marreca do Pará (Piracicaba).

Anas viduata *Wied* IV p. 921.
Anas viduata *Burmeister* III p. 434.
Dendrocygna viduata *Pelzeln* p. 319 (Rio Paraná).
Dendrocygna viduata *Sclater a. Hudson* II p. 128.
Dendrocygna viduata Cat. Br. Mus. XXVII p. 145.

As especies do genero Dendrocygna assemelham-se mais aos gansos do que ás marrecas pelos tarsos altos e reticulados. Distinguem-se tambem das marrecas pelo seu modo de viver nas arvores, onde constróem os seus ninhos. O bico é mais comprido do que a cabeça. A presente especie, de 44 centim. de comprimento, tem a cabeça branca até a nuca, que é preta como a parte superior do pescoço, sendo o pescoço inferior e o peito castanhos. O dorso é bruno com orlas amarelladas das pennas; as azas, o uropygio e a cauda são pretos. As coberteiras pequenas e exteriores das azas são castanhas. A barriga é preta no meio, amarella, com faxas pretas, nos lados. O bico e os pés são pretos.

Essa especie occorre desde Buenos Ayres até a Guyana e as Antilhas, faltando na America do Norte e reapparecendo na Africa central e em Madagascar. O mesmo acontece com D. fulva que além disso é encontrada na India. D. fulva (Gm.) é castanha, com faxas transversaes escuras no dorso e estrias amarelladas longitudinaes nos lados da barriga. Cacei-a no sul do Rio Grande do Sul, mas não foi ainda encontrada no Est. de S. Paulo. D. viduata occorre no Est. de S. Paulo desde Piracicaba até o Rio Paraná.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 501. Dendrocygna discolor Scl. a. Salv.

Anas autumnalis *Burmeister* III p. 436 (nec L.).
Dendrocygna autumnalis *Pelzeln* p. 320 (Rio Paraná).
Dendrocygna discolor *Sclater a. Salvin* Nomenclator p. 129 e 161.
Dendrocygna discolor Cat. Br. Mus. XXVII p. 161.

O dorso é castanho, as azas são pardo-cinzentas, com as remiges pretas. O pescoço é cinzento-amarellado, a cabeça em cima bruno-escura. O uropygio e a barriga são pretos. A cauda é preta, o crisso branco. O bico é vermelho, os pés são branco-encarnados. E' essa especie do Norte do Brazil e da Guyana, que Natterer caçou no Rio Paraná. A especie semelhante, D. autumnalis L., é da America Central. Os nossos exemplares de D. discolor são do Amazonas.

Mus. Paul. —

Subfam. 4. Anatinae.

* 502. Nettion brasiliense (Gm.).

Marreca.

Marreca alia species *Marcgrav* p. 214 (♀).
Anas paturi *Spix* II p. 85 Taf. 109.
Anas brasiliensis *Wied* IV p. 933.
Anas brasiliensis *Burmeister* III p. 437.
Querquedula brasiliensis *Pelzeln* p. 320 (São Paulo, Ypanema).
Querquedula brasiliensis *Sclater a. Hudson* II p. 133.
Nettion brasiliense Cat. Br. Mus. XXVII p. 265.

Especie commum, de 42 centim. de comprimento. A côr é pardo-cinzenta, mais clara no lado inferior, bruno-denegrida em cima da cabeça e do pescoço superior. A face é castanha, a garganta alvacenta. O uropygio e a cauda são pretos. No peito, que é bruno-avermelhado, e na barriga notam-se manchas ou faxas transversaes. As remiges são bruno-denegridas, as coberteiras exteriores

das azas em parte pretas, em parte verdes e azul-metallicas. As remiges da mão são na ponta brancas, no meio verdes e na divisa entre as duas côres pretas. O bico é denegrido, os pés são vermelhos. A femea differe por uma mancha branca adiante e outra em cima dos olhos.

É essa a marreca mais commum por toda a parte do Brazil, boa caça e comida. A especie occorre desde o Estreito de Magalhães e por toda a America do Sul.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 503. Dafila spinicauda (Vieill.).

Erismatura spinicauda *Pelzeln* p. 321 (Itararé).
Dafila spinicauda *Sclater a. Hudson* II p. 134.
Dafila spinicauda Cat. Br. Mus. XXVII p. 279.

As especies de Dafila distinguem-se com facilidade pela cauda não pequena e pontaguda, sendo as rectrizes acuminadas e as do meio mais compridas do que as lateraes. A côr da especie presente, que tem o comprimento total de 50 centim., é bruno-escura nas costas, com orlas mais claras, castanha com manchas pretas em cima da cabeça. Sobre as azas correm duas faxas amarelladas que incluem no sexo masculino um espelho verde-preto. O lado inferior é alvadio, com manchas escuras. As rectrizes são pardo-cinzentas. As pernas são cinzentas, o bico é preto, com a base amarella. Essa especie occorre desde S. Paulo, onde Natterer a caçou em Itararé, mas onde é rara, até o Estreito de Magalhães e o Chile.

Julgo provavel que occorra no Est. de S. Paulo tambem D. bahamensis, especie semelhante, com a cauda avermelhada e a face branca, que, a meu vêr, sem necessidade, foi incluida em outro genero, Poecilonetta, e que occorre desde a Patagonia até as Antilhas e que Wied obteve na Bahia e eu no Rio Grande do Sul.

Mus. Paul. —

SUBFAM. 5. ERISMATURINAE.

* 504. Nomonyx dominicus (L.).

Patury (Piracicaba); *Caucau* (Matto Dentro); *Marrequinha.*

Anas dominica *Wied* IV p. 938.
Anas dominica *Burmeister* III p. 439.
Erismatura dominica *Pelzeln* p. 320 (Matto Dentro, Ypanema).
Nomonyx dominica *Coues* p. 715.
Nomonyx dominicus *Sclater a. Hudson* II p. 138.
Nomonyx dominicus Cat. Br. Mus. XXVII p. 440.

O genero Nomonyx, formado por essa unica especie, é bem caracterisado pela cauda composta de rectrizes estreitas e rijidas expostas até a base, por serem extremamente curtas as coberteiras da cauda. É especie pequena; mede 38 centim. A côr é bruno-castanha, mas a cabeça é preta em cima. O dorso é notavel pelas manchas pretas que possue. As remiges e rectrizes são denegridas. Nas azas ha uma mancha branca sobre as coberteiras exteriores. O bico é azul, com a ponta preta. A especie occorre desde a Patagonia e o Chile até a America do Norte. O Sr. Valencio Bueno obteve-a em Piracicaba, onde a tratam de patury que é a palavra tupy para marreca, sendo, entretanto, duvidosa a etymologia de pato e de patury.

Mus. Paul. Piracicaba.

SUBFAM. 6. MERGINAE.

505. Merganser brasilianus (Vieill.).

Mergulhador.

Mergus brasiliensis *Burmeister* II p. 441 (S. Paulo).
Mergus brasiliensis *Pelzeln* p. 322 (Itararé).
Mergus brasiliensis *Berlepsch* II p. 281 (juv.).
Merganser brasilianus Cat. Br. Mus. XXVII p. 485 (Itararé).

O genero Merganser differe de Mergus L. pelo bico mais comprido do que o tarso. O bico é estreito, com os

dentes das maxillas pontagudos e dirigidos para traz. M. brasilianus é especie de 48—56 centim. de comprimento, medindo o rosto 53, o tarso 40 mm. A côr é bruno-cinzenta em cima, branca, com faxas pretas transversaes, em baixo. A cabeça, que na nuca tem um martinete de pennas alongadas, é preta em cima, com lustro verde, como tambem parte do pescoço posterior. São pretos o bico, as pernas e as remiges. Nas azas nota-se uma nodoa branca. A femea tem a cabeça bruna em cima.

Essa especie occorre em S.ta Catharina e S. Paulo. Natterer obteve-a tambem em Goyaz. É mergulhão dos rios e lagoas e que talvez occorra tambem na costa. Não pude obtel-o até agora, nem o observei no Rio Grande do Sul. Parece-me, que, conforme as regras da nomenclatura, o nome dessa especie deveria ser M. octosetaceus (Vieill.).

Mus. Paul. —

XI. Ordem. Columbae.

Os pombos formam uma ordem bem natural, offerecendo relações com os gallinaceos, dos quaes, alem de outros caracteres, differem pela semelhança externa dos sexos e pela monogamia fiel em que vivem. São aves de tamanho regular, com a cabeça pequena, o pescoço curto, revestidas por pennas grandes e fortes sem pennugem entre as suas bases. O bico é curto, menos comprido do que a cabeça, mais alto do que largo, um pouco mais delgado no meio, duro na ponta, molle na base onde estão collocadas as ventas estreitas, que são cobertas por uma escama cartilaginosa. As pennas da fronte extendem-se com uma ponta triangular sobre a base do bico na linha mediana. O tarso é pouco alto, do comprimento do dedo mediano ou menor, revestido na frente por escudos transversaes. Os tres dedos anteriores são livres, sem membrana na base, o dedo posterior toca no chão quando

a ave caminha e serve como o dos passaros quando paira nas arvores. Nas azas ha 10 remiges da mão, 11—15 do braço; na cauda contam-se 12 rectrizes nos generos representados no Brazil.

Os pombos nutrem-se de fructas e sementes. Constróem nas arvores os seus ninhos simples, de raminhos seccos pondo dois ovos brancos. O macho ajuda a femea a chocal-os. Os filhotes sahem delles em estado nú e cegos, sendo a principio nutridos pela mãe mediante um liquido leitoso que segrega no papo onde fica misturado com restos da comida. Vivem em monogamia, sendo o macho muito affeiçoado á femea, arrulhando com voz especial. No chão, á procura das sementes, não pulam, mas andam abaixando singularmente a cabeça, em cada passo.

A ordem contem cerca de 460 especies, das quaes a maior parte vive nas Ilhas Mollucas etc., entre ellas muitas verdes e com as côres mais bonitas. Na América Meridional vivem apenas representantes das duas familias seguintes.

Columbidae. O tarso é pequeno, em geral mais curto do que o dedo mediano, provido em cima de pennas, em baixo nú, com escudos transversaes. Temos dessa familia duas especies de «pombas legitimas», do genero Columba. A palavra legitima refere-se ao facto que ao genero Columba pertence o pombo domestico.

Peristeridae. O tarso é mais comprido, do comprimento do dedo mediano e revestido na frente de escudos transversaes. Os pés são maiores e mais fortes do que na outra familia mencionada. Das diversas sub-familias têm as Zenaidinae uma ou duas manchas, de côr metallica, de cada lado do pescoço, as Geopeliinae não têm lustro metallico em parte alguma do corpo e a cauda bastante comprida, as Peristerinae têm manchas metallicas nas azas, as Geotrygoninae assemelham-se as Peristerinae carecendo, entretanto, das manchas nas azas. A primeira remige da mão é singularmente attenuada na ponta, nos generos Peristera e Leptoptila.

FAM. COLUMBIDAE.

* 506. Columba rufina Temm.

Pomba legitima.

Columba rufina *Wied* IV p. 453.
Chloroenas rufina *Burmeister* III p. 291.
Chloroenas rufina *Pelzeln* p. 275 (Taipa, Jacarehy, Ypanema, Itararé).
Columba rufina Cat. Br. Mus. XXI p. 287.

Pomba grande, de 34 centim. de comprimento, cuja côr predominante é cinzenta. A fronte, o pescoço, o peito e parte do dorso adiante das azas são roxas, o occipicio e a nuca são verde-metallicos. As remiges e rectrizes são pardo-cinzentas, as pontas das rectrizes mais claras. As pernas são vermelhas, o bico é preto. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central, sendo commum nas mattas. O principe Wied diz que na Bahia tratam-n'a de pomba caçaroba ou pucassu. Aqui é geralmente conhecida como pomba legitima ou ás vezes pomba trocaz.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 507. Columba plumbea Vieill.

Pomba legitima; pomba preta; pomba amargosa.

Columba locutrix *Wied* IV p. 455.
Chloroenas infuscata *Burmeister* III p. 292.
Chloroenas plumbea *Pelzeln* p. 274 (Matto Dentro, Itararé).
Chloroenas plumbea *Berlepsch* II p. 241.
Chloroenas vinacea *Burmeister* II p. 292.
Columba plumbea Cat. Br. Mus. XXI p. 323.

Pomba do matto, do tamanho da especie precedente, com a côr predominante pardo-cinzenta, com lustro roxo. A cabeça, o pescoço e o lado inferior são roxo-cinzentos. No pescoço posterior observam-se manchas redondas amarelladas, que caracterisam a femea segundo Salvadori, fal-

tando ao macho, não podendo eu presentemente dizer se isso é exacto. Os exemplares em que a côr vermelha da barriga é mais pronunciada foram descriptos sob o nome de Columba vinacea Temm. As rectrizes são bruno-denegridas, com lustro roxo. As rectrizes são mais compridas do que na especie precedente, sendo as lateraes mais curtas que as centraes. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a Guyana. Natterer diz que a tratam em Matto Dentro de capaçaroba ou picazuroba. O nome de pomba amargosa refere-se á carne um pouco amarga. Desconfio que na zona occidental do Estado occorre tambem Col. picazuro Temm. (= Patagioenas loricata Burm.), que em vez de manchas redondas tem faxas semi-lunares pretas no pescoço posterior, o bico preto e que é denominada pomba trocaz. O Sr. Krone escreve-me que C. plumbea é denominada pomba amargosa em Iguape.

Mus. Paul. S. Paulo.

FAM. PERISTERIDAE.

Subfam. 1. Zenaidinae.

* 508. Zenaida auriculata (Des Murs).

Parary.

Zenaida maculata *Burmeister* III p. 302.
Zenaida maculata *Pelzeln* p. 276 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Zenaida maculata *Sclater a. Hudson* II p. 141.
Zenaida auriculata Cat. Br. Mus. XXI p. 384.

Especie de 22—25 centim. de comprimento. Como todas as especies dessa sub-familia essa tem em baixo dos olhos, de cada lado do pescoço, duas manchas pretas, uma em baixo da outra. As rectrizes são estreitas e pontagudas. Das coberteiras exteriores das azas têm as «escapulares», que mais se approximam ao dorso, perto da ponta, uma grande mancha preta. A côr é pardo-cinzenta no dorso, roxo-pallida na cabeça, no pescoco e no peito, amarellada

na barriga. As rectrizes medianas são da côr do dorso, as lateraes têm as pontas cinzentas, as mais exteriores brancas. Adiante da ponta branco-cinzenta nota-se uma faxa preta.

A especie occorre desde o Chile e a Patagonia até o Equador, não é especie do matto virgem, mas dos campos e capões.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

SUBFAM. 2. GEOPELIINAE.

*** 509. Scardafella squamosa (Temm.).**

Fogo apagou.

Picui-pinima *Marcgrav* p. 204.
Columba squamosa *Wied* IV p. 469.
Columbula squamosa *Burmeister* III p. 298.
Scardafella squamosa *Pelzeln* p. 277 (Irisanga).
Scardafella squamosa Cat. Br. Mus. XXI p. 464.

Especie pequena, de 200 mm. de comprimento. A cauda é comprida, contendo 12 rectrizes das quaes as exteriores são mais curtas do que as medianas. A côr é pardo-cinzenta em cima, branca em baixo, um pouco avermelhada no peito e todas as pennas têm orlas pretas, dando essas faxas semi-lunares á plumagem a apparencia de ser escamosa. As grandes coberteiras exteriores são brancas, as remiges são bruno-denegridas, orladas na barba interior de castanho. As coberteiras inferiores da cauda são brancas, as rectrizes exteriores são pretas com pontas brancas. A especie occorre desde S. Paulo até a Venezuela e Colombia. O nome refere-se á voz que consiste em quatro notas como «fogo apagou».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

SUBFAM. 3. PERISTERINAE.

*** 510. Chamaepelia talpacoti (Temm.).**

Rolinha; rôla.

Columbina caboclo *Spix* II p. 58 Taf. 75, a fig. 1.
Columba talpacoti *Wied* IV p. 465.
Chamaepelia talpacoti *Burmeister* III p. 297.

Chamaepelia talpacoti *Pelzeln* p. 277 (Ypanema).
Chamaepelia talpacoti *Berlepsch* II p. 247.
Chamaepelia talpacoti *Sclater a. Salvin.* II p. 144.
Chamaepelia talpacoti Cat. Br. Mus. XXI p. 485.

Especie de 16—17 centim. de comprimento, de côr roxo-avermelhada. A cabeça é azul-cinzenta. As grandes coberteiras exteriores das azas têm perto da ponta uma mancha alongada roxo-preta. As remiges são pardo-cinzentas. As coberteiras interiores das azas são pretas. A garganta e a fronte são avermelhado-brancas. As rectrizes medianas são da côr do dorso, as outras pretas, com as pontas avermelhadas. As pernas são encarnadas, o bico é bruno-escuro. A femea não e avermelhada, mas pardo-cinzenta. A especie está distribuida desde o Rio Grande do Sul até a Guyana e Venezuela. No seu modo de viver e na sua voz assemelha-se á rôla da Europa.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 511. Peristera cinerea (Temm.).

Rôla azul (Piracicaba).

Peristera cinerea *Burmeister* III p. 491.
Peristera cinerea *Pelzeln* p. 278 (Jacarehy, Ypanema, Irisanga).
Peristera cinerea Cat. Br. Mus. XXI p. 491.

As especies do genero Peristera assemelham-se ás de Zenaida, differindo pelo bico mais forte e alto. A cauda é mais curta do que as azas, a primeira remige da mão é attenuada na ponta. P. cinerea mede 210 mm. de comprimento e differe da especie seguinte pelas rectrizes uniformes, sem pontas brancas. O macho é cinzento-azul, com a fronte e a garganta esbranquiçadas. As coberteiras exteriores das azas têm manchas roxo-pretas. As rectrizes medianas são cinzentas, as exteriores e as remiges pretas. A femea é bruna, com o uropygio avermelhado, com as manchas das coberteiras das azas castanhas e com as rectrizes lateraes orladas de castanho. A especie está distribuida desde São Paulo até o Mexico.

Mus. Paul. Piracicaba.

* 512. Peristera geoffroyi (Temm.).

Pararu.

Columba geoffroii *Wied* IV p. 461.
Peristera geoffroyi *Burmeister* III p. 304.
Peristera geoffroyi *Pelzeln* p. 278 (Ypanema, Matto Dentro).
Peristera geoffroyi *Berlepsch* II p. 242.
Peristera geoffroyi Cat. Br. Mus. XXI p. 494.

Especie um pouco maior que a precedente, de 23 centim. de comprimento, differindo pelas pontas brancas das rectrizes, sendo as exteriores quasi todas brancas. O macho é cinzento, com a fronte, a garganta e a barriga brancas. Nas azas notam-se tres grandes manchas roxo-castanhas. A femea é bruno-amarella, com as mesmas manchas nas azas e tem as rectrizes lateraes pretas, com a ponta amarella. A especie occorre desde S.ta Catharina até Minas e Bahia.

Mus. Paul. Piracicaba.

Subfam. 4. Geotrygoninae.

* 513. Leptoptila reichenbachi Pelz.

Juruty.

Columba rufaxilla *Wied* IV p. 474.
Peristera frontalis *Burmeister* III p. 305 partim.
Leptoptila reichenbachi *Pelzeln* p. 279 e 337 (Ypanema).
Leptoptila erythrothorax *Berlepsch* II p. 247.
Leptoptila rufescens *Berlepsch* II p. 246-247.
Leptoptila reichenbachi *Berlepsch u. Ihering* p. 177.
Leptoptila reichenbachi Cat. Br. Mus. XXI p. 553 (Matto Dentro).

Especie de 26—27 centim. de comprimento com a aza medindo 143—148 mm. A primeira remige da mão é attenuada na ponta e a cauda mede mais do que a metade da aza no genero Leptoptila. O dorso é bruno-azeitonado ou bruno-avermelhado. A fronte é alvacenta, o vertice

cinzento, a nuca, o pescoço posterior e o dorso até as azas são bruno-purpureos com lustro roxo. A garganta é esbranquiçada, o pescoço anterior e o peito são roxo-vermelhos, escuros. A barriga é branca, as coberteiras inferiores da cauda são bruno-cinzentas com a barba interior das pennas branca. As remiges são brunas, as coberteiras interiores das azas castanhas. As rectrizes medianas são uniforme-brunas, as tres exteriores de cada lado são denegridas com a ponta branca. O bico é preto, as pernas são encarnadas.

Essa pomba é commum nas mattas desde o Estado Oriental e Rio Grande do Sul até Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

* 514. Leptoptila chloroauchenia Gigl. et Salv.

Juruty.

Peristera frontalis *Burmeister* III p. 305 partim.
Leptoptila ochroptera *Pelzeln* p. 278 (Matto Dentro, Ypanema).
Engyptila chalcauchenia *Sclater a. Hudson* II p. 144.
Leptoptila chalcauchenia *Berlepsch* II p. 243-247.
Leptoptila chalcauchenia *Berlepsch u. Ihering* p. 177.
Leptoptila chloroauchenia Cat. Br. Mus. XXI p. 554.
Leptoptila ochroptera Cat. Br. Mus. XXI p. 555.

Especie do tamanho da precedente, muito assemelhando-se a ella, differindo pela côr pardo-cinzenta do lado dorsal e pelo lustro verde-metallico, furta-côr da nuca e do pescoço posterior. A côr do peito é mais pallida, roxo-avermelhada, a das coberteiras inferiores da cauda, branca com a barba exterior das pennas cinzento-pallida.

Essa especie, confundida muito tempo com a precedente, foi descripta em 1870 sob tres nomes differentes como L. chlorauchenia por Giglioli e Salvadori, L. chalcauchenia por Sclater and Salvin e L. ochroptera por Pelzeln. Tendo Sclater and Salvin por engano escripto chalcauchenia em vez de chloroauchenia, este ultimo nome deve ser conservado. Não foi feliz, porém, Salvadori, dividindo

essa especie em duas, chloroauchenia da Argentina e do Brazil Meridional e ochroptera de S. Paulo e Norte do Brazil, differindo apenas pelo tamanho, que era de 11 pollegadas na primeira e de 10,5 pollegadas na segunda. O tamanho é variavel entre os nossos exemplares e a medida da aza varia de 144—150 mm.

Mus. Paul. Cachoeira; S. Sebastião.

* 515 Geotrygon violacea (Temm.).

Juruty piranga; Juruty vermelha.

Columba cayanensis *Burmeister* III p. 307.
Oreopeleia violacea *Pelzeln* p. 279 (Ypanema).
Geotrygon violacea Cat. Br. Mus. XXI p. 565.

Especie de 25 centim. de comprimento. No genero Geotrygon é a primeira remige da mão simples e não attenuada como no genero Leptoptila. A cauda é curta e contem 12 rectrizes. G. violacea deve o seu nome a esplendida côr roxa, com lustro metallico, do pescoço posterior e parte do dorso. A fronte é alvacenta, o vertice cinzento. A cauda é castanho-purpurea, as remiges são castanhas. A garganta é branca, o pescoço anterior e parte do peito são roxo-cinzentos, a barriga e as coberteiras inferiores da cauda são brancas. O bico, os tarsos e os pés parecem ser amarellados. A especie occorre desde São Paulo até a America Central.

Mus. Paul. Estado de S. Paulo.

* 516. Geotrygon montana (L.).

Juruty piranga; Juruty vermelha.

Columba montana *Wied* IV p. 479.
Oreopelia montana *Burmeister* III p. 306.
Oreopeleia montana *Pelzeln* p. 279 (Matto Dentro, Ypanema, Morungaba).
Geotrygon montana *Berlepsch* II p. 248.
Geotrygon montana Cat. Br. Mus. XXI p. 567.

Especie do tamanho da precedente, com a côr do lado dorsal bruno-purpurea e com a barriga e as coberteiras inferiores da cauda amarelladas. Em baixo do olho corre uma estria branco-amarella e em baixo d'essa outra vermelho-purpurea até a nuca. A garganta é alvacenta, o peito purpureo-avermelhado. As remiges são avermelhado-brunas, as rectrizes purpureo-castanhas. O bico e as pernas são encarnadas. A femea é no lado dorsal bruno-azeitonada com lustro verde-metallico. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até o Mexico. E' especie dos mattos, que no chão procura o seu nutrimento. Wied diz que a ouviu chamarem pariri, mas sendo esse o nome tupy de pomba, pode ser applicado tambem a outras especies, sendo essa denominação no Est. de S. Paulo usada para as especies de Peristera. O Sr. Krone communicou-me que em Iguape é tratada de rôla de Matto Grosso.

Mus. Paul. Iguape.

XII. Ordem. Gallinae.

As gallinaceas são aves fortes, que caminhando no chão procuram o seu nutrimento, que consiste em sementes e insectos. O bico é forte, duro, curto, do comprimento apenas da metade da cabeça; só a base é mais molle, contendo as ventas, que são cobertas por uma escama. O bico é arqueado com a ponta recurvada para baixo e com as margens da maxilla superior sobrepostas ás da maxilla inferior. A cabeça é pequena, sendo muitas vezes nua a região loral e ao redor do olho.

As pernas são fortes, os dedos em geral unidos na base por uma membrana. O dedo posterior é só nos mutuns e jacús grande e collocado no mesmo nivel com os outros, sendo nas outras familias pequeno e collocado mais para cima do que os outros dedos, não tocando no chão. Os dedos pouco compridos, as unhas fortes e curvas servem-lhes bem para ciscar, procurando sementes e bichinhos.

As azas são curtas, arredondadas e convexas, contendo 10 remiges da mão e 12—20 do braço. A cauda, que é comprida na familia Cracidae, contem nos generos sul-americanos 12 rectrizes.

No sentido restricto, como aqui acceitei essa ordem não abrange ella os inambús e perdizes, que formam a ordem dos Crypturi, que se distingue pelo dedo posterior rudimentario e pela falta de rectrizes na cauda, que é extremamente curta.

As gallinaceas têm o vôo pesado ou nem sabem voar. Procuram no chão o seu nutrimento, empoleirando-se de noite sobre as arvores. Para beber, enchem o bico de agua levando-o em seguida para cima. Não gostam de banhar-se e nem sabem nadar, mas costumam revolver-se na areia que pelos pés atiram na plumagem. Constróem o seu ninho simples no chão, a excepção dos mutuns e jacús que estão mais acostumados a viver nas arvores, onde tambem fazem o seu ninho. Muitas das gallinaceas vivem em polygamia. Os filhotes são cobertos de pennugem densa e seguem já nos primeiros dias aos pais em procura de nutrimento. Quasi todas as gallinaceas são estimadas como saborosa comida e excellente caça.

Das duas familias representadas na nossa fauna, a das *Phasianidae,* distingue-se pelo dedo posterior situado mais alto do que os outros tres. O unico representante desta familia é aqui o urú.

As *Cracidae* têm o dedo posterior grande, articulado na mesma altura, com os outros e a cauda comprida. No genero Crax, que comprehende os mutuns e pertence á sub-familia Cracinae é o bico mais alto do que largo. Na sub-familia Penelopinae é o bico menos forte, mais largo do que alto. Pertencem a essa sub-familia os jacús e aracuans. Nos jacús dos generos Penelope e Pipile toda a garganta é nua, munida de uma membrana pendente no meio. No genero Ortalis, ao contrario, corre uma serie de pennas na linha mediana sobre a garganta, dividindo a parte nua em duas secções lateraes.

FAM. PHASIANIDAE.

* 517. Odontophorus capueira (Spix).

Urú; Capoeira.

Perdix capueira *Spix* II p. 59 Taf. 76, a.
Perdix dentatus *Wied* (nec Temm.) IV p. 486.
Odontophorus dentatus *Burmeister* III p. 333.
Odontophorus dentatus *Pelzeln* p. 289. (Casa pintada, Ypanema).
Odontophorus dentatus *Berlepsch* II p. 251.
Odontophorus dentatus *Berlepsch u. Ihering* p. 179.
Odontophorus capueira Cat. Br. Mus XXII p. 434.

Gallinha do matto de 25—28 centim. de comprimento, com o bico curto, de 20 mm. e o tarso medindo 41—45 mm. O bico é alto, arqueado com dous dentes na margem da maxilla inferior. A cauda é curta. O lado ventral é cinzento, o dorsal bruno-avermelhado com manchas escuras e uma estria amarellada ao longo da haste de cada penna. A região loral ao redor do olho é nua, encarnada. A cabeça é bruno-avermelhada em cima com uma estria castanha com salpicos amarellos que corre desde o bico sobre o olho e até a nuca. As azas são bruno-denegridas com manchas e salpicos castanhos e amarellentos. As pernas são cinzentas, o bico é preto. O macho tem as pennas do occipicio alongadas.

O urú substitue aqui a gallinha d'avelleira da Europa representando como ella excellente caça, que pelo seu gosto saboroso, pela carne branca e tenra parece-me ser a melhor entre o grande numero de saborosas aves gallinaceas que abrangem nossas mattas.

Vivem nas mattas em casaes ou em pequenos bandos procurando no chão ou nas arvores bagos e fructas e tirando da madeira podre as larvas gordas de coleopteros. Na madrugada e depois da entrada do sol pousam sobre um galho de arvore baixa, fazendo o gallo ouvir a sua voz. O ninho é feito no chão e contem 10—15 ovos

brancos. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Goyaz e Bahia.

Mus. Paul. S. Paulo.

FAM. CRACIDAE.

* 518. Crax carunculata Temm.

Mutum.

Crax rubrirostris *Spix* II p. 51 Taf. 67.
Crax rubrirostris *Wied* IV p. 528.
Crax blumenbachii *Burmeister* III p. 345.
Crax rubrirostris *Pelzeln* p. 287 nota e p. 452.
Crax carunculata Cat. Br. Mus. XXII p. 481.

Ave grande, de 80 centim. de comprimento. As pennas do vertice são no genero Crax erectas com a ponta curvada para diante. O macho velho tem adiante da fronte um lobulo carnoso na base da maxilla superior e outro de cada lado da base da maxilla inferior. As pennas erectas do vertice são pretas nos machos, pretas com algumas faxas brancas nas femeas. No nosso exemplar da especie presente, entretanto, são as pennas erectas do vertice pretas e Wied diz que são « indistinctamente » riscadas por faxas brancas. Talvez que só a ave velha tenha as faxas.

O macho desse mutum é preto com lustro verde nas costas, a barriga, as coxas e coberteiras inferiores da cauda são brancas. A côr da membrana nua que cinge o olho é azul, os carunculos da base do bico são vermelhos. Noto, entretanto, que aos nossos exemplares faltam os carunculos, os quaes, como Burmeister diz, só apparecem nos machos velhos. A femea differe do macho pela barriga e as coberteiras inferiores da cauda amarelladas.

O mutum no Est. de S. Paulo só é encontrado na zona occidental onde ha mattas compactas, cerradas. Essa especie occorre desde S. Paulo até Bahia. Ha muitas outras especies no Norte do Brazil, mal estudadas. Temos na nossa collecção outra especie indicada como proveniente

do Est. de S. Paulo que não combina com descripção alguma das outras especies e que descrevo em seguida, pedindo aos caçadores do interior do Estado o fornecimento de mais materiaes para o estudo dos mutuns.

Mus. Paul. —

* 519. Crax sulcirostris Sp. n.

Mutum.

Temos uma femea que é do tamanho da especie precedente. De cada lado corre da fossa nasal um sulco largo sobre o bico até perto da ponta. Os tarsos assemelham-se aos da especie precedente sendo cobertos na frente por 11—12 escudos. As pennas á frente do vertice até a nuca são pretas com duas largas faxas brancas no meio. O pescoço e a cabeça são pretos. O dorso e as azas são pretos, com numerosas linhas transversaes brancas. Algumas dessas linhas notam-se nas rectrizes medianas, sendo as outras uniformes pretas, tendo todas a ponta branca. O peito, as partes lateraes do corpo e as pernas são amarellados com largas faxas transversaes pretas, a barriga e as coberteiras inferiores da cauda são amarelladas e uniformes. A aza mede 34, o tarso 10 centim.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo. (?)

* 520. Penelope superciliaris Ill.

Jacú peba.

Jacu pema *Marcgrav* p. 198.
Penelope jacupemba *Spix* II p. 55 Taf. 72.
Penelope superciliaris *Wied* IV p. 539.
Penelope superciliaris *Burmeister* III p. 337.
Penelope superciliaris *Pelzeln* p. 282 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Penelope superciliaris Cat. Br. Mus. XXII p. 491.

Jacú de 60 centim. de comprimento, que se distingue bem das outras especies pelas orlas castanhas das coberteiras exteriores das azas. A côr predominante é bruno-denegrida,

com reflexo verde-metallico no dorso, nas azas e na cauda. As pennas da cabeça, do pescoço e do peito têm orlas branco-cinzentas. Sobre os olhos corre uma estria branca. A barriga, o crisso e o uropygio são bruno-avermelhados. O bico e as pernas são cinzento-denegridas, a garganta núa é vermelha. A especie occorre por todo o Brazil no matto virgem, desde o Rio Grande do Sul até o Pará. O Sr. Krone obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 521. Penelope obscura Ill.

Jacú-guassú.

Penelope obscura *Burmeister* III p. 340, nota.
Penelope nigricapilla *Pelzeln* p. 281 e 341 (Itararé).
Penelope obscura *Sclater a. Hudson* II p. 146.
Penelope obscura Cat. Br. Mus. XXII p. 497 (S. Paulo).

Especie maior, de 70—74 centim. de comprimento, bruno-denegrida em cima com lustro verde-metallico, bruno-avermelhada no dorso baixo, no uropygio e na barriga. As pennas do dorso e do peito e as coberteiras das azas são nos lados orladas de branco, mas as do pescoço são uniforme-escuras. As pennas da fronte e do vertice são orladas de cinzento. As bochechas e ouvidos são bruno-denegridos. Os exemplares de S. Paulo têm, como os do Rio Grande do Sul, o dorso baixo, bruno-avermelhado, mas os que Natterer caçou em Itararé têm essas partes da côr do dorso. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul e o Norte da Argentina até S. Paulo, Rio, Paraguay, Bolivia, sendo de certo os exemplares do Norte do Brazil descriptos sob outro nome, talvez o de P. ochrogaster Pelzeln. Especie affim é P. jacucaca Spix, que tem a estria branca supraocular melhor definida. Não sei como é o Jacú-caca; será differente do jacú-guassu?

Mus. Paul. S. Paulo.

* 522. Pipile jacutinga (Spix).

Jacu-tinga.

Penelope jacutinga *Spix* II p. 53 Taf. 70.
Penelope leucoptera *Wied* IV p. 544.
Penelope pipile *Burmeister* III p. 336.
Penelope jacutinga *Berlepsch* II p. 250.
Penelope jacutinga *Berlepsch u. Ihering* p. 178.
Penelope jacutinga *Pelzeln* p. 283 (Ypanema).
Pipile jacutinga Cat. Br. Mus. II p. 518.

O jacu-tinga tem as primeiras remiges da mão um pouco mais excisas e attenuadas na ponta do que os outros jacús, tendo sido por essa razão feito typo de um novo genero Pipile, que bem poderia ser dispensado. E' ave de 75—78 centim. de comprimento e a especie mais elegante e bonita dos jacús. A côr é preta, com lustro azul. A cabeça é branca em cima, sendo as pennas estreitas, no meio bruno-denegridas, nos lados branco-cinzentas. As pennas do peito são orladas de branco; as coberteiras exteriores das azas são na barba exterior brancas. O bico é preto, o loro e a região ao redor do olho são azues, a garganta é vermelha e núa como nos outros jacús. Essa especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Bahia e Paraguay. O Sr. Krone obteve-a em Iguape.

P. cumanensis de Matto Grosso, Amazonas e Guyana é preta, com lustro verde e tem as coberteiras exteriores compridas, brancas nas duas barbas e P. cujubi do Pará tem tambem a barba exterior preta e só orlada de branco.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 523. Ortalis squamata (Less.).

Aracuan; Jacucaca.

Ortalida squamata *Berlepsch u. Ihering* p. 179.
Ortalis squamata Cat. Br. Mus XXII p. 509.

Como já disse, o genero Ortalis distingue-se do Penelope pela garganta que é núa só nos lados, provida de pennas no meio, onde uma estria de pennas de 8—12

mm. de largura se extende do pescoço anterior ao mento, sendo composta de pennas iguaes ás do pescoço e não de cerdas como se observa nas especies de Penelope. A côr predominante nessa especie é bruno-azeitonada, mas as pennas do peito têm as margens cinzentas. A barriga é cinzento-amarellada, as coberteiras inferiores da cauda são castanhas. As tres rectrizes de cada lado têm a metade apical castanha.

Obtivemos essa especie, conhecida no Rio Grande do Sul e em S.ta Catharina, do Estado de S. Paulo e se essa proveniencia não é garantida não deixei de acceital-a em vista de informações de caçadores, que me affirmaram que esse aracuan occorre aqui. Especie parecida é O. albiventris Wagl., que se distingue pela barriga branca, occorrendo de Minas Geraes até Pernambuco. A descripção dada por Ogilvie-Grant não combina perfeitamente com o nosso exemplar. As especies de Ortalis necessitam de mais estudos e peço aos caçadores no interior que tiverem occasião de obtel-as o fornecimento de couros.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

XIII. Ordem. Paludicolae.

São essas aves aquaticas com o pescoço e as pernas compridas, que ás margens das lagoas e banhados procuram o seu nutrimento que consiste em amphibios, insectos, caramujos e vermes. O bico é forte, mais ou menos comprido, duro na ponta, revestido na base por uma membrana molle na qual estão situadas as ventas compridas e estreitas. A região loral é provida de pennas, a excepção da seriema. As azas são curtas, extendendo-se só até a base da cauda, que em geral é molle e curta. Além dos tarsos, que são revestidos de escudos, são núas tambem as pernas na sua parte inferior. Os pés têm os dedos muito compridos e delgados, ás vezes com uma membrana estreita longitudinal, de cada lado, em outros generos sem ella. O dedo posterior é bem desenvolvido. Differente é

o pé só na seriema, que tem os dedos curtos representando um typo exquisito.

A aza contem 10 remiges da mão e mais de 15 do braço que são notaveis pelo seu extraordinario comprimento. A cauda tem 10 ou 12 rectrizes.

Essa ordem das Paludicolae, Alectorides ou Geranomorphae subdivide-se nas duas seguintes sub-ordens:

Ralli. Aves de tamanho regular ou pequeno com o corpo compresso e as pernas fortes, que com facilidade podem correr sobre as massas molles das plantas aquaticas, no meio das quaes passam a vida. O ninho é uma construcção simples no chão ou nas plantas aquaticas. Dos ovos, cujo numero não é pequeno, sahem os filhotes já em estado adiantado, cobertos de pennugem densa. A secção *Rallinae* contem as saracuras e parte dos frangos d'agua, aves que têm a fronte provida de pennas e sem escudo frontal. O bico é mais comprido do que o dedo mediano com a unha nos generos Limnopardalus e Aramides, os dedos são simples, delgados, compridos. Nos generos Porzana e Creciscus é o bico mais curto do que o dedo mediano com a unha. As *Gallinulinae* têm os dedos simples ou com uma estreita margem lateral e a base do bico forma na fronte um grande escudo frontal de membrana molle. Esse escudo é pequeno e triangular no genero Porphyriops, grande nos outros. As *Fulicinae* com o unico genero Fulica, têm os dedos nos lados lobados, sendo cada phalange munida de cada lado de uma membrana arqueada.

Grues. São aves maiores, assemelhando-se ás garças pelo pescoço e pelas pennas mais compridos. Os loros são em alguns dos generos nús, em outros providos de pennas. Não se pode dizer que esse seja um grupo bem natural, mas a classificação não é ainda definitiva nessa ordem. A familia *Aramidae* contem só o genero Aramus, o carão. A familia *Cariamidae* é pequena tambem, contendo a seriema. As *Palamedeidae* são aves grandes com o bico

curto como o das gallinaceas, com a cauda mais comprida e com um ou dous esporões no encontro. Faz parte da familia o anhiuma.

SUBORDEM. RALLI.

FAM. RALLIDAE.

* **524. Limnopardalus rytirhynchus (Vieill.).**
Saracura.

Rallus zelebori *Pelzeln* p. 315.
Rallus rytirhynchus *Sclater a. Hudson* II p. 149.
Limnopardalus rytirhynchus Cat. Br. Mus. XXIII p. 29.

Especie semelhante a que se segue, um pouco menor, de 26 centim. de comprimento, medindo o bico 47—50 mm. A côr é bruno-azeitonada em cima, com bases pretas das pennas do dorso baixo. A cabeça é bruno-denegrida, o lado inferior cinzento. A cauda e as remiges são bruno-escuras, as coberteiras inferiores da cauda têm orlas amarelladas. O bico é verde, com a base azul em cima, vermelha em baixo. A especie occorre desde Buenos Ayres até o Rio de Janeiro, Paraguay e Perú, sendo, entretanto, mais rara do que a seguinte. Natterer caçou-a no Rio de Janeiro, onde a tratam de saracura.

Mus. Paul. Ypiranga.

* **525. Limnopardalus nigricans (Vieill.).**
Saracura; Jassanã (Piracicaba).

Gallinula caesia *Spix* II p. 73 Taf. 95.
Rallus nigricans *Wied* IV p. 782.
Aramides nigricans *Burmeister* III p. 385.
Rallus nigricans *Pelzeln* p. 315 (Matto Dentro, Ypanema).
Rallus nigricans *Sclater a. Hudson* II p. 150.
Rallus nigricans *Berlepsch* II p. 274.
Limnopardalus nigricans Cat. Br. Mus. XXIII p. 31.

Especie de 28—31 centim. de comprimento, semelhante á precedente, da qual differe pela falta da mancha vermelha

na base do bico, pela garganta branca e pela cauda toda preta. O bico é verde, as pernas são vermelhas. A especie occorre desde S.ta Catharina até a Bahia, Paraguay, Perú e Surinam. Não occorre no Rio da Prata e não a obtive no Rio Grande do Sul, acreditando que seja falsa a indicação de *Pelotas* do British Museum Catalogue. No genero Limnopardalus é o tarso mais curto do que o dedo mediano com a unha, sendo mais comprido no genero Aramides.

Mus. Paul. Ribeirão Pires; Cachoeira; São Paulo; Ypiranga.

* 526. Aramides cayanea (Müll.).

Saracura.

Gallinula ruficeps *Spix* II p. 74 Taf. 96.
Gallinula cayanensis *Wied* IV p. 798.
Aramides cayennensis *Burmeister* III p. 384.
Aramides cayennensis *Pelzeln* p. 315.
Aramides cayennensis *Berlepsch u. Ihering* p. 180.
Aramides cayanea subsp. chiricote Cat. Br. Mus. XXIII p. 58.

Especie de 34 centim. de comprimento, medindo a aza 205 e o bico 56 mm. A côr é bruno-azeitonada no dorso, cinzenta na cabeça e no pescoço, a excepção do occipicio, que é bruno. O peito e as remiges são castanhos, a barriga e a cauda são pretas. O bico é verde-amarellento, as pernas são vermelhas. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central. Os exemplares typicos da Guyana têm o occipicio cinzento.

E' ave dos mattos e dos banhados cingidos de mattas, cuja voz alta — um pot, tres pot — é considerada como signal da vinda de chuva.

E' possivel que occorra na costa de S. Paulo, onde ha mangue A. mangle Spix, observada no Rio de Janeiro e Bahia, que tem todo o lado inferior e tambem o pescoço anterior pardo-avermelhado e a Saracura grande, A. ypacaha Vieill., especie maior, de 41 centim. de comprimento,

medindo o bico 70 mm., com o peito roxo-encarnado, pallido, a barriga branco-cinzenta, as coberteiras inferiores da cauda pretas, que occorre desde Buenos Ayres até o Paraguay e Minas.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 527. Aramides saracura (Spix).

Saracura.

Gallinula serracura *Spix* II p. 75.
Gallinula plumbea *Wied* IV p. 795.
Aramides plumbeus *Burmeister* III p. 383.
Aramides saracura *Pelzeln* p. 316 (Ypanema).
Aramides saracura *Berlepsch* II p. 275.
Aramides saracura Cat. Br. Mus. XXIII p. 61.

Especie de 35—42 centim. de comprimento, que se distingue das outras pelo lado ventral cinzento, sendo apenas a garganta branca, o crisso e a cauda pretos. A cabeça é cinzento-escura em cima, sendo pardo-avermelhados a nuca, o pescoço posterior e o dorso superior. O dorso é verde-azeitonado. As coberteiras interiores das azas são castanhas, com faxas pretas. O bico é verde, as pernas são vermelhas. Essa especie está distribuida desde o Rio Grande do Sul até a Bahia, Paraguay e Perú.

Mus. Paul. Tieté.

* 528. Porzana albicollis (Vieill.).

Ortygometra albicollis *Burmeister* III p. 387.
Porzana albicollis *Pelzeln* p. 316 (Ypanema, Irisanga).
Porzana albicollis Cat. Br. Mus. XXIII p. 102.

Especie pequena, de 20—23 centim. de comprimento, medindo o bico 25—28 mm. A côr é no lado dorsal bruno-azeitonada, tendo cada penna o centro denegrido. O lado ventral é cinzento, a garganta é alvacenta. Os lados da barriga e as coberteiras inferiores da cauda são brunas, com faxas transversaes brancas. As remiges e rectrizes são bruno-denegridas, com orlas mais claras. O bico é verde, as pernas são vermelho-escuras. A especie occorre desde

S. Paulo e Paraguay até Venezuela. O Sr. *Krone* observou-a em Iguape. Observo que no genero Porzana são as remiges do braço mais curtas do que as da mão igualando a differença entre as suas pontas ao comprimento do dedo posterior. Ao contrario, no genero Creciscus ambas são iguaes em comprimento. E' preciso bem observar essas differenças para que nos não enganemos na determinação. Temos alem de um exemplar typico, outros de Cachoeira, variedade que tem as remiges do braço do comprimento das da mão e a base do bico entrando com uma grande ponta triangular na plumagem da fronte. Voltarei ao assumpto.

Mus. Paul. Piquete.

* 529. Creciscus melanophaeus (Vieill.).

Gallinula lateralis *Wied* IV p. 805.
Ortygometra lateralis *Burmeister* III p. 387.
Porzana melanophaea *Pelzeln* p. 317.
Creciscus melanophaeus Cat. Br. Mus. XXIII p. 139.

Especie pequena, de 14—18 centim. de comprimento, sendo o macho menor do que a femea. A côr é bruno-azeitonada em cima, com as remiges e as rectrizes mais escuras. A garganta e o meio do peito são brancos, os lados do pescoço e do peito são castanhos. A barriga é preta, com faxas brancas transversaes, as coberteiras inferiores da cauda são castanhas. O bico e as pernas são bruno-azeitonadas. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul até Surinam. No Rio Grande do Sul e na Argentina existe outra especie affim, C. leucopyrrhus Vieill., que tem o vertice amarellento e as coberteiras inferiores da cauda no meio pretas, nos lados brancas.

Mus. Paul. Cachoeira.

* 530. Gallinula galeata (Licht.).

Frango d'agua.

Gallinula galeata *Wied* IV p. 807.
Gallinula galeata *Burmeister* III p. 389.
Gallinula galeata *Pelzeln* p. 318 (Ypanema).

Gallinula galeata *Coues* p. 675.
Gallinula galeata *Sclater a. Hudson* II p. 156.
Gallinula galeata Cat. Br. Mus. XXIII p. 177.

Especie de 35 centim. de comprimento. A côr é cinzento-denegrida, sendo nas azas e no dorso baixo bruno-azeitonada. As pennas da barriga têm orlas brancas, as dos lados da barriga têm a barba exterior branca. As coberteiras inferiores da cauda são pretas no meio, brancas nos lados. O bico é vermelho, com a ponta amarella. As pernas são verdes, com uma faxa vermelha na tibia. A especie occorre desde o Chile e o Norte da Argentina até a America do Norte. E' commum nas lagoas, onde é encontrada nadando, fazendo em cima de plantas aquaticas o seu ninho. O Sr. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba. Essa especie differe pouco da G. chloropus da Europa, na qual a margem posterior do escudo frontal é arredondada, sendo truncada na G. galeata.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 531. Porphyriops melanops (Vieill.).

Porphyriops melanops *Pelzeln* p. 318, nota.
Porphyriops melanops *Sclater a. Hudson* II p. 156.
Porphyriops melanops Cat. Br. Mus. XXIII p. 182.

Especie pequena, de 23 centim. de comprimento, medindo o bico 28 mm. O pequeno escudo frontal é na extremidade posterior angulado ou acuminado, sendo largo nas outras especies. A côr é bruno-azeitonada em cima, cinzenta em baixo. As coberteiras exteriores das azas são castanhas. A barriga é branca no meio. As coberteiras inferiores da cauda são brancas. Os lados do corpo em baixo das azas são brunas, com pingas brancas. O bico e as pernas são bruno-azeitonados. A especie occorre desde o Chile, a Argentina e Rio Grande do Sul até Bogotá, mas a distribuição no Brazil é pouco conhecida. Existindo na collecção do Museu varios exemplares como provenientes

deste Estado, acceitei a especie nesta lista sem ter certeza. Provavelmente occorre na zona occidental do Estado.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo (?).

* 532. Porphyriola martinica (L.).

Frango d'agua verde-azul.

Gallinula martinicensis *Wied* IV p. 812.
Porphyrio martinica *Burmeister* III p. 392.
Porphyrio martinicus *Pelzeln* p. 317 (Ypanema, Irisanga).
Jonornis martinica *Coues* p. 676.
Porphyriola martinica Cat. Br. Mus. XXIII p. 139.

Especie bonita, de 25 centim. de comprimento, que se distingue das outras gallinhas d'agua pelos dedos compridos, simples, sem membrana alguma e pela esplendida côr metallico-verde e azul. O bico, com o escudo frontal, mede 40 mm. A côr é verde no dorso, nas azas e na cauda, azul na cabeça, no pescoço e no peito. A barriga é bruno-denegrida, as coberteiras inferiores da cauda são brancas. O bico é verde na ponta, vermelho na base e azul no escudo frontal; as pernas são amarellas. A ave nova é bruno-cinzenta, com a barriga branca. A especie occorre desde S. Paulo até Florida, sendo rara no Estado de São Paulo. O Sr. Valencio Bueno encontrou-a em Piracicaba, o Sr. Krone em Iguape.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 533. Fulica armillata Vieill.

Carqueija (Iguape); *Mergulhão.*

Fulica armillata *Burmeister* III p. 390.
Fulica armillata *Pelzeln* p. 318 (Irisanga).
Fulica armillata *Sclater a. Hudson* II p. 157.
Fulica armillata Cat. Br. Mus. XXIII p. 218.

A especie maior entre os frangos d'agua, de 45 centim. de comprimento. O tarso é mais curto do que o dedo mediano. Os dedos têm nos lados membranas arqueadas cujo numero corresponde ao das phalanges dos dedos, menos

a da unha. O bico com o escudo frontal mede 56 mm. A côr é cinzento-escura com a cabeça e o pescoço pretos. As coberteiras inferiores da cauda são brancas. As pernas são verdes, o bico é amarello com uma grande mancha vermelha no meio da maxilla superior. A especie occorre no Chile, Paraguay e desde a Patagonia até S. Paulo. O Sr. Krone obteve-a em Iguape, o Sr. Valencio Bueno em Piracicaba, onde lhe dão o nome incorrecto de frango do Pará naquelle Estado, porém, ella não occorre.

Mus. Paul. S. Sebastião.

Subordem. Grues.

FAM. ARAMIDAE.

* 534. Aramus scolopaceus Vieill.

Carão.

Guarauna *Marcgrav* p. 204.
Rallus ardeoides *Spix* II p. 72 Taf. 91.
Natherodius guarauna *Wied* IV p. 777.
Aramus scolopaceus *Burmeister* III p. 380.
Aramus scolopaceus *Pelzeln* p. 314 (Rio Paraná) e 458 (S. Paulo).
Aramus scolopaceus *Sclater a. Hudson* II p. 159.
Aramus scolopaceus *Berlepsch* II p. 273.
Aramus scolopaceus Cat. Br. Mus. XXIII p. 237.

Ave grande de 60-67 centim. de comprimento, assemelhando-se ás pernaltas da ordem Herodiones, das quaes differe pelos loros providos de pennas e pelos dedos compridos e desunidos na base. O bico, que é forte e um pouco curvo, mede 11 centim., o tarso um pouco mais. As ventas são lineares, permeaveis, situadas quasi no meio do bico. A côr é bruno-denegrida, a fronte e a garganta são esbranquiçadas, a nuca e o pescoço posterior são estriados de branco. O bico é bruno, as pernas são verdes.

Essa especie occorre desde o Rio da Prata até a Venezuela, vivendo ás margens dos rios e banhados,

onde á noite procura as conchas e caracoes aquaticos dos quaes vive. A sua voz melancolica é « cará-u », do que por corrupção foi feita a palavra carão. Parece que no Est. de S. Paulo é encontrado só na zona occidental.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. CARIAMIDAE.

* 535. Cariama cristata (L.).

Seriema.

Cariama *Marcgrav* p. 203.
Dicholophus cristatus *Wied* IV p. 570.
Dicholophus cristatus *Burmeister* III p. 401.
Dicholophus cristatus *Pelzeln* p. 299 (Nas Lages) e 455 (Araraquara).
Cariama cristata *Sclater a. Hudson* II p. 161.
Cariama cristata Cat. Br. Mus. I p. 42.

Ave grande dos campos cujo comprimento total importa em 80—90 centim., sendo o das azas 36 e o do tarso 19 centim. A região ao redor do olho e o loro são nús, de côr azul, as pennas da fronte são erectas. A côr é cinzento-amarellada com numerosas faxas transversaes escuras, que faltam na barriga. As pennas do peito têm no meio uma estria clara. As remiges são pardo-cinzentas com faxas esbranquiçadas, as rectrizes lateraes escuras com a base e a ponta alvacentas, as medianas uniformes, pardo-cinzentas. O bico e as pernas são encarnados.

A seriema é ave dos vastos campos do interior do Brazil desde o Rio Grande do Sul até Paraguay, Matto Grosso e Pernambuco. E' ave que não vôa mas correndo foge, ave util que vive de gafanhotos, cobras e lagartos. Constroe o ninho em arvore baixa, os seus ovos ainda não pude obter. No Est. de S. Paulo occorre nos campos de Araraquara, Rio Claro etc. até o Rio Paraná.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. PALAMEDEIDAE.

* 536. Palamedea cornuta L.

Anhuma.

Anhima *Marcgrav* p. 215 com figura.
Palamedea cornuta *Wied* IV p. 585.
Palamedea cornuta *Burmeister* III p. 396.
Palamedea cornuta *Pelzeln* p. 313 (Ypanema).
Palamedea cornuta *Brehm* Thierleben VI p. 408 com figura.
Palamedea cornuta Cat. Br. Mus XXVII p. 3.

O anhuma é ave grande, de 80—85 centim. de comprimento, do tamanho do perú, distinguida pelo «chifre» da fronte, um processo flexivel fixado no couro, de 10—12 centim. de comprimento. O loro é provido de pennas, a cauda tem 14 rectrizes. Não se conhece a significação physiologica do chifre. Os dous esporões dos encontros são armas valentes. A côr é bruno-denegrida em cima excepto o vertice que é cinzento com pontas pretas das pennas como tambem a parte superior do peito. A cabeça, o pescoço e parte do peito, as azas e a cauda são pretas, a barriga é branca. O bico e as pernas são cinzentas, o chifre é amarellado. O anhuma é ave do Norte do Brazil que occorre desde S. Paulo até a Guyana. E' ave dos mattos onde procura os banhados e rios vivendo de plantas aquaticas.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 537. Chauna cristata (Sw.).

Chagá.

Palamedea chavaria *Wied* IV p. 584.
Palamedea chavaria *Burmeister* III p. 397.
Chauna chavaria *Pelzeln* p. 314.
Chauna chavaria *Sclater a. Hudson* II p. 119.
Chauna cristata Cat. Br. Mus. XXVII p. 6.

Especie semelhante a precedente, mas sem o chifre frontal, com os loros nús, encarnados e 12 rectrizes na

cauda. Na nuca nota-se um pennacho de pennas alongadas. No meio do pescoço observa-se um annel nú, encarnado, desprovido de pennas. A côr é cinzenta, mais escura no dorso. A garganta e o pescoço anterior superior são brancos, o pescoço em baixo do annel nú é bruno-denegrido. As pernas são encarnadas.

Essa especie é commum nas republicas platinas e no Rio Grande do Sul, onde a tratam de « tachã », occorrendo desde a Bahia Blanca até Matto Grosso e Amazonas. No Estado de S. Paulo é rara, occorrendo só na zona occidental, onde a chamam chagá ou chajá. Pelzeln diz (p. 458) que um exemplar proveniente de S. Paulo existe no Museu de Leyden.

É ave dos banhados e lagoas vivendo de plantas aquaticas. Vive aos casaes sendo onde existe bem conhecida pela sua voz forte que com preferencia faz ouvir ás nove horas da tarde e á madrugada. Serviu-nos por annos na nossa Ilha no Rio Camaquan como signal para marcar as horas de deitar e levantar. Observei que a capa cornea dos esporões em certa epoca é descornada e substituida por outra. A especie affim P. chavaria L., com a garganta branca, o pescoço preto e sem annel nú, é de Venezuela.

Mus. Paul. —

XIV. Ordem. Limicolae.

As aves que formam essa ordem ligam-se ás da precedente de Paludicolae, com as quaes por alguns autores são reunidas numa ordem Grallae. A cabeça é nos membros dessa ordem provida por toda a parte de pennas que são pequenas. Os olhos são nas gallinholas situados bastante para traz, de modo que o ouvido não é situado atraz, mas em baixo dos olhos. O bico é delgado e só na ponta duro, molle na base, onde estão situadas as ventas. As azas são finas e pontagudas, distinguidas pelo extraordinario comprimenta das remiges do braço. Das dez remiges da

mão são as primeiras as mais compridas, diminuindo as seguintes em tamanho, as do braço, ao contrario, começam curtas ficando as outras successivamente mais compridas. A cauda consiste em geral em 12 rectrizes, mas no genero Gallinago o numero é maior, sendo de 16 nas nossas especies. As pernas são delgadas e têm a parte inferior da tibia nua. Os tarsos são reticulados ou revestidos de escudos. Os dedos são de comprimento regular, livres ou ligados na base dos dedos exteriores ou dos tres anteriores por membrana. O dedo posterior é pequeno e collocado alto, de modo que em geral não toca no chão e ás vezes falta completamente, como nos generos Charadrius, Calidris, Haematopus, Himantopus, Hoploxypterus, Aegialeus, Aegialitis.

São essas aves que vivem em banhados e campos humidos ou ás margens das lagoas, procurando na lama ou na areia o seu nutrimento que consiste em vermes e outros bichinhos. Nas mesmas localidades constróem os seus ninhos simples no chão. Os filhotes seguem já depois de poucos dias aos paes.

Das diversas familias dessa ordem que na nossa fauna têm representantes são as tres primeiras pequenas, contendo no territorio de S. Paulo só uma especie. As respectivas familias são:

Jacanidae ou Parridae com o genero Jacana (ou Parra), representado na nossa fauna pela piassoca. Os dedos são compridos, as unhas direitas e muito alongadas, especialmente a do dedo posterior. Os tarsos são munidos de escudos em frente e atraz. Jacana tem um escudo frontal de membrana molle na base da maxilla superior e esporões nos encontros. A posição systematica da familia é duvidosa, porque offerece relações com as Limicolae e com as Paludicolae.

Haematopidae, contendo o unico genero Haematopus, que é um membro aberrante da familia Charadriidae. As pernas são fortes e curtas. Os tarsos são reticulados na fronte e atraz. O bico é compresso, duro, comprido. São

os ostraceiros da Europa. A unica especie da nossa costa é conhecida sob o nome de baiacú.

Recurvirostridae. Outra familia pequena, caracterisada pelo comprimento extraordinario das pernas. Os tarsos são providos de escudos. O bico é comprido, delgado, direito ou recurvado para cima. O genero Himantopus, representado pelo «pernilongo» da nossa costa, tem apenas tres dedos.

Charadriidae. O bico é curto, menos comprido do que a cabeça; a fossa nasal estende-se só na metade basal de cada lado da maxilla superior. Os tarsos são reticulados ou munidos de escudos hexagonaes. As pernas são pouco compridas. Os pés têm quatro dedos nos generos Arenaria e Belonopterus, 3 nos outros generos, faltando o dedo posterior. Os dedos anteriores são na base munidos de membrana, excepto no genero Arenaria. As aves dessa familia são conhecidas sob as denominações de massarico e batuira.

Scolopacidae. O bico é nessa familia mais comprido, ás vezes duas vezes do comprimento da cabeça e mais. O bico é direito, molle, no genero Gallinago um pouco alargado na ponta, chamada então dertrum, onde depois da morte apparecem impressões punctiformes. A fossa nasal estende-se além da metade da maxilla superior ou até a sua ponta. Os tarsos são munidos de escudos na frente e, a excepção de Numenius, tambem atraz. Os dedos anteriores são ligados por membrana na base na subfamilia Totaninae, livres na sub-familia Scolopacinae. O dedo posterior existe quasi sempre, fazendo excepção o genero Calidris. Pertencem a essa familia as estimadas gallinholas e narsejas.

FAM. JACANIDAE.

* 538. Jacana jacana (L.).

Piassoca; Jassanã.

Jaçana *Marcgrav* p. 190.
Parra jacana *Wied* IV. p. 786.
Parra jacana *Burmeister* III p. 394.

Parra jacana *Pelzeln* p. 313 (Ypanema, Rio Paraná).
Parra jacana *Sclater a. Hudson* II p. 163.
Parra jacana *Brehm* VI p. 409 e figura.
Jacana jacana Cat. Br. Mus. XXIV p. 82.

Ave commum nas lagoas, de 20 centim. de comprimento. O bico, com o grande escudo frontal, mede 40 mm. O escudo frontal é no meio da borda posterior inciso e dividido, côr de laranja. Os dedos são muito compridos, as unhas direitas, compridas. A côr é denegrida na cabeça, no pescoço e no lado inferior. O dorso, as azas, a cauda, os lados do corpo e as coxas são castanhos, as remiges da mão verde-claras. No encontro nota-se um esporão forte e comprido, amarello. O bico é côr de laranja, as pernas são cinzentas. A especie está distribuida desde Buenos Ayres até Venezuela.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

FAM. HAEMATOPIDAE.

* 539. Haematopus palliatus Temm.

Baiacú (Iguape).

Haematopus palliatus *Wied* IV p. 746.
Haematopus palliatus *Burmeister* III p. 366.
Haematopus palliatus *Pelzeln* p. 298.
Haematopus palliatus *Coues* p. 606.
Haematopus palliatus *Sclater a. Hudson* II p. 176.
Haematopus palliatus Cat. Br. Mus. XXIV p. 114.

Ave forte, de 37—42 centim. de comprimento. O bico é duas vezes mais comprido do que a cabeça, compresso dos lados como uma faca, e tem o comprimento de 8 centim., sendo mais comprido do que o tarso. Ao pé falta o dedo posterior, sendo os anteriores na base reunidos por membrana. A côr é preta na cabeça e no pescoço, bruno-cinzenta no dorso, nas azas e na cauda, cuja ponta é preta. O lado inferior desde o peito, as coberteiras exteriores grandes das azas e as coberteiras exteriores da cauda são brancos. O bico e as pernas são côr de laranja. Essa ave

occorre desde a Patagonia até a America do Norte; vive na costa do mar, procurando bichinhos, mas não come ostras, como o seu nome de ostraceiro faz crêr. Natterer diz que ouviu tratal-o de batuira do mar grosso e de perú-perú. O Sr. Krone diz que em Iguape tem o nome de baiacú, o que, alias, é nome de peixe.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. CHARADRIIDAE.

1. Subfam. Arenariinae.

* 540. Arenaria interpres (L.).

Batuira.

Strepsilas collaris *Wied* IV p. 730.
Strepsilas collaris *Burmeister* III p. 364.
Strepsilas interpres *Pelzeln* p. 297.
Strepsilas interpres *Brehm* VI p. 270 e figura.
Strepsilas interpres *Coues* p. 608.
Arenaria interpres Cat. Br. Mus. XXIV p. 92.

Ave da costa da mar, de 20—22 centim de comprimento, distinguida pelo bico recto, mais curto do que a cabeça, duro, com a ponta acuminada e pelos pés desprovidos de membrana entre os dedos. Os tarsos são curtos. O dorso e as coberteiras exteriores das azas são pretas com manchas castanhas, o dorso baixo é branco. A cabeça é branca com estrias e manchas pretas. O lado inferior é branco, excepto os lados do pescoço e do peito que são pretos. No pescoço posterior ha uma colleira branca. As coberteiras exteriores da cauda são pretas. As rectrizes são escuras, as lateraes com pontas brancas. O bico é preto, as pernas são côr de laranja. A ave nova tem as pennas do dorso e do peito pardo-cinzentas.

Ave de distribuição quasi cosmopolita que na costa do Brazil occorre desde S.ta Catharina até o Pará, donde a temos. Não a temos ainda da nossa costa. Natterer caçou-a em Rio de Janeiro.

Mus. Paul. —

2. Subfam. Charadriinae.

541. Hoploxypterus cayanus (Lath.).

Charadrius spinosus *Wied* IV p. 764.
Charadrius cayanus *Burmeister* III p. 358.
Hoplopterus cayanus Cat. Br. Mus. XXIV p. 135.

Ave de 20—24 centim. de comprimento, caracterisada pela presença de um pequeno esporão no encontro. As pernas são altas, tendo o tarso duas vezes o comprimento do dedo mediano com a unha. Os pés têm só os tres dedos anteriores, dos quaes só os interiores na base são unidos por membrana. A côr é bruno-cinzenta no vertice e no dorso. Da fronte, que é preta, sahe de cada lado uma larga fita da mesma côr, passando pelos olhos ao longo do pescoço até o peito, onde se reune com a do outro lado. O vertice é orlado de branco. As remiges são pretas. A cauda é branca na base, preta na ponta. As grandes coberteiras exteriores das azas são brancas. O pescoço e o lado inferior são brancos. O bico é preto, as pernas são vermelhas. A especie está distribuida desde S. Paulo e Minas até Guyana.

Mus. Paul. —

* 542. Belonopterus cayennensis (Gm.)

Quero-quero.

Vanellus cayennensis *Wied* IV p. 754.
Vanellus cayennensis *Burmeister* III p. 363.
Vanellus cayennensis *Pelzeln* p. 296 (Ypanema, Itararé. Irisanga.
Vanellus cayennensis *Sclater a. Hudson* II p. 165 e fig.
Belonopterus cayennensis Cat. Br. Mus. XXIV p. 163.

Ave conhecida, de 31—34 centim. de comprimento, distinguida por um esporão encarnado no encontro e pelo pennacho formado pelas pennas da nuca. A côr é cinzenta a excepção da fronte e do pennacho que são pretos. A garganta, o peito e as remiges são pretos, as rectrizes são brancas na base e na ponta, pretas no meio. As coberteiras

pequenas das azas são verde-metallicas, as maiores são brancas. A barriga é branca, o bico e as pernas são vermelhas.

Essa especie, cujo nome se refere á sua voz, está distribuida desde o Rio da Prata até Guyana e Colombia. O Sr. Krone caçou-a em Iguape.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 543. Charadrius dominicus Müll.

Massarico.

Charadrius virginicus *Wied* IV p. 761.
Charadrius virginianus *Burmeister* III p. 357.
Charadrius pluvialis *Pelzeln* p. 297 (Ypanema).
Charadrius virginicus *Berlepsch* I p. 254.
Charadrius dominicus *Sclater a. Hudson* II p. 170.
Charadrius dominicus *Coues* p. 599 e fig. 418.
Charadrius dominicus Cat. Br. Mus. XXIV p. 195.

A falta do dedo posterior e o bico mais curto do que a cabeça caracterisam essa especie. O tarso é reticulado. O dedo exterior é ligado na base por membrana ao mediano. A ave adulta no tempo do estio tem o seguinte colorido. O lado dorsal é bruno-denegrido com manchinhas redondas, amarellas. A fronte, uma estria supraocular e a face são brancas. O lado inferior é preto. As rectrizes são escuras com algumas faxas incompletas amarellas. O bico é preto, as pernas são cinzentas. A ave nova e a adulta no inverno têm o lado inferior branco com manchas pardo-cinzentas no peito. É essa especie de distribuição quasi cosmopolita, que é commum na America do Norte donde emigra ao fim do verão para a America do Sul, sendo nos mezes de Setembro em deante commum em Buenos Ayres. No Est. de S. Paulo parece ser rara. Ch. pluvialis L. da Europa tem as pennas axillares, em baixo das azas, brancas em vez de pardo-cinzentas na especie presente, que apenas representa uma variedade pouco menor della.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 544. Aegialeus semipalmatus (Bp.).

Batuira.

Charadrius brevirostris *Wied* IV p. 769.
Charadrius brevirostris *Burmeister* III p. 359.
Charadrius semipalmatus *Pelzeln* p. 297.
Aegialites semipalmatus *Coues* p. 602.
Aegialeus semipalmatus Cat. Br. Mus. XXIV p. 250.

Especie pequena, de 160 mm. de comprimento; o bico mede 12—14, o tarso 21—23 mm. A membrana entre os dois dedos exteriores extende-se na segunda phalange. A côr é pardo-cinzenta em cima, com pontas brancas das coberteiras exteriores grandes das azas. A fronte e o lado inferior são brancos. Uma faxa transversal corre no vertice de um olho ao outro, extendendo-se para traz até a nuca. Outra faxa larga preta percorre o peito extendendo-se ao pescoço posterior, onde é acompanhada por outra branca. As rectrizes medianas são escuras, as outras pardo-cinzentas, com pontas brancas, a exterior é branca. As pernas são amarellas, o bico é preto, com a base côr de laranja. Á ave nova falta a faxa do vertice. A especie occorre desde o Rio Grande do Sul, onde a obtive, na costa do Brazil e até a região arctica da America do Norte.

Mus. Paul. Costa do Est. de S. Paulo.

* 545. Aegialitis collaris (Vieill.).

Batuira.

Charadrius azarae *Wied* IV p. 772.
Charadrius azarae *Burmeister* III p. 360.
Charadrius azarae *Pelzeln* p. 297 (Cemiterio).
Aegialitis collaris *Sclater a. Hudson* II p. 173 e figura.
Aegialitis collaris Cat. Br. Mus. XXIV p. 288 (S. Paulo).

Especie do tamanho da precedente, a qual é semelhante. O tarso mede 25 mm., o bico, que é todo preto, mede 16—17 mm. A côr é pardo-cinzenta no dorso, com orlas amarellentas das pennas. A fronte é branca, o vertice preto, o occipicio avermelhado-pallido. Uma estria preta

corre do bico aos olhos. O lado inferior é branco, com uma faxa preta transversal entre o peito e o pescoço anterior, que perto dos encontros fica mais larga e acaba. As pernas são avermelhadas. Entre os dedos exteriores existe na base uma pequena membrana, que nos exemplares da Bahia falta, segundo Wied. A especie occorre desde Buenos Ayres até o Mexico, não só na costa, como tambem nos lagos e rios.

Mus. Paul. S. Sebastião; Iguape.

FAM. RECURVIROSTRIDAE.

* 546. Himantopus melanurus Vieill.

Pernilonga.

Himantopus mexicanus *Wied* IV p. 741 (nec Müll.).
Himantopus mexicanus *Burmeister* III p. 367.
Himantopus nigricollis *Pelzeln* p. 310 (Ypanema, Irisanga).
Himantopus brasiliensis *Sclater a. Hudson* II p. 179 e figura.
Himantopus melanurus Cat. Br. Mus. XXIV p. 316.

Ave singular pelas pernas altas, nuas e pelos tarsos do duplo comprimento do dedo mediano com a unha. Aos pés, cujos dedos não são ligados por membrana, falta o dedo posterior. É ave de 35 centim. de comprimento, sendo o do bico de 6 centim. O bico é recto, delgado, preto. O lado dorsal até a nuca é preto, a cabeça e o lado inferior são brancos. Dos olhos corre uma estria branca á nuca. Uma faxa branca corre entre o pescoço posterior e o dorso. A cauda é branca, as remiges são pretas, as pernas côr de laranja. Especie do Brazil, da Argentina e do Chile, que nesta parte da America do Sul está substituindo a especie semelhante H. mexicanus (Müll.), distribuida da America do Norte até o Amazonas e que tem a cabeça em cima preta até a fronte, que é branca.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. SCOLOPACIDAE.

1. Subfam. Totaninae.

* 547. Numenius borealis (Forst.).

Limicola brevirostris *Burmeister* III p. 375.
Numenius brevirostris *Pelzeln* p. 308 (Ypanema).
Numenius borealis *Coues* p. 646.
Numenius borealis *Sclater a. Hudson* II p. 192.
Numenius borealis Cat. Br. Mus. XXIV p. 368.

O genero Numenius é caracterisado pelo bico comprido e arqueado, recurvado para baixo. O tarso é na frente revestido por escudos, no lado posterior reticulado. As menbranas entre os dedos são curtas. A especie presente tem o comprimento de 29 centim., o bico mede 6 centim., o tarso é um pouco menor. A côr é bruno-escura no lado dorsal, com orlas pallidas das pennas. A cauda é bruna, com faxas transversaes pretas. A garganta é branca, o resto do lado inferior amarellado, com manchas escuras anguladas. As coberteiras interiores das azas são castanhas, com faxas pretas. As remiges são uniformes, sem as faxas que caracterisam a especie affim N. hudsonicus Lath. É essa especie da America do Norte, que extende as suas migrações ao Sul, até a Patagonia, não passando o inverno na America do Norte. N. hudsonicus que occorre até a Bahia e que temos do Pará não foi observada em São Paulo ou Rio.

Mus. Paul. —

* 548. Limosa hudsonica (Lath.).

Massarico.

Limosa hudsonica *Pelzeln* p. 308.
Limosa haemastica *Coues* p. 635.
Limosa haemastica *Sclater a. Hudson* II p. 191.
Limosa hudsonica Cat. Br. Mus. XXIV p. 388.

O bico é no genero Limosa comprido, excedendo a cauda em comprimento, direito, um pouco curvado para

cima. Na especie presente mede 8 centim., sendo o comprimento total da ave de 35 centim. A ave é differente no colorido no verão e no inverno. A côr no verão é bruno-denegrida no lado dorsal, com estrias alvacentas e castanhas. As remiges e rectrizes são pretas, a base da cauda é branca. A garganta é branca, o resto do lado inferior castanho, com faxas transversaes pretas. No inverno é o lado dorsal bruno-cinzento, o ventral e a cabeça branco-amarellado. E' essa especie da America do Norte, que extende as suas migrações até a Patagonia. Não acredito que se trate de migrações regulares de inverno. O nosso exemplar parece proveniente do Est. de S. Paulo, mas não tenho certeza. Natterer obteve a especie em Matto Grosso nos mezes de Setembro e Outubro. No Est. de S. Paulo parece rara, faltando-me informações.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

549. Totanus melanoleucus (Gm.).

Massarico.

Totanus maculatus *Wied* IV p. 727.
Totanus melanoleucus *Burmeister* III p. 368.
Totanus melanoleucus *Pelzeln* p. 308.
Totanus melanoleucus *Coues* p. 638 e figura.
Totanus melanoleucus *Sclater a. Hudson* p. 186.
Totanus melanoleucus *Berlepsch* II p. 257.
Totanus melanoleucus Cat. Br. Mus. XXIV p. 426.

O tarso é no genero Totanus muito alto, mais comprido do que o dedo mediano. A côr é pardo-cinzenta em cima, com manchas brancas, branca em baixo, com estrias brunas no peito. O dorso baixo e o uropygio são brancos. A cauda é pardo-cinzenta, com faxas estreitas, transversaes brancas. O bico é preto, as pernas são amarelladas. O comprimento total é de 35 centim., o do bico de 54—58 mm. Especie americana distribuida desde Canadá até o Estreito de Magalhães. O Sr. Krone obteve-a em Iguape.

Mus. Paul. —

* 550. Totanus flavipes (Gm.).

Massarico.

Totanus flavipes *Wied* IV p. 723.
Totanus flavipes *Burmeister* III p. 369.
Totanus flavipes *Pelzeln* p. 309 (Ypanema, Irisanga).
Totanus flavipes *Coues* p. 638.
Totanus flavipes *Sclater a. Hudson* II p. 187.
Totanus flavipes Cat. Br. Mus. XXIV p. 431.

Especie semelhante á precedente, porem, menor, de 23—24 centim. de comprimento. A côr é cinzenta em cima com manchinhas pretas e brancas no dorso e nas azas, branca em baixo, excepto no peito que é cinzento. A cauda é branca, com faxas transversaes pardo-cinzentas. Uma estria branca corre do bico até os olhos. O bico mede 38—40 mm. Essa especie vive como a precedente na visinhança da agua, tanto no interior como na costa. A distribuição geographica é a mesma da especie precedente.

Mus. Paul. S. Sebastião.

* 551. Helodromas solitarius (Wils.).

Tringa macroptera *Spix* II p. 76 Taf. 92.
Totanus caligatus *Burmeister* III p. 370.
Totanus solitarius *Pelzeln* p. 309 (Ypanema, Irisanga).
Rhyacophilus solitarius *Coues* p. 639 e fig. 446.
Rhyacophilus solitarius *Sclater a. Hudson* II p. 188.
Helodromas solitarius. Cat. Br. Mus. XXIV p. 444.

Especie menor, de 18—19 centim. de comprimento, differindo das especies typicas de Totanus pelos tarsos menos altos, mais ou menos iguaes no seu comprimento ao dedo mediano com a unha. O bico mede 30 mm., o tarso um pouco menos. A côr é pardo-cinzenta em cima, com manchinhas escuras e alvacentas que occupam as orlas das pennas. O lado inferior é branco, com estrias cinzentas no peito. Uma estria branca corre do bico aos olhos. As rectrizes medianas são uniformes, escuras, as lateraes brancas, com faxas transversaes escuras. O bico

é preto, as pernas são amarelladas. A especie está distribuida desde a America do Norte até Buenos Ayres.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 552. Tringoides macularius (L.).

Tringoides macularius *Pelzeln* p. 309 (Ypanema).
Tringoides macularius *Coues* p. 640 e fig. 447.
Actitis macularia A. O. U. Chek List. II p. 97.
Tringoides macularius Cat. Br. Mus. XXIV p. 468 e 762 (Santos).

O bico no genero Tringoides é mais curto do que o comprimento da cabeça ou do tarso. O tarso no seu comprimento iguala o dedo mediano com a unha. A côr é cinzento-azeitonada em cima, com estrias escuras, branca, com numerosas manchas pretas redondas no lado ventral. Sobre os olhos corre uma linha branca. As rectrizes lateraes têm as pontas brancas. O bico é preto, com a base encarnada, as pernas são encarnado-amarellas. Especie da America do Norte que na America do Sul está distribuida até Paranaguá, onde Natterer a caçou. O comprimento total é de 160 mm., o do bico de 24 mm.

Mus. Paul. Est. de S. Pavlo.

* 553. Bartramia longicauda (Bechst.).
Batuira do campo.

Tringoides bartramius *Pelzeln* p. 310 (Matto Dentro, Irisanga).
Actiturus bartramius *Sclater a. Hudson* II p. 189.
Actiturus longicaudatus *Berlepsch* II p. 260.
Bartramia longicauda *Coues* p. 641.
Bartramia longicauda Cat. Br. Mus. XXIV p. 509 (Irisanga).

O bico é neste genero mais curto do que a cabeça, do tamanho do dedo mediano, que é muito mais curto do que o tarso. A cauda é mais comprida do que o bico e tem as pennas lateraes mais curtas do que as medianas. A unica especie do genero, que occorre em grande parte

da America, tem o comprimento de 28 centim.; o tarso mede 45, o bico 29 mm. A côr é denegrida em cima, com orlas amarelladas das pennas. O uropygio é preto. As coberteiras das azas são brunas, com faxas pretas. O lado inferior é branco, a excepção do peito que é amarellento com manchas e faxas pretas. As rectrizes medianas são escuras, as lateraes amarelladas, com faxas transversaes pretas. O bico é amarellento, com a ponta preta, as pernas são amarellas. A especie occorre desde os pampas argentinas até Nova York. A ave cria na America do Norte, donde se retira no inverno, comparecendo aos pampas da Argentina nos mezes de Setembro até Março.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

2. Subfam. Scolopacinae.

* 554. Tringites subruficollis (Vieill.).

Tringoides rufescens *Pelzeln* p. 310 (Ypanema).
Tryngites rufescens *Coues* p. 642 e fig. 449.
Tryngites rufescens *Sclater a. Hudson* II p. 190.
Tringites sub-ruficollis Cat. Br. Mus. XXIV p. 521.

O bico é nesse genero monotypico mais curto do que a cabeça e o tarso, que é mais comprido do que o dedo mediano com a unha. Entre os dedos anteriores não ha membrana. O comprimento total é de 200 mm., o do bico de 22—24 mm. A côr é bruno-denegrida em cima com orlas amarelladas das pennas, amarellenta no lado inferior, mais escura ou avermelhada no peito. As remiges da mão são escuras e têm a barba interior branca salpicada de preto. A cauda é escura com as rectrizes exteriores cinzento-amarellas com uma faxa preta e a ponta clara. O bico é escuro, as pernas são esverdeadas. A especie está distribuida na America desde Alaska até Buenos Ayres, retirando-se da America do Norte no inverno, comparecendo aos pampas argentinos nos mezes de Outubro até Abril.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

555. Calidris arenaria (L.).

Calidris arenaria *Wied* IV p. 750.
Calidris arenaria *Burmeister* III p. 371.
Calidris arenaria *Pelzeln* p. 312 (Ypanema).
Calidris arenaria *Coues* p. 633 e fig. 440.
Calidris arenaria *Sclater a. Hudson* II p. 186.
Calidris arenaria *Brehm* VI p. 291 e fig.
Calidris arenaria Cat. Br. Mus. XXIV p. 526.

No genero Calidris é o comprimento do bico igual ao da cabeça e do tarso; ao pé falta o dedo posterior. O comprimento total é de 18—20 centim., o do bico de 25 mm. A côr é no estio avermelhado-bruna em cima com manchas pretas e cinzentas. A face e o lado inferior são brancos. As coberteiras exteriores das azas têm as pontas brancas, as remiges as bases. As rectrizes lateraes são cinzentas, com orlas brancas. O bico e as pernas são pretas. No inverno é a côr do lado dorsal cinzenta. Esse massarico não é raro nas costas do Brazil. O Sr. Krone caçou-o em Iguape. A especie é cosmopolita e occorre na America desde o Norte até a Patagonia.

Mus. Paul. —

556. Heteropygia maculata (Vieill.).

Tringa maculata *Pelzeln* p. 311 (Ypanema).
Tringa maculata *Berlepsch* II p. 261.
Tringa maculata *Sclater a. Hudson* II p. 183.
Actodromas maculata *Coues* p. 626.
Heteropygia maculata Cat. Br. Mus. XXIV p. 562.

As especies de Heteropygia têm os dedos anteriores livres, sem membrana na base, distinguindo-se assim de Tringoides e outras aves analogas. O bico é do comprimento da cabeça e do tarso. Essa especie tem o comprimento total de 200—220 mm., sendo o das azas 144 mm., o do bico 26 mm. A côr é bruno-denegrida em cima com orlas cinzentas ou castanhas das pennas. O uropygio é preto, as coberteiras exteriores lateraes da cauda são

brancas, as medianas pretas. Sobre os olhos corre uma estria branca. O lado inferior é branco. O peito é cinzento, com estrias pretas. A especie occorre na America do Norte de onde se retira no inverno buscando a America do Sul até a Patagonia.

Mus. Paul. —

* 557. Heteropygia fuscicollis (Vieill.).

Batuirinha.

Tringa minutilla *Wied* IV p. 736 (nec Vieill.).
Tringa campestris *Burmeister* III p. 374.
Tringa bonapartii *Pelzeln* p. 311 (Ypanema).
Actodromas bonapartii *Coues* p. 627.
Tringa fuscicollis *Berlepsch* II p. 263.
Tringa fuscicollis *Sclater a. Hudson* II p. 185.
Heteropygia fuscicollis Cat. Br. Mus. XXIV p. 574.

Especie pequena, de 180 mm. de comprimento, medindo as azas 120, o bico 23—25 mm. A côr é pardo-cinzenta em cima com manchas escuras, branca em baixo com manchas brunas no peito. As coberteiras exteriores da cauda são brancas. Sobre o loro, que é cinzento, corre uma estria branca ao olho. As rectrizes medianas são acuminadas, mais compridas do que as outras e escuras, as lateraes são cinzentas com pontas brancas. O bico e as pernas são escuros. No verão é a côr no lado dorsal mais escura, com orlas cinzentas e avermelhadas nas pennas. Não parecem estar bastante estudadas as differenças de colorido conforme os sexos, estações e idade. Essa especie é da America do Norte, de onde se retira no inverno extendendo as suas migrações até a Patagonia. Ha quem pense que essas aves da America do Norte se retiram no inverno para a America do Sul. Mas temos um exemplar dessa especie caçado no dia 2 de março em Iguape e Natterer caçou exemplares em Ypanema nos mezes de Maio, Setembro e Novembro. Parece pois que a especie vive aqui todo o anno, criando tambem aqui provavelmente.

Outra especie semelhante a essa, distinguida pela côr preta do uropygio e das coberteiras exteriores da cauda, H. bairdi Coues, mais ou menos da mesma distribuição, não observei em S. Paulo e nem foi observada em Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Tringa canutus L., massarico de 23—25 centim. de comprimento cujo bico mede 30—35 mm. e que Wied obteve na Bahia, eu no Rio Grande do Sul, não foi ainda observada no Estado de S. Paulo.

Mus. Paul. Ypiranga, Iguape.

* 558. Gallinago frenata (Ill.).

Narseja.

Scolopax frenata *Wied* IV p. 712.
Scolopax frenata *Burmeister* III p. 377.
Scolopax frenata *Pelzeln* p. 312 (S. Paulo, Ypanema, Irisanga).
Gallinago frenata *Berlepsch* II p. 252.
Gallinago frenata Cat. Br. Mus. XXIV p. 646.

O tarso é no genero Gallinago mais curto do que o dedo mediano com a unha, o bico é muito comprido, um pouco alargado na ponta, onde é molle e provido de impressões punctiformes. A especie presente mede 25—28 centim., o bico 70—72 mm. A côr é bruno-denegrida no lado dorsal, com manchas e estrias amarelladas. O vertice é preto, com uma faxa amarellenta longitudinal no meio. A face e uma estria que corre sobre os olhos são amarellentas. O peito é bruno com manchas brancas, a barriga é branca. As rectrizes são castanhas com faxas pretas, as remiges uniforme-escuras. Essa especie occorre nos banhados e campos alagados desde o Rio Grande do Sul até Venezuela. Na Argentina é substituida por G. paraguayae Vieill., especie que tem as primeiras remiges do braço curtas, do tamanho das compridas coberteiras exteriores das azas que cobrem as remiges da mão, sendo as remiges do braço mais compridas do que essas em G. frenata

e G. delicata Ord. (G. Wilsoni Coues). Esta ultima é especie da America do Norte que occorre tambem no Brazil até Bahia e Rio e que tem as rectrizes exteriores da largura de 7—8 mm., medindo 5 apenas na G. frenata.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 559. **Gallinago gigantea (Temm.).**
Gallinhola.

Scolopax gigantea *Burmeister* III p.376.
Scolopax gigantea *Pelzeln* p. 312 (Ypanema, Itararé, Murungaba).
Gallinago gigantea Cat. Br. Mus. XXIV p. 659.

Especie grande, a maior do grupo, medindo 47 centim. O tarso mede 54, o bico 130 mm. A côr é bruno-denegrida no lado dorsal, com grandes manchas e faxas transversaes castanho-amarellas. As coberteiras exteriores da aza e as remiges têm faxas alvacentas. A cabeça é amarellenta, com duas largas estrias pretas que correm da fronte sobre o vertice, uma estria preta que corre do bico ao olho e outra correndo em baixo do olho. O lado inferior é alvacento, com faxas largas escuras. As rectrizes medianas são castanhas, as lateraes esbranquiçadas, todas com faxas escuras. As pernas e o bico são escuros. Especie do Brazil e do Paraguay, que, ás vezes, é encontrada em Buenos Ayres. Natterer diz que em Itararé foi denominada rapaz, aqui é conhecida sob o nome de gallinhola, apparecendo, porém, raras vezes no mercado.

Mus. Paul. S. Paulo.

XV. Ordem. Gaviae.

As aves que compõem essa ordem, que contem as andorinhas do mar e as gaivotas, são caracterisadas como aves nadadores com as azas desenvolvidas extraodinariamente e com os pés fracos. As tibias são providas de pennas, os tarsos pouco compridos são reticulados ou munidos de escudos. Nos pés é o dedo posterior pequeno,

os anteriores são ligados entre si por membrana. A cabeça é forte, o pescoço curto. O bico é mais ou menos do comprimento da cabeça, duro nas Laridae, provido de cera na base nas Lestridae, differente na fórma, contendo em regra as ventas, que são permeaveis, na metade basal. As azas têm 10 remiges da mão, das quaes a primeira é a mais comprida e mais uma rudimentar. As azas são compridas, pontagudas, planas, e extendem-se sobre a base e ás vezes além da ponta da cauda, que contem 12 rectrizes.

São essas aves aquaticas e de preferencia maritimas, sendo pequeno o numero das especies que no interior são encontradas ao longo dos grandes rios. São excellentes voadores que vivem de peixes e outros organismos da agua. Constróem o seu ninho no chão, pondo os ovos em numero de tres numa cova na areia. Os filhotes alli ficam até que estejam bem desenvolvidas as azas.

Temos representantes das seguintes familias:

Rynchopidae. É o bico bastante singular, que caracterisa essa familia, sendo comprido e compresso como uma faca. A maxilla inferior é mais comprida do que a superior. A unica especie dessa familia é o talhamar. O nome refere-se á singularidade de pescar a ave com a maxilla inferior entrando na agua e sulcando a superficie.

Laridae. O bico é simples, sem cera na base. O sterno tem na margem posterior duas incisões de cada lado. As unhas dos pés são fracas. Na sub-familia *Sterninae* é o bico paragnatho, drieito, sendo as duas maxillas iguaes em comprimento. A cauda é dividida ou excisa no meio. Na sub-familia *Larinae* é a cauda truncada e o bico epignatho, sendo a ponta da maxilla superior recurvada para baixo.

Stercorariidae. O bico é provido na base de cera. A ponta da maxilla superior é recurvada para baixo. Os pés são providos de unhas fortes e curvas. O sternum tem na margem posterior de cada lado só uma incisão. São essas as gaivotas de rapina que quando se offerece a occasião perseguem outras gaivotas, roubando-lhes a presa

e obrigando-as até a lançar o peixe já engolido que então com segurança infallivel agarram no ar. As aves dessa familia ainda foram pouco caçadas e observadas na costa de S. Paulo.

FAM. RYNCHOPIDAE.

* 560. Rynchops nigra intercedens Saund.

Talhamar; Cortamar.

Rhynchops brevirostris *Spix* II p. 80 Taf. 103.
Rhynchops cinerascens *Spix* II p. 80 Taf. 102.
Rhynchops nigra *Wied* IV p. 877.
Rhynchops nigra *Burmeister* III p. 454.
Rhynchops nigra *Pelzeln* p. 324 (Ypanema, Irisanga).
Rhynchops nigra *Berlepsch* II p. 279.
Rhynchops melanura *Sclater a. Hudson* II p. 193.
Rhynchops nigra intercedens Cat. Br. Mus. XXV p. 155 (S. Paulo).

O bico compresso, com a maxilla inferior muito mais comprida do que a superior, caracterisa bem o singular genero. O comprimento é de 41 centim.; o bico mede 62 mm. na femea, 80—90 no macho. A côr é preta ou bruno-denegrida em cima, branca em baixo e na fronte. As rectrizes são na barba exterior orladas de branco. As remiges do braço têm a ponta branca. As coberteiras interiores das azas são brancas. O bico é côr de laranja na base, preto no meio e na ponta. Essa especie occorre desde Buenos Ayres até o Pará. Saunders distingue da especie R. nigra L. da America do Norte, com as rectrizes quasi todas brancas, R. intercedens de S. Paulo e R. melanura Sw. com a ponta branca das remiges da mão muito estreita, de 3 mm. apenas, e com as coberteiras interiores das azas escuras. A descripção de Spix referindo-se a exemplares do Amazonas é considerada como referente a R. melanura não obstante de Spix dizer que as coberteiras interiores das azas são brancas, como as tem tambem o nosso ex-

emplar do Amazonas. A extensão da ponta branca das remiges do braço é variavel nos exemplares de S. Paulo. Não posso pois considerar feliz a opinião de Saunders. O Sr. Valencio Bueno observou essa especie em Piracicaba, em tempo de enchente.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. LARIDAE.

Subfam. Sterninae.

*** 561. Phaëthusa magnirostris (Licht.).**
Andorinha do mar.

Guaçu-guaçu *Marcgrav* p. 205.
Sterna magnirostris *Spix* II p. 81 Taf. 104.
Sterna magnirostris *Wied* IV p. 861.
Sterna magnirostris *Burmeister* III p. 450.
Sterna magnirostris *Pelzeln* p. 324.
Phaëthusa magnirostris *Berlepsch* II p. 278.
Phaëthusa magnirostris *Sclater a. Hudson* II p. 194.
Phaëthusa magnirostris Cat. Br. Mus. XXV p. 23.

No genero Phaëthusa é a cauda curta, importando o seu comprimento menos do que a metade da aza, o bico é muito forte, duas vezes ou mais comprido do que o tarso. O comprimento total é de 36—40 centim., o do bico de 62—66 mm. A côr é cinzenta no dorso, preta em cima da cabeça e na nuca. O loro e o lado inferior são brancos. As remiges são pretas, as coberteiras das azas brancas, as rectrizes cinzentas. O bico é amarello, as pernas são verde-amarellas. A especie occorre desde o Rio da Prata até Venezuela na costa do mar e no curso inferior dos rios.

Mus. Paul. Iguape.

*** 562. Gelochelidon anglica (Mont.).**

Sterna anglica *Wied* IV p. 867.
Sterna aranea *Burmeister* III p. 452.
Sterna aranea *Pelzeln* p. 325.

Sterna anglica *Coues* p. 757.
Gelochelidon nilotica A. O. U. check list II p. 22.
Gelochelidon anglica Cat. Br. Mus. XXV p. 25.

O genero Gelochelidon, considerado por muitos autores como sub-genero, é caracterisado pela cauda curta, o bico grande, preto e o tarso preto mais comprido do que o dedo mediano com a unha. A unica especie do genero é cosmopolita e occorre na America, desde a Bahia Blanca na Argentina até Texas e Virginia. O comprimento total é de 36—38 centim., o do bico de 5 centim. A côr é preta em cima da cabeça e na nuca, branco-cinzenta no resto do lado dorsal, branca no lado inferior. O bico e as pernas são pretas. Não temos ainda essa especie, que possuimos do Amazonas, da costa de S. Paulo, onde, porem, não pode fazer falta, visto como a obtive no Rio Grande do Sul e foi encontrada em S.ta Catharina e no Rio de Janeiro.

Mus. Paul. —

* 563. Sterna maxima Bodd.

Trinta réis.

Sterna erythrorhynchus *Wied* IV p. 857.
Sterna erythrorhynchus *Burmeister* III p. 451.
Sterna galericulata *Pelzeln* p. 324.
Sterna maxima *Coues* p. 759 e fig. 513.
Sterna maxima *Sclater c. Hudson* II p. 195 e fig.
Sterna maxima Cat. Br. Mus. XXV p. 80.

A especie maior deste genero mede 52 centim. O comprimento das azas é de 37 centim., o do bico de 60—65 mm. A côr é preta em cima da cabeça, branco-cinzenta no lado dorsal, branca no lado ventral e na fronte. As pennas pretas da nuca são acuminadas e alongadas. As pernas são pretas, o bico é côr de laranja. A especie occorre desde o Rio da Prata até Massachusetts, nas costas de Perú e da California e tambem na Africa occidental. O British Museum obteve-a de S.ta Catharina e Rio de Janeiro.

Mus. Paul. Iguape.

564. Sterna eurygnatha Saund.

Sterna cayanensis *Pelzeln* p. 324.

Sterna eurygnatha Cat. Br. Mus. XXV p. 85.

Especie de 44 centim. de comprimento, cuja aza mede 30 centim. e o bico 65 mm., e que pouco differe da especie precedente. O tamanho é menor, a côr é a mesma, mas o uropygio e a cauda são brancos, contrastando com a côr cinzenta do dorso. O bico é amarello-claro, as pernas são escuras. Essa especie occorre desde a Patagonia até Venezuela e está criando na costa do Brazil. Natterer obteve-a no Rio de Janeiro, o Museu Britanico tem-n'a de S.ta Catharina. Na costa de S. Paulo, onde pelas informações da litteratura deve existir, não foi ainda observada.

Outra especie affim que na costa de S. Paulo talvez occorra e que Natterer obteve no Rio de Janeiro é St. cantiaca Gm., do tamanho de St. eurygnatha e da mesma côr, mas com o bico preto, com a ponta amarella.

Mus. Paul. —

* 565. Sterna hirundinacea Less.

Trinta réis.

Sterna hirunda *Wied* IV p. 865.

Sterna wilsoni *Burmeister* III p. 451.

Sterna wilsoni *Pelzeln* p. 325.

Sterna hirundinacea *Sclater a. Hudson* II p. 196.

Sterna hirundinacea Cat. Br. Mus. XXV p. 53.

Especie de 40 centim. de comprimento. A aza mede 28—29 centim., o bico 42 mm. A cabeça é preta em cima e tambem a nuca, o lado dorsal é cinzento, o uropygio e a cauda são brancos, mas a barba exterior das rectrizes exteriores é cinzenta. O lado inferior é branco-cinzento ou branco. O bico é vermelho, as pernas são côr de laranja. A ave nova tem o bico menor e preto e o lado dorsal mais escuro, com manchas ou faxas pretas no dorso e nas azas. Essa especie occorre desde o Estreito de Magalhães até a Bahia. Natterer obteve-a no Rio de Janeiro.

Mus. Paul. S. Sebastião.

*** 566. Sterna superciliaris Vieill.**

Trinta réis.

Sterna argentea *Wied* IV p. 871.
Sterna argentea *Burmeister* III p. 552.
Sterna argentea *Pelzeln* p. 325 (Ypanema).
Sterna superciliaris *Sclater a. Hudson* II p. 197.
Sterna superciliaris Cat. Br. Mus. XXV p. 124 (S. Paulo).

Especie pequena, medindo apenas 22 centim., visto a cauda ser curta. O bico mede 37 mm., a aza 180 mm. A fronte e o lado inferior são brancos. O vertice com a nuca e uma estria que corre da venta aos olhos são pretos. O lado dorsal é cinzento, a excepção das quatro primeiras remiges da mão que são bruno-denegridas. O bico, os tarsos e os pés são amarellos. Essa especie occorre desde o Rio da Prata até Venezuela na costa do mar e nos rios que nelle desaguam. Especie affim da America do Norte e das Antilhas é St. antillarum Less., que tem só as primeiras duas remiges da mão pretas.

Mus. Paul. S. Sebastião.

567. Sterna trudeauii Andub.

Trinta réis.

Sterna trudeauii *Coues* p. 767.
Sterna trudeauii *Sclater a. Hudson* II p. 195.
Sterna trudeauii Cat. Br. Mus. XXV p. 130.

Especie de 35 centim. de comprimento, cuja aza mede 250 mm. e o bico 45 mm. A côr é cinzento-clara em cima e em baixo, a excepção da cabeça e do uropygio que são brancos. Uma estria preta corre pelos olhos. Os tarsos e pés são amarellos. O bico é amarello, com uma zona preta no meio. A cabeça toda branca caracterisa bem essa especie, que occorre nas costas do Brazil meridional e da Argentina, desde Buenos Ayres até o Rio de Janeiro, e que ás vezes extende as suas excursões até a America do Norte; Chile e Perú. Parece que na costa de S. Paulo ainda não foi observada.

Mus. Paul. —

SUBFAM. LARINAE.

* 568. Larus dominicanus Licht.

Gaivotão.

Larus dominicanus *Wied* IV p. 850.
Larus vociferus *Burmeister* III p. 448.
Larus azarae *Pelzeln* p. 323.
Larus dominicanus *Sclater a. Hudson* II p. 197.
Larus dominicanus Cat. Br. Mus. XXV p. 245.

Gaivota grande, de 47 centim. de comprimento. A aza mede 41 centim., o bico 50—55 mm. A côr é branca excepto no dorso e nas azas que são bruno-denegridas. As primeiras duas remiges da mão têm na ponta uma mancha branca. Os tarsos são cinzentos, o bico é amarello, com uma mancha vermelha na base. A ave nova tem o dorso pardo-cinzento e a cauda bruna. A especie occorre desde o Estreito de Magalhães nas costas da America do Sul até o Rio de Janeiro e Perú, reapparecendo na Africa meridional e na Nova Zealandia.

Mus. Paul. Iguape.

* 569. Larus maculipennis Licht.

Gaivota.

Larus poliocephalus *Wied* IV p. 854.
Larus maculipennis *Burmeister* III p. 448.
Larus serranus *Burmeister* Reise La Plata II p. 519.
Larus maculipennis *Pelzeln* p. 323 (Ypanema).
Larus maculipennis *Sclater a. Hudson* II p. 198.
Larus maculipennis Cat. Br. Mus. XXV p. 200.

Especie de 37 centim. de comprimento. O bico mede 35—38 mm., a aza 30 centim. O macho adulto em tempo da propagação tem a cabeça bruno-escura, mais escura na garganta e na nuca, o dorso e as coberteiras das azas cinzentas, o resto do corpo branco. A barriga tem um fraco lustro de encarnado. As remiges são pretas, com grandes manchas brancas. A primeira remige da mão tem a ponta

na extensão de 8 centim. branca, com uma mancha preta, ás vezes incompleta ou faltando, perto da ponta. Nas seguintes remiges da mão é a ponta branca separada da mancha branca por faxa preta. Os adultos no inverno e as aves novas têm a cabeça branca. Á ave nova faltam as pontas brancas das remiges da mão e a cauda tem perto da ponta uma larga faxa transversal escura. O bico e as pernas são vermelhas.

Essa especie é commum na costa de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, occorrendo desde o Norte do Brazil até a Patagonia e tambem no Chile. O British Museum obteve-a de Alagoas e Rio.

Existe outra especie affim que os autores julgam representada tambem na costa do Brazil, L. cirrhocephalus Vieill., que não tem as pontas brancas das remiges da mão, cuja cabeça é sempre branco-cinzenta e que tem as coberteiras inferiores das azas escuras. Saunders no Catalogo do Brit. Museum diz, p. 199, que essas coberteiras são cinzentas «lead grey», sendo as de L. maculipennis «grey». Não tenho por ora a convicção de que essas duas especies realmente sejam differentes e que a synonymia de Saunders seja exacta. Todos os exemplares que no Rio Grande do Sul obtive foram considerados como L. maculipennis por von *Berlepsch* e tudo que tenho aqui é uma especie só. Se L. cirrhocephalus é boa especie não vejo prova de que ella occorra no Brazil; os exemplares do Brit. Museum são da Argentina, do Perú e da Africa. Não tenho duvidas quanto á identidade especifica do L. maculipennis que *Pelzeln* obteve em S. Paulo e dos nossos exemplares. *Pelzeln* rejeita a opinião que a especie observada por *Wied* seja outra. *Wied* observou exemplares com a cabeça preta que não podem ser, pois, considerados como exemplares de L. cirrhocephalus. O unico exemplar que temos de L. maculipennis com a cabeça bruno-denegrida tem as pontas das remiges da mão quasi completamente pretas, sendo a ponta branca reduzida a uma orla terminal ou faltando. Varia, pois, nos exemplares adultos

a ponta desde toda branca até toda preta. E' preciso ligar-se mais attenção a essas variações.

Mus. Paul. Iguape.

FAM. STERCORARIIDAE.

570. Megalestris chilensis Saund.

Gaivota rapineira.

Stercorarius chilensis *Oustalet* Miss. Cap. Horn VI p. 172.

Megalestris chilensis Cat. Br. Mus. XXV p. 318.

No genero Megalestris é o tarso quasi do tamanho do dedo mediano com a unha e as rectrizes medianas que ultrapassam as outras apenas 12 mm., contrastando com as condições no genero Stercorarius onde sobresahem na extensão de 7—8 centim. O comprimento total é de 52 centim., o do bico de 55 mm. A côr é bruno-denegrida na cabeça, bruna, com estrias longitudinaes castanhas no lado dorsal, castanha no lado ventral. As remiges da mão são brancas na base. O bico e as pernas são escuras. É essa especie das costas da Patagonia que tambem foi encontrada nas costas do Brazil, no Rio de Janeiro e Santa Catharina. Provavelmente a especie, que até hoje não foi observada na costa de S. Paulo, na qual tambem deve occorrer, só apparece nas costas do Brazil no inverno, como o penguim. A especie affim M. antarctica Less., com o dorso pouco estriado e o lado ventral bruno-escuro, tambem da Patagonia, não parece extender suas migrações até o Brazil.

Mus. Paul. —

571. Stercorarius crepidatus (Banks).

Gaivota rapineira.

Stercorarius parasiticus *Coues* p. 736.

Stercorarius crepidatus Cat. Br. Mus. XXV p. 327.

Ave de 50 centim. de comprimento. O bico mede 30—35 mm., a aza 32 centim. As retrizes medianas são

alongadas e ultrapassam de 7—8 centim. as outras. A côr é bruno-escura, ás vezes esbranquiçada no peito. As hastes das primeiras remiges da mão são brancas. O bico e os pés são pretos. Especie de distribuição quasi cosmopolita, especialmente nas regiões arcticas. O British Museum obteve-a do Rio de Janeiro e eu no Rio Grande do Sul, onde não apparece frequentemente. Deve, portanto, occorrer tambem na costa de S. Paulo.

Mus. Paul. —

XVI. Ordem. Tubinares.

Aves oceanicas que passam a maior parte da sua vida voando no oceano, do qual tiram o seu nutrimento. São semelhantes ás da ordem precedente differindo, porem, por um caracter bem pronunciado, pelas ventas alongadas em fórma de tubos. Esses dous tubos estão collocados um ao lado do outro em cima da maxilla superior nas Procellariidae e Puffinidae, no lado do bico na base da maxilla superior nas Diomedeidae. O bico é recto, epignatho, com a ponta recurvada para baixo e separada do resto da maxilla superior por um sulco. O tarso é na frente reticulado, a excepção do genero Oceanites onde é coberto por uma membrana dura e lisa. Os dedos anteriores são unidos na base por membrana, o dedo posterior é rudimentar ou falta. A cauda contem 12—16 rectrizes, sendo nos generos aqui tratados o numero de 12 o ordinario. O numero das remiges da mão é de 10. Só no tempo da propagação procuram a costa em regiões deshabitadas ou ilhas pequenas, onde a femea põe no chão um ovo branco. Os filhotes são criados por bastante tempo antes que possam seguir os paes. Creio que ha mais especies dessa ordem na costa de S. Paulo do que aqui indiquei, mas não podem ser obtidas facilmente e poucas são as pessoas que a taes assumptos ligam attenção. As quatro especies, cuja existencia na costa de S. Paulo foi verificada, pertencem a tres familias.

Procellariidae. As ventas são reunidas na base em cima da maxilla superior. Das remiges da mão a segunda é a mais comprida. O dedo posterior existe, sendo pequeno.

Puffinidae. As ventas como na familia precedente. Das remiges da mão é a primeira a mais comprida ou igual á segunda. O dedo posterior existe, sendo pequeno. A maxilla superior tem na sub-familia Fulmarinae, da qual faz parte o genero Daption, lamellas transversaes do osso palatino mais ou menos como as marrecas, sendo as margens lisas na sub-familia Puffininae e no genero Majaqueus.

Diomedeidae. Cada venta está situada no respectivo lado da maxilla superior, distante do outro lado. A primeira remige da mão é a mais comprida. O dedo posterior falta.

FAM. PROCELLARIIDAE.

572. Oceanites oceanicus (Kuhl).

Alma de mestre.

Thalassidroma wilsoni *Burmeister* III p. 446.
Thalassidroma oceanica *Pelzeln* p. 322.
Thalassidroma pelagica *Brehm* Thierleben VI p. 572 e figura.
Oceanites oceanicus *Coues* p. 782.
Oceanites oceanicus Cat. Br. Mus. XXV p. 358.

Dos outros generos desta familia distingue-se Oceanites pelas pernas compridas e pelos tarsos cobertos na frente e nos lados por uma lamina não dividida em escudos. A parte inferior da tibia é desprovida de pennas. O dedo interior é menor do que os dois exteriores que são iguaes. As unhas são chatas. O comprimento total é de 170 mm., o do tarso de 34, das azas de 150 mm. A côr é denegrida, um pouco mais clara no lado ventral. As grandes coberteiras exteriores das azas são cinzentas, as coberteiras exteriores da cauda brancas. O bico e os tarsos são pretos. Especie commum nos oceanos Atlantico e

Indico, que na costa da America do Sul foi observada em Montevideo, Rio e Bahia e que o Sr. Krone obteve em Iguape.

Mus. Paul. —

FAM. PUFFINIDAE.

* 573. Majaqueus aequinoctialis (L.).

Procellaria aequinoctialis *Wied* IV p. 840.
Procellaria aequinoctialis *Burmeister* III p. 445.
Majaqueus aequinoctialis Cat. Br. Mus. XXV p. 395.

Os tarsos são no genero Majaqueus arredondados na frente, os tubos nasaes reunidos n'uma abertura commum dirigida para deante. O bico é comprido e amarello. Na cauda, que é arredondada, excedem as rectrizes medianas em 2 centim. as lateraes. A côr é bruno-denegrida, a garganta e as hastes das remiges da mão são brancas. É essa especie das regiões antarcticas, da Terra do Fogo, da Nova Zealandia etc., que ás vezes é encontrada nas costas do Brazil. Wied obteve-a perto da Bahia.

Mus. Paul. Iguape.

574. Daption capensis (L.).

Daptium capense *Coues* p. 779.
Procellaria capensis *Pelzeln* p. 323 (Ilha de S. Sebastião).
Daption capense *Brehm* Thierleben VI p. 570 e fig.
Daption capensis Cat. Br. Mus. XXV p. 428.

O genero Daption, formado por uma especie só, é caracterisado pelo bico curto e grosso e pela cauda curta arredondada, contendo 14 rectrizes. A côr é branca, com manchas escuras das pennas no lado dorsal. A cabeça, o pescoço posterior e as remiges são pretos. O lado ventral é branco. A cauda é branca, com a ponta escura. O comprimento total é de 40 centim., o das azas de 26 centim. e o do bico de 42 mm. É essa ave de grande distribuição nos mares do hemispherio meridional, que muitas vezes acompanha os navios, apparecendo, entretanto, só no

oceano aberto e não nos portos. Observei-a perto da barra do Rio Grande do Sul. Natterer obteve-a perto da Ilha de S. Sebastião. E' ave commum na Patagonia e na zona antarctica que na costa occidental da America é encontrada até o Perú e ás vezes na California, sendo geralmente conhecida sob o nome de *pomba do Cabo.* Natterer diz que ouviu os marinheiros tratarem-n'a de *fecha fradinho.*

Mus. Paul. —

FAM. DIOMEDEIDAE.

*** 575. Diomedea melanophrys Temm.**

Albatroz.

Diomedea melanophrys *I. F. Green.* Ocean Birds London 1887 p. 15 Pl. II fig. 6.

Diomodea melanophrys Cat. Br. Mus. XXV p. 447.

O albatroz da costa de S. Paulo, tratado ás vezes de *gaivotão,* é ave de 75 centim. de comprimento total, medindo a aza 50 e o bico 12 centim. A côr é branca, o dorso e as azas são bruno-denegridas. A cauda é cinzenta, as hastes das rectrizes são brancas. Os tarsos e pés são amarellos, o bico é amarello, com a ponta mais escura. É essa especie commum na região antarctica, que obtive na costa do Rio Grande do Sul e de S. Paulo. Pelzeln diz que a expedição da Novarra obteve-a no Rio de Janeiro. A especie affim, D. exulans L., da mesma região, que é maior com o bico que mede 17 centim. e o dorso branco, não foi até agora observada na costa do Brazil.

Mus. Paul. Santos (Guarujá).

XVII. Ordem. Pygopodes.

Aves aquaticas dos rios e das lagoas, que com grande facilidade submergem, devendo a esse costume que torna difficil a sua caça o nome de mergulhões. Os tres dedos anteriores são unidos na base por uma membrana que se prolonga na extremidade livre dos dedos em fórma de orla

larga até a unha, que é chata e larga. O dedo posterior é livre. O nome da ordem refere-se a posição das pernas collocadas muito para traz. O tarso é comprimido pelos lados. A cauda falta completamente, caracter que serve bem para distinguir essas aves de certos frangos d'agua, que pela formação dos pés a ellas se assemelham. As azas são pequenas, mas aptas para voar; só do pequeno Tachybaptus dominicus L. não sei se elle com as pequenas azas quasi rudimentares é capaz de voar. O bico é epignatho no genero Podilymbus, paragnatho nos outros.

FAM. PODICIPITIDAE.

* 576. Tachybaptus dominicus (L.).

Mergulhão pequeno.

Podiceps dominicus *Spix* II p. 78 Taf. 101.
Podiceps dominicus *Wied* IV p. 835.
Podiceps dominicus *Burmeister* II p. 463.
Podiceps dominicus *Pelzeln* p. 322 (Taubaté, Ypanema).
Tachybaptes dominicus *Coues* p. 796.
Tachybaptes dominicus *Sclater a. Hudson* II p. 205.

E' essa a menor especie dos mergulhões, medindo o bico em cima apenas 17 mm. E' commum desde o Texas até a Patagonia. Temos a especie deste Estado sem indicação de localidade, mas *Natterer* obteve-a em Taubaté e Ypanema. A côr é cinzenta, mais escura no lado dorsal. A garganta é branca. As pernas são pretas. A maxilla superior é preta, a inferior esbranquiçada. Natterer indica como nome vulgar dessa ave «pica-barra».

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 577. Podiceps Rollandi Quoy et Gaim. ?

Mergulhão.

Podiceps Rollandi *Sclater a. Hudson* II p. 204.

Se a minha determinação é exacta seria melhor pôr essa especie no genero Podilymbus, visto como o bico é epignatho, embora menos do que na especie P. podiceps.

O nosso exemplar que foi morto em Iguape pelo Sr. *Krone* a 5 de Junho de 1896, isto é, no inverno, tem a garganta branca, o pescoço no lado ventral pardo-vermelho, as pennas da fronte setiformes e elevadas; o comprimento do bico é de 25 mm.

Mus. Paul. Iguape.

* 578. Podilymbus podiceps (L.).

Mergulhão.

Podiceps carolinensis *Spix* II p. 78 Taf. 100.
Podiceps ludovicianus *Wied* IV p. 830.
Podiceps ludovicianus *Burmeister* II p. 463.
Podilymbus podiceps *Pelzeln* p. 322 (S. Paulo, Ypanema).
Podilymbus podiceps *Coues* p. 796.
Podilymbus podiceps *Sclater a. Hudson* II p. 206.

De todas as outras especies se distingue pelo bico que no meio é atravessado de cima para baixo por uma faxa escura. O comprimento do bico é de 21 mm. *Natterer* obteve a especie no Rio Tieté, na capital. A côr é bruno-denegrida em cima, cinzenta em baixo. O peito é amarellento, a garganta preta. A especie occorre desde a Patagonia até Canadá.

Mus. Paul. S. Paulo.

XVIII. Ordem. Impennes.

Aves do mar conhecidas sob a denominação de penguins, que vivem nos mares arcticos e antarcticos. As pernas estão situadas muito para traz como nos Pygopodes. O bico é comprido e epignatho. A cauda é curta, composta de numerosas pennas. Bem caracteristica é a pequena aza, impropria para voar, coberta de pennas chatas, em fórma de escama. Essas azas rudimentares servem como remos para o movimento na agua. Nos pés os tres dedos anteriores são ligados entre si por uma membrana, o posterior é virado para deante, sendo situado ao lado interior do tarso, que é curto.

A occorrencia de um penguim da Patogonia na costa de S. Paulo é um dos factos mais surprehendentes que nos offerece a distribuição geographica das aves do Brazil. Aliás não foi descoberta de todo inesperada, visto como já na costa do Rio Grande do Sul encontrei a mesma especie.

FAM. APTENODYTIDAE.

* 579. Spheniscus magellanicus (Forst.).

Penguim.

Aptenodytes demersa *Abbot* Ibis 1860 p. 336.

Spheniscus magellanicus *Sclater a. Hudson* II p. 206.

O bico é na base munido de sulcos longitudinaes. A côr é em cima azul-escura, em baixo branca. O primeiro exemplar obtivemos do Sr. *Guilherme de Mello* em Santos, que o caçou na praia de Guarujá. O segundo compramos na Ilha de S. Sebastião, onde foi encontrado e empalhado.

No Est. do Rio Grande do Sul encontrei um exemplar perto da cidade de Rio Grande do Sul, na costa do mar, no inverno, depois de um temporal, vendo outro exemplar na collecção do Sr. *H. Ritter* em Pelotas, que o obteve dos pescadores que o encontraram na rede, o que ás vezes acontece com penguins e mergulhões.

De outras aves patagonicas cacei na costa do Rio Grande do Sul ou encontrei-as mortas na praia depois de um temporal: Diomedea melanophrys Boie, uma especie de Puffinus e uma de Lestris que o Sr. *Conde Berlepsch* determinou de Lestris parasiticus Coues. Noto presentemente que é grande o numero dos molluscos da costa argentina que occorrem tambem na costa do Est. de S. Paulo.

E' facto summamente interessante o apparecimento de grande numero de penguins nas costas do Brazil meridional durante os ultimos annos. O Jornal *Lavoura e Commercio* de S. Paulo, de 28 de Agosto de 1898, diz que segundo o *Commercio de Espirito Santo* têm apparecido ultimamente

na costa do Estado de Espirito Santo entre o pharol de S.ta Luzia e a ponta de Itapoan alguns penguins, aves até aquella data alli desconhecidas. O Sr. *R. Krone* escreveu-me que em Iguape neste anno têm apparecido penguins e que pessoas que chegaram em romaria para Iguape, em principio de Agosto deste anno, affirmaram que na costa ao Sul de Paranaguá encontraram penguins mortos na praia em milhares. Qual será a razão destas emigrações?

Mus. Paul. a. Ilha de S. Sebastião
b. Guarujá (Guilherme de Mello leg. 1897)
c. Santos (Almeida de Moraes leg. 1898)
d. Iguape (R. Krone leg. 1898).

XIX. Ordem. Crypturi.

A ordem dos Crypturi com a unica familia Tinamidae comprehende os macucos, inambús, perdizes e codornas. Antigamente considerada como uma familia das gallinaceas, com as quaes são ligadas, foram essas aves separadas em fórma de uma ordem especial porque offerecem tambem caracteres anatomicos que as prendem ás abestruzes. A cabeça é pequena, coberta de pennas pequenas. O bico é delgado, do comprimento da cabeça, mais ou menos, duro na ponta, molle na base. As pernas têm os tarsos fortes, cobertos de escudos hexagonaes; os pés têm tres dedos fortes anteriores, livres e um pequeno dedo posterior, collocado alto, que não toca no chão. As azas são curtas, redondas, concavas, extendendo-se só até o dorso baixo. Das remiges da mão que são acuminadas e estreitas é a quarta ou quinta a mais comprida. A cauda falta ou, quando existe, são as 10—12 rectrizes tão curtas que as coberteiras da cauda as escondem.

Os sexos não são differentes no colorido que é pouco notavel, prevalecendo as côres fuscas. São aves que vivem no chão, onde procuram fructas e sementes o que fazem correndo, voando pouco. Os ovos são lisos e lustrosos, verde-azues ou bruno-roxos. Os filhotes são cobertos de

densa pennugem e acompanham já nos primeiros dias os paes. São essas aves da America meridional, sendo conhecidas 65 especies. Quasi todas são estimadas como excellente caça.

FAM. TINAMIDAE.

* 580. Tinamus solitarius (Vieill.).

Macuco.

Macucagua *Marcgrav* p. 213.
Pezus serratus *Spix* II p. 61 Taf. 76.
Tinamus brasiliensis *Wied* IV p. 496 Taf. I figura 2 (larynge).
Trachypelmus tao *Burmeister* III p. 324.
Tinamus solitarius *Pelzeln* p. 290 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Tinamus guttulatus *Pelzeln* p. 292 e 453.
Tinamus solitarius *Berlepsch* II p. 251.
Tinamus solitarius *Berlepsch u. Ihering* p. 182.
Tinamus solitarius Cat. Br. Mus. XXVII p. 501 e Pl. VII (S. Paulo).

Ave grande de 48—50 centim. de comprimento, cuja aza mede 26 centim. e o bico 38 mm. A côr é bruno-avermelhada no lado dorsal, com faxas transversaes pretas. A cabeça em cima é bruna, com manchinhas mais claras. De cada lado do pescoço posterior corre uma estria amarellada. O lado inferior é cinzento-amarellado, com faxas escuras na barriga e estrias longitudinaes amarellentas nas coberteiras inferiores da cauda. As remiges são pretas; a cauda é bem desenvolvida com as rectrizes um pouco mais compridas do que as coberteiras. O bico é escuro, nos lados mais claro.

O macuco é ave bem conhecida, do tamanho de uma gallinha, ave das mattas onde corre no chão, elevando-se á noite num galho para pernoitar. Põe em Setembro no chão 8—10 ovos verde-azues. É caça estimada. No Norte

do Brazil vive outra especie affim, T. major Gm. (brasiliensis Burm.), com a cabeça castanha e o lado inferior branco-cinzento. T. solitarius occorre desde o Rio Grande do Sul até a Bahia e Amazonas.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 581. Crypturus obsoletus (Temm.).

Inambú-guassú.

Crypturus obsoletus *Burmeister* III p. 316.
Tinamus obsoletus *Pelzeln* p. 292 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Crypturus obsoletus *Sclater a. Hudson* II p. 207.
Crypturus obsoletus Cat. Br. Mus. XXVII p. 519.

Entre os nossos inambús é a especie maior, de 28—31 centim. de comprimento. O bico mede 25 mm. A côr é cinzento-denegrida na cabeça e no pescoço, bruno-avermelhada no dorso. A garganta é cinzenta, o peito bruno-castanho, a barriga amarellenta, com largas faxas pretas na barriga posterior e nas coberteiras inferiores da cauda. O bico é bruno em cima, encarnado-escuro na base. As pernas são verde-azeitonadas. Essa especie occorre no Norte da Argentina, no Paraguay, Bolivia e no Brazil meridional desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro e Minas. Caça boa que sempre apparece no mercado de S. Paulo. E' ave do matto. O ovo é de côr bruno-roxa, pallida. Os guaranys do Rio Verde chamam-n'a inambu-eté, referindo-se inambú-guassú ao macuco.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 582. Crypturus tataupa (Temm.).

Inambú chintam.

Pezus niambu *Spix* II p. 63 Taf. 58, a.
Tinamus tataupa *Wied* IV p. 515.
Crypturus tataupa *Burmeister* III p. 314.
Tinamus tataupa *Pelzeln* p. 294 (Matto Dentro, Ypanema).

Cryturus tataupa *Sclater a. Hudson* II p. 208.
Crypturus tataupa Cat. Br. Mus. XXVII p. 525.

Especie menor, de 250 mm. de comprimento. A côr é cinzento-escura na cabeça e no pescoço, bruno-castanha no dorso. A garganta e a barriga no meio são brancas, o resto do lado inferior é cinzento. Os lados da barriga, o crisso e as coberteiras inferiores da cauda são pretas, com orlas alvacentas largas. O bico é vermelho e mede 22—23 mm. no culmen, as pernas são roxo-encarnadas.

Esse inambú pequeno vive nas mattas. A distribuição geographica é a da especie precedente, extendendo-se, porem, mais ao Norte do Brazil.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 583. Crypturus parvirostris Wagl.

Inambú chororó.

Crypturus parvirostris *Burmeister* III p. 315, nota.
Crypturus parvirostris *Pelzeln* p. 294 (Ypanema).
Crypturus parvirostris Cat. Br. Mus. XXVII p. 526.

Especie um pouco menor do que a precedente, com a qual se assemelha muito. O bico mede 16—19 mm., sendo vermelho. Os tarsos, que na especie precedente são vermelho-azues, são nesta escarlates. A côr é a mesma, sendo um pouco mais pallida no lado dorsal. A ave nova tem o dorso e as coberteiras exteriores das azas munidos de estreitas faxas pretas, das quaes as que acompanham a margem posterior da penna são orladas de alvacento. Essa especie não é limitada como as precedentes ao matto, mas prefere a capoeira dos campos. A especie occorre desde S. Paulo até Goyaz, Matto Grosso e Bahia.

Mus. Paul. S. Paulo; Cachoeira.

* 584. Crypturus adspersus (Temm.).

Pezus yapura *Spix* II p. 62 Taf. 78.
Crypturus vermiculatus *Burmeister* III p. 318.
Crypterus adspersus *Burmeister* III p. 319.

Tinamus undulatus *Pelzeln* p. 292 (Rio Paraná).
Crypturus adspersus Cat. Br. Mus. XXVII p. 529.

Especie de 32 centim. de comprimento; o bico mede 28 mm. A côr é no lado dorsal bruno-azeitonada, com numerosas faxas pretas que são estreitas e onduladas. O lado inferior é cinzento, mais escuro no peito. A barriga posterior, as pennas das pernas, o crisso e as coberteiras inferiores da cauda são bruno-avermelhadas. As coberteiras inferiores da cauda têm algumas faxas pretas. As pernas são bruno-azeitonadas, o bico é escuro. Essa especie occorre desde S. Paulo e Matto Grosso até o Norte do Brazil. No Est. de S. Paulo parece occorrer só na zona occidental.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 585. Crypturus noctivagus (Wied).

Jahó.

Pezus zabele *Spix* II p. 62 Taf. 77.
Tinamus noctivagus *Wied* IV p. 504 Taf. I fig. 1 (larynge).
Crypturus noctivagus *Burmeister* III p. 320.
Tinamus noctivagus *Pelzeln* p. 293, nota.
Crypturus noctivagus *Berlepsch u. Ihering* p. 183.
Crypturus noctivagus Cat. Br. Mus. XXVII p. 539.

Especie do tamanho da precedente, mas differindo pelas faxas largas do lado dorsal de 2—5 mm. de largura, quando as numerosas de C. adspersus têm a largura de 1 mm. ou menos. A cabeça em cima e o dorso superior são bruno-cinzentos. O dorso baixo e a cauda são castanhos, com faxas transversaes pretas. As coberteiras exteriores das azas são pretas, com faxas amarellentas. A face, uma estria que corre sobre os olhos e a garganta são vermelho-amarellas. O pescoço anterior é cinzento, o peito castanho, a barriga amarellenta, as coberteiras inferiores da cauda são amarellentas, com faxas pretas. A nuca e o pescoço posterior são vermelho-roxos. O bico é pardo-cinzento, as pernas são amarellentas. A especie occorre nos mattos desde o Rio Grande do Sul até Bahia e mais ao Norte do Brazil. Os ovos dessa especie são verde-azues. No

Estado de S. Paulo occorre no litoral e em São Simão. Obtivemos do Sr. Coronel *J. Sertorio* um exemplar vivo proveniente de Peruhybe. Burmeister diz que o nome dessa especie é zabelé.

Mus. Paul. Peruhybe.

* 586. Rhynchotus rufescens (Temm.).

Perdiz.

Rhynchotus fasciatus *Spix* II p. 60 Taf. 76, c (São Paulo).
Rhynchotus rufescens *Burmeister* III p. 327.
Rhynchotus rufescens *Pelzeln* p. 294 (Matto Dentro, Ypanema, Itararé).
Rhynchotus rufescens *Brehm* Thierleben VI p. 189 e figura.
Rhynchotus rufescens *Sclater a. Hudson* II p. 209.
Rhynchotus rufescens Cat. Br. Mus. XXVII p. 548 (Itararé).

Ave grande, de 35—42 centim. de comprimento, medindo o bico 40 mm. A cabeça e o pescoço são amarellentos, tendo a cabeça estrias pretas no vertice. O dorso e as azas são cinzento-amarelladas, com largas faxas pretas transversaes. As remiges da mão são castanhas. A cauda é cinzenta, com faxas pretas. O peito é avermelhado, a barriga amarellenta, com faxas brunas e alvacentas. O bico é cinzento com a base amarellada, as pernas são encarnado-escuras. A femea é um pouco maior do que o macho. E' essa especie da Argentina, do Paraguay, do Brazil meridional e da Bahia.

E' ave dos campos que pouco vôa e com grande difficuldade. Tendo necessidade de voar eleva-se para deitar-se numa distancia de 800—1400 m. quando muito, podendo, quando obrigada, repetir esse vôo por tres vezes. O ovo é grande e avermelhado-roxo. O nome indigena é enapupêz segundo Spix, corrompido como parece de inambu-pé. Os indios guaranys do Rio Verde chamam-n'a mocoim-cové. Mocoim quer dizer dois, cové amanhecer,

mas em geral essa ave vive solitaria e não em casaes ou bandos, de modo que não sei bem explicar a denominação.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 587. Nothura maculosa (Temm.).

Codorna.

Tinamus major *Spix* II p. 64 Taf. 80.
Tinamus maculosus *Wied* IV p. 519.
Nothura maculosa *Burmeister* III p. 330.
Nothura major *Pelzeln* p. 295 (Ypanema, Cemiterio, Itararé).
Nothura maculosa *Sclater a. Hudson* II p. 211.
Nothura maculosa Cat. Br. Mus. XXVII p. 559.

Especie de 25—27 centim. de comprimento, cuja aza mede 137 mm. e o bico 18 mm. A côr é pardo-amarellenta em cima, com manchas e faxas transversaes pretas no dorso, que occupam o meio da penna e estrias amarelladas nos lados das mesmas. As remiges são cinzento-denegridas com faxas transversaes amarellentas. A garganta é alvacenta, o pescoço e o peito são bruno-amarellentos, com largas estrias pretas, a barriga é uniforme-amarellada. O bico e as pernas são bruno-amarellentas. A femea é um pouco maior do que o macho. A especie occorre desde a Argentina até Paraguay, S. Paulo, Minas e Bahia, onde Wied a caçou. E' especie dos campos que vive solitaria e vôa pouco e só á pequena distancia.

Mus. Paul. S. Paulo.

* 588. Nothura media (Spix).

Codorna mineira.

Tinamus medius *Spix* II p. 65 Taf. 81.
Tinamus minor *Spix* II p. 65 Taf. 82.
Nothura minor *Burmeister* III p. 331.
Nothura media *Pelzeln* p. 295 (Rio Verde, Itararé, Irisanga).
Nothura media Cat. Br. Mus. XXVII p. 563.

Especie menor do que a precedente, de 19 centim. de comprimento. A aza mede 11 centim., o bico 18 mm. A côr é semelhante á da especie precedente, mas em cima da cabeça e no dorso é castanha, com numerosas faxas e salpicos pretos. Sobre as coberteiras exteriores das azas correm faxas pretas, transversaes, estreitas. Essa especie occorre no Estado de S. Paulo, mais na zona occidental, parecendo o nome indicar que é considerada como immigrada do Mexico, onde Spix a observou. A especie occorre desde S. Paulo e Minas até Matto Grosso.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

* 589. Taoniscus nanus (Temm.).

Codorna buraqueira.

Nothura nana *Burmeister* III p. 331.
Nothura nana *Pelzeln* p. 295 (Itararé, Irisanga).
Taoniscus nanus Cat. Br. Mus. XXVII p. 564.

A especie menor entre as nossas codornas, de 150 mm. de comprimento total, medindo a aza 80 e o bico 14 mm. O dorso é preto, com estreitas faxas transversaes brancas, a cabeça e o pescoço são pardo-amarellados, tendo as pennas do vertice o centro escuro. A garganta e o meio da barriga são brancos, o peito e os lados da barriga são branco-amarellos, com largas faxas pretas transversaes. As coberteiras exteriores da cauda são compridas. As remiges da mão são uniformes, pardo-cinzentas. O bico é escuro em cima, pallido em baixo; as pernas são amarelladas. Essa especie occorre nos grandes campos de Paraná, S. Paulo, Minas e em Paraguay. Azara diz, que o nome dessa especie é inambu-carapé, mas esse mesmo nome me deram os guaranys do Rio Verde para o inambú chororó, talvez por engano. Essa pequena codorna esconde-se, quando perseguida, em buracos no chão, tendo por essa razão obtido o nome de buraqueira.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

XX. Ordem. Rheae.

Aves grandes que não voam, mas correm ligeiramente. Junto com os Struthiones, representados pela abestruz da Africa, forma a sub-classe dos Ratitae a qual são oppostas como Carinata todas as outras ordens de aves. Essa distincção é em primeiro logar baseada na ausencia da lamella ossea ou crista que nas aves geralmente se eleva no meio do sterno ou osso do peito. A todas essas aves faltam as remiges da mão nas azas, que são providas de pennas compridas e molles, de modo que não podem voar. Na cauda fazem falta as rectrizes. Ao contrario são muito fortes as pernas; aos pés falta o dedo posterior. O nutrimento consiste em hervas, sementes, insectos e outros animaes pequenos dos campos. Vivem em pequenos bandos. O macho ajuda na incubação dos ovos, se não encarrega-se della sósinho. Os ovos são grandes e brancos. Os filhotes já seguem nos primeiros dias os paes. Essa ordem contem só uma familia, da America do Sul, com duas especies.

FAM. RHEIDAE.

* 590. **Rhea americana** (L.).

Ema; Nhandu.

Nhandu-guassu *Marcgrav* p. 190.
Rhea americana *Wied* IV p. 559.
Rhea americana *Burmeister* II p. 352.
Rhea americana *Pelzeln* p. 295 (Itararé).
Rhea americana *Sclater a. Hudson* II p. 216 e fig.
Rhea americana *Brehm* Thierleben VI p. 208 e Taf.
Rhea americana *W. von Nathusius.* Zur Oologie der Rhea-Arten. Journal f. Ornithol. v. A. Reichenow 44 Jahrg. 1896 p. 257 ss.
Rhea americana Cat. Br. Mus. XXVII p. 578.
Rhea macrorhyncha Cat. Br. Mus. XXVII p. 582.

Ave grande, de 1,3 m. de comprimento, cujo tarso mede 30 centim. O bico mede no culmen 78—86 mm. e nas margens 110 mm. O bico é do comprimento da cabeça, achatado, munido na ponta de uma unha e contem a fossa nasal mais ou menos no meio. A côr é bruno-cinzenta em cima, alvacenta em baixo. A cabeça em cima e a nuca são pretas. O pescoço inferior e o dorso entre as azas são denegridos. O bico e os pés são amarellentos. Essa especie occorre nas republicas Platinas e no Brazil.

Sclater (Ann. and Mag. N. H. III vol. 6, 1860 p. 142 ss.) distingue da Rh. americana do Rio Grande do Sul e do Rio da Prata a fórma de S. Paulo, Bahia e Pernambuco como Rh. macrorhyncha. A comparação das figuras parece instructiva, mas os nossos exemplares de S. Paulo e do Rio Grande do Sul mostram grande variabilidade nesse sentido. Em geral é o bico nos exemplares de S. Paulo adiante da fossa nasal mais comprido e um pouco mais estreito do que nos da região platina, mas os craneos do Rio Grande do Sul differem tambem entre si bastante, e não convem basear especies entre aves tão grandes em differenças de alguns millimetros. Quando muito se poderá distinguir como variedade os exemplares de São Paulo e Bahia.

Ligando-se demais importancia a pequenas differenças ha de acontecer que essa boa especie seja dividida numa duzia de especies. A prova disso é o trabalho de *Nathusius* que refere certas differenças na estructura do ovo á existencia de differentes especies, julgando a Rhea do Paraguay differente das outras duas especies. Observo que os ovos de Rhea americana que tenho de Paraná na Argentina bem poderiam servir para criar mais especies ainda, differindo notavelmente entre si. Outro engano foi commettido por *Lydekker* que sobre um ovo abnormal (basilisco) da Rhea Darwini Gould da Patagonia baseou uma supposta nova especie Rh. nana [1]). A meu vêr não podem ser

---

[1]) cf. *C. Berg*. Communicaciones oologicas. Anales del Museo Nacional. Buenos Ayres. Tom. 5 1897 p. 33 ss.

distinguidas senão duas especies de Rhea, Rh. darwini e americana, precisando a variabilidade da ultima ainda mais estudos e medições comparativas.

Rhea americana é commum nos campos entre Piracicaba e Rio Claro. O povo chama-n'a ema, não sei porque razão. O macho reune 3—4 ou mais femeas que põem os seus ovos todos no mesmo ninho. Cada gallinha põe 10—12 ovos e o numero total pode elevar-se até 60 ou mais. É o macho que se encarrega da incubação. É essa uma ave util, cuja destruição devia ser prohibida. O nome indigena é nhandu no Norte do Brazil. O nome indigena em São Paulo é guaripé, como os guaranys do Rio Verde a chamam. Ema é o nome da abestruz da Australia e talvez foi aqui introduzido pelos europeus. De outro lado temos o nome de ema tambem em seriema, o que faz crer que ema seja palavra tupy.

Mus. Paul. Est. de S. Paulo.

Neste catalogo enumerei 590 especies de aves como occorrentes no Est. de S. Paulo, que se distribuem do modo seguinte pelas 20 ordens de que tratei.

Passeres	a. Oscines	125	292
	b. Clamatores	167	
Macrochires			49
Pici			17
Coccyges			30
Psittaci			24
Striges			14
Accipitres			43
Steganopodes			4
Herodiones			24
Anseres			8
Columbae			11
Gallinae			7
Paludicolae			14
Limicolae			22

Gaviae	12
Tubinares	4
Pygopodes	3
Impennes	1
Crypturi	10
Rheae	1

Descrevi apenas duas especies novas: Crax sulcirostris, (p. 409) e Chrysotis Schmidti (p. 321), deixando de lado 2—3 especies talvez novas sobre as quaes preciso obter informações. Em todo caso é isso mais um signal do que as aves do Brazil meridional, na zona do litoral especialmente, já são bem conhecidas. Ao contrario tive de pôr na synonymia varias *especies* descriptas como viventes em S. Paulo.

Procedendo a uma analyse zoogeographica dessa rica ornis observo que ha em nossa lista 10 especies que até hoje conforme me consta só foram encontradas no Estado de S. Paulo, pertencentes aos generos Basileuterus, Spermophila, Hapalocercus, Elaenea, Anabazenops, Eucephala, Ptochoptera, Stenopsis, Astur, Crax. Das nove especies desse grupo que Natterer caçou no Estado de S. Paulo obtive até hoje só uma, devido de certo ao facto do que quasi todas pertencem á fauna occidental do Estado, sendo a maior parte caçada no Rio Paraná, de onde não temos ainda recebido collecções. A especie a que me refiro, Stenopsis platura Pelz., foi até hoje incompletamente conhecida e confundida com outra, mas o nosso exemplar decidiu que ella é bem caracteristica.

Entre as especies enumeradas é a terça parte de uma distribuição vasta e em parte cosmopolita. Occorrem por todo o Brazil desde o Sul até o Pará 93 especies, sendo 68 além do Brazil encontradas tambem na Argentina, em Venezuela etc., 29 na America Meridional e do Norte e 8 ainda na Europa ou em outras regiões do globo. São, pois, 198 especies da ornis de S. Paulo que têm uma distribuição geographica vasta. É, porem, muito differente a porcentagem dessas especies de distribuição vasta nas

differentes ordens. As aves de rapina, corujas e todas as aves aquaticas têm enorme distribuição sobre a America do Sul ou em toda a America. Ao contrario, não encontramos entre os Passeres, que correspondem á metade de todas as especies do Estado, especie alguma cosmopolita, e só notamos uma, Petrochelidon pyrrhonota uma Andorinha, que é encontrada tambem na America do Norte.

É por essa razão que para o estudo dos districtos naturaes da fauna, das regiões e provincias zoogeographicas a maior parte das ordens discutidas é sem importancia, merecendo consideração especial só as primeiras cinco e em parte ainda as das Gallinae e Columbae.

Em geral divide-se o territorio do Brazil relativamente á sua aviaria em duas regiões, a amazonica e a do Brazil meridional e oriental. Esta ultima comprehende o litoral desde o Rio Grande do Sul até o Rio Parnahyba e o Brazil central. Se nesse sentido acompanhamos a *Sclater* e *Pelzeln* não podemos de outro lado deixar de reconhecer que a sub-divisão em 6 districtos feita por *Pelzeln* é de pouco valor, visto como não é baseada no estudo da ornis de todo o Brazil, mas sim apenas das collecções feitas por *Natterer,* que não viajou nos Estados do Rio Grande do Sul e de S.ta Catharina, nem naquelles que são situados na costa entre Rio de Janeiro e Pará. Assim a fauna meridional de *Pelzeln* extende-se desde Curityba e Paranaguá até o Rio de Janeiro, divisão que não tem razão de ser, porquanto o sul do Brazil desde o Rio Grande do Sul até o Rio forma uma unica sub-divisão bem natural. A fauna central de *Pelzeln,* que comprehende os Estados de Minas, Matto Grosso e Goyaz, extende-se segundo elle no Estado de S. Paulo até Itú. Conforme as minhas experiencias isso não é exacto. Ainda em Tieté e Piracicaba o caracter geral da fauna é o mesmo que em S. Paulo. É, porem, certo que a zona occidental e os rios Tieté e Paranapanema nos seus cursos inferiores abrangem uma fauna que contem numerosas especies que em S. Paulo, Rio de Janeiro e S.ta Catharina não occorrem. Algumas

especies dessa fauna, entretanto, foram tambem encontradas por *Natterer* em Ypanema.

Além de muitas especies caracteristicas como Rhamphocoelus jacapa, Tachyphonus melaleucus, Nemosia pileata e guira, Brotogerys chiriri, Thalurania eriphile, Stenopsis candicans, Nothura media etc. podemos notar como caracteristicos dessa fauna os generos Polioptila, Agelaeus, Icterus, Tiaris, Taenioptera, Muscipipra, Hapalocercus, Habrura, Piprites, Metopia, Casiornis, Geobates, Herpsilochmus, Lepidolarynx, Campylopterus, Eupetomena, Heliactin, Galbula, Brachygalbula, Taoniscus. Creio que a esses temos de reunir tambem as tres especies de Corvidae, as araras das especies Anadorhynchus e Ara, o papagaio Chrysotis aestiva e outras especies de Chrysotis. Não sendo a distribuição geographica de todas essas especies bem conhecida é bastante difficil dizer de muitas entre ellas se pertencem á fauna central ou se apenas são especies do Norte do Brazil que na zona occidental attingem o territorio paulista. As especies não encontradas no Rio de Janeiro e S.ta Catharina, nem na zona oriental do Estado de S. Paulo, mas que vivem no Norte do Brazil, em Matto Grosso, em Goyaz etc., considerei como fazendo parte desse elemento centro-brazileiro da nossa fauna.

Calculando essas especies da fauna central em 70 das mencionadas restam 520 que podem ser consideradas como elementos da fauna meridional do Brazil. Ha entre ellas, como já disse, 198 especies distribuidas por todo o Brazil ou mais ainda além dos seus limites. Das 322 especies que restam cerca de 160 estão distribuidas desde S. Paulo até Bahia ou Pará, faltando ao sul de S. Paulo; a outra metade consiste em especies do Brazil meridional, distribuidas desde o Rio Grande do Sul até o Rio e Bahia. Algumas entre ellas occorrem tambem na Republica Argentina e se essas, na maior parte, são especies brazileiras que ao sul transpassam os limites politicos, ha entre ellas outras, que são especies platinas, encontradas em alguns dos Estados meridionaes do Brazil. Assim noto além de

diversas especies de Poospiza, Coryphospiza e Spermophila as especies enumeradas dos generos Culicivora, Serphophaga, Cyanotis, Phloeocryptes, Anumbius, Cistothorus, Stephanophorus, Aphobus, Cnipolegus, Mionectes, Tripophaga, Sittosomus, Batara, etc. Anumbius acuticaudus é especie dos campos da Argentina e da campanha do Rio Grande do Sul, notavel pelo enorme ninho que constróe de ramos seccos, e que foi observada em Curityba e Itararé, perto da divisa com o Estado do Paraná. De Iguape obtivemos Cyanotis azarae e Phloeocryptes melanops, especies que vivem nos banhados da campanha do Rio Grande do Sul e da Argentina, extendendo-se nesta ao norte até a Bolivia. E' esse um facto notavel porque em Iguape occorrem tambem muitas especies da Bahia que nas outras zonas de S. Paulo não foram observadas.

Entre esses elementos da fauna do Norte do Brazil que alcançam o territorio de S. Paulo, noto muitas das especies citadas de Donacobius, Hylophilus, Dacnis, Calliste, Nemosia, Diucopis, Legatus, Rhynchocyclus, Megarhynchus, Muscivora, Pipra, Chiromachaeris, Hadrostomus, Lathria, Lipaugus, Tijuca, Attila, Philydor, Dendrocincla, Urochroma, Crax, Palamedea e muitas especies de Formicariidae, Galbulidae e Bucconidae. Muitas entre essas especies são no presente estudo pela primeira vez mencionadas como occorrentes em S. Paulo, tornando-se digno de attenção o facto, que muitas especies caracteristicas da Bahia e do Rio de Janeiro estão distribuidas na estreita zona da costa até Iguape e Paranaguá, que sob a mesma latitude não occorrem no interior do Estado. Excusado é dizer que a razão desse facto é a temperatura alta dessa zona, que se eleva em Iguape á media annual de 20° 86 centigrados contra 18° 04 na capital de S. Paulo. Naturalmente deve ser outra a explicação do facto singular já mencionado de Cyanotis e Phloeocryptes occorrerem em Iguape. Estas duas especies vivem exclusivamente nos banhados cheios de sapé, juncos etc. e a sua existencia em Iguape, onde criam, é a meu vêr mais uma prova para a hypothese

por mim defendida que ao fim da epoca terciaria o continente sul-americano se extendia muito mais a Leste. Naquelle tempo formava o litoral de Iguape e Paranaguá uma campanha cheia de banhados e lagoas pelos quaes grandes rios desaguaram no Oceano, reunindo-se talvez os cursos inferiores dos rios Jacuhy e Ribeira, caso já existissem taes rios. Temos o facto singular que em Iguape se observam as mesmas conchas e caramujos da agua salobre, Azara labiata, Paludestrina etc. como nas barras do Rio Grande do Sul e do Rio da Prata. Além disso encontram-se nos banhados de Iguape grandes conchas bivalvas (Glabaris exotica Lam.) que tambem são communs nos banhados, rios etc. do Rio Grande do Sul, mas que faltam completamente nas aguas do interior de S. Paulo, occorrendo o mesmo com Chilina fluminea Mat., que temos tambem de Iguape.

Fechando esse trabalho chamo ainda a attenção para as observações que fiz (p. 219 e 322) sobre as modificações pelas quaes a fauna do Estado passou durante o nosso seculo. Parece que as migrações de certos papagaios se accentuaram só nos ultimos decennios e que grandes districtos de campos onde actualmente o João de barro é commum não foram habitados por essa ave no principio do seculo. Vale a pena ligar attenção ao assumpto e colligir os dados quanto fôr possivel.

Espero tambem que encontre apoio o meu grito de alarme (p. 123) contra os destruidores da nossa aviaria, contra os caçadores de sabiás e tico-ticos.

As collecções do Museu Paulista já contêm boa representação das especies que occorrem neste Estado, a excepção das que só são encontradas na região occidental do mesmo. Desse modo a publicação presente já póde contribuir bastante para desenvolver o conhecimento da aviaria deste Estado. Se até agora tudo que neste sentido foi feito se deve ao trabalho de extrangeiros é com satisfação que estamos vendo ser publicado por Estabelecimento Nacional o presente trabalho, que de certo está bem longe

de apresentar um quadro completo, mas que no aprofundamento dos nossos conhecimentos da ornis do Brazil de certo representa um bom passo. Para que a nossa obra possa continuar do mesmo modo desejamos que ao Museu do Estado não falte no futuro o apoio dos competentes poderes e das pessoas illustradas que á exploração scientifica do paiz ligam importancia.

S. Paulo 28 de Dezembro de 1898.

Lista alphabetica dos nomes vulgares dos passaros.

	PAG.
Albatroz	453
Alcaide	145
Alcatraz	368
Alegrinho	188
Alma de gato	303
» de mestre	451
Andorinha	140
» grande	139
» do mar	443
Anhuma	422
Anicavara	157
Anum	300
» guassú	300
» peixe	300
» branco	301
Apacanim	359, 360
Aracuan	411
Araguahy	314
Arapassu	230, 234
» de bico comprido	233
Araponga	218
Araponguinha	206
Araponguira	211
Arara-una	310
» vermelha	312
» piranga	312
Arassari	307
» pocca	308
Avinhado	159
Azulão	149, 159
Bacurau	272
Baguari	374, 382
Baiacú	426
Barbudinho	209
Batuira	427, 430
Batuira do campo	435

	PAG.
Batuirinha	438
Beija-flor do matto	253
Beija-flores	250
Beija-flor do matto virgem	296
Bemtevi	197
» de bico chato	199
Bemtevi do matto	199
Bemtevisinho	196
Bico-pimenta	159
Bicudo	159
Bigua	370
Biguari	374, 382
Bigua-tinga	370
Biro	282
Bonito	145
» do campo	143
Borralhara	234, 235
Borralhara pintada	235
Burrajara	236
Caboclinho	161
Caburé	335, 336
Cagasebinho	191
Caga-sebo	134, 183, 201
Cambacica	142
» do campo	335
Caminheiro	132, 133
Canario da terra	164
» do campo	167
Canelleiro	211
Canelleirinho	213
Canjica	211
Canindé	311
Capitão de sahyra	214
Capoeira	407
Caracará	342, 343
» branco	343

PAG.

Caracará preto 344
Carancho 342
Carão 385, 420
Cardeal 168
Carqueija 419
Caucau 395
Cegonha 382
Chagá 422
Chan-chan 279
Checheu 173
Chibante 206
Chimango 342
Choca 236, 238
Chopim 171, 173
» do brejo 172
Chorão 322
Chupa-dente 247
Codorna 463
» mineira 463
» buraqueira 464
Colhereiro 381, 386
Colleira 162
» do brejo 161
Colleirinha 366
Coriavo 272
Corocochó 216
Corrupião 173
Cortamar 442
Corucão 275
Coruja 334
Coruja do campo 335
Corutié 221, 222
Corvo 340
» branco 339
» de cabeça vermelha 340
» marinho 370
Cuco 303, 304
Curiango 269, 272, 273
» tesoura 274
Curicaca 384, 385
Curió 159
Curruira 131, 132
Curruiraçú 130
Cutucurim 357
Cuyuyu 324
Ema 465
Encontro 172
Fecha fradinho 453
Ferreiro 218
Fogo apagou 400
Frango d'agua 417
» » verde-azul 419
Gaivota 447
» rapineira 449

PAG.

Gaivotão 447, 453
Gallinha do matto 245
Gallinhola 440
Gallito 179
Garça branca grande 374
Garça branca pequena 375
» azul 375
» real 378
Gaturamo 144, 145, 146
» miudinho 144
Gavião matteiro 346
» caburé 346
» caboclo 351
» puva 351
» carijó 353
» do mangue 355
» pombo 356
» real 357, 378
» pato 358
Gralha 174
» do matto 174
» do campo 175
Guache 170
Guainumbi-guassu 296
Guacuru 379
Guará 384
Guaracavuçu 202
Guerin 163
Guracava 193
Gurundi preto 153
» azul 159
Guspidor 247
Harpia 357
Inambú guassu 459
» chintan 459
» chororó 460
Jabirú 382
» moleque 382
Jacú-peba 409
» guassú 410
» tinga 411
Jacucaca 410, 411
Jacurutú 333
Jahó 461
Jandaya 314, 315
Japú 169
» guassu 169
Japuira 170
Jassanã 414, 425
Jeruva 291
João pobre 188
» de barro 219
» velho 284
» do matto 297

PAG.

João bobo 298
» barbudo 299
» grande 374
Jurú 320
Jurueba 319
Juruty 402, 403
» vermelha 404
» piranga 404
Juruva 291
Juruviara 136
Macuco 458
Macuquinho 220, 249
Maitaca 323
Maracaná 313
Mariquita 133, 142
Marreca 393
» do Pará 392
Marrequinha 395
Martim grande 291
» pescador 292
» pescador pequeno 293
Massarico 429. 432, 433, 434
Matraca 234, 291
Melro 169
Mergulhão 369, 419, 454, 455
» pequeno 454
Mergulhador 395
Mocho orelhudo 328
» diabo 330
» negro 331
» matteiro 332
Mutum 408, 409
Narsejá 439
Nhandú 465
Nhapacanim branco 359
» preto 360
Pae augustinho 204
Papa-arroz 159, 160
» capim 162
» » colleiro 162
» piry 189
» mosca real 200
» formiga 229, 241, 242, 243, 244, 245
» taóca 244
Papagaio 320
» campeiro 321
» collareiro 320
» inglez 321
Pararú 402
Parary 399
Patativa 160
Pato arminho 390
» do-matto 391

PAG.

Patury 395
Pavão 217
Pavó 217
Penguim 456
Perdiz 462
Periquito 318
Periquito de encontro amarello 319
Periquitinho 325
Pernilonga 431
Piassoca 425
Pia-cobra 134
Pica-barra 454
Pica-páo do campo 279
« » de cabeça amarella 284
» » anão 287
Pichochó 165
Pincha-cisco 229
Pintasilgo 163
Pomba legitima 398
» preta 398
» amargosa 398
» do Cabo 453
Pombinho das almas 177
Porocoché 216
Prebixim 157
Puvy 144
Quero-quero 428
Quiri-quiri 367
Rabilhão 234
Rendeira 209
Rola 400
» azul 401
Rolinha 400
Sabiá 126
» laranjeira 126
» colleira 126
» branco 127
» do Matto Grosso 213
» una 128
» da praia 128
» do campo 129
» pocca 129
» sicca 323
Sacy 302
Sahy 142, 146
» azul 141
» andorinha 143
» de sete cores 146
» militar 147
» verde 147
» amarello 148
» guaçú 148
Sahyra 143, 146, 148

PAG.

Sanhaçú 149
» frade 149
» dos coqueiros 150
» de encontros 150
Saracura 414, 415, 416
Saripocca 308
Sem-fim 302
Seriema 421
Siriri-tinga 199
Siriri 205
Socó-boi 377, 380
Socó 379
» gallinha 379
Soldado 169
» do bico preto 172
Sombrio 132
Sovi 364
Sucurú 298
Suindara 327
Suiriri 180
Surucuá dourado 294
» amarello 294
Tachan 423
Talhamar 442
Tangara 208
Tangarasinha 208
Tapema 360
Tapenna 360
Taperá 139
Taperussu 266
Tapicurú 384, 385, 386
Tayassu 377
Tentensinho 366
Teque-teque 183
Tereno 144
Tesoura 205
» do campo 179
Tesourinho 215
Tesoureiro 205, 368
Tia-tam 162
» preto 163
Tico-tico 165
» rey 168

PAG.

Tico-tico do piry 220
Tié sangue 151
» fogo 151
» do Matto Grosso 152
» preto 153
Tié de topete 153
» tinga 157
Tieté 145
Tinguassu 214
Tiriba 316
Tiriba grande 315
» pequeno 317
Tiribinha 316
Tizio 163
Tocano 306
» grande 305
Tovacca 246
Tovaccassu 246
Trinca ferro 156
Trinta réis 444, 445, 446
Trovoada 241
Tucano do bico preto 306
Tucaninho 307
Tucano 306
Tucan-ussu 305
Tujú 276
Tuim 317
Turucuhé 221
Tuyuyú 383
Urú 407
Urubú-re 339
Urubú 340
» peba 340
» campeiro 340
» tinga 342
Urutau 277
» pequeno 276
Velhinha 178
Velho 178
Vira-bosta 171, 173
Virussu 213
Viuva 146, 178, 182
Viuvinha 182

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

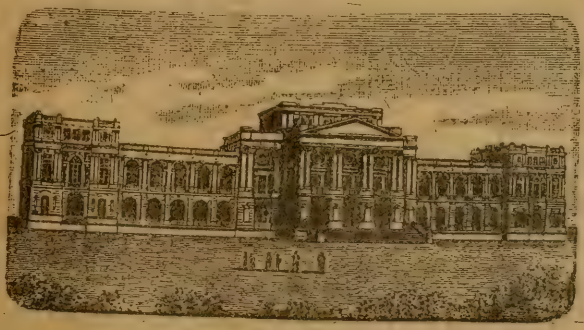
PUBLICADA

POR

H. von IHERING, Dr. med. et phil.

Director do Museu Paulista, socio honorario da Sociedade Anthropologica Italiana, da Academia de Sciencias em Cordoba, da Sociedade Geographica de Bremen, da Sociedade Anthropologica de Berlim, da Academia de Sciencias de Philadelphia, da Sociedade dos Naturalistas de Moscow, da Sociedade Entomologica de Berlim, do Museu Ethnologico de Leipzig, da Sociedade Scientifica do Chile, da Sociedade Senckenberg dos naturalistas de Frankfurt a. M. e do Museu zoológico do Pará.

VOL. III.



S. PAULO

TYP. A VAPOR DE HENNIES IRMÃOS, RUA CAIXA D'AGUA, 1 C

1898

SMITHSONIAN INSTITUTION LIBRARIES
3 9088 00360882 5
nhbird_QL689.B7I46
As aves do Estado de S. Paulo /